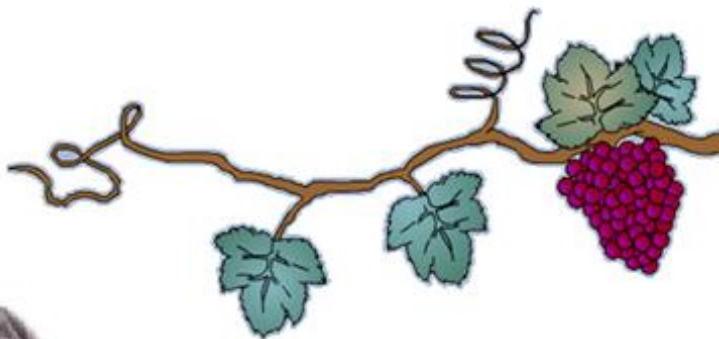


O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

NUMA LINGUAGEM SIMPLIFICADA

Adaptação:
L. NEILMORIS



Allan Kardec

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Allan Kardec

Versão digital **Numa Linguagem Simplificada**

Adaptada por:

Louis Neilmoris

Título original em francês:

L'ÉVANGILE SELON LE SPIRITISME

Lançado em abril de 1864

Paris, França

Revisada em 2011 – Brasil



www.luzespirita.org.br

O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

NUMA LINGUAGEM SIMPLIFICADA

Allan Kardec

Adaptação:

Louis Neilmoris

Nota da adaptação

A proposta deste trabalho é trazer ao meio popular o consolo e a iluminação de **O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO**, do memorável Codificador Allan Kardec. Um livro revolucionário, cuja essência resgata abertamente a mensagem de Jesus Cristo.

Mas, convenhamos, as traduções brasileiras, até então disponíveis, ainda oferecem à grande massa popular graves obstáculos para uma perfeita compreensão, não por falha dos tradutores – muito pelo contrário --, mas pela fidelidade com que verteram dos originais em francês para o português, mantendo a elevada elocução. Kardec, eminente autoridade em linguística, evidentemente, só poderia escrever à altura do superior nível cultural de seus contemporâneos. Desta forma, e nada mais justo, as versões procuram sempre equilibrar a linguagem.

Esta adaptação procura simplificar o texto utilizando-se de vocábulos mais comuns, mais atualizados, no entanto, sem alterar o teor da argumentação.

As novas verdades que a maravilhosa Doutrina Espírita nos traz devem estar ao alcance de todos, por uma questão de respeito e de amor.

Louis Neilmoris

O Evangelho Segundo o Espiritismo

COM EXPLICAÇÕES DAS MÁXIMAS MORAIS DO CRISTO
EM CONCORDÂNCIA COM O ESPIRITISMO E SUAS APLICAÇÕES
ÀS DIVERSAS CIRCUNSTÂNCIAS DA VIDA

P O R

ALLAN KARDEC

Sumário

Nota de apresentação **4**

Prefácio **10**

Introdução **11**

I – Objetivo desta obra. II – Autoridade da Doutrina Espírita. Controle universal do ensino dos Espíritos. III – Notícias históricas. IV – Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo.

Capítulo I – NÃO VIM DESTRUIR A LEI **29**

As três revelações: Moisés, Cristo, Espiritismo – Aliança da Ciência e da Religião – *Instruções dos Espíritos*: A nova era.

Capítulo II – MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO **36**

A vida futura – A realeza de Jesus – O ponto de vista – *Instruções dos Espíritos*: Uma realeza terrestre.

Capítulo III – HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DE MEU PAI **41**

Diferentes estados da alma na erraticidade – Diferentes categorias de mundos habitados – Destinação da Terra. Causas das misérias humanas – *Instruções dos Espíritos*: Mundos inferiores e mundos superiores – Mundos de expiações e de provas – Mundos regeneradores – Progressão dos mundos.

Capítulo IV – NINGUÉM PODERÁ VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO **49**

Ressurreição e reencarnação – A reencarnação fortalece os laços de família, ao passo que a unicidade da existência os rompe – *Instruções dos Espíritos*: Limites da encarnação – Necessidade da encarnação.

Capítulo V – BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS **58**

Justiça das aflições – Causas atuais das aflições – Causas anteriores das aflições – Esquecimento do passado – Motivos de resignação – O suicídio e a loucura – *Instruções dos Espíritos*: Bem e mal sofrer – O mal e o remédio – A felicidade não é deste mundo – Perda de pessoas amadas. Mortes prematuras – Se fosse um homem de bem, teria morrido – Os tormentos voluntários – A desgraça real – A melancolia – Provas voluntárias. O verdadeiro cilício – Devemos pôr fim às provas do próximo? – Será lícito abreviar a vida de um doente que sofra sem esperança de cura? – Sacrifício da própria vida – Proveito dos sofrimentos para os outros.

Capítulo VI – O CRISTO CONSOLADOR **77**

O jugo leve – Consolador prometido – *Instruções dos Espíritos*: Advento do Espírito de Verdade.

7 – O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Capítulo VII – BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO 81

O que se deve entender por pobres de espírito: 1 e 2. – Aquele que se eleva será rebaixado: 3 a 6. – Mistérios ocultos aos doutos e aos prudentes: 7 a 10. – *Instruções dos Espíritos*: O orgulho e a humildade – Missão do homem inteligente na Terra.

Capítulo VIII – BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM O CORAÇÃO PURO 90

Simplicidade e pureza de coração – Pecado por pensamentos. Adultério – Verdadeira pureza. Mãos não lavadas – Escândalos. Se a sua mão é motivo de escândalo, cortem-na – *Instruções dos Espíritos*: Deixem que as criancinhas venham a mim – Bem-aventurados os que têm os olhos fechados.

Capítulo IX – BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO BRANDOS E PACÍFICOS 98

Injúrias e violências – *Instruções dos Espíritos*: A afabilidade e a doçura – A paciência – Obediência e resignação – A cólera.

Capítulo X – BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSOS 103

Perdoem, para que Deus os perdoe – Reconciliação com os adversários – O sacrifício mais agradável a Deus – O argueiro e a trave no olho – Não julguem, para não serem julgados. Atire a primeira pedra aquele que estiver sem pecado – *Instruções dos Espíritos*: Perdão das ofensas – A indulgência – É permitido repreender os outros, notar as imperfeições do próximo, divulgar o mal dos outros?

Capítulo XI – AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO 112

O mandamento maior. Fazermos aos outros o que queiramos que os outros nos façam. Parábola dos credores e dos devedores – Dai a César o que é de César – *Instruções dos Espíritos*: A lei de amor – O egoísmo – A fé e a caridade – Caridade para com os criminosos – Deve-se expor a vida por um malfeitor?

Capítulo XII – AMEM OS SEUS INIMIGOS 121

Retribuir o mal com o bem – Os inimigos desencarnados – Se alguém bater na sua face direita, apresentem também a outra – *Instruções dos Espíritos*: A vingança – O ódio – O duelo.

Capítulo XIII – QUE A MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE MÃO DIREITA DÊ 130

Fazer o bem sem ostentação – Os infortúnios ocultos – O óbolo da viúva – Convidar os pobres e os estropiados. Dar sem esperar retribuição – *Instruções dos Espíritos*: A caridade material e a caridade moral – A beneficência – A piedade. Os órfãos – Benefícios pagos com a ingratidão – Beneficência exclusiva.

Capítulo XIV – HONREM SEU PAI E SUA MÃE 144

Piedade filial – Quem é minha mãe e quem são meus irmãos? – Parentesco corporal e parentesco espiritual – *Instruções dos Espíritos*: A ingratidão dos filhos e os laços de família.

Capítulo XV – FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO 151

De que precisa o Espírito para ser salvo. Parábola do bom samaritano – O maior mandamento – Necessidade da caridade, segundo S. Paulo – Fora da Igreja não há salvação; Fora da verdade não há salvação. – *Instruções dos Espíritos*: Fora da caridade não há salvação.

Capítulo XVI – NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON **156**

Salvação dos ricos – Preservar-se da avareza – Jesus em casa de Zaqueu – Parábola do rico mau – Parábola dos talentos – Utilidade providencial da riqueza. Provas da riqueza e da miséria – Desigualdade das riquezas – *Instruções dos Espíritos*: A verdadeira propriedade – Emprego da riqueza. Desprendimento dos bens terrenos – Transmissão da riqueza.

Capítulo XVII – SEJAM PERFEITOS **168**

Caracteres da perfeição – O homem de bem – Os bons espíritos – Parábola do sementeiro – *Instruções dos Espíritos*: O dever – A virtude – Os superiores e os inferiores – O homem no mundo – Cuidar do corpo e do espírito.

Capítulo XVIII – MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS **177**

Parábola do festim de bodas – A porta estreita – Nem todos os que dizem “Senhor! Senhor!” entrarão no reino dos céus – Muito se pedirá àquele que muito recebeu – *Instruções dos Espíritos*: Será dado àquele que tem – Pelas suas obras é que se reconhece o cristão.

Capítulo XIX – A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS **185**

Poder da fé – A fé religiosa. Condição da fé inabalável – Parábola da figueira que secou – *Instruções dos Espíritos*: A fé: mãe da esperança e da caridade – A fé humana e a divina.

Capítulo XX – OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA **191**

Instruções dos Espíritos: Os últimos serão os primeiros – Missão dos espíritos – Os obreiros do Senhor.

Capítulo XXI – HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS **196**

Conhece-se a árvore pelo fruto – Missão dos profetas – Prodígios dos falsos profetas – Não crimes em todos os Espíritos – *Instruções dos Espíritos*: Os falsos profetas – Caracteres do verdadeiro profeta – Os falsos profetas da erraticidade – Jeremias e os falsos profetas.

Capítulo XXII – NÃO SEPAREM O QUE DEUS JUNTOU **204**

Indissolubilidade do casamento – O divórcio.

Capítulo XXIII – ESTRANHA MORAL **207**

Odiar os pais – Abandonar pai, mãe e filhos – Deixar aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos – Não vim trazer a paz, mas, a divisão.

Capítulo XXIV – NÃO PONHAM A CANDEIA DEBAIXO DO ALQUEIRE **214**

Candeia sob o alqueire. Por que Jesus fala por parábolas – Não vão ter com os gentios – Não são os que gozam saúde que precisam de médico. – Coragem da fé – Carregar sua cruz. Quem quiser salvar a vida vai perdê-la.

Capítulo XXV – BUSQUEM E ACHARÃO **220**

Ajuda-te a ti mesmo que o céu te ajudará – Observem os pássaros do céu – Não se afadiguem pela posse do ouro.

Capítulo XXVI – DEEM GRATUITAMENTE O QUE DE GRAÇA RECEBERAM **224**

Dom de curar – Preces pagas – Mercadores expulsos do templo – Mediunidade gratuita.

9 – O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

Capítulo XXVII – PEÇAM E OBTERÃO 228

Qualidades da prece – Eficácia da prece – Ação da prece. Transmissão do pensamento – Preces compreensíveis – Da prece pelos mortos e pelos Espíritos sofredores – *Instruções dos Espíritos*: Maneira de orar – Felicidade que a prece proporciona.

Capítulo XXVIII – COLETÂNEA DE PRECES ESPÍRITAS 238

Preâmbulo.

I – PRECES GERAIS

Oração dominical – Reuniões espíritas – Para os médiuns.

II – PRECES POR AQUELE MESMO QUE ORA

Aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores – Para afastar os maus Espíritos – Para pedir a correção de um defeito – Para pedir a força de resistir a uma tentação – Ação de graças pela vitória alcançada sobre uma tentação – Para pedir um conselho – Nas aflições da vida – Ação de graças por um favor obtido – Ato de submissão e de resignação – Num perigo iminente – Ação de graças por haver escapado a um perigo – À hora de dormir – Prevendo próxima a morte.

III – PRECES POR ALGUÉM

Por alguém que esteja em aflição – Ação de graças por um benefício concedido a alguém – Pelos nossos inimigos e pelos que nos querem mal. – Ação de graças pelo bem concedido aos nossos inimigos – Pelos inimigos do Espiritismo – Por uma criança que acaba de nascer – Por um agonizante.

IV – PRECES PELOS QUE JÁ NÃO SÃO DA TERRA

Por alguém que acaba de morrer – Pelas pessoas a quem tivemos afeição – Pelas almas sofredoras que pedem preces – Por um inimigo que morreu – Por um criminoso – Por um suicida – Pelos Espíritos penitentes – Pelos Espíritos endurecidos.

V – PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSIDIADOS

Pelos doentes – Pelos obsidiados.

PREFÁCIO

Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos Céus, igual a um imenso exército que se movimenta ao receber as ordens do seu comando, espalham-se por toda a superfície da Terra e, semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar os caminhos e abrir os olhos aos cegos.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas hão de ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissolver as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do Céu ressoam como sons de trombetas, e os cânticos dos anjos se lhes associam. Nós convidamos vocês, todos vocês, para o divino concerto. Tomai da lira, fazei vossas vozes um só som, e que, num hino sagrado, elas se estendam e repercutam de um extremo a outro do Universo.

Homens, irmãos a quem amamos, aqui estamos junto de vós. Amai-vos, também, uns aos outros e dizei do fundo do coração, fazendo as vontades do Pai, que está no Céu: Senhor! Senhor!... E podereis entrar no reino dos Céus.

O Espírito de Verdade

Nota – A instrução acima, transmitida por via mediúnica, resume a um tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e a finalidade desta obra; por isso foi colocada aqui como prefácio.

INTRODUÇÃO

I – OBJETIVO DESTA OBRA

Podemos dividir em cinco partes as matérias contidas nos Evangelhos: *os atos comuns da vida do Cristo; os milagres; as predições; as palavras que foram tomadas pela Igreja para fundamento de seus dogmas; e o ensino moral.* As quatro primeiras têm sido objeto de controvérsias; porém a última, esta se conservou constantemente inatacável. Diante desse código divino, a própria incredulidade se curva. É terreno onde todos os cultos podem se reunir, bandeira sob o qual todos podem se colocar — quaisquer que sejam suas crenças — pois jamais ele foi matéria das disputas religiosas, que sempre e por toda a parte se originaram das questões dogmáticas¹. Aliás, se as seitas discutissem o ensino moral do Evangelho, nisso elas teriam encontrado sua própria condenação, visto que, na maioria, as religiões se agarram mais à parte mística do que à parte moral, que exige de cada um a reforma de si mesmo. Para os homens, em particular, aquele código é uma regra de proceder que abrange todas as circunstâncias da vida privada e da vida pública, o princípio básico de todas as relações sociais que se fundam na mais rigorosa justiça. É, finalmente e acima de tudo, o roteiro infalível para a felicidade futura, o levantamento de uma ponta do véu que nos esconde a vida que virá. Essa parte é a que será objeto exclusivo desta obra.

Tudo mundo admira a moral evangélica; todos lhe proclamam a sublimidade e a necessidade; muitos, porém, assim se pronunciam por fé, confiados no que ouviram dizer, ou firmados em certos provérbios que se tornaram comuns. No entanto, poucos a conhecem a fundo e menos ainda são os que a compreendem e lhe sabem deduzir as conseqüências. A razão maior está na dificuldade que o entendimento do Evangelho apresenta que, para o maior número dos seus leitores, é incompreensível. A forma alegórica e o intencional misticismo da linguagem fazem que a maioria o leia por alívio de consciência e por dever, como leem as preces, sem as entender, isto é, sem proveito. Passam-lhes despercebidos os ditados morais, espalhados aqui e ali, intercalados na massa das narrativas. Então, é impossível de se apanhar seu conjunto e tomá-los para objeto de leitura e meditações especiais.

É certo que muito já foi escrito de moral evangélica; mas, o arranjo em moderno estilo literário lhe tira a simplicidade natural que, ao mesmo tempo, lhe constitui o encanto e a autenticidade. Outro tanto cabe dizer-se das máximas destacadas e reduzidas à sua mais simples expressão proverbial. Desde logo, já não passam de resumos, privados de uma parte do seu valor e interesse, pela ausência dos acessórios e das circunstâncias em que foram enunciadas.

¹ **Dogmático:** relativo a **Dogma**, regra ou preceito religioso – Nota desta Edição (N. E.)

Para prevenir esses inconvenientes, reunimos nesta obra os artigos que podem compor, a bem dizer, um código de moral universal, sem distinção de culto. Nas citações, conservamos o que é útil ao desenvolvimento da ideia, pondo de lado unicamente o que se não prende ao assunto. Além disso, respeitamos escrupulosamente a tradução de Sacy, assim como a divisão em versículos. Contudo, em vez de nos prendermos a uma ordem cronológica impossível e sem vantagem real para o caso, grupamos e classificamos metodicamente as máximas, segundo as respectivas naturezas, de modo que decorram umas das outras, tanto quanto possível. A indicação dos números de ordem dos capítulos e dos versículos permite se recorra à classificação vulgar, em sendo oportuno.

Esse, entretanto, seria um trabalho material que, por si só, apenas teria utilidade secundária. O essencial era colocá-lo ao alcance de todos, mediante a explicação das passagens obscuras e o desdobramento de todas as consequências, tendo em vista a aplicação dos ensinamentos a todas as condições da vida. Foi o que tentamos fazer, com a ajuda dos bons Espíritos que nos assistem.

Muitos pontos dos Evangelhos, da Bíblia e dos autores religiosos em geral só são incompreensíveis, alguns até parecendo irracionais, por falta da chave que permita que se apreenda seu verdadeiro sentido. Essa chave está completa no Espiritismo, como já o puderam reconhecer os que o têm estudado seriamente e como todos, mais tarde, ainda melhor o reconhecerão. O Espiritismo se acha por toda a parte na antiguidade e nas diferentes épocas da Humanidade. Por toda a parte se lhe descobrem os vestígios: nos escritos, nas crenças e nos monumentos. Essa a razão por que, ao mesmo tempo em que rasga horizontes novos para o futuro, projeta luz não menos viva sobre os mistérios do passado.

Como complemento de cada ensinamento, acrescentamos algumas instruções escolhidas, dentre as que os Espíritos ditaram em vários países e por diferentes médiuns. Se elas fossem tiradas de uma fonte única, talvez tivesse sofrido uma influência pessoal ou a do meio, enquanto a diversidade de origens prova que os Espíritos dão indistintamente seus ensinamentos e que ninguém a esse respeito goza de qualquer privilégio.²

Esta obra é para uso de todos. Dela podem todos buscar os meios de confortar com a moral do Cristo o respectivo proceder. Aos espíritas oferece aplicações que lhes pertencem de modo especial. Graças às relações estabelecidas, doravante e permanentemente, entre os homens e o mundo invisível, a lei evangélica, que os próprios Espíritos ensinaram a todas as nações, já não será letra morta, porque cada um a compreenderá e se verá incessantemente compelido a botá-

² Sem dúvida, poderíamos ter apresentado sobre cada assunto o maior número de comunicações obtidas numa porção de outras cidades e centros, além das que citamos. Porém, tivemos de evitar a monotonia das repetições inúteis e limitar a nossa escolha às que se enquadravam melhor no plano desta obra – tanto pelo fundo quanto pela forma –, reservando para as próximas publicações as que não puderam caber aqui. Quanto aos médiuns, preferimos preservar seus nomes. Na maioria dos casos, não os designamos a pedido deles próprios e, assim sendo, não convinha fazer exceções. Ao demais, os nomes dos médiuns nenhum valor teriam acrescentado à obra dos Espíritos. Então, mencioná-los não seria mais do que satisfazer ao amor-próprio, coisa a que os médiuns verdadeiramente sérios nenhuma importância ligam. Eles compreendem que, por ser meramente passivo o papel que lhes toca, o valor das comunicações em nada lhes exalta o mérito pessoal; e que seria infantil envaidecerem-se de um trabalho de inteligência ao qual é apenas mecânico o serviço que prestam.

la em prática, a conselho de seus guias espirituais. As instruções que vêm dos Espíritos são verdadeiramente *as vozes do céu* que vêm esclarecer os homens e convidá-los à *prática do Evangelho*.

II – AUTORIDADE DA DOUTRINA ESPÍRITA CONTROLE UNIVERSAL DO ENSINO DOS ESPÍRITOS

Se a Doutrina Espírita fosse de opinião puramente humana, não ofereceria por garantia senão as luzes daquele que a houvesse concebido. Ora, ninguém, neste mundo, poderia alimentar fundadamente a pretensão de possuir, com exclusividade, a verdade absoluta. Se os Espíritos que a revelaram se houvessem manifestado a um só homem, nada lhe garantiria a origem, pois seria preciso acreditar, sob palavra, naquele que dissesse ter recebido deles o ensino. Admitida, de sua parte, sinceridade perfeita, quando muito poderia ele convencer as pessoas de suas relações; conseguiria correligionários, mas nunca chegaria a unificar todo o mundo.

Quis Deus que a nova revelação chegasse aos homens por mais rápido caminho e mais autêntico. Logo, encarregou os Espíritos de levá-la de um canto a outro, manifestando-se por toda a parte, sem conferir a ninguém o privilégio de lhes ouvir a palavra. Um homem pode ser ludibriado, pode enganar-se a si mesmo; já não será assim, quando milhões de criaturas veem e ouvem a mesma coisa. Isso é uma segurança para cada um e para todos. Ao demais, pode fazer-se que desapareça um homem; mas não se pode fazer que desapareçam as coletividades; podem queimar-se os livros, mas não se podem queimar os Espíritos. Ora, queimassem-se todos os livros e a fonte da doutrina não deixaria de conservar-se inesgotável, pela razão mesma de não estar na Terra, de surgir em todos os lugares e de poderem todos dessedentar-se nela. Faltem os homens para difundi-la: haverá sempre os Espíritos, cuja atuação a todos atinge e aos quais ninguém pode atingir.

São, pois, os próprios Espíritos que fazem a propagação, com o auxílio dos inúmeros médiuns que, também eles, os Espíritos, vão gerando de todos os lados. Se tivesse havido unicamente um intérprete, por mais favorecido que fosse, o Espiritismo mal seria conhecido. Qualquer que fosse a classe a que pertencesse, tal intérprete teria sido objeto das prevenções de muita gente e nem todas as nações o teriam aceitado, ao passo que os Espíritos se comunicam em todos os pontos da Terra, a todos os povos, a todas as seitas, a todos os partidos, e todos os aceitam. O Espiritismo não tem nacionalidade e não faz parte de nenhum culto existente; nenhuma classe social o impõe, visto que qualquer pessoa pode receber instruções de seus parentes e amigos de além-túmulo. Preciso é que seja assim, para que ele possa conduzir todos os homens à fraternidade. Se não se mantivesse em terreno neutro, alimentaria as divergências, em vez de apaziguá-las.

A força do Espiritismo reside nessa universalidade do ensino dos Espíritos e, também, a causa de sua tão rápida propagação. Enquanto a palavra de um só homem, mesmo com o concurso da imprensa, levaria séculos para chegar ao conhecimento de todos, milhares de vozes se fazem ouvir simultaneamente em todos os recantos do planeta, proclamando os mesmos princípios e transmitindo-os aos mais ignorantes, como aos mais letrados, a fim de que não haja deserdados. É uma

vantagem de que não gozara ainda nenhuma das doutrinas surgidas até hoje. Se o Espiritismo, portanto, é uma verdade, não teme o malquerer dos homens, nem as revoluções morais, nem as subversões físicas do globo, porque nada disso pode atingir os Espíritos.

Entretanto, essa não é a única vantagem que lhe decorre da sua excepcional posição. Ela lhe faculta inatacável garantia contra todos os atritos que pudessem provir, seja da ambição de alguns, seja das contradições de certos Espíritos. Tais contradições, não há como negar, são um obstáculo; mas que traz consigo o remédio, ao lado do mal.

Sabemos que os Espíritos, em virtude da diferença entre as suas capacidades, longe se acham de estar, individualmente considerados, na posse de toda a verdade; que nem a todos é dado penetrar certos mistérios; que o saber de cada um deles é proporcional à sua purificação; que os Espíritos vulgares não sabem mais do que muitos homens; que entre eles, como entre estes, há presunçosos e falsos sábios, que julgam saber o que ignoram; sistemáticos, que tomam por verdades as suas ideias; enfim, que só os Espíritos da categoria mais elevada, os que já estão completamente desmaterializados, se encontram despidos das ideias e preconceitos terrenos; mas, também é sabido que os Espíritos enganadores não temem em tomar nomes que lhes não pertencem, para impingirem suas fantasias. Daí resulta que, com relação a tudo o que seja fora do âmbito do ensino exclusivamente moral, as revelações que cada um possa receber terão caráter individual, sem cunho de autenticidade; que devem ser consideradas opiniões pessoais de tal ou qual Espírito e que imprudente fora aceitá-las e propagá-las levianamente como verdades absolutas.

O primeiro exame comprovado e sem contradição, é o da razão, ao qual é necessário que se submeta tudo o que venha dos Espíritos – sem exceção. Toda teoria em evidente incoerência com o bom-senso, com uma lógica rigorosa e com os dados positivos já adquiridos, deve ser rejeitada, por mais respeitável que seja o nome que traga como assinatura. Porém, esse exame ficará incompleto em muitos casos, por efeito da falta de luzes de certas pessoas e das tendências de muitos a tomar as próprias opiniões como juízes únicos da verdade. Assim sendo, o que farão aqueles que não depositam confiança absoluta em si mesmos? Buscar o parecer da maioria e tomar por guia a opinião desta. De tal modo é que se deve proceder em face do que digam os Espíritos, que são os primeiros a nos fornecer os meios de consegui-lo.

A melhor comprovação é a concordância dos ensinamentos dos Espíritos. Importa, no entanto, que ela se dê em determinadas condições. A mais fraca de todas ocorre quando um médium, a sós, interroga muitos Espíritos acerca de um ponto duvidoso. É evidente que, se ele estiver sob o império de uma obsessão, ou lidando com um Espírito mistificador, este lhe pode dizer a mesma coisa sob diferentes nomes. Tampouco garantia alguma suficiente haverá na conformidade que apresente o que se possa obter por diversos médiuns, num mesmo centro, porque podem estar todos sob a mesma influência.

Uma só garantia séria existe para o ensino dos Espíritos: a concordância entre as revelações que eles façam espontaneamente, servindo-se de grande número de médiuns estranhos uns aos outros e em vários lugares.

Vê-se bem que não se trata aqui das comunicações referentes a interesses insignificantes, mas do que respeita aos princípios mesmos da doutrina. A experiência prova que, quando um ensinamento novo tem de ser enunciado, isso se dá *espontaneamente* em diversos pontos ao mesmo tempo e de modo idêntico, senão quanto à forma, quanto ao fundo.

Se, portanto, for agradável a um Espírito formular um sistema incomum, baseado unicamente nas suas ideias e com exclusão da verdade, pode ter-se a certeza de que tal sistema ficará *circunscrito* e cairá, diante das instruções dadas de todas as partes, conforme os múltiplos exemplos que já se conhecem. Foi essa unanimidade que derrubou por terra todos os sistemas parciais que surgiram na origem do Espiritismo, quando cada um explicava à sua maneira os fenômenos, e antes que se conhecessem as leis que regem as relações entre o mundo visível e o mundo invisível.

Essa a base em que nos apoiamos, quando formulamos um princípio da doutrina. Não é porque esteja de acordo com as nossas ideias que o temos por verdadeiro. Não nos colocamos, absolutamente, como árbitro supremo da verdade e a ninguém dizemos: “Crea em tal coisa, porque somos nós que dizemos.” A nossa opinião não passa, aos nossos próprios olhos, de uma opinião pessoal, que pode ser verdadeira ou falsa, visto não nos considerarmos mais infalível do que qualquer outro. Também não é porque um princípio nos foi ensinado que, para nós, ele exprime a verdade, mas porque recebeu a aprovação da concordância.

Na posição em que nos encontramos, a receber comunicações de perto de mil centros espíritas sérios, disseminados pelos mais diversos pontos da Terra, achamo-nos em condições de observar sobre que princípio se estabelece a concordância. Essa observação é que nos tem guiado até hoje e é a que nos guiará em novos campos que o Espiritismo terá de explorar. Porque, estudando atentamente as comunicações vindas tanto da França como do estrangeiro, reconhecemos, pela natureza toda especial das revelações, que ele tende a entrar por um novo caminho e que lhe chegou o momento de dar um passo para diante. Essas revelações, feitas muitas vezes com palavras disfarçadas, tem frequentemente passado despercebidas a muitos dos que as receberam. Outros se julgaram os únicos a possuí-las. Tomadas isoladamente, para nós, elas não teriam nenhum valor; somente a coincidência lhes imprime seriedade. Depois, chegado o momento de serem entregues à publicidade, cada um se lembrará de haver obtido instruções no mesmo sentido. Esse movimento geral, que observamos e estudamos, com a assistência dos nossos guias espirituais, é que nos auxilia a julgar da oportunidade de fazermos ou não alguma coisa.

Essa verificação universal é uma garantia para a unidade futura do Espiritismo e anulará todas as teorias contraditórias. Aí é que, no futuro, se encontrará o critério da verdade. O que deu lugar ao êxito da doutrina exposta em O LIVRO DOS ESPÍRITOS e em O LIVRO DOS MÉDIUNS foi que em toda a parte todos receberam diretamente dos Espíritos a confirmação do que esses livros contêm. Se de todos os lados tivessem vindo os Espíritos contradizê-la, há muito aquelas obras haveriam experimentado a sorte de todas as concepções fantásticas. Nem mesmo o apoio da imprensa as salvaria do naufrágio, ao passo que, privadas como se viram desse apoio, elas não deixaram de abrir caminho e de avançar rapidamente. É que tiveram o auxílio dos Espíritos, cuja boa vontade não só compensou, como também

superou o malquerer dos homens. Assim acontecerá a todas as ideias que, vindo dos Espíritos ou dos homens, não possam suportar a prova desse confronto, cuja força a ninguém é certo contestar.

Suponhamos que alguns Espíritos se agradem em ditar, sob qualquer título, um livro em sentido contrário; suponhamos mesmo que, com intenção agressiva, objetivando desacreditar a doutrina, a malevolência suscitasse comunicações duvidosas; que influência poderiam exercer tais escritos, desde que de todos os lados os desmentissem os Espíritos? É com a adesão destes que se deve garantir aquele que queira lançar, em seu nome, um sistema qualquer. Do sistema de um só ao de todos, medeia a distância que vai da unidade ao infinito. O que os argumentos dos detratores poderão conseguir sobre a opinião das massas, quando milhões de vozes amigas, provindas do Espaço, se façam ouvir em todos os recantos do Universo e no seio das famílias, a infirmá-los? A esse respeito, a teoria já não foi confirmada pela experiência? Que é feito das inúmeras publicações que traziam a pretensão de arrasar o Espiritismo? Qual a que, sequer, lhe retardou a marcha? Até agora, não se considera a questão desse ponto de vista, sem contestação um dos mais graves. Cada um contou consigo, sem contar com os Espíritos.

O princípio da concordância é também uma garantia contra as alterações que poderiam sujeitar o Espiritismo às seitas³ que se propusessem apoderar-se dele em proveito próprio e acomodá-lo à vontade. Quem quer que tentasse desviá-lo do seu providencial objetivo, malsucedido se veria, pela razão muito simples de que os Espíritos, em virtude da universalidade de seus ensinamentos, farão cair por terra qualquer modificação que se divorcie da verdade.

De tudo isso ressalta uma verdade capital: a de que aquele que quisesse se opor à corrente de ideias estabelecida e aprovada poderia, é certo, causar uma pequena perturbação local e momentânea; nunca, porém, dominar o conjunto, mesmo no presente, nem, ainda menos, no futuro.

Também ressalta que as instruções dadas pelos Espíritos sobre os pontos ainda não esclarecidos da Doutrina não constituirão lei, enquanto essas instruções permanecerem isoladas; com efeito, que elas não devem ser aceitas senão sob todas as reservas e a título de esclarecimento.

Dá a necessidade da maior prudência em dar-lhes publicidade; e, caso se julgue conveniente publicá-las, importa não as apresentar senão como opiniões individuais, mais ou menos prováveis, porém, carecendo sempre de confirmação. Essa confirmação é que se precisa aguardar, antes de apresentar um princípio como verdade absoluta, a menos se queira ser acusado de leviandade ou de credulidade irrefletida.

Os Espíritos superiores agem com extrema sabedoria em suas revelações. Não atacam as grandes questões da Doutrina senão gradualmente, à medida que a inteligência se mostra apta a compreender verdade de ordem mais elevada e quando as circunstâncias se revelam propícias à emissão de uma ideia nova. Por isso é que logo de princípio não disseram tudo, e tudo ainda hoje não disseram, jamais cedendo à impaciência dos muito afoitos, que querem os frutos antes de estarem maduros. Assim, seria inútil pretender se adiantar ao tempo que a Providência determinou

³ **Seita:** pequena corrente religiosa – N. E.

para cada coisa, porque então os Espíritos verdadeiramente sérios negariam a sua colaboração. Os Espíritos levianos, pouco se preocupando com a verdade, a tudo respondem; daí vem que, sobre todas as questões prematuras, há sempre respostas contraditórias.

Os princípios acima não resultam de uma teoria pessoal: são consequência forçada das condições em que os Espíritos se manifestam. É evidente que, se um Espírito diz uma coisa de um lado, enquanto milhões de outros dizem o contrário algures, a presunção de verdade não pode estar com aquele que é o único ou quase o único de tal parecer. Ora, pretender alguém ter razão contra todos seria tão ilógico da parte dos Espíritos, quanto da parte dos homens. Os Espíritos verdadeiramente ajuizados, se não se sentem suficientemente esclarecidos sobre uma questão, *nunca* a resolvem de modo absoluto; declaram que apenas a tratam do seu ponto de vista e aconselham que se aguarde a confirmação.

Por grande, bela e justa que seja uma ideia, impossível é que desde o primeiro momento reúna todas as opiniões. Os conflitos que daí decorrem são consequência inevitável do movimento que se opera; eles são mesmo necessários para maior realce da verdade e convém se produzam desde logo, para que as ideias falsas prontamente sejam postas de lado. Os espíritas que a esse respeito alimentassem qualquer temor podem ficar perfeitamente tranquilos: todas as pretensões isoladas cairão, pela força mesma das coisas, diante do enorme e poderoso critério da concordância universal.

Não será à opinião de um homem que se aliarão os outros, mas à voz unânime dos Espíritos; não será um homem, *nem nós, nem qualquer outro* que fundará a ortodoxia⁴ espírita; tampouco será um Espírito que se venha impor a quem quer que seja: será a universalidade dos Espíritos que se comunicam em toda a Terra, por ordem de Deus. Esse o caráter essencial da Doutrina Espírita; essa a sua força, a sua autoridade. Quis Deus que a sua lei assentasse em base incerta e por isso não lhe deu por fundamento a cabeça frágil de um só.

Diante de tão poderoso tribunal, onde não se conhecem tramas, nem rivalidades invejosas, nem seitas, nem nações, é que virão quebrar-se todas as oposições, todas as ambições, todas as pretensões à supremacia individual; *é que nos quebraríamos nós mesmos, se quiséssemos substituir os seus decretos soberanos pelas nossas próprias ideias*. Só Ele decidirá todas as questões litigiosas, imporá silêncio às discordâncias e dará razão a quem a tenha. Diante desse imponente acordo de todas *as vozes do Céu*, que pode a opinião de um homem ou de um Espírito? Menos do que a gota d'água que se perde no oceano, menos do que a voz da criança que a tempestade abafa.

A opinião universal, eis o juiz supremo, o que se pronuncia em última instância. Formam-na todas as opiniões individuais. Se uma destas é verdadeira, apenas tem na balança o seu peso relativo. Se for falsa, não pode prevalecer sobre todas as demais. Nesse imenso agrupamento, as individualidades se apagam, o que constitui novo insucesso para o orgulho humano.

Já se desenha o harmonioso conjunto. Este século não passará sem que ele resplandeça em todo o seu brilho, de modo a dissipar todas as incertezas, pois daqui

⁴ **Ortodoxia:** sistema rigoroso e intolerante – N. E.

até lá potentes vozes terão recebido a missão de se fazerem ouvir, para congregar os homens sob a mesma bandeira, uma vez que o campo se ache suficientemente lavrado. Enquanto isso se não dá, aquele que flutue entre dois sistemas opostos pode observar em que sentido se forma a opinião geral; essa será a indicação certa do sentido em que se pronuncia a maioria dos Espíritos, nos diversos pontos em que se comunicam, e um sinal não menos certo de qual dos dois sistemas prevalecerá.

III – NOTÍCIAS HISTÓRICAS

Para bem compreendermos algumas passagens dos Evangelhos, é necessário conhecer o valor de muitas palavras empregadas neles frequentemente e que caracterizam o estado dos costumes e da sociedade judia naquela época. Como essas palavras já não tem mais para nós o mesmo sentido, foram com frequência mal interpretadas, causando isso uma espécie de incerteza. Além do mais, a compreensão delas explica o verdadeiro sentido de certos ensinamentos que, à primeira vista, parecem estranhos.

Escribas – A princípio, esse era o nome dado aos secretários dos reis de Judá e a certos chefes dos exércitos judeus. Mais tarde, foi aplicado especialmente aos doutores que ensinavam a lei de Moisés e a interpretavam para o povo. Faziam causa comum com os fariseus e partilhavam dos mesmos costumes, bem como da antipatia que aqueles tinham aos inovadores. Daí por que Jesus os envolvia na reprovação que lançava aos fariseus.

Essênios ou **esseus** – Era uma seita judia fundada cerca do ano 150 antes de Jesus Cristo, no tempo dos macabeus, e cujos membros, habitando uma espécie de mosteiros, formavam entre si uma associação moral e religiosa. Diferenciavam-se pelos costumes pacíficos e por virtudes sinceras, ensinavam o amor a Deus e ao próximo, a imortalidade da alma e acreditavam na ressurreição. Viviam em celibato⁵, condenavam a escravidão e a guerra, repartiam seus bens uns com os outros e viviam da agricultura. Contrários aos saduceus sensuais, que negavam a imortalidade; também contrários aos fariseus de rígidas práticas exteriores e de virtudes apenas aparentes, nunca os essênios tomaram parte nas disputas que tornaram aquelas duas outras seitas rivais. Pelo tipo de vida que levavam, assemelhavam-se muito aos primeiros cristãos, e os princípios da moral que professavam faziam muitas pessoas suporem que Jesus, antes de dar começo à sua missão pública, pertencera àquela comunidade. É certo que Jesus deve ter conhecido os essênios, mas nada prova que tivesse se filiado a eles, sendo, pois, apenas uma hipótese tudo quanto se escreveu a esse respeito⁶.

Fariseus (do hebreu *parush*, *divisão*, *separação*) – A tradição era parte importante da teologia dos judeus. Consistia numa coleção das interpretações sucessivamente

⁵ **Celibato**: condição de solteiro e de não envolvimento sexual – N. E.

⁶ O livro **A MORTE DE JESUS**, supostamente escrita por um essênio, é obra inteiramente falsa, cujo único fim foi servir de apoio a uma opinião. Ela traz em si mesma a prova da sua origem moderna.

dadas ao sentido das Escrituras e tornadas artigos de dogma. Constituíam entre os doutores assunto de discussões intermináveis, as mais das vezes sobre simples questões de palavras ou de formas, no gênero das disputas teológicas e das sutilezas do *ensinamento religioso* da Idade Média⁷. Daí, diferentes seitas surgiram, cada uma das quais pretendia ser o dono da verdade, detestando-se umas às outras, como costuma acontecer. Entre essas seitas, a mais influente era a dos *fariseus*, que teve por chefe *Hillel*⁸, doutor judeu nascido na Babilônia, fundador de uma escola célebre, onde se ensinava que só se devia depositar fé nas Escrituras. Sua origem é de 180 ou 200 anos antes de Jesus Cristo. Os fariseus, em diversas épocas, foram perseguidos, especialmente sob Hircano – soberano pontífice e rei dos judeus –, Aristóbulo e Alexandre, rei da Síria. Este último, porém, lhes concedeu honras e restituiu os bens, de sorte que eles readquiriram o antigo poderio e o conservaram até à queda de Jerusalém, no ano 70 da era cristã, época em que se lhes apagou o nome, em consequência da dispersão dos judeus.

Participavam ativamente das controvérsias religiosas. Eram servís cumpridores das práticas exteriores do culto e das cerimônias; cheios de um zelo ardente de ciúme religioso, inimigos dos inovadores, afetavam grande severidade de princípios; mas, sob as aparências de cautelosa devoção, ocultavam costumes depravados, muito orgulho e, acima de tudo, excessiva ânsia de dominação. Tinham a religião mais como meio de chegarem a seus fins, do que como objeto de fé sincera. Da virtude nada possuíam, além das exterioridades e da ostentação; entretanto, por umas e outras, exerciam grande influência sobre o povo, a cujos olhos passavam por criaturas santas. Daí serem muito poderosos em Jerusalém.

Acreditavam, ou, pelo menos, fingiam acreditar na Providência, na imortalidade da alma, na eternidade das penas e na ressurreição dos mortos. (Cap. IV, nº 4.) Jesus, que prezava sobretudo a simplicidade e as qualidades da alma, que, na lei, preferia o *espírito que vivifica*, à *letra que mata*, se aplicou, durante toda a sua missão, a lhes desmascarar a falsidade, pelo que tinha neles inimigos ferozes. Essa a razão por que os fariseus se ligaram aos príncipes dos sacerdotes para incitar o povo contra Jesus para eliminá-lo.

Nazarenos – Na antiga lei, era o nome dado aos judeus que faziam voto, perpétuo ou temporário, de guardar perfeita pureza. Eles se comprometiam a observar a castidade, a se guardar de bebidas alcoólicas e a conservar a cabeleira. Sansão, Samuel e João Batista eram nazarenos.

Mais tarde, os judeus deram esse nome aos primeiros cristãos, em referência a Jesus de Nazaré.

Essa denominação também foi dada a uma seita falsa dos primeiros séculos da era cristã, a qual, do mesmo modo que os ebionitas, de quem adotavam certos princípios, misturava as práticas do mosaísmo com os dogmas cristãos, seita essa que desapareceu no século quarto.

⁷ Essa matéria (filosofia religiosa) recebeu o nome de **escolástica** – N. E.

⁸ Não confundir esse **Hillel** que fundou a seita dos fariseus com o seu homônimo que viveu duzentos anos mais tarde e estabeleceu os princípios religiosos e sociais de um sistema todo de tolerância e amor, sistema hoje conhecido por **Hilelismo**. – A Editora da FEB, 1947.

Portageiros (Cobreadores de impostos) – Eram os arrecadadores de baixa categoria, encarregados principalmente da cobrança dos tributos de entrada nas cidades. Suas funções correspondiam mais ou menos à dos empregados de alfândega e recebedores dos direitos de barreira. Compartilhavam do desprezo que pesava sobre os publicanos em geral. Essa a razão por que, no Evangelho, se depara frequentemente com a palavra *publicando* ao lado da expressão *gente de má vida*. Tal qualificação não implicava a de debochados ou vagabundos. Era um termo de desprezo, sinônimo de *gente de má companhia*, gente indigna de conviver com pessoas distintas.

Publicanos – Eram assim chamados, na antiga Roma, os cavaleiros arrendatários das taxas públicas, incumbidos da cobrança dos impostos e das rendas de toda espécie, quer em Roma mesma, quer nas outras partes do Império. Eram como os recolhedores gerais e arrematadores de taxas do antigo regime na França e que ainda existem em algumas regiões⁹. Os riscos a que estavam sujeitos faziam que os olhos se fechassem para as riquezas que muitas vezes adquiriam e que, da parte de alguns, eram frutos de exações e de lucros escandalosos. O nome de publicano se estendeu mais tarde a todos os que superintendiam os dinheiros públicos e aos agentes subordinados. Hoje esse termo se emprega em sentido ofensivo, para designar os financistas e os agentes pouco escrupulosos de negócios. Diz-se por vezes: “Ávido como um publicano, rico como um publicano”, com referência a riquezas de mau quilate.

De toda a dominação romana, o imposto foi o que os judeus mais dificilmente aceitaram e o que mais irritação causou entre eles. Daí nasceram várias revoltas, fazendo-se do caso uma questão religiosa, por ser considerada contrária à Lei. Constituiu-se, mesmo, um partido poderoso, a cuja frente se pôs um certo Judá, apelidado o Gaulonita, tendo por princípio o não pagamento do imposto. Os judeus, pois, detestavam a este e, como consequência, a todos os que eram encarregados de arrecadá-lo, donde a aversão que votavam aos publicanos de todas as categorias, entre os quais podiam encontrar-se pessoas muito estimáveis, mas que, em virtude das suas funções, eram desprezadas, assim como os que com elas mantinham relações, os quais se viam atingidos pela mesma reprovação. Os judeus de destaque consideravam um comprometimento ter com eles intimidade.

Saduceus – Seita judia, que se formou por volta do ano 248 antes de Jesus Cristo e cujo nome lhe veio do de Sadoc, seu fundador. Não acreditavam na imortalidade, nem na ressurreição, nem nos anjos bons e maus. Entretanto, acreditavam em Deus; nada, porém, esperando após a morte, só o serviam tendo em vista recompensas temporais, ao que, segundo eles, se limitava a providência divina. Assim pensando, entendiam que o objetivo essencial da vida era a satisfação dos sentidos físicos. Em relação às Escrituras, apegavam-se ao texto da lei antiga. Não admitiam a tradição, nem interpretações quaisquer. Colocavam as boas obras e a observância pura e simples da Lei acima das práticas exteriores do culto. Eram, como se vê, os

⁹ Logicamente, Kardec fala de uma prática comum em seu tempo – N. E.

materialistas, os deístas¹⁰ e os sensualistas da época. Seita pouco numerosa, mas que contava em seu seio importantes personagens e se tornou um partido político oposto constantemente aos fariseus.

Samaritanos – Após a separação das dez tribos, Samaria se tornou a capital do reino separado de Israel. Foi destruída e reconstruída várias vezes e se tornou, sob os romanos, a cabeça da Samaria, uma das quatro divisões da Palestina. Herodes – chamado de “O Grande” – a embelezou de suntuosos monumentos e, para homenagear Augusto (o imperador romano daquele tempo), lhe deu o nome de *Augusta*, em grego *Sebaste*.

Os samaritanos estiveram quase constantemente em guerra com os reis de Judá. Eternizou-se entre os judeus e samaritanos uma aversão profunda, datando da época da separação, e cada um evitava qualquer relação com o outro povo. Os samaritanos, para tornarem maior a divisão e não precisarem vir a Jerusalém pela celebração das festas religiosas, construíram para si um templo particular e adotaram algumas reformas. Somente admitiam o Pentateuco¹¹, que continha a lei de Moisés, e rejeitavam todos os outros livros que a esse foram acrescentados depois. Seus livros sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Para os judeus ortodoxos, eles eram falsificados e, portanto, desprezados, amaldiçoados e perseguidos. A incompatibilidade das duas nações tinha, pois, por fundamento único a divergência das opiniões religiosas; se bem fosse a mesma a origem das crenças de uma e outra. Eram os *protestantes* desse tempo.

Ainda hoje se encontram samaritanos em algumas regiões do Levante, particularmente em Nablus e em Jafa. Observam a lei de Moisés com mais rigor que os outros judeus e só entre si contraem alianças.

Sinagoga (do grego *synagogê*, *assembleia*, *congregação*) – Um único templo havia na Judeia, o de Salomão, em Jerusalém, onde se celebravam as grandes cerimônias do culto. Os judeus iam lá todos os anos em peregrinação para as festas principais, como as da Páscoa, da Dedicção e dos Tabernáculos. Por ocasião dessas festas é que Jesus também costumava ir lá. As outras cidades não possuíam templos, mas, apenas, sinagogas: edifícios onde os judeus se reuniam aos sábados, para fazer preces públicas, sob a chefia dos anciães, dos escribas, ou doutores da Lei. Nelas também se realizavam leituras dos livros sagrados, seguidas de explicações e comentários, atividades das quais qualquer pessoa podia participar. Por isso é que Jesus, sem ser sacerdote, ensinava aos sábados nas sinagogas. Desde a ruína de Jerusalém e a dispersão dos judeus, as sinagogas, nas cidades por eles habitadas, servem-lhes de templos para a celebração do culto.

Terapeutas (do grego *therapeutai*, formado de *therapeuein*, *servir*, *cuidar*, isto é: *servidores de Deus*, ou *curadores*) – Eram correligionários judeus contemporâneos do Cristo, estabelecidos principalmente em Alexandria, no Egito. Tinham muita

¹⁰ **Deísta**, relativo ao **Deísmo**, que é uma filosofia que acredita que Deus existe somente pela razão lógica das coisas e não pelo ensinamento religioso, que o deísta sempre rejeita – N. E.

¹¹ **Pentateuco**; os cinco primeiros livros da Bíblia (**GÊNESE**, **ÊXODO**, **LEVÍTICO**, **NÚMEROS**, e **DEUTERONÔMIO**), cuja autoria se atribui a Moisés – N. E.

relação com os essênios, cujos princípios adotavam, aplicando-se, como esses últimos, à prática de todas as virtudes. Eram de extrema severidade na alimentação. Também celibatários, votados à contemplação e vivendo vida solitária, constituíam uma verdadeira ordem religiosa. Fílon, filósofo judeu platônico, de Alexandria, foi o primeiro a falar dos terapeutas, considerando-os uma seita do judaísmo. Eusébio, S. Jerônimo e outros Pais da Igreja pensam que eles eram cristãos. Fossem tais, ou fossem judeus, o que é evidente é que, do mesmo modo que os essênios, eles representam o traço de união entre o Judaísmo e o Cristianismo.

IV – SÓCRATES E PLATÃO, PRECURSORES DA IDEIA CRISTÃ E DO ESPIRITISMO

Pelo fato de Jesus ter conhecido a seita dos essênios, seria errôneo concluir-se que Ele retirou Sua doutrina dessa seita e que, se tivesse vivido noutra meio, teria professado outros princípios. As grandes ideias jamais surgem de súbito. As que assentam sobre a verdade sempre têm antecessores que preparam parcialmente os caminhos. Depois, chegando o tempo, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os elementos espalhados, de reuni-los em corpo de doutrina. Desse modo, não surgindo bruscamente, a ideia, ao aparecer, encontra espíritos dispostos a aceitá-la. Tal o que se deu com a ideia cristã, que foi pressentida muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, tendo por principais precursores¹² Sócrates e Platão.

Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou, pelo menos, nenhum texto deixou escrito. Como o Cristo, teve a morte reservada aos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças que encontrara e colocado a virtude real acima da hipocrisia e da falsidade das formas; por haver, numa palavra, combatido os preconceitos religiosos. Do mesmo modo que Jesus, a quem os fariseus acusavam de estar corrompendo o povo com os ensinamentos que ministrava, também ele foi acusado, pelos fariseus do seu tempo – visto que sempre os houve em todas as épocas – por proclamar o dogma da unidade de Deus, da imortalidade da alma e da vida futura. Assim como a doutrina de Jesus só a conhecemos pelo que escreveram seus discípulos, da de Sócrates só temos conhecimento pelos escritos de seu discípulo Platão. Julgamos conveniente resumir aqui os pontos de maior importância, para mostrar a concordância deles com os princípios do Cristianismo.

Aos que considerarem essa comparação uma profanação e pretendam que não pode haver igualdade entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, diremos que não era pagã a de Sócrates, pois que visava combater o paganismo; que a de Jesus, mais completa e mais apurada do que aquela, nada tem que perder com a comparação; que a grandeza da missão divina do Cristo não pode ser diminuída; que, ao demais, trata-se de um fato da História, que ninguém conseguirá apagar. O chegou a um ponto em que a luz emerge por si mesma de sob o alqueire. Ele se acha maduro bastante para encará-la de frente; tanto pior para os que não ousem abrir os olhos. Chegou o tempo de se considerarem as coisas de modo amplo e elevado, não

¹² **Precursor:** anunciador, aquele que vem antes com a missão de preparar o caminho para a mensagem que virá; como João Batista, que veio preannunciar a vinda do Cristo – N. E.

mais do ponto de vista mesquinho e acanhado dos interesses de seitas e de elites. Além disso, estas citações provarão que, se Sócrates e Platão pressentiram a ideia cristã, em seus escritos também se nos deparam os princípios fundamentais do Espiritismo.

RESUMO DA DOCTRINA DE SÓCRATES E DE PLATÃO

I – O homem é **uma alma encarnada**. Antes da sua encarnação, existia unida aos tipos primordiais das ideias do verdadeiro, do bem e do belo; separa-se deles, encarnando, e, **recordando o seu passado**, é mais ou menos atormentada pelo desejo de voltar a ele.

Não se pode emitir mais claramente a distinção e independência entre o princípio inteligente e o princípio material. É, além disso, a doutrina da preexistência da alma; da vaga intuição que ela guarda de outro mundo, a que almeja; da sua sobrevivência ao corpo; da sua saída do mundo espiritual, para encarnar, e da sua volta a esse mesmo mundo, após a morte. É, finalmente, o gérmen da doutrina dos Anjos decaídos.

II – A alma se transvia e perturba, quando se serve do corpo para considerar qualquer objeto; tem tontura, como se estivesse bêbada, porque se prende a coisas que estão, por sua natureza, sujeitas a mudanças; ao passo que, quando contempla a sua própria essência, dirige-se para o que é puro, eterno, imortal, e, sendo ela dessa natureza, permanece aí ligada, por tanto tempo quanto possa. Interrompem então os seus transviamentos, pois que está unida ao que é imutável e a esse estado da alma é que se chama **sabedoria**.

Assim, o homem ilude a si mesmo quando considera as coisas de modo terra-a-terra, do ponto de vista material. Para apreciar com justeza, tem de ver as coisas do alto, isto é, do ponto de vista espiritual. Então, aquele que está de posse da verdadeira sabedoria, tem de isolar do corpo a alma, para ver com os olhos do Espírito. É o que ensina o Espiritismo. (Cap. II, nº 5.)

III – Enquanto tivermos o nosso corpo e a alma se achar mergulhada nessa corrupção, nunca possuiremos o objeto dos nossos desejos: a **verdade**. Com efeito, o corpo nos proporciona mil obstáculos pela necessidade em que nos achamos de cuidar dele. Ao demais, ele nos enche de desejos, de apetites, de temores, de mil ilusões e de mil tolices, de maneira que, com ele, se nos torna impossível ser ajuizados, sequer por um instante. Mas, se não nos é possível conhecer puramente coisa alguma, enquanto a alma nos está ligada ao corpo, de duas uma: ou jamais conheceremos a verdade, ou só a conheceremos após a morte. Libertos da loucura do corpo, conversaremos então, lícito é esperá-lo, com homens igualmente libertos e conheceremos, por nós mesmos, a essência das coisas. Essa a razão por que os verdadeiros filósofos se exercitam em morrer e a morte não se lhes afigura, de modo nenhum, temível.

Está aí o princípio das faculdades da alma escurecidas por causa dos órgãos corporais e o da expansão dessas capacidades depois da morte. Mas trata-se apenas de almas já depuradas; o mesmo não se dá com as almas impuras. (ver **O CÉU E O INFERNO**, 1ª Parte, cap. II; 2ª Parte, cap. I.)

IV – A alma impura, nesse estado, se encontra oprimida e se vê de novo arrastada para o mundo visível, pelo horror do que é invisível e imaterial. Então, diz-se, erra em torno dos monumentos e dos túmulos, junto aos quais já se têm visto tenebrosos fantasmas, quais devem ser as imagens das almas que deixaram o corpo sem estarem ainda inteiramente puras, que ainda conservam alguma coisa da forma material, o que faz que a vista humana possa percebê-las. Não são as almas dos bons; são, porém, as dos maus, que se veem forçadas a vagar por esses lugares, onde arrastam consigo a pena da primeira vida que tiveram e onde continuam a vagar até que os apetites inerentes à forma material de que se revestiram as reconduzam a um corpo. Então, sem dúvida, retomam os mesmos costumes que durante a primeira vida constituíam objeto de suas predileções.

Não somente o princípio da reencarnação se acha aí claramente expresso, mas também o estado das almas que se mantêm sob o jugo da matéria é descrito qual o mostra o Espiritismo nas evocações. Mais ainda: no tópico acima se diz que a reencarnação num corpo material é consequência da impureza da alma, enquanto as almas purificadas se encontram isentas de reencarnar. Outra coisa não diz o Espiritismo, acrescentando apenas que a alma, que tomou boas resoluções na erraticidade e que possui conhecimentos adquiridos, traz, ao renascer, menos defeitos, mais virtudes e ideias intuitivas do que tinha na sua existência precedente. Assim, cada existência lhe marca um progresso intelectual e moral. (ver **O CÉU E O INFERNO**, 2ª Parte: *Exemplos*.)

V – Após a nossa morte, o gênio (**daimon**, demônio), que nos fora designado durante a vida, leva-nos a um lugar onde se reúnem todos os que têm de ser conduzidos ao Hades¹³, para serem julgados. As almas, depois de haverem estado no Hades o tempo necessário, são reconduzidas a esta vida em múltiplos e longos períodos.

É a doutrina dos Anjos guardiães, ou Espíritos protetores, e das reencarnações sucessivas, em seguida a intervalos mais ou menos longos de erraticidade.

VI – Os demônios ocupam o espaço que separa o céu da Terra; constituem o laço que une o Grande Todo a si mesmo. Como a divindade nunca entra em comunicação direta com o homem, é por intermédio dos demônios que os deuses entram em contato e se entretêm com ele, quer quando acordado, quer durante o sono.

A palavra *daimon*¹⁴, da qual fizeram o termo *demônio*, não era, na antiguidade, tomada no mal sentido, como nos tempos modernos. Não designava exclusivamente seres maldosos, mas todos os Espíritos, em geral, dentre os quais se destacavam os Espíritos superiores, chamados *deuses*, e os menos elevados, ou demônios propriamente ditos, que comunicavam diretamente com os homens. Também o Espiritismo diz que os Espíritos povoam o espaço; que Deus só se comunica com os homens por intermédio dos Espíritos puros, que são os encarregados de transmitir Suas vontades; que os Espíritos se comunicam com eles durante a vigília e durante o sono. Ponham *Espírito* em lugar da palavra *demônio* e vocês terão a doutrina espírita; ponham a palavra *anjo* e terão a doutrina cristã.

¹³ **Hades**; Segundo a mitologia grega é uma espécie de inferno – N. E.

¹⁴ Na língua grega, a palavra *daimon* tem o significado de *espírito, conselheiro espiritual, guia, mentor, gênio, defensor*. Ao ser traduzido para o latim (*demonium*) e finalmente para nosso idioma (*demônio*), ganhou um sentido pejorativo (*anjo do mal*) – N. E.

25 – O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

VII – A preocupação constante do filósofo (tal como o compreendiam Sócrates e Platão) é a de tomar o maior cuidado com a alma, menos pelo que respeita a esta vida, que não dura mais que um instante, do que tendo em vista a eternidade. Desde que a alma é imortal, não será prudente viver visando à eternidade?

O Cristianismo e o Espiritismo ensinam a mesma coisa.

VIII – Se a alma é imaterial, após essa vida, tem de passar a um mundo igualmente invisível e imaterial, do mesmo modo que o corpo, decompondo-se, volta à matéria. No entanto, muito importa separar bem a alma pura, verdadeiramente imaterial, que se alimente, como Deus, de ciência e pensamentos, da alma **mais ou menos** maculada de impurezas materiais, que a impedem de elevar-se para o divino e a prendem nos lugares da sua estada na Terra.

Sócrates e Platão, como se vê, compreendiam perfeitamente os diferentes graus de desmaterialização da alma. Insistem na diversidade de situação que resulta para elas da sua *maior ou menor* pureza. O que eles diziam, por intuição, o Espiritismo o prova com os inúmeros exemplos que nos põe sob as vistas. (**O CÉU E O INFERNO**, 2ª Parte.)

IX – Se a morte fosse o fim completo do homem, os maus ganhariam muito com a morte, pois se veriam livres ao mesmo tempo do corpo, da alma e dos vícios. Aquele que fortalecer a alma, não de ornatos estranhos, mas com os que lhe são próprios, só esse poderá aguardar tranquilamente a hora da sua partida para o outro mundo.

Isso equivale a dizer que o materialismo, com o proclamar para depois da morte o nada, anula toda responsabilidade moral posterior, sendo, conseqüentemente, um incentivo para o mal; que o mau tem tudo a ganhar do nada. Somente o homem que se livrou dos vícios e se enriqueceu de virtudes, pode esperar com tranquilidade o despertar na outra vida. Por meio de exemplos, que todos os dias nos apresenta, o Espiritismo mostra quão penoso é, para o mau, o passar desta à outra vida, a entrada na vida futura. (**O CÉU E O INFERNO**, 2ª Parte, cap. I.)

X – O corpo conserva bem impressos os vestígios dos cuidados de que foi objeto e dos acidentes que sofreu. Dá-se o mesmo com a alma. Quando despida do corpo, ela guarda, evidentes, os traços do seu caráter, de suas afeições e as marcas que lhe deixaram todos os atos de sua vida. Assim, a maior desgraça que pode acontecer ao homem é ir para o outro mundo com a alma carregada de crimes. Vês, Cálicles, que nem tu, nem Pólux, nem Górgias podereis provar que devemos levar outra vida que nos seja útil quando estejamos do outro lado. De tantas opiniões diversas, a única que permanece inabalável é a de que **mais vale receber do que cometer uma injustiça** e que, acima de tudo, devemos cuidar, não de parecer, mas de ser homem de bem. (Colóquios de Sócrates com seus discípulos, na prisão.)

Aqui nos deparamos com outro ponto capital, confirmado hoje pela experiência: o de que a alma não purificada conserva as ideias, as tendências, o caráter e as paixões que teve na Terra. Esta máxima: *mais vale receber do que cometer uma injustiça*, não é inteiramente cristã? O mesmo pensamento exprimiu Jesus, usando desta figura: *“Se alguém vos bater numa face, apresentai-lhe a outra.”* (Cap. XII, nº 7 e 8.)

XI – De duas uma: ou a morte é uma destruição absoluta, ou é passagem da alma para outro lugar. Se tudo tem de extinguir-se, a morte será como uma dessas raras noites que passamos sem sonho e sem nenhuma consciência de nós mesmos. Todavia, se a morte é apenas uma

mudança de morada, a passagem para o lugar onde os mortos se têm de reunir, que felicidade a de encontrarmos lá aqueles a quem conhecemos! O meu maior prazer seria examinar de perto os habitantes dessa outra morada e distinguir lá, como aqui, os que são dignos dos que se julgam tais e não o são. Mas, é tempo de nos separarmos, eu para morrer, vós para viverdes. (Sócrates aos seus juizes.)

Segundo Sócrates, os que viveram na Terra se encontram após a morte e se reconhecem. Mostra o Espiritismo que continuam as relações que entre eles se estabeleceram, de tal maneira que a morte não é nem uma interrupção, nem a extinção da vida, mas uma transformação, sem solução de continuidade. Se Sócrates e Platão tivessem conhecido os ensinamentos que o Cristo difundiu quinhentos anos mais tarde e os que agora o Espiritismo espalha, e não teriam falado de outro modo. Entretanto, não há nisso nada que surpreenda, se considerarmos que as grandes verdades são eternas e que os Espíritos adiantados hão de tê-las conhecido antes de virem à Terra, para onde as trouxeram; que Sócrates, Platão e os grandes filósofos daqueles tempos bem podem, depois, ter sido dos que auxiliaram o Cristo na sua missão divina, escolhidos para esse fim precisamente por se acharem, mais do que outros, em condições de lhe compreenderem as sublimes lições; que, finalmente, pode dar-se façam eles agora parte do grupo dos Espíritos encarregados de ensinar aos homens as mesmas verdades.

XII – Nunca se deve retribuir com outra uma injustiça, nem fazer mal a ninguém, seja qual for o dano que nos tenham causado. Poucos, no entanto, serão os que admitam esse princípio, e os que se desentenderem a tal respeito nada mais farão, sem dúvida, do que se votarem desprezo mútuo uns aos outros.

Não está aí o princípio de caridade, que prescreve não se retribua o mal com o mal e se perdoe aos inimigos?

XIII – É pelos frutos que se conhece a árvore. Toda ação deve ser qualificada pelo que produz: qualificá-la de má, quando dela provenha mal; de boa, quando dê origem ao bem.

Este ditado: “Pelos frutos é que se conhece a árvore”, se encontra muitas vezes repetida textualmente no Evangelho.

XIV – A riqueza é um grande perigo. Todo homem que ama a riqueza não ama a si mesmo, nem ao que é seu; ama a uma coisa que lhe é ainda mais estranha do que o que lhe pertence. (Cap. XVI.)

XV – As mais belas preces e os mais belos sacrifícios alegram menos à Divindade do que uma alma virtuosa que faz esforços por se lhe melhorar. Seria uma coisa grave os deuses dispensassem mais atenção às nossas oferendas, do que à nossa alma; se tal se desse, poderiam os mais culpados conseguir que eles se lhes tornassem propícios. Mas, não: verdadeiramente justos e retos só o são os que, por suas palavras e atos, cumprem seus deveres para com os deuses e para com os homens. (Cap. X, nº 7 e 8.)

XVI – Chamo de homem vicioso a esse amante vulgar, que mais ama o corpo do que a alma. O amor está por toda parte na Natureza, que nos convida ao exercício da nossa inteligência; até no movimento dos astros o encontramos. É o amor que orna a Natureza de seus ricos tapetes; ele se enfeita e fixa morada onde se lhe deparem flores e perfumes. É ainda o amor que dá paz aos homens, calma ao mar, silêncio aos ventos e sono à dor.

27 – O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO

O amor, que há de unir os homens por um laço fraternal, é uma consequência dessa teoria de Platão sobre o amor universal, como lei da Natureza. Por que Sócrates disse que “o amor não é nem um deus, nem um mortal, mas um grande *demônio*”, isto é, um grande *Espírito* que preside ao amor universal, essa proposição lhe foi atribuída como crime.

XVII – A virtude não pode ser ensinada; vem por dom de Deus aos que a possuem.

É quase a doutrina cristã sobre a graça; mas, se a virtude é um dom de Deus, é um favor e, então, podemos perguntar por que não é concedida a todos. Por outro lado, se é um dom, carece de mérito para aquele que a possui. O Espiritismo é mais explícito, dizendo que aquele que possui a virtude a adquiriu por seus esforços, em existências sucessivas, livrando-se pouco a pouco de suas imperfeições. A graça é a força que Deus permite ao homem de boa vontade para se apagar do mal e praticar o bem.

XVIII – É disposição natural em todos nós a de nos apercebermos muito menos dos nossos defeitos, do que dos outros.

Diz o Evangelho: ***“Enxergam a palha que está no olho do próximo e não veem a trave que está no vosso.”*** (Cap. X, nº 9 e 10.)

XIX – Se os médicos são malsucedidos, tratando da maior parte das moléstias, **é que tratam do corpo, sem tratarem da alma.** Ora, não se achando o todo em bom estado, impossível é que uma parte dele passe bem.

O Espiritismo fornece a chave das relações existentes entre a alma e o corpo e prova que um reage sobre o outro constantemente. Abre, assim, novo rumo para a Ciência, ao mostrar a verdadeira causa de certas doenças e ao apontar os meios de combatê-las. Quando a Ciência levar em conta a ação do elemento espiritual na economia, menos frequentes serão os seus maus êxitos.

XX – Todos os homens, a partir da infância, muito mais fazem de mal, do que de bem.

Essa sentença de Sócrates fere a grave questão da predominância do mal na Terra, questão que não tem solução sem o conhecimento da pluralidade dos mundos e da destinação do planeta terreno, habitado apenas por uma fração mínima da Humanidade. Somente o Espiritismo resolve essa questão, que se encontra explicada aqui adiante, nos capítulos II, III e V.

XXI – Ajuizado serás, não supondo que sabes o que ignoras.

Isso se aplica aos que criticam aquilo de que desconhecem até mesmo os primeiros termos. Platão completa esse pensamento de Sócrates, dizendo: “Tentemos, primeiro, se for possível, torná-los mais honestos nas palavras; se não o forem, *não nos preocupemos com eles* e não procuremos senão a verdade. Cuidemos de nos instruir, mas *não nos injuriemos*”. É assim que os espíritas devem proceder

com relação aos seus contraditores de boa ou má-fé. Se Platão revivesse hoje, acharia as coisas quase como no seu tempo e poderia usar da mesma linguagem. Também Sócrates encontraria criaturas que zombariam da sua crença nos Espíritos e que o qualificariam de louco, assim como ao seu discípulo Platão.

Foi por haver professado esses princípios que Sócrates se viu ridicularizado, depois acusado de impiedade e condenado a beber cicuta¹⁵. Tão certo é que, levantando contra si os interesses e os preconceitos que elas ferem, as grandes verdades novas não se podem firmar sem luta e sem fazer mártires.

¹⁵ **Cicuta**; veneno a que Sócrates foi condenado a beber para cumprir sua pena de morte – N. E.

Capítulo I

NÃO VIM DESTRUIR A LEI

- AS TRÊS REVELAÇÕES: MOISÉS, CRISTO, ESPIRITISMO.
- ALIANÇA DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- A NOVA ERA
1. “Não pensem que eu vim destruir a lei ou os profetas: não os vim destruir, mas cumpri-los; pois, em verdade vos digo que o céu e a Terra não passarão, sem que tudo o que se acha na lei esteja perfeitamente cumprido, enquanto reste um único iota e um único ponto”.

(MATEUS, 5: 17 e 18)¹⁶

MOISÉS

2. Na lei mosaica, há duas partes distintas: a lei de Deus, promulgada no monte Sinai, e a lei civil ou disciplinar, decretada por Moisés. Uma é invariável; a outra, apropriada aos costumes e ao caráter do povo, se modifica com o tempo.

A lei de Deus está formulada nos dez mandamentos seguintes:

- i. Eu sou o Senhor, vosso Deus, que vos tirei do Egito, da casa da servidão. Não tenham diante de mim outros deuses estrangeiros. Não façam imagem esculpida, nem figura alguma do que está em cima do céu, nem embaixo na Terra, nem do que quer que esteja nas águas sob a terra. Não adorem a eles e não lhes prestem culto soberano¹⁷.

¹⁶ As referências bíblicas usadas aqui obedecem a seguinte ordem: nome do livro; após a vírgula vem o número do capítulo; depois dos dois pontos, os versículos. Por exemplo: “MATEUS, 5: 17 e 18” pode ser interpretado assim: livro de MATEUS; capítulo 5; versículos 17 e 18. Os versículos também pode vir seguidos, por exemplo, versículos 1 a 4 (portanto: versículos 1, 2, 3 e 4) – N. E.

¹⁷ Allan Kardec cita a parte mais importante do primeiro mandamento, e deixa de transcrever as seguintes frases: “... porque eu, o Senhor vosso Deus, sou Deus zeloso, que puno a maldade dos pais nos filhos, na terceira e na quarta gerações daqueles que me aborrecem, e uso de misericórdia até mil gerações daqueles que me amam e guardam os meus mandamentos.” (Êxodo, 20:5 e 6.) Nas traduções feitas pelas Igrejas Católica e protestantes, essa parte do mandamento foi truncada para harmonizá-la com a doutrina da encarnação única da alma. Onde está “na terceira e na quarta gerações”, conforme a tradução Brasileira da Bíblia, a **Vulgata Latina** (in tertiam et quartam generationem), a tradução de Zamenhof (en la tria kaj kvara generacioj), mudaram o texto para “**até à terceira e quarta gerações**”. Esses textos truncados que aparecem na tradução da Igreja Anglicana, na Católica de Figueiredo, na Protestante de Almeida e outras, tornam monstruosa a justiça divina, pois que filhos, netos, bisnetos, tetranetos inocentes teriam de ser castigados pelo pecado dos pais, avós, bisavós, tetravós. Foi uma infeliz tentativa de acomodação da Lei à

- II. Não pronunciem em vão o nome do Senhor, vosso Deus.
- III. Lembrem-se de santificar o dia do sábado.
- IV. Honrem vosso pai e a vossa mãe, a fim de viver longo tempo na terra que o Senhor vosso Deus vos dará.
- V. Não matem.
- VI. Não cometam adultério.
- VII. Não roubem.
- VIII. Não prestem testemunho falso contra o vosso próximo.
- IX. Não desejem a mulher do vosso próximo.
- X. Não cobicem a casa do vosso próximo, nem o servo, nem a serva, nem o boi, nem o asno, nem qualquer das coisas que pertençam ao outro.

Essa lei é para todos os tempos e todos os países e, por isso mesmo, é uma lei divina. Todas as outras são leis que Moisés decretou, porque se via obrigado a conter, pelo temor, um povo naturalmente turbulento e indisciplinado, no qual tinha ele de combater profundos abusos e preconceitos, adquiridos durante a escravidão do Egito. Para impor autoridade às suas leis, Moisés precisou atribuir origem divina, do mesmo modo que todos os legisladores dos povos primitivos fizeram. A autoridade do homem precisava apoiar-se na autoridade de Deus; mas, só a ideia de um Deus terrível podia impressionar criaturas ignorantes, um povo pouco desenvolvido em senso moral e em sentimento de uma justiça reta. É evidente que aquele que incluía, entre os seus mandamentos, este ditado: “Não matarem; não causem dano ao vosso próximo”, não poderia contradizer-se, fazendo da exterminação um dever. Então, as leis mosaicas, propriamente ditas, revestiam um caráter essencialmente transitório.

O CRISTO

3. Jesus não veio destruir a lei, isto é, a lei de Deus; veio cumpri-la, isto é, desenvolvê-la, dar-lhe o verdadeiro sentido e adaptá-la ao grau de adiantamento dos homens. Por isso é que nessa lei nos deparamos com o princípio dos deveres para com Deus e para com o próximo — a base da doutrina Cristã. Sobre as leis de Moisés, propriamente ditas, ao contrário da lei divina, ele as modificou profundamente, tanto na substância, quanto na forma. Combatendo constantemente o abuso das práticas exteriores e as falsas interpretações, Jesus não podia reformá-las de uma forma mais radical do que reduzindo toda a lei num único preceito: ***“Amar a Deus acima de todas as coisas e o próximo como a si mesmo”***, e acrescentando: ***“ai estão toda a lei e os profetas”***.

Por estas palavras: ***“O céu e a Terra não passarão sem que tudo esteja***

vida única. O texto certo que, por mercê de Deus, já está reproduzido pelas edições recentíssimas a que nos referimos – traduções Brasileira e de Zamenhof –, que conferem com S. Jerônimo, mostra que a Lei ensina veladamente a reencarnação e as expiações e provas. Na primeira e segunda gerações, como contemporâneos de seus filhos e netos, o Espírito culpado ainda não reencarnou, mas, um pouco mais tarde – na terceira e quarta gerações – já ele voltou e recebe as consequências de suas faltas. Assim, o culpado mesmo, e não outrem, paga sua dívida. Logo, tem-se de excluir a 1ª e 2ª gerações e expressar “na” 3ª e 4ª, como realmente é o original.

Achamos conveniente acrescentar aqui esta nota, para facilitar a compreensão do estudioso que confronte a sua tradução da Bíblia com a citação do Mestre. – **A Editora da FEB, 1947.**

cumprido até o último iota”, Jesus quis dizer que é necessário que a lei de Deus tivesse cumprimento integral, isto é, fosse praticada na Terra inteira, em toda a sua pureza, com todas as suas ampliações e conseqüências. Efetivamente, de que serviria haver sido promulgada aquela lei, se ela devesse constituir privilégio de alguns homens, ou, sequer, de um único povo? Como todos os homens são filhos de Deus, todos, sem distinção nenhuma, são tratados com igualdade.

4. Mas, o papel de Jesus não foi o de um simples legislador moralista, tendo por exclusiva autoridade a sua palavra: cabia a Ele dar cumprimento às profecias que anunciaram a Sua vinda; Sua autoridade vinha da natureza excepcional do seu Espírito e da Sua missão divina. O Cristo veio ensinar aos homens que a verdadeira vida não é a que se passa na Terra e sim a que é vivida no reino dos céus; veio ensinar o caminho que nos conduz a esse reino, os meios de se reconciliarem com Deus e de presentirem esses meios na marcha das coisas futuras, para a realização dos destinos humanos. Entretanto, Ele não disse tudo, e sobre muitos pontos, limitou-se a lançar a semente de verdades que, segundo Ele próprio, ainda não podiam ser compreendidas. Falou de tudo, mas em termos mais ou menos subentendidos. Para compreendermos o sentido oculto de algumas palavras suas, se fazia necessário que novas ideias e novos conhecimentos lhes trouxessem a chave indispensável, ideias que, porém, não podiam surgir antes que o espírito humano alcançasse certo grau de maturidade. A Ciência tinha de contribuir poderosamente para a abertura e o desenvolvimento de tais ideias. Importava, pois, dar tempo para a Ciência progredir.

O ESPIRITISMO

5. O Espiritismo é a ciência nova que vem revelar aos homens, por meio de provas irrecusáveis, a existência e a natureza do mundo espiritual e as suas relações com o mundo corpóreo. Ele nos mostra a espiritualidade, não mais como coisa sobrenatural, mas ao contrário, como uma das forças vivas e sempre atuantes da Natureza, como a fonte de uma imensidade de fenômenos até hoje incompreendidos e, por isso, jogados para o domínio do fantástico e do maravilhoso. É a essas relações que o Cristo menciona em muitas circunstâncias e daí vem que muito do que Ele disse permaneceu incompreendido ou falsamente interpretado. O Espiritismo é a chave com o auxílio da qual tudo se explica de modo fácil.

6. A lei do Antigo Testamento teve em Moisés a sua personificação; a do Novo Testamento está no Cristo. O Espiritismo é a terceira revelação da lei de Deus, mas não está personificada em nenhuma individualidade, porque é fruto do ensino dado não por um homem, e sim pelos Espíritos, que *são as vozes do Céu*, em todos os pontos da Terra, com a cooperação de uma multidão infinita de intermediários. É, de certa maneira, um ser coletivo, formado pelo conjunto dos seres do mundo espiritual, cada um dos quais traz o tributo de suas luzes aos homens, para lhes tornar conhecido esse mundo e a sorte que os espera.

7. Assim como o Cristo disse: “Não vim destruir a lei, porém cumpri-la”, também o Espiritismo diz: “Não venho destruir a lei cristã, mas dar-lhe execução.” Nada ensina em contrário ao que Cristo ensinou; mas, desenvolve, completa e explica, em termos claros e para toda gente, o que foi dito apenas sob forma simbólica. Vem cumprir, nos tempos profetizados, o que o Cristo anunciou e preparar a realização das coisas futuras. Ele é, pois, obra do Cristo, que preside, conforme igualmente o anunciou, para a regeneração que se opera e prepara o reino de Deus na Terra.

ALIANÇA DA CIÊNCIA E DA RELIGIÃO

8. A Ciência e a Religião são as duas alavancas da inteligência humana: uma revela as leis do mundo material e a outra as leis do mundo moral. *Tendo, no entanto, essas leis o mesmo princípio, que é Deus, não podem contradizer-se.* Se uma fosse a negação da outra, necessariamente uma delas estaria em erro e a outra com a verdade, pois Deus não pode pretender a destruição de sua própria obra. A incompatibilidade que se julgou existir entre essas duas ordens de ideias vem apenas de uma observação defeituosa e de excesso de exclusivismo, de um lado e de outro. Daí um conflito que deu origem à incredulidade e à intolerância.

Chegou o tempo em que os ensinamentos do Cristo precisam ser completados; em que o véu lançado intencionalmente sobre algumas partes desse ensino tem de ser levantado; em que a Ciência, deixando de ser exclusivamente materialista, tem de levar em conta o elemento espiritual e em que a Religião, deixando de ignorar as leis orgânicas e imutáveis da matéria, como duas forças que são, apoiando-se uma na outra e marchando combinadas, se prestarão mútuo auxílio. Então, não mais desmentida pela Ciência, a Religião adquirirá inabalável poder, porque estará de acordo com a razão, já se lhe não podendo mais opor a irresistível lógica dos fatos.

A Ciência e a Religião até hoje não puderam entender-se, porque, encarando cada uma as coisas do seu ponto de vista exclusivo, se rejeitavam entre si. Faltava preencher o vazio que as separava, um traço de união que as aproximasse. Esse traço de união está no conhecimento das leis que regem o Universo espiritual e suas relações com o mundo corpóreo, leis tão imutáveis quanto as que regem o movimento dos astros e a existência dos seres. Uma vez que essas relações foram comprovadas pela experiência, se fez nova luz: a fé caminhou para a razão; esta nada encontrou de contraditória na fé: o materialismo foi vencido. Mas, nisso, como em tudo, há pessoas que ficam atrás, até serem arrastadas pelo movimento geral, que as esmaga, se tentam resistir-lhe, em vez de o acompanharem. É toda uma revolução que neste momento se opera e trabalha os espíritos. Após uma elaboração que durou mais de dezoito séculos, chega ela à sua plena realização e vai marcar uma nova era na vida da Humanidade. As consequências são fáceis de prever: acarretará para as relações sociais modificações inevitáveis, às quais ninguém terá força para se opor, porque elas estão nos desígnios de Deus e brotam da lei do progresso, que é lei de Deus.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A NOVA ERA

9. Deus é único e Moisés é o Espírito que Ele enviou em missão para tornar a Divindade conhecida não só dos hebreus, como também dos povos pagãos. O povo hebreu foi o instrumento de que Deus se serviu para se revelar por Moisés e pelos profetas, e as atribuições que esse povo passou destinavam-se a chamar a atenção geral e a fazer cair o véu que ocultava a divindade aos homens.

Os mandamentos de Deus, revelados por intermédio de Moisés, contêm a semente da mais ampla moral cristã. Porém, os comentários da Bíblia limitavam seu sentido, porque, praticada em toda a sua pureza, não teriam então compreendido. Mas, nem por isso os dez mandamentos de Deus deixavam de ser um como rosto brilhante, igual a um farol destinado a clarear a estrada que a Humanidade tinha de percorrer.

A moral que Moisés ensinou era apropriada ao estado de adiantamento em que se encontravam os povos que ela se colocou a regenerar, e esses povos, semisselvagens quanto ao aperfeiçoamento da alma, não teriam compreendido que se pudesse adorar a Deus de outro modo que não por meio de sacrifícios, nem que se devesse perdoar a um inimigo. É notável que do ponto de vista da matéria e mesmo do das artes e das ciências, a inteligência deles se achava muito atrasada em moralidade e não teriam se convertido pela força de uma religião inteiramente espiritual. Era necessária para eles uma representação semimaterial, igual a que a religião hebraica apresentava. Os holocaustos¹⁸ lhes falavam aos sentidos, do mesmo passo que a ideia de Deus lhes falava ao espírito.

O Cristo foi o iniciador da mais pura, da mais sublime moral, da moral evangélico-cristã, que irá renovar o mundo, aproximar os homens e torná-los irmãos; que há de fazer brotar em todos os corações a caridade e o amor ao próximo e estabelecer entre os humanos uma solidariedade comum; de uma moral, enfim, que há de transformar a Terra, tornando-a morada de Espíritos superiores aos que hoje a habitam. É a lei do progresso, a que a Natureza está submetida, que se cumpre, e o *Espiritismo* é a alavanca que Deus utiliza para fazer a Humanidade avançar.

São chegados os tempos em que as ideias se desenvolverão, para que se realizem os progressos que estão nos planos de Deus. Elas têm de seguir a mesma rota que percorreram as ideias de liberdade, suas anunciadoras. Contudo, não creiam que esse desenvolvimento se efetue sem lutas. Não; para atingirem a maturidade, aquelas ideias precisam de abalos e discussões, a fim de que atraíam a atenção das massas. Uma vez isso conseguido, a beleza e a santidade da moral tocarão os espíritos, que então abraçarão uma ciência que lhes dá a chave da vida futura e abre as portas da felicidade eterna. Moisés abriu o caminho; Jesus continuou a obra; o Espiritismo a concluirá.

Um Espírito israelita. (Mulhouse, 1861)

¹⁸ **Holocausto:** forma de culto em que, para agradecer à Divindade, se faz uso de sacrifícios de animais (e até de pessoas, em certas seitas) – N. E.

10. Um dia, Deus, em sua inesgotável caridade, permitiu que o homem visse a verdade atravessar as trevas. Esse dia foi o da vinda do Cristo. Depois da luz viva, as trevas voltaram. Após alternativas de verdade e obscuridade, o mundo novamente se perdia. Então, semelhantemente aos profetas do Antigo Testamento, os Espíritos se puseram a falar e a vos advertir. O mundo está abalado em seus fundamentos; o trovão retumbará. Sejam firmes!

O Espiritismo é de ordem divina, pois que se sustenta nas próprias leis da Natureza, e estejam certos de que tudo o que é de ordem divina tem objetivo grande e útil. O vosso mundo se perdia; a Ciência, desenvolvida à custa do que é de ordem moral, mas conduzindo ao bem-estar material, revestia-se em proveito do espírito das trevas. Como vocês sabem, cristãos, o coração e o amor têm de caminhar unidos à Ciência. Ah! Passados dezoito séculos e apesar do sangue de tantos mártires, o reino do Cristo ainda não veio. Cristãos, voltem para o Mestre, que vos quer salvar. Tudo é fácil para aquele que crê e ama; o amor o enche de inexplicável alegria. Sim, meus filhos, o mundo está abalado; os bons Espíritos voz dizem isso constantemente; dobrem-se à rajada que anuncia a tempestade, a fim de não serem derrubados, isto é, preparem-se e não imitem as virgens loucas, que foram apanhadas desprevenidas com a chegada do esposo.

A revolução que se prepara é antes moral do que material. Os grandes Espíritos, mensageiros divinos, sopram a fé, para que todos vós, obreiros esclarecidos e ardorosos, façam ouvir a vossa voz humilde, pois você são o grão de areia; mas, sem grãos de areia, não existiriam as montanhas. Assim, pois, que estas palavras “Somos pequenos” careçam de significação. A cada um a sua missão, a cada um o seu trabalho. A formiga não constrói o edifício de sua república e imperceptíveis animaizinhos não elevam continentes? Apóstolos da paz universal: começou a nova cruzada, que não de uma guerra, modernos São Bernardos, olhem e marchem para frente; a lei dos mundos é a do progresso.

Fénelon. (Poitiers, 1861)

11. Santo Agostinho é um dos maiores divulgadores do Espiritismo. Manifesta-se quase por toda parte. A razão disso encontramos na vida desse grande filósofo cristão. Ele pertence à vigorosa legião dos Pais da Igreja, aos quais a cristandade deve seus mais sólidas bases. Como vários outros, foi arrancado ao paganismo, ou melhor, à crueldade mais profunda, pelo brilho da verdade. Quando esteve entregue aos maiores excessos, sentiu em sua alma aquela singular vibração que o fez voltar a si e compreender que a felicidade estava longe, que não nos prazeres físicos e fugitivos; quando, afinal, no seu caminho de Damasco, também lhe foi dado ouvir a santa voz a clamar-lhe: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” exclamou: “Meu Deus! Meu Deus! perdoai-me, creio, sou cristão!” E desde então se tornou um dos mais fortes sustentáculos do Evangelho. Podemos ler nas notáveis confissões¹⁹ que esse eminente espírito deixou, as características e, ao mesmo tempo, proféticas palavras que proferiu, depois da morte de Santa Mônica: “*Estou convencido de que minha mãe me virá visitar e dar conselhos, revelando-me o que nos espera na vida futura*”. Que ensinamento nessas palavras e que retumbante previsão da doutrina

¹⁹ CONFISSÕES, livro autobiográfico em que Santo Agostinho narra sua conversão – N. E.

futura! Essa a razão por que hoje, vendo chegada a hora de divulgar-se a verdade que ele presentiu um dia, se tornou seu ardoroso divulgador e, por assim dizer, se multiplica para responder a todos os que o chamam.

Erasto, discípulo de S. Paulo. (Paris, 1863)

Nota – Será que Santo Agostinho venha demolir o que edificou? Certamente que não. Como tantos outros, ele vê com os olhos do espírito o que não via enquanto homem. Liberta, sua alma entrevê claridades novas, compreende o que antes não compreendia. Novas ideias lhe revelaram o sentido verdadeiro de algumas sentenças. Na Terra, apreciava as coisas de acordo com os conhecimentos que possuía; desde que, porém, uma nova luz lhe brilhou, pôde apreciá-las mais judiciosamente. Assim é que teve de abandonar a crença, que alimentara, nos Espíritos íncubos e súcubos²⁰ e o anátema²¹ que lançara contra a teoria dos antípodas. Agora que o Cristianismo se lhe mostra em toda a pureza, pode ele, sobre alguns pontos, pensar de modo diverso do que pensava quando vivo, sem deixar de ser um apóstolo cristão. Pode, sem renegar a sua fé, constituir-se disseminador do Espiritismo, porque vê cumprir-se o que foi predito. Proclamando-o, na atualidade, outra coisa não faz senão conduzir-nos a uma interpretação mais acertada e lógica dos textos. O mesmo ocorre com outros Espíritos que se encontram em posição semelhante.

²⁰ **Íncubos e Súcubos**; pela crença comum, seriam demônios que viriam tentar sexualmente através do sono, principalmente padres e freiras, com o objetivo de desviá-los do caminho religioso – N. E.

²¹ **Anátema**; maldição imposta a todos os que são expulsos da religião devido uma má conduta – N. E.

Capítulo II

MEU REINO NÃO É DESTE MUNDO

- A VIDA FUTURA
- A REALEZA DE JESUS
- O PONTO DE VISTA

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- UMA REALEZA TERRESTRE

1. Pilatos, depois de ter entrado de novo no palácio e feito vir Jesus até sua presença, perguntou-lhe: “Tu és o rei dos judeus?” – Respondeu-lhe Jesus: **“Meu reino não é deste mundo. Se o meu reino fosse deste mundo, a minha gente teria combatido para impedir que eu caísse nas mãos dos judeus; mas, o meu reino ainda não é aqui.”**

Disse-lhe então Pilatos: “Então, tu és um rei?” – Jesus lhe respondeu: **“Tu estias dizendo; sou rei; não nasci e não vim a este mundo senão para dar testemunho da verdade. Aquele que pertence à verdade escuta a minha voz”.**

(JOÃO, 18: 33, 36 e 37.)

A VIDA FUTURA

2. Por essas palavras, Jesus se refere claramente à *vida futura*, que Ele apresenta como a meta a que a Humanidade irá ter, em todas as circunstâncias, devendo ser o maior objetivo das preocupações do homem na Terra. Todos os seus ensinamentos se dirigem a esse grande princípio. Dessa forma, sem a vida futura, a maior parte dos Seus princípios morais não teria nenhuma razão de ser, por isso que aqueles que não creem na vida futura, imaginando que Jesus apenas falava na vida presente, não compreendem esses preceitos ou os consideram infantis.

Portanto, esse dogma pode ser tido como o centro do ensino do Cristo, porque foi colocado num dos primeiros lugares a frente desta obra. É que ele tem de ser o ponto de mira de todos os homens; só ele justifica as irregularidades da vida terrena e se mostra de acordo com a justiça de Deus.

3. Os judeus tinham apenas ideias muito incompletas acerca da vida futura. Acreditavam nos anjos e os consideravam seres privilegiados da Criação; mas não sabiam que os homens podem um dia tornar-se anjos e partilhar da felicidade destes. Segundo eles, a observância das leis de Deus era recompensada com os bens

terrenos, com a superioridade da nação a que pertenciam, com vitórias sobre os seus inimigos. As calamidades públicas e as derrotas eram o castigo da desobediência àquelas leis. Moisés não pode dizer mais do que isso a um povo simples e ignorante, que precisava ser tocado, antes de tudo, pelas coisas deste mundo. Mais tarde, Jesus lhe revelou que há outro mundo, onde a justiça de Deus segue o seu curso. É esse o mundo que Ele promete aos que cumprem os mandamentos de Deus e onde os bons acharão sua recompensa. Aí está o reino; lá é que ele se encontra na sua glória e para onde voltaria quando deixasse a Terra.

Jesus, porém, ensinando de acordo com o estado dos homens de sua época, não julgou conveniente dar-lhes luz completa, percebendo que eles ficariam deslumbrados, visto que não a compreenderiam. Limitou-se a, de certo modo, apresentar a vida futura apenas como um princípio, como uma lei da Natureza a cuja ação ninguém pode fugir, pois todo cristão necessariamente crê na vida futura; mas, a ideia que muitos fazem dela é ainda vaga, incompleta e, por isso mesmo, falsa em diversos pontos. Para grande número de pessoas, não há, a tal respeito, mais do que uma crença, sem certeza absoluta, de onde vêm as dúvidas e mesmo a incredulidade.

Nesse ponto, como em vários outros, o Espiritismo veio completar o ensino do Cristo, fazendo-o quando os homens já se mostram maduros bastante para apreender a verdade. Com o Espiritismo, a vida futura deixa de ser simples artigo de fé, mera hipótese; torna-se uma realidade material, que os fatos demonstram, pois são testemunhas oculares os que a descrevem nas suas fases todas e em todas as suas aventuras, e de tal sorte que, além de impossibilitarem qualquer dúvida a esse propósito, permitem à mais simples inteligência a possibilidade de imaginá-la sob seu verdadeiro aspecto, como qualquer pessoa imagina um país cuja descrição detalhada leia. Ora, a descrição da vida futura é feita tão minuciosamente, são tão racionais as condições — felizes ou infelizes —, da existência dos que se encontram lá, iguais eles próprios pintam, que cada um, aqui, a seu modo, reconhece e declara a si mesmo que não pode ser de outra forma, pois, assim sendo, fica evidente a verdadeira justiça de Deus.

A REALEZA DE JESUS

4. Todos compreendem que o reino de Jesus não é deste mundo, mas, Ele não terá também na Terra uma realeza? Nem sempre o título de rei quer dizer o exercício do poder temporário. Por unânime consenso, esse título é dado a todo aquele que, pela sua sabedoria, se eleva à primeira posição numa ordem de ideias quaisquer, a todo aquele que domina, o seu século e influi sobre o progresso da Humanidade. É nesse sentido que se costuma dizer: o rei ou príncipe dos filósofos, dos artistas, dos poetas, dos escritores, etc. Essa realeza vem do mérito pessoal, consagrada pela posteridade, muitas vezes, não revela superioridade bem maior do que a que abrange a coroa real? A primeira é imperecível, enquanto esta outra é juguete das atribuições; as gerações que se sucedem à primeira sempre a bendizem, ao passo que, por vezes, amaldiçoam a outra. Esta, a terrestre, acaba com a vida; a realeza moral se prolonga e mantém o seu poder, governa, sobretudo, após a morte. Sob esse aspecto Jesus não é mais poderoso rei do que os poderosos da Terra? Então, tinha razão para dizer a Pilatos, conforme disse: *“Sou rei, mas o meu reino não é deste mundo”*.

O PONTO DE VISTA

5. A ideia clara e precisa que se faça da vida futura proporciona inabalável fé no amanhã, fé que acarreta enormes consequências sobre a moralização dos homens, porque muda completamente *o ponto de vista sob o qual eles encaram a vida terrena*. Para quem se coloca pelo pensamento na vida espiritual, que é indefinida, a vida corporal se torna simples passagem, breve estada num país ingrato. Os tormentos e tribulações dessa vida não passam de incidentes que ele suporta com paciência, por saber que são de curta duração, devendo seguir-lhes um estado mais feliz. Da morte nada mais restará de assustador; deixa de ser a porta que se abre para o nada e torna-se a que dá para a libertação, pela qual entra o exilado numa mansão de bem-aventurança e de paz. Sabendo que a sua estada no lugar onde se encontra é temporária e não definitiva, menos atenção presta às preocupações da vida, resultando-lhe daí uma calma de espírito que tira àquela muito do seu amargor.

Pelo simples fato de duvidar da vida futura, o homem dirige todos os seus pensamentos para a vida terrestre. Sem nenhuma certeza quanto ao futuro, dá tudo ao presente. Achando que não há nenhum bem mais precioso do que os da Terra, torna-se qual a criança que nada mais vê além de seus brinquedos. E não há o que não faça para conseguir os únicos bens que lhe pareçam reais. A perda do menor deles lhe ocasiona um pesar agonizante; um engano, uma decepção, uma ambição insatisfeita, uma injustiça de que seja vítima, o orgulho ou a vaidade feridos são outros tantos tormentos, que lhe transformam a existência numa inacabável angústia, *desse modo, infligindo-se a si próprio, verdadeira tortura de todos os instantes*. Considerando a vida material, colocando o ponto de vista no lugar mesmo em que ele aí se encontra, vastas proporções assume tudo o que o rodeia. O mal que o atinja, como o bem que toque aos outros, grande importância adquire aos seus olhos. Àquele que se acha no interior de uma cidade, tudo lhe parece grande: assim os homens que ocupem as altas posições, como os monumentos. Porém, se ele sobe a uma montanha, bem pequenos lhe parecerão homens e coisas. É o que se passa ao que encara a vida terrestre do ponto de vista da vida futura; a Humanidade, tanto quanto as estrelas do firmamento, perde-se na imensidade. Percebe então que grandes e pequenos estão confundidos, como formigas sobre um montículo de terra; que operários e patrões são da mesma estatura, e lamenta que essas criaturas passageiras a tantas canseiras se entreguem para conquistar um lugar que tão pouco as elevará e que por tão pouco tempo conservarão. Daí se segue que a importância dada aos bens terrenos está sempre em razão inversa da fé na vida futura.

6. Se toda a gente pensasse dessa maneira, diríamos, tudo na Terra estaria em perigo, pois ninguém mais se iria ocupar com as coisas terrenas. Não; o homem, instintivamente, procura o seu bem-estar e, embora certo de que só por pouco tempo permanecerá no lugar em que se encontra, cuida de estar aí o melhor ou o menos mal que lhe seja possível. Ninguém há que, dando com um espinho debaixo de sua mão, não a retire, para se não picar. Ora, o desejo do bem-estar força o homem a tudo melhorar, impellido que é pelo instinto do progresso e da conservação, que está nas leis da Natureza. Logo, ele trabalha por necessidade, por gosto e por dever, obedecendo, desse modo, aos desígnios da Providência que, para tal fim, o colocou

na Terra. Simplesmente, aquele que se preocupa com o futuro não liga ao presente mais do que relativa importância e facilmente se consola dos seus insucessos, pensando no destino que o aguarda.

Deus, conseqüentemente, não condena os gozos terrenos; condena, sim, o abuso desses gozos em prejuízo das coisas da alma. Contra tais abusos é que se premunem os que a si próprios aplicam estas palavras de Jesus: *Meu reino não é deste mundo*. Aquele que se identifica com a vida futura assemelha-se ao rico que perde uma pequena soma sem emoção. Aquele cujos pensamentos se concentram na vida terrestre assemelha-se ao pobre que perde tudo o que possui e se desespera.

7. O Espiritismo amplia o pensamento e lhe rasga horizontes novos. Em vez dessa visão acanhada e mesquinha que o concentra na vida atual, que faz do instante que vivemos na Terra único e frágil eixo do porvir eterno, ele, o Espiritismo, mostra que essa vida não passa de um elo no harmonioso e magnífico conjunto da obra do Criador. Mostra a solidariedade que combina todas as existências de um mesmo ser, todos os seres de um mesmo mundo e os seres de todos os mundos. Permite assim uma base e uma razão de ser à fraternidade universal, enquanto a doutrina da criação da alma por ocasião do nascimento de cada corpo torna estranhos uns aos outros todos os seres. Essa solidariedade entre as partes de um mesmo todo explica o que inexplicável se apresenta, desde que se considere apenas um ponto. No tempo do Cristo, os homens não teriam compreendido esse conjunto, e por esse motivo Jesus reservou essa revelação outros tempos.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

UMA REALEZA TERRESTRE

8. Ninguém melhor do que eu pode compreender a verdade destas palavras de Nosso Senhor: “O meu reino não é deste mundo”! O orgulho me perdeu na Terra. Quem poderia compreender o nenhum valor dos reinos da Terra, se eu o não compreendia? O que eu trouxe comigo da minha realeza terrena? Nada, absolutamente nada. E, como que para tornar mais terrível a lição, ela nem sequer me acompanhou até o túmulo! Fui rainha entre os homens e como rainha julguei que penetrasse no reino dos céus! Que desilusão! Que humilhação, quando, em vez de ser recebida aqui qual soberana, vi acima de mim, mas muito acima, homens que eu julgava insignificantes e aos quais desprezava, por não terem sangue nobre! Oh! Como então compreendi a improdutividade das honras e grandezas que com tanta avidez se valorizam na Terra!

Para se reservar um lugar neste reino são necessárias a desambição, a humildade, a caridade em toda a sua celeste prática, a benevolência para com todos. Não se pergunta o que vocês foram, nem que posição ocuparam, mas sim, que bem fizeram, quantas lágrimas enxugaram.

Oh, Jesus! Tu o disseste, teu reino não é deste mundo, porque é preciso sofrer para chegar ao céu, de onde os degraus de um trono a ninguém aproximam. A ele só conduzem as veredas mais penosas da vida. Portanto, procurem o caminho,

através das pedras e espinhos, não por entre as flores.

Os homens correm para alcançar os bens terrestres, como se pudessem guardá-los para sempre. Aqui, porém, todas as ilusões desaparecem. Eles se apercebem cedo de que apenas apanharam uma sombra e desprezaram os únicos bens reais e duradouros, os únicos que lhes aproveitam na morada celeste, os únicos que lhes podem dar acesso a esta.

Compadecem dos que não ganharam o reino dos céus; ajudem-nos com as vossas preces, pois a prece aproxima o homem do Altíssimo; é o traço de união entre o céu e a Terra: não se esqueçam disso.

Uma Rainha de França. (Havre, 1863)

Capítulo III

HÁ MUITAS MORADAS NA CASA DO MEU PAI

- DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE
- DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS
- DESTINAÇÃO DA TERRA. CAUSAS DAS MISÉRIAS TERRENAS

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

- MUNDOS INFERIORES E MUNDOS SUPERIORES
- MUNDOS DE EXPIAÇÕES E DE PROVAS
- MUNDOS REGENERADORES
- PROGRESSÃO DOS MUNDOS

1. “Não se perturbe o vosso coração; Creiam em Deus, creiam também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai; se assim não fosse, já eu o teria dito a vocês, pois eu vou para vos preparar o lugar. Depois que eu tiver ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos levarei comigo, a fim de que onde eu estiver, vocês estejam também”.

(JOÃO, 14:1-3)

DIFERENTES ESTADOS DA ALMA NA ERRATICIDADE

2. A casa do Pai é o Universo. As diferentes moradas são os mundos que circulam no espaço infinito e oferecem, aos Espíritos que encarnam neles, moradas correspondentes ao adiantamento dos mesmos Espíritos.

Independente da diversidade dos mundos, essas palavras de Jesus também podem referir-se ao estado próspero ou desgraçado do Espírito na erraticidade²². Conforme se ache este mais ou menos purificado e desprendido dos laços materiais, o meio em que ele se encontre, o aspecto das coisas, as sensações que experimente e as percepções que tenha variarão ao infinito. Enquanto uns não se podem afastar da esfera onde viveram, outros se elevam e percorrem o espaço e os mundos; enquanto alguns Espíritos culpados erram nas trevas, os bem-aventurados gozam de resplendente claridade e do espetáculo sublime do Infinito; finalmente, enquanto o mau, atormentado de remorsos e pesares, muitas vezes isolado, sem consolação, separado dos que constituíam objeto de suas afeições, pena sob o peso dos

²² **Erraticidade;** período que o Espírito passa entre uma e outra encarnação – N. E.

sofrimentos morais, o justo, em convívio com aqueles a quem ama, frui as delícias de uma felicidade indizível. Também nisso, portanto, há muitas moradas, embora não circunscritas, nem localizadas.

DIFERENTES CATEGORIAS DE MUNDOS HABITADOS

3. Do ensino dado pelos Espíritos, resulta que as condições dos mundos são muito diferentes umas das outras, quanto ao grau de adiantamento ou de inferioridade dos seus habitantes. Entre eles há mundos em que os que lá encarnam são ainda inferiores aos da Terra, física e moralmente; outros, da mesma categoria que o nosso; e outros que lhe são mais ou menos superiores a todos os respeitos. Nos orbes inferiores, a existência é toda material, reinam soberanas as paixões, sendo a vida moral quase nula. À medida que o planeta se desenvolve, diminui a influência da matéria, de tal maneira que, nos mundos mais adiantados, a vida é, por assim dizer, toda espiritual.

4. Nos mundos intermediários, o bem e o mal se misturam, predominando um ou outro, segundo o grau de adiantamento da maioria dos que os habitam. Embora não possamos fazer dos diversos mundos uma classificação absoluta, podemos dividi-los, em virtude do estado em que se acham e da destinação que trazem, tomando por base as características mais salientes, de modo geral, como segue: **mundos primitivos**, destinados às primeiras encarnações da alma humana; **mundos de expiação e provas**, onde o mal domina; **mundos de regeneração**, nos quais as almas que ainda têm o que expiar extraem novas forças, repousando das fadigas da luta; **mundos ditosos**, onde o bem supera o mal; **mundos celestes ou divinos**, habitações de Espíritos depurados, onde exclusivamente reina o bem. A Terra pertence à categoria dos mundos de expiação e provas, razão por que aí o homem vive abraçado com tantas misérias.

5. Os Espíritos que encarnam em um mundo não se acham presos a ele indefinidamente, nem atravessam nele todas as fases do progresso que lhes cumpre realizar, para atingir a perfeição. Quando em um mundo, eles alcançam o grau de adiantamento que esse mundo suporta, passam para outro mais adiantado, e assim por diante, até que cheguem ao estado de puros Espíritos. São outras tantas estações, em cada uma das quais eles se deparam com elementos de progresso apropriados ao adiantamento que já conquistaram. É uma recompensa para eles subirem a um mundo de ordem mais elevada, como é um castigo o prolongarem a sua permanência em um mundo desgraçado, ou serem banidos para outro ainda mais infeliz do que aquele a que se veem impedidos de voltar quando se persistem no mal.

DESTINAÇÃO DA TERRA. CAUSAS DAS MISÉRIAS HUMANAS

6. Muitos se admiram de que na Terra haja tanta maldade e tantas paixões grosseiras, tantas misérias e enfermidades de toda natureza, e daí concluem que a

espécie humana é uma coisa bem triste. Esse pensamento vem do acanhado ponto de vista em que se colocam os que emitem isso e que lhes dá uma falsa ideia do conjunto. Devemos considerar que a Humanidade toda não está na Terra, mas apenas uma pequena fração da Humanidade. Com efeito, a espécie humana abrange todos os seres dotados de razão que povoam os inúmeros planetas do Universo. Ora, o que é a população da Terra em comparação com a população total desses mundos? Muito menos que a de uma aldeia, em confronto com a de um grande império. A situação material e moral da Humanidade terrena não tem nada que espante, desde que se leve em conta a destinação da Terra e a natureza dos que a habitam.

7. Quem julgasse os habitantes de uma grande cidade pela população dos seus quarteirões mais insignificantes e baixos, faria uma falsíssima ideia. Num hospital, ninguém vê senão doentes e estropiados; numa penitenciária, vemos reunidas todas as maldades, todos os vícios; nas regiões impuras, a maioria dos habitantes é pálida, franzina e enferma. Pois bem: imaginemos a Terra como um subúrbio, um hospital, uma penitenciária, um sítio malsão – e ela é tudo isso ao mesmo tempo – e compreenderemos por que as aflições superam aos gozos, pois não se mandam para o hospital os que se acham com saúde, nem para as casas de correção os que nenhum mal praticaram; nem os hospitais e as casas de correção se podem ter por lugares de prazer.

Ora, assim como, numa cidade, a população não se encontra toda nos hospitais ou nas prisões, também na Terra não está a Humanidade inteira. E, do mesmo modo que do hospital saem os que se curaram e da prisão os que cumpriram suas penas, o homem deixa a Terra, quando está curado de suas enfermidades morais.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

MUNDOS INFERIORES E MUNDOS SUPERIORES

8. A qualificação de mundos inferiores e mundos superiores não tem nada de absoluto; é, antes, muito relativa. Tal mundo é inferior ou superior com referência aos que lhe estão acima ou abaixo, na escala progressiva.

Tomando a Terra por comparação, podemos fazer ideia do estado de um mundo inferior, supondo os seus habitantes na condição das raças selvagens ou das nações bárbaras que ainda entre nós se encontram, restos do estado primitivo do nosso orbe. Nos mais atrasados, os seres que os habitam são de certo modo mais rudes. Revestem a forma humana, mas sem nenhuma beleza. Seus instintos não têm a abrandá-los qualquer sentimento de delicadeza ou de benevolência, nem as noções do justo e do injusto. Entre eles, a força bruta é a única lei. Carentes de indústrias e de invenções, passam a vida na conquista de alimentos. Entretanto, Deus não abandona nenhuma de suas criaturas; no fundo das trevas, permanece da inteligência latente a vaga intuição, mais ou menos desenvolvida, de um Ser supremo. Esse instinto basta para torná-los superiores uns aos outros e para lhes preparar a promoção a uma vida mais completa, pois eles não são seres degradados, mas

crianças que estão a crescer.

Entre os degraus inferiores e os mais elevados, há inúmeros outros, e difícil é reconhecer-se nos Espíritos puros, desmaterializados e resplandecentes de glória, os que foram esses seres primitivos, do mesmo modo que no homem adulto se custa a reconhecer o embrião.

9. Nos mundos que chegaram a um grau superior, as condições da vida moral e material são muitíssimo diversas das da vida na Terra. Como por toda parte, a forma corporal aí é sempre a humana, mas embelezada, aperfeiçoada e, sobretudo, purificada. O corpo nada tem da materialidade terrestre e por isso não está sujeito às necessidades, nem às doenças ou deteriorações que a predominância da matéria provoca. Por serem mais apurados, os sentidos são aptos a sensações a que neste mundo a grosseria da matéria impede. A leveza específica do corpo permite locomoção rápida e fácil: em vez de se arrastar penosamente pelo solo, desliza, a bem dizer, pela superfície, ou plana na atmosfera, sem qualquer outro esforço além do da vontade, conforme se representam os anjos, ou como os antigos imaginavam os manes nos Campos Elíseos. Por sua vontade os homens conservam os traços de suas passadas migrações e se mostram a seus amigos tais quais estes os conheceram, porém, irradiando uma luz divina, transfigurados pelas impressões interiores, então sempre elevadas. Em lugar de semblantes descorados, abatidos pelos sofrimentos e paixões, a inteligência e a vida brilham com a claridade que os pintores têm figurado no nimbo ou auréola dos santos²³.

A pouca resistência que a matéria oferece a Espíritos já muito adiantados torna rápido o desenvolvimento dos corpos e encurta ou quase anula a infância. Isenta de cuidados e angústias, a vida é proporcionalmente muito mais longa do que na Terra. Em princípio, a longevidade guarda proporção com o grau de adiantamento dos mundos. A morte de modo algum acarreta os horrores da decomposição; longe de causar pavor, é considerada uma transformação feliz, por isso que lá não existe a dúvida sobre o porvir. Durante a vida, a alma, já não tendo a restringi-la a matéria compacta, expande-se e goza de uma lucidez que a coloca em estado quase permanente de emancipação e lhe consente a livre transmissão do pensamento.

10. Nesses mundos venturosos, as relações, sempre amistosas entre os povos, jamais são perturbadas pela ambição, da parte de qualquer deles, de escravizar o seu vizinho, nem pela guerra que daí decorre. Não há senhores, nem escravos, nem privilegiados pelo nascimento; só a superioridade moral e intelectual estabelece diferença entre as condições e dá a supremacia. A autoridade merece o respeito de todos, porque somente ao mérito é conferida e se exerce sempre com justiça. *O homem não procura elevar-se acima do homem, mas acima de si mesmo, aperfeiçoando-se.* Seu objetivo é escalar a categoria dos Espíritos puros e esse desejo não é um tormento para ele, porém, uma ambição nobre, que o induz a estudar com ardor para igualá-los. Lá, todos os sentimentos delicados e elevados da natureza humana se acham engrandecidos e purificados; desconhecem-se os ódios,

²³ **Auréola:** círculo dourado que os pintores costumam colocar sobre a cabeça dos anjos e santos, como sinal de santidade; espécie de coroa gloriosa – N. E.

os ciúmes mesquinhos, as baixas cobiças da inveja; um laço de amor e fraternidade prende uns aos outros todos os homens, ajudando os mais fortes aos mais fracos. Possuem bens, em maior ou menor quantidade, conforme os tenham adquirido, mais ou menos por meio da inteligência; ninguém, todavia, sofre, por lhe faltar o necessário, uma vez que ninguém se acha em expiação. Numa palavra: o mal, nesses mundos, não existe.

11. No vosso, precisam do mal para sentirem o bem; da noite, para admirarem a luz; da doença, para apreciarem a saúde. Naqueles outros não há necessidade desses contrastes. A eterna luz, a eterna beleza e a eterna serenidade da alma proporcionam uma alegria eterna, livre de ser perturbada pelas angústias da vida material, ou pelo contato dos maus, que lá não têm acesso. Isso o que o espírito humano maior dificuldade encontra para compreender. Ele foi bastante engenhoso para pintar os tormentos do inferno, mas nunca pôde imaginar as alegrias do céu. Por quê? Porque, sendo inferior, só há experimentado dores e misérias, jamais entreviu as claridades celestes; não pode, pois, falar do que não conhece. No entanto, à medida que se eleva e se purifica, o horizonte se abre e ele compreende o bem que está diante de si, como compreendeu o mal que lhe está atrás.

12. Entretanto, os mundos felizes não são orbes privilegiados, visto que Deus não é parcial para qualquer de seus filhos; a todos dá os mesmos direitos e as mesmas capacidades para chegarem a tais mundos. Todos partem do mesmo ponto e a nenhum deles, Ele beneficia melhor do que aos outros; a todos são acessíveis as mais altas categorias: apenas lhes cumpre a eles conquistá-las pelo seu trabalho, alcançá-las mais depressa, ou permanecer inativos por séculos de séculos no lodaçal da Humanidade.

Resumo do ensino de todos os Espíritos superiores

MUNDOS DE EXPIAÇÕES E DE PROVAS

13. Que vos direi dos mundos de expiações que vocês já não saibam, pois basta observarem o em que habitam? A superioridade da inteligência, em grande número dos seus habitantes, indica que a Terra não é um mundo primitivo, destinado à encarnação dos Espíritos que acabaram de sair das mãos do Criador. As qualidades inatas que eles trazem consigo é a prova de que já viveram e realizaram certo progresso. Mas, também, os numerosos vícios a que se mostram propensos constituem o índice de grande imperfeição moral. Por isso Deus os colocou num mundo ingrato, para expiarem aí suas faltas, mediante penoso trabalho e misérias da vida, até que tenham merecido subir a um planeta mais ditoso.

14. Entretanto, nem todos os Espíritos que encarnam na Terra vão para aí em expiação. As raças a que chamais selvagens são formadas de Espíritos que apenas saíram da infância e que na Terra se acham, por assim dizer, em curso de educação, para se desenvolverem pelo contato com Espíritos mais adiantados. Vêm depois as raças semi civilizadas, constituídas desses mesmos Espíritos em via de progresso.

De certo modo elas são raças indígenas da Terra, que aí se elevaram pouco a pouco em longos períodos de séculos, algumas das quais tem podido chegar ao aperfeiçoamento intelectual dos povos mais esclarecidos.

Os Espíritos em expiação – se podemos exprimir dessa forma – são exóticos, na Terra; já viveram noutros mundos, donde foram excluídos em consequência da sua rebeldia no mal e por se haverem constituído causa de perturbação para os bons em tais mundos. Tiveram de ser banidos para o meio de Espíritos mais atrasados por algum tempo, com a missão de fazer que estes últimos avançassem, pois que levam consigo inteligências desenvolvidas e o gérmen dos conhecimentos que adquiriram. Daí vem que os Espíritos em punição se encontram no seio das raças mais inteligentes. Por isso mesmo, para essas raças é que de mais amargor se revestem os infortúnios da vida. É que há nelas mais sensibilidade, sendo, portanto, mais provadas pelas contrariedades e desgostos do que as raças primitivas, cujo senso moral se acha mais embotado.

15. Como consequência, a Terra oferece um dos tipos de mundos expiatórios, cuja variedade é infinita, mas revelando todos, como carácter comum, o servirem de lugar de exílio para Espíritos rebeldes à lei de Deus. Esses Espíritos têm aí de lutar, ao mesmo tempo, com a perversidade dos homens e com a inclemência da Natureza, duplo e árduo trabalho que simultaneamente desenvolve as qualidades do coração e as da inteligência. É assim que Deus, em sua bondade, faz que o próprio castigo resulte em proveito do progresso do Espírito.

Santo Agostinho (Paris, 1862)

MUNDOS REGENERADORES

16. Entre as estrelas que cintilam na abóbada azul do firmamento, quantos mundos não haverá como o vosso, destinados pelo Senhor à expiação e à provação! Mas, também há os mais miseráveis e melhores, como há os de transição, que se podem denominar de regeneradores. Cada turbilhão planetário, a deslocar-se no espaço em torno de um centro comum, arrasta consigo seus mundos primitivos, de exílio, de provas, de regeneração e de felicidade. Já vos foi falado de mundos onde a alma recém-nascida é colocada dona de si mesma, na posse do livre-arbítrio quando ainda ignorante do bem e do mal, mas com a possibilidade de caminhar para Deus. Já também vos foi revelado de que amplas capacidades é dotada a alma para praticar o bem. Ah! Mas há as que caem, e Deus, que não as quer destruídas, lhes permite irem para esses mundos onde, de encarnação em encarnação, elas se depuram, regeneram e voltam dignas da glória que lhes fora destinada.

17. Os mundos regeneradores servem de transição entre os mundos de expiação e os mundos felizes. A alma penitente encontra neles a calma e o repouso e acaba por purificar-se. Sem dúvida, em tais mundos o homem ainda se acha sujeito às leis que regem a matéria; a Humanidade experimenta as vossas sensações e desejos, mas liberta das paixões desordenadas de que são escravos, isenta do orgulho que impõe silêncio ao coração, da inveja que a tortura, do ódio que a sufoca. Em todas as partes

se vê a palavra amor escrita; perfeita igualdade preside às relações sociais, todos reconhecem Deus e tentam caminhar para Ele, cumprindo-lhe as leis.

Todavia, nesses mundos ainda não existe a felicidade perfeita, mas o começo da felicidade. O homem lá é ainda de carne e, por isso, sujeito às vicissitudes de que só se acham libertos os seres completamente desmaterializados. Ainda tem de suportar provas, porém, sem as dolorosas angústias da expiação. Comparados à Terra, esses mundos são bastante ditosos e muitos dentre vós se alegrariam de habitá-los, pois que eles representam a calma após a tempestade, a restauração após a moléstia cruel. Contudo, menos absorvido pelas coisas materiais, o homem se aproxima do futuro melhor do que vós; compreende a existência de outros prazeres prometidos pelo Senhor aos que deles se mostrem dignos, quando a morte lhes houver de novo matado os corpos, a fim de lhes conceder a verdadeira vida. Então a alma liberta se erguerá acima de todos os horizontes. Não mais haverá sentidos materiais e grosseiros; somente os sentidos de um perispírito puro e celeste, a aspirar as emanações do próprio Deus, nos aromas de amor e de caridade que do seu seio emanam.

18. Ah! Mas nesses mundos, ainda o homem é falível e o Espírito do mal não tem perdido completamente o seu império. Não avançar é recuar, e, se o homem não se houver firmado bastante na senda do bem, pode recair nos mundos de expiação, onde, então, novas e mais terríveis provas o aguardam.

Então, contemplem à noite, à hora do repouso e da prece, a abóbada azulada e, das inúmeras esferas que brilham sobre as vossas cabeças, indaguem de vós mesmos quais as que conduzem a Deus e pedi-lhe que um mundo regenerador vos abra seu seio, após a expiação na Terra.

Santo Agostinho (Paris, 1862)

PROGRESSÃO DOS MUNDOS

19. O progresso é lei da Natureza. A essa lei todos os seres da Criação, animados e inanimados, foram submetidos pela bondade de Deus, que quer que tudo se engrandeça e prospere. A própria destruição, que aos homens parece o final de todas as coisas, é apenas um meio de se chegar a um estado mais perfeito pela transformação, visto que tudo morre para renascer e nada sofre o aniquilamento.

Ao mesmo tempo em que todos os seres vivos progridem moralmente, os mundos em que eles habitam progridem materialmente. Quem pudesse acompanhar um mundo em suas diferentes fases, desde o instante em que se aglomeraram os primeiros átomos destinados e constituí-lo, veria esse mundo percorrer uma escala progressiva sem cessar, mas de degraus imperceptíveis para cada geração, e a oferecer aos seus habitantes uma morada cada vez mais agradável, à medida que eles próprios avançam na senda do progresso. Marcham assim, paralelamente, o progresso do homem, o dos animais, seus auxiliares, o dos vegetais e o da habitação, pois nada em a Natureza permanece estacionário. Como é grandiosa essa ideia e digna da majestade do Criador! Quanto, ao contrário, é mesquinha e indigna do seu poder a que concentra a sua solícitude e a sua providência no imperceptível grão de

areia, que é a Terra, e restringe a Humanidade aos poucos homens que a habitam! Segundo aquela lei, este mundo esteve material e moralmente num estado inferior ao em que hoje se acha e se alçará sob esse duplo aspecto a um grau mais elevado. Ele chegou a um dos seus períodos de transformação, em que, de orbe expiatório, mudará para planeta de regeneração, onde os homens serão ditosos, porque nele a lei de Deus imperará.

Santo Agostinho (Paris, 1862)

Capítulo IV

NINGUÉM PODERÁ VER O REINO DE DEUS SE NÃO NASCER DE NOVO

- RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO
- A REENCARNAÇÃO FORTALECE OS LAÇOS DE FAMÍLIA, AO PASSO QUE A UNICIDADE DA EXISTÊNCIA OS ROMPE

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

- LIMITES DA ENCARNAÇÃO
- NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

1. Jesus, tendo vindo aos arredores da cidade Cesareia de Filipe, interrogou assim seus discípulos: **“O que os homens dizem com relação ao Filho do Homem? Quem eles dizem que eu sou?”** – Eles lhe responderam: “Dizem uns que és João Batista; outros, que és Elias; outros, Jeremias, ou algum dos profetas.” – Perguntou-lhes Jesus: **“E vocês, dizem que eu sou quem?”** – Simão Pedro, tomando a palavra, respondeu: **“Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo:”** – Replicou-lhe Jesus: **“Bem-aventurado és tu, Simão, filho de Jonas, porque não foram a carne nem o sangue que isso te revelaram, mas meu Pai, que está nos céus”.**

(MATEUS, 16:13-17; MARCOS, 8:27-30)

2. Nesse ínterim, Herodes – o Governador – ouvira falar de tudo o que Jesus fazia e seu espírito se achava em perturbação; porque uns diziam que João Batista ressuscitara dentre os mortos; outros que aparecera Elias; e outros que um dos antigos profetas ressuscitara; Disse então Herodes: **“Mandei cortar a cabeça a João Batista; quem é então esse de quem ouço dizer tão grandes coisas?”** E ardia por ver Jesus.

(MARCOS, 6:14-16; LUCAS, 9:7-9)

3. (Após a transfiguração) Seus discípulos então interrogaram Jesus desta forma: **“Por que os escribas dizem ser preciso que Elias deve voltar?”** – Jesus lhes respondeu: **“É verdade que Elias há de vir e restabelecer todas as coisas: mas, eu vos declaro que Elias já veio e eles não o conheceram e o trataram como lhes agradaram. É assim que farão o Filho do Homem sofrer.”** – Então, seus discípulos compreenderam que era de João Batista que Ele falara.

(MATEUS, 17:10-13; MARCOS, 9:11-13)

RESSURREIÇÃO E REENCARNAÇÃO

4. A reencarnação fazia parte dos dogmas dos judeus, sob o nome de *ressurreição*. Só os saduceus, cuja crença era a de que tudo acaba com a morte, não acreditavam nisso. As ideias dos judeus sobre esse ponto, como sobre muitos outros, não eram claramente definidas, porque apenas tinham vagas e incompletas noções acerca da alma e da sua ligação com o corpo. Eles acreditavam que um homem que vivera podia reviver, sem saberem precisamente de que maneira o fato poderia dar-se. Designavam pelo termo *ressurreição* o que o Espiritismo chama *reencarnação*, com mais sensatez. Com efeito, a *ressurreição* dá ideia de voltar à vida o corpo que já está morto, o que a Ciência demonstra ser materialmente impossível, sobretudo quando os elementos desse corpo já se acham desde muito tempo espalhados e absorvidos. A *reencarnação* é a volta da alma ou Espírito à vida corpórea, mas em outro corpo especialmente formado para ele e que nada tem de comum com o antigo. A palavra *ressurreição* podia assim aplicar-se a Lázaro, mas não a Elias, nem aos outros profetas. Se, portanto, segundo a crença deles, João Batista era Elias, o corpo de João não podia ser o de Elias, pois que João fora visto criança e seus pais eram conhecidos. João, pois, podia ser Elias *reencarnado*, porém, não *ressuscitado*.

5. Ora, entre os fariseus, havia um homem chamado Nicodemos, senador dos judeus, que veio à noite ter com Jesus e lhe disse: “Mestre, sabemos que vieste da parte de Deus para nos instruir como um doutor, pois ninguém poderia fazer os milagres que fazes, se Deus não estivesse com ele.” Jesus lhe respondeu: **“Em verdade te digo: Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”**.

Disse-lhe Nicodemos: “Como pode nascer um homem já velho? Pode tornar a entrar no ventre de sua mãe, para nascer segunda vez?” Retrucou-lhe Jesus: **“Em verdade te digo: Se um homem não renasce da água e do Espírito, não pode entrar no reino de Deus. O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito. Não te admires de que eu te tenha dito ser preciso que nasças de novo. O Espírito sopra onde quer e ouves a sua voz mas não sabes donde vem ele, nem para onde vai; o mesmo se dá com todo homem que é nascido do Espírito.”**

Respondeu-lhe Nicodemos: “Como isso pode acontecer?” – Jesus lhe observou: **“Pois quê! Tu és mestre em Israel e ignoras estas coisas? Digo-te em verdade, que não dizemos senão o que sabemos e que não damos testemunho, senão do que temos visto. Entretanto, não aceitas o nosso testemunho. Mas, se vocês não creem em mim quando vos falo das coisas da Terra, como me acreditarão, quando vos fale das coisas do céu?”**

(JÃO, 3:1-12)

6. A ideia de que João Batista era Elias e de que os profetas podiam reviver na Terra se nos depara em muitas passagens dos Evangelhos, notadamente nas acima reproduzidas (nº 1, 2, 3). Se essa crença fosse errada, Jesus não houvera deixado de combatê-la, como combateu tantas outras. Longe disso, ele a aprova com toda a sua autoridade e a põe por princípio e como condição necessária, quando diz: “Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”. E insiste, acrescentando: *“Não te admires de que eu te tenha dito ser preciso nasças de novo”*.

7. Estas palavras: *Se um homem não renasce da água e do Espírito* foram interpretadas no sentido da regeneração pela água do batismo. O texto primitivo, porém, rezava simplesmente: *não renasce da água e do Espírito*, ao passo que

nalgumas traduções as palavras – *do Espírito* – foram substituídas pelas seguintes: *do Santo Espírito*, o que já não corresponde ao mesmo pensamento. Esse ponto capital ressalta dos primeiros comentários a que os Evangelhos deram lugar, como se comprovará um dia, sem equívoco possível²⁴.

8. Para se apanhar o verdadeiro sentido dessas palavras, cumpre também se atente na significação do termo *água* que ali não foi usado no sentido que lhe é próprio.

Os conhecimentos dos antigos sobre as ciências físicas eram muito imperfeitos. Eles acreditavam que a Terra saíra das águas e, por isso, consideravam a água como elemento gerador absoluto. Assim é que na **GÊNESE** se lê: “O Espírito de Deus era levado sobre as águas; flutuava sobre as águas; – Que o firmamento seja feito no meio das águas; – Que as águas que estão debaixo do céu se reúnam em um só lugar e que apareça o elemento árido; – Que as águas *produzam* animais vivos que nadem na água e pássaros que voem sobre a terra e sob o firmamento.”

Segundo essa crença, a água se tornara o símbolo da natureza material, como o Espírito era o da natureza inteligente. Estas palavras: “Se o homem não renasce da água e do Espírito, ou em água e em Espírito”, significam pois: “Se o homem não renasce com seu corpo e sua alma.” É nesse sentido que a princípio as compreenderam.

Tal interpretação se justifica, aliás, por estas outras palavras: *O que é nascido da carne é carne e o que é nascido do Espírito é Espírito*. Jesus estabelece aí uma distinção positiva entre o Espírito e o corpo. *O que é nascido da carne é carne* indica claramente que *só* o corpo procede do corpo e que o Espírito não depende deste.

9. *O Espírito sopra onde quer; ouves-lhe a voz, mas não sabes nem donde ele vem, nem para onde vai*: pode-se entender que se trata do *Espírito de Deus*, que dá vida a quem Ele quer, ou *da alma do homem*. Nesta última acepção – “*não sabes donde ele vem, nem para onde vai*” – significa que ninguém sabe o que foi, nem o que será o Espírito. Se o Espírito, ou alma, fosse criado ao mesmo tempo em que o corpo, saberíamos donde ele veio, pois que se lhe conheceria o começo. Como quer que seja, essa passagem consagra o princípio da preexistência da alma e, por conseguinte, o da pluralidade das existências.

10. “Ora, desde o tempo de João Batista até o presente, o reino dos céus é tomado pela violência e são os violentos que o arrebatam; – pois que assim profetizaram todos os profetas até João, e também a lei. Se quiserdes compreender o que vos digo, ele mesmo é o Elias que há de vir. Ouça-o aquele que tiver ouvidos de ouvir”.

(MATEUS, 11:12-15.)

²⁴ A tradução de Osterwald está conforme o texto primitivo. Diz: “**Não renasce da água e do Espírito**”; a de Sacy diz: **do Santo Espírito**; a de Lamennais: **do Espírito Santo**. À nota de Allan Kardec, podemos hoje acrescentar que as modernas traduções já restituíram o texto primitivo, pois que só imprimem “Espírito” e não Espírito **Santo**. Examinamos a tradução brasileira, a inglesa, a em Esperanto, a de Ferreira de Almeida, e em todas elas está somente “Espírito”. Além dessas modernas, encontramos a confirmação numa latina de Theodoro de Beza, de 1642, que diz: “...**genitus ex aqua et Spiritu...**” “...**et quod genitum est ex Spiritu, spiritus est.**” É fora de dúvida que a palavra “Santo” foi interpolada, como diz Kardec. – A Editora da FEB, 1947.

11. Se o princípio da reencarnação, conforme se acha expresso em **JOÃO**, podia ser interpretado, a rigor, em sentido puramente místico, o mesmo já não acontece com esta passagem de **MATEUS**, que não permite equívoco: “*ELE MESMO é o Elias que há de vir*”. Não há aí figura, nem alegoria: é uma afirmação positiva. – “*Desde o tempo de João Batista até o presente o reino dos céus é tomado pela violência*”. Que significam essas palavras, uma vez que João Batista ainda vivia naquele momento? Jesus as explica, dizendo: “*Se quiserdes compreender o que digo, ele mesmo é o Elias que há de vir*”. Ora, sendo João o próprio Elias, Jesus menciona à época em que João vivia com o nome de Elias. “*Até ao presente o reino dos céus é tomado pela violência*”: outra referência à violência da lei mosaica, que ordenava o extermínio dos infiéis, para que os demais ganhassem a Terra Prometida, Paraíso dos hebreus, ao passo que, segundo a nova lei, o céu se ganha pela caridade e pela brandura.

E acrescentou: *Ouçã aquele que tiver ouvidos de ouvir*. Essas palavras, que Jesus tanto repetiu, claramente dizem que nem todos estavam em condições de compreender certas verdades.

12. Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada viverão de novo; aqueles que estavam mortos em meio a mim ressuscitarão. Despertem do vosso sono e entoem louvores a Deus, vós que habitais no pó; porque o orvalho que cai sobre vós é um orvalho de luz e porque arruinarão a Terra e o reino dos gigantes.

(ISAÍAS, 26:19.)

13. É também muito explícita esta passagem de Isaías: “Aqueles do vosso povo a quem a morte foi dada *viverão de novo*.” Se o profeta quis falar da vida espiritual, se houvera pretendido dizer que aqueles que tinham sido executados não estavam mortos em Espírito, teria dito: *ainda vivem*, e não: *viverão de novo*. No sentido espiritual, essas palavras seriam um contrassenso, pois que implicariam uma interrupção na vida da alma. No sentido de *regeneração moral*, seriam a negação das penas eternas, pois que estabelecem, em princípio, que *todos os que estão mortos reviverão*.

14. Mas, quando o homem tiver morrido uma vez, quando seu corpo, separado de seu espírito, foi consumido, que é feito dele? – Tendo morrido uma vez, poderia o homem reviver de novo? Nesta guerra em que me acho todos os dias da minha vida, espero que chegue a minha mutação.

(JÓ, 14:10,14)

[Tradução de Le Maistre de Sacy]

Quando o homem morre, perde toda a sua força, expira. Depois, onde está ele? – Se o homem morre, viverá de novo? Esperarei todos os dias de meu combate, até que venha alguma mutação.

[Tradução protestante de Osterwald]

Quando o homem está morto, vive sempre; acabando os dias da minha existência terrestre, esperarei, pois a ela voltarei de novo.

[Versão da Igreja grega]

15. Nessas três versões, o princípio da pluralidade das existências se acha claramente expresso. Ninguém poderá supor que Jó quis falar da regeneração pela água do batismo, que ele decerto não conhecia. “Tendo o homem morrido *uma vez*, poderia *reviver de novo?*” A ideia de morrer uma vez, e de reviver implica a de morrer e reviver muitas vezes. A versão da Igreja grega ainda é mais explícita, se é que isso é possível: “Acabando os dias da minha *existência terrena*, esperarei, pois *a ela voltarei*”, ou, voltarei à existência terrestre. Isso é tão claro, como se alguém dissesse: “Saio de minha casa, mas a ela tornarei”. “Nesta guerra em que me encontro todos os dias de minha vida, *espero* que se dê a minha mutação.” Jó, evidentemente, pretendeu referir-se à luta que sustentava contra as misérias da vida. Espera a sua mutação, isto é, resigna-se. Na versão grega, *esperarei* parece aplicar-se, preferentemente, a uma nova existência: “Quando a minha existência estiver acabada, *esperarei*, pois a ela voltarei.” Jó como que se coloca, após a morte, no intervalo que separa uma existência de outra e diz que lá aguardará o momento de voltar.

16. Não há mais como duvidar de que, sob o nome de ressurreição, o princípio da reencarnação era ponto de uma das crenças fundamentais dos judeus, ponto que Jesus e os profetas confirmaram de modo formal; donde se segue que negar a reencarnação é negar as palavras do Cristo. Um dia, porém, suas palavras, quando forem meditadas sem ideias preconcebidas, serão reconhecidas e autorizadas quanto a esse ponto, bem como em relação a muitos outros.

17. A essa autoridade, do ponto de vista religioso, se acrescenta, do ponto de vista filosófico, a das provas que resultam da observação dos fatos. Quando se trata de remontar dos efeitos às causas, a reencarnação surge como de necessidade absoluta, como condição essencial à Humanidade; numa palavra: como lei da Natureza. Pelos seus resultados, ela se evidencia, de modo, por assim dizer, material, da mesma forma que o motor oculto se revela pelo movimento. Só ela pode dizer ao homem *donde ele vem, para onde vai, por que está na Terra*, e justificar todas as irregularidades e todas as aparentes injustiças que a vida apresenta²⁵.

Sem o princípio da preexistência da alma e da pluralidade das existências, as máximas do Evangelho são incompreensíveis, em sua maioria, razão por que tem dado lugar a interpretações tão contraditórias. Está nesse princípio a chave que lhes restituirá o sentido verdadeiro.

A REENCARNAÇÃO FORTALECE OS LAÇOS DE FAMÍLIA, AO PASSO QUE A UNICIDADE DA EXISTÊNCIA OS ROMPE

18. Os laços de família não sofrem destruição alguma com a reencarnação, como o pensam certas pessoas. Ao contrário, tornam-se mais fortalecidos e apertados. O princípio oposto, sim, os destrói.

²⁵ Para os desenvolvimentos do dogma da reencarnação, consultar **O LIVRO DOS ESPÍRITOS**, caps. IV e V; **O QUE É O ESPIRITISMO**, cap. II, por Allan Kardec; **PLURALIDADE DAS EXISTÊNCIAS**, por Pezzani.

No espaço, os Espíritos formam grupos ou famílias entrelaçados pela afeição, pela simpatia e pela semelhança das inclinações. Felizes por se encontrarem juntos, esses Espíritos se buscam uns aos outros. A encarnação apenas momentaneamente os separa, pois, ao regressarem à erraticidade, novamente se reúnem como amigos que voltam de uma viagem. Muitas vezes, até, uns seguem a outros na encarnação, vindo aqui reunir-se numa mesma família, ou num mesmo círculo, a fim de trabalharem juntos pelo seu mútuo adiantamento. Se uns encarnam e outros não, nem por isso deixam de estar unidos pelo pensamento. Os que se conservam livres velam pelos que se acham em cativeiro. Os mais adiantados se esforçam por fazer que os atrasados progridam. Após cada existência, todos têm avançado um passo na senda do aperfeiçoamento.

Estando cada vez menos presos à matéria, a afeição recíproca se torna mais viva, pela razão mesma de que, mais depurada, não tem a perturbá-la o egoísmo, nem as sombras das paixões. Portanto, assim podem percorrer ilimitado número de existências corpóreas, sem que nenhum golpe receba a mútua estima que os liga.

Está bem visto que aqui se trata de afeição real, de alma a alma, única que sobrevive à destruição do corpo, pois os seres que neste mundo se unem apenas pelos sentidos nenhum motivo têm para se procurarem no mundo dos Espíritos. Duráveis somente são as afeições espirituais; as de natureza carnal se acabam com a causa que lhes deu origem. Ora, semelhante causa não sobrevive no mundo dos Espíritos, enquanto a alma existe sempre. No que se refere às pessoas que se unem exclusivamente por motivo de interesse, essas nada realmente são umas para as outras: a morte as separa na Terra e no céu.

19. A união e a afeição que existem entre pessoas parentes são um índice da simpatia anterior que as aproximou. Daí vem que, falando-se de alguém cujo caráter, gostos e pendores nenhuma semelhança apresentam com os dos seus parentes mais próximos, se costuma dizer que ela não é da família. Dizendo-se isso, enuncia-se uma verdade mais profunda do que se supõe. Deus permite que, nas famílias, ocorram essas encarnações de Espíritos antipáticos ou estranhos, com o duplo objetivo de servir de prova para uns e, para outros, de meio de progresso. Assim, os maus se melhoram pouco a pouco, ao contato dos bons e por efeito dos cuidados que se lhes dispensam. O caráter deles se abranda, seus costumes se apuram, as antipatias se acabam. É desse modo que se opera a fusão das diferentes categorias de Espíritos, como se dá na Terra com as raças e os povos.

20. O temor de que a parentela aumente indefinidamente, em consequência da reencarnação, é de fundo egoístico: prova, naquele que o sente, falta de amor bastante amplo para abranger grande número de pessoas. Um pai, que tem muitos filhos, ama-os menos do que amaria a um deles, se fosse único? Mas, tranquilizem-se os egoístas: não há fundamento para semelhante temor. Do fato de um homem ter tido dez encarnações, não se segue que vá encontrar, no mundo dos Espíritos, dez pais, dez mães, dez mulheres e um número proporcional de filhos e de parentes novos. Lá encontrará sempre os que foram objeto da sua afeição, os quais se lhe terão ligado na Terra, a títulos diversos, e, talvez, sob o mesmo título.

21. Vejamos agora as consequências da doutrina antirreencarnacionista. Ela, necessariamente, anula a preexistência da alma. Sendo estas criadas ao mesmo tempo em que os corpos, nenhum laço anterior há entre elas, que, nesse caso, serão completamente estranhas umas às outras. O pai é estranho a seu filho. A filiação das famílias fica assim reduzida à só filiação corporal, sem qualquer laço espiritual. Não há então motivo algum para quem quer que seja glorificar-se de haver tido por antepassados tais ou tais personagens ilustres. Com a reencarnação, ascendentes e descendentes podem já se terem conhecido, vivido juntos, amado, e podem reunir-se mais tarde, a fim de apertarem entre si os laços de simpatia.

22. Isso quanto ao passado. Quanto ao futuro, segundo um dos dogmas fundamentais que decorrem da não reencarnação, a sorte das almas se acha irrevogavelmente determinada, após uma só existência. A fixação definitiva da sorte resulta na interrupção de todo progresso, pois desde que haja qualquer progresso já não há sorte definitiva. Conforme tenham vivido bem ou mal, elas vão imediatamente para a mansão dos bem-aventurados, ou para o inferno eterno. *Ficam assim, imediatamente e para sempre, separadas e sem esperança de tornarem a juntar-se*, de forma que pais, mães e filhos, maridos e mulheres, irmãos, irmãs e amigos jamais podem estar certos de se verem novamente; é a ruptura absoluta dos laços de família.

Com a reencarnação e progresso a que dá lugar, todos os que se amaram tornam a encontrar-se na Terra e no espaço e juntos gravitam para Deus. Se alguns fraquejam no caminho, esses retardam o seu adiantamento e a sua felicidade, mas não há para eles perda de toda esperança. Ajudados, encorajados e amparados pelos que os amam, um dia sairão do lodaçal em que se enterraram. Com a reencarnação, finalmente, há perpétua solidariedade entre os encarnados e os desencarnados, e, daí, estreitamento dos laços de afeição.

23. Em resumo, quatro alternativas se apresentam ao homem, para o seu futuro de além-túmulo: 1ª, o nada, de acordo com a doutrina materialista; 2ª, a união ao todo universal, de acordo com a doutrina panteísta; 3ª, a individualidade, com fixação definitiva da sorte, segundo a doutrina da Igreja; 4ª, a individualidade, com progressão indefinita, conforme a Doutrina Espírita. Segundo as duas primeiras, os laços de família se rompem por ocasião da morte e nenhuma esperança resta às almas de se encontrarem futuramente. Com a terceira, há para elas a possibilidade de se tornarem a ver, desde que sigam para a mesma região, que tanto pode ser o inferno como o paraíso. Com a pluralidade das existências, inseparável da progressão gradativa, há a certeza na continuidade das relações entre os que se amaram, e é isso o que constitui a verdadeira família.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

LIMITES DA ENCARNAÇÃO

24. *Quais os limites da encarnação?* A bem dizer, a encarnação não tem limites precisamente traçados, se observarmos apenas o envoltório que forma o corpo do

Espírito, dado que a materialidade desse envoltório diminui à proporção que o Espírito se purifica. Em certos mundos mais adiantados do que a Terra, ele já é menos compacto, menos pesado e menos grosseiro e, por isso, menos sujeito a tropeços. Em grau mais elevado, é transparente e quase fluídico. Vai desmaterializando-se de grau em grau e acaba por se confundir com o perispírito. Conforme o mundo em que é levado a viver, o Espírito reveste o invólucro apropriado à natureza desse mundo.

O próprio perispírito passa por seguidas transformações. Torna-se cada vez mais etéreo²⁶, até a purificação completa – que é a condição dos puros Espíritos. Os mundos especiais são destinados a Espíritos de grande adiantamento mas estes habitantes não ficam presos a seus mundos, como nos mundos inferiores. O estado de desprendimento em que se encontram lhes permite ir a toda parte onde são chamados a missões que lhes estejam confiadas.

Considerando o ponto de vista material, poderemos dizer que a encarnação – tal como se verifica na Terra (de forma grosseira e dolorosa) – se limita aos mundos inferiores. Portanto, depende do Espírito libertar-se dela mais ou menos rapidamente, trabalhando pela sua purificação.

Devemos também considerar que no estado de desencarnado, isto é, no intervalo das existências corporais (a erraticidade), a situação do Espírito guarda relação com a natureza do mundo a que o liga o grau do seu adiantamento. Assim, na erraticidade, é ele mais ou menos feliz, livre e esclarecido, conforme está mais ou menos desmaterializado.

S. Luís (Paris, 1859)

NECESSIDADE DA ENCARNAÇÃO

25. *A reencarnação é um castigo e somente os Espíritos culpados estão sujeitos a sofrê-la?*

A passagem dos Espíritos pela vida corporal é necessária para que eles possam cumprir – por meio de uma ação material – os objetivos que Deus lhes confiou. É necessária, para o bem dos homens, visto que a atividade que são obrigados a exercer auxilia o desenvolvimento da sua inteligência. Sendo soberanamente justo, Deus tem de distribuir tudo igualmente por todos os seus filhos; assim é que estabeleceu o mesmo ponto de partida para todos, a mesma aptidão, *as mesmas obrigações a cumprir e a mesma liberdade de proceder*. Qualquer privilégio seria uma preferência, uma injustiça. Mas, a encarnação, para todos os Espíritos, é apenas um estado transitório. É uma tarefa que Deus lhes impõe, quando iniciam a vida, como primeira experiência do uso que farão do livre-arbítrio. Os que desempenham com zelo essa tarefa transpõem rapidamente e menos penosamente os primeiros graus da iniciação e mais cedo gozam do fruto de seus labores. Os que, ao contrário, usam mal da liberdade que Deus lhes permite que retardem a sua marcha e, tal seja a teimosia que demonstrem, podem prolongar indefinidamente a necessidade da reencarnação e é quando se torna um castigo.

S. Luís (Paris, 1859)

²⁶ **Etéreo:** de **éter**, que é de natureza pura, espiritual, divina – N. E.

26. Nota -- Uma comparação simples fará que se compreenda melhor essa diferença: o aluno primário não chega aos estudos superiores da Ciência, senão depois de haver percorrido a série das classes que o conduzirão até lá. Essas classes, qualquer que seja o trabalho que exijam, são um meio de o estudante alcançar o fim e não um castigo que se lhe inflige. Se ele é esforçado, abrevia o caminho, no qual, então, encontra menos espinhos. Não é o mesmo que acontece àquele a quem a negligência e a preguiça obrigam a repetir certas classes. Não é o trabalho da classe que constitui a punição; esta se acha na obrigação de recomeçar o mesmo trabalho. Assim acontece com o homem na Terra. Para o Espírito do selvagem, que está apenas no início da vida espiritual, a encarnação é um meio de ele desenvolver a sua inteligência; contudo, para o homem esclarecido, em quem o senso moral se acha largamente desenvolvido e que é obrigado a percorrer de novo as etapas de uma vida corpórea cheia de angústias, quando já poderia ter chegado ao fim, é um castigo, pela necessidade em que se vê de prolongar sua permanência em mundos inferiores e desgraçados. Ao contrário, aquele que trabalha ativamente pelo seu progresso moral, além de abreviar o tempo da encarnação material, pode também transpor de uma só vez os degraus intermédios que o separam dos mundos superiores.

Os Espíritos não poderiam encarnar uma única vez em determinado globo e preencher em esferas diferentes suas diferentes existências? Semelhante modo de ver só seria admissível se, na Terra, todos os homens estivessem exatamente no mesmo nível intelectual e moral. As diferenças que há entre eles, desde o selvagem ao homem civilizado, mostram quais os degraus que têm de subir. A encarnação, aliás, precisa ter um fim útil. Ora, qual seria o motivo das encarnações passageiras das crianças que morrem com pouca idade? Teriam sofrido sem proveito para si, nem para outros. Deus não faz nada inútil, pois suas leis todas são soberanamente sábias. Pela reencarnação no mesmo globo, Ele quis que os mesmos Espíritos, pondo-se novamente em contato, tivessem oportunidade de reparar seus danos recíprocos. Além disso, por meio das suas relações anteriores, Deus quis estabelecer sobre base espiritual os laços de família e apoiar numa lei natural os princípios da solidariedade, da fraternidade e da igualdade.

CAPÍTULO V

BEM-AVENTURADOS OS AFLITOS

- JUSTIÇA DAS AFLIÇÕES
- CAUSAS ATUAIS DAS AFLIÇÕES
- CAUSAS ANTERIORES DAS AFLIÇÕES
- ESQUECIMENTO DO PASSADO
- MOTIVOS DE RESIGNAÇÃO
- O SUICÍDIO E A LOUCURA

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

- BEM E MAL SOFRER
- O MAL E O REMÉDIO
- A FELICIDADE NÃO É DESTE MUNDO
- PERDA DE PESSOAS AMADAS. MORTES PREMATURAS
- SE FOSSE UM HOMEM DE BEM, TERIA MORRIDO
- OS TORMENTOS VOLUNTÁRIOS
- A DESGRAÇA REAL
- A MELANCOLIA
- PROVAS VOLUNTÁRIAS. O VERDADEIRO CILÍCIO
- DEVEMOS PÔR FIM ÀS PROVAS DO PRÓXIMO?
- SERÁ LÍCITO ABREVIAR A VIDA DE UM DOENTE QUE SOFRA SEM ESPERANÇA DE CURA?
- SACRIFÍCIO DA PRÓPRIA VIDA
- PROVEITO DOS SOFRIMENTOS PARA OS OUTROS

1. “Bem-aventurados os que choram, pois serão consolados. Bem-aventurados os famintos e os que anseiam por justiça, pois serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição pela justiça, pois deles é o reino dos céus”.

(MATEUS, 5:4, 6 e 10)

2. “Bem-aventurados são vocês, os pobres, porque vosso é o reino dos céus. Bem-aventurados são vocês que agora têm fome, porque serão saciados. Felizes são vocês que agora choram, porque rirão”.

(LUCAS, 6:20 e 21)

“Mas, ai de vocês, os ricos, que têm no mundo a vossa consolação. Ai de vocês que estão saciados, porque terão fome. Ai de vocês que agora riem, porque serão constrangidos a gemer e a chorar”.

(LUCAS, 6:24 e 25)

JUSTIÇA DAS AFLIÇÕES

3. Somente na vida futura podem efetivar-se as compensações que Jesus promete aos aflitos da Terra. Sem a certeza do futuro, estas máximas seriam um contrassenso; mais ainda: seriam uma enganação. Mesmo com essa certeza, dificilmente se compreende a conveniência de sofrer para ser feliz. Dizem que é para se ter maior mérito. Mas, então, pergunta-se: por que uns sofrem mais do que outros? Por que nascem uns na miséria e outros na opulência, sem coisa alguma haverem feito que justifique essas posições? Por que uns nada conseguem, ao passo que a outros tudo parece sorrir? Todavia, o que ainda menos se compreende é que os bens e os males sejam tão desigualmente repartidos entre o vício e a virtude; e que os homens virtuosos sofram, ao lado dos maus que prosperam. A fé no futuro pode consolar e gerar paciência, mas não explica essas irregularidades, que parecem desmentir a justiça de Deus. Entretanto, desde que admita a existência de Deus, ninguém o pode conceber sem o infinito das perfeições. Ele necessariamente tem todo o poder, toda a justiça, toda a bondade, sem o que não seria Deus. Se é soberanamente bom e justo, não pode agir caprichosamente, nem com parcialidade. *Logo, as turbulências da vida brotam de uma causa e, pois que Deus é justo, essa causa há de ser justa.* Isso o de que cada um deve bem compreender. Por meio dos ensinamentos de Jesus, Deus colocou os homens na direção dessa causa, e hoje, julgando-os suficientemente maduros para compreendê-la, lhes revela completamente a causa referida, por meio do *Espiritismo*, isto é, pela *palavra dos Espíritos*.

CAUSAS ATUAIS DAS AFLIÇÕES

4. As dificuldades da vida são de duas espécies, ou, se preferirem, vêm de duas fontes bem diferentes e é importante distinguir. Uma tem sua causa na vida presente; outras, fora desta vida.

Voltando-se para a origem dos males terrestres, reconheceremos que muitos são consequência natural do caráter e da forma de agir dos que os suportam.

Quantos homens caem por sua própria culpa! Quantos são vítimas do seu descuido, de seu orgulho e de sua ambição!

Quantos se arruinam por falta de ordem, de perseverança, pelo mau proceder, ou por não saberem limitar seus desejos!

Quantas uniões desgraçadas, porque resultaram de um cálculo de interesse ou de vaidade e nas quais o coração não tomou parte alguma!

Quantas divergências e disputas calamitosas teriam sido evitadas com um pouco de moderação e menos indelicadeza!

Quantas doenças e enfermidades decorrem da falta de paciência e dos excessos de todo gênero!

Quantos pais são infelizes com seus filhos, porque não combateram desde o princípio as más tendências deles! Por fraqueza, ou indiferença, deixaram que neles se crescessem os germes do orgulho, do egoísmo e da tola vaidade, que produzem a secura do coração; depois, mais tarde, quando colhem o que semearam, admiram-se e se afligem da falta de respeito com que são tratados e da ingratidão deles.

Interroguem friamente suas consciências todos os que são feridos no coração pelas atribulações e decepções da vida; voltem passo a passo à origem dos males que os torturam e verifiquem se, as mais das vezes, não poderão dizer: *Se eu tivesse feito, ou deixado de fazer tal coisa, não estaria em semelhante condição.*

Então, a quem o homem há de responsabilizar por todas essas aflições, senão a si mesmo? Pois, em grande número de casos, o homem é o causador de seus próprios infortúnios; mas, em vez de reconhecê-lo, acha mais simples, menos humilhante para a sua vaidade acusar a sorte, a Providência, a má fortuna, a má estrela, ao passo que a má estrela é apenas ao seu desleixo.

Fora de dúvida, os males dessa natureza produzem uma notável porção de tropeços da vida. O homem evitará esses males quando trabalhar para se melhorar moralmente, tanto quanto intelectualmente.

5. A lei humana atinge certas faltas e as pune. Então, o condenado pode reconhecer que sofre a consequência do que fez. Mas a lei não atinge, nem pode atingir todas as faltas; recai especialmente sobre as que trazem prejuízo à sociedade e não sobre as que só prejudicam os que as cometem. Deus, porém, quer que todas as suas criaturas progridam e, portanto, não deixa impune qualquer desvio do caminho reto. Não há falta alguma, por mais leve que seja, nenhuma infração da sua lei, que não acarrete forçosas e inevitáveis consequências, mais ou menos deploráveis. Daí se segue que, nas pequenas coisas, como nas grandes, o homem é sempre punido por aquilo em que pecou. Os sofrimentos que decorrem do pecado são uma advertência para ele de que procedeu mal. Dão-lhe experiência, fazem-lhe sentir a diferença existente entre o bem e o mal e a necessidade de se melhorar para, de futuro, evitar o que lhe originou uma fonte de amarguras; sem o que, motivo não haveria para que se emendasse. Confiante na impunidade, retardaria seu avanço e, conseqüentemente, a sua felicidade futura.

Entretanto, algumas vezes, a experiência chega um pouco tarde: quando a vida já foi desperdiçada e turbada; quando as forças já estão gastas e sem remédio o mal. Então o homem se põe a dizer: “Se no começo dos meus dias eu soubesse o que sei hoje, quantos passos em falso teria evitado! *Se tivesse de recomeçar, me conduziria de outra maneira. No entanto, já não há mais tempo!*” Como o obreiro preguiçoso, que diz: “*Perdi o meu dia*”, também ele diz: “*Perdi a minha vida*”. Contudo, assim como para o obreiro o Sol se levanta no dia seguinte, permitindo-lhe neste reparar o tempo perdido, também para o homem, após a noite do túmulo, brilhará o Sol de uma nova vida, em que lhe será possível aproveitar a experiência do passado e suas boas resoluções para o futuro.

CAUSAS ANTERIORES DAS AFLIÇÕES

6. Mas, se há males nesta vida que o homem seja o causador próprio, há outros também aos quais, pelo menos na aparência, ele é completamente estranho e que parecem atingi-lo como por fatalidade. Tal, por exemplo, a perda de entes queridos e a dos que são o amparo da família. Ou ainda, os acidentes que nenhuma previsão poderia impedir; os reveses da fortuna, que frustram todas as precauções

aconselhadas pela prudência; os flagelos naturais, as enfermidades de nascença, sobretudo as que tiram a tantos infelizes os meios de ganhar a vida pelo trabalho: as deformidades, a deficiência mental, etc.

Os que nascem nessas condições, certamente nada fizeram na existência atual para merecer tão triste sorte sem compensação, que não podiam evitar, que são impotentes para mudar por si mesmos e que os põe à mercê da piedade pública. Por que seres tão desgraçados, enquanto, ao lado deles, sob o mesmo teto, na mesma família, outros são favorecidos de todos os modos?

Enfim, o que dizer dessas crianças que morrem com pouca idade e só conheceram sofrimentos na vida? Essas são problemas que ainda nenhuma filosofia pôde resolver, absurdos que nenhuma religião pôde justificar e que seriam a negação da bondade, da justiça e da providência de Deus, se verificássemos a hipótese de a alma ser criada ao mesmo tempo em que o corpo e de sua sorte estar irrevogavelmente determinada após a permanência de alguns instantes na Terra. Que fizeram essas almas, que acabam de sair das mãos do Criador, para se verem, neste mundo, a braços com tantas misérias e para merecerem no futuro uma recompensa ou uma punição qualquer, visto que não puderam praticar nem o bem, nem o mal?

Entretanto, por virtude do dito segundo o qual *todo efeito tem uma causa*, tais misérias são efeitos que tem de ter uma causa e, desde que se admita um Deus justo, essa causa também há de ser justa. Ora, ao efeito antecipando sempre a causa, se esta não se encontra na vida atual, há de ser anterior a essa vida, isto é, há de estar numa existência precedente. Por outro lado, não podendo Deus punir alguém pelo bem que fez, nem pelo mal que não fez, se somos punidos, é que fizemos o mal; se não fizemos esse mal na presente vida, fizemos noutra. É uma alternativa a que ninguém pode fugir e em que a lógica decide de que parte se acha a justiça de Deus.

Logo, o homem nem sempre é punido, ou punido completamente, na sua existência atual; mas não escapa nunca às consequências de suas faltas. A prosperidade do mau é apenas momentânea; se ele não expiar hoje, expiará amanhã, ao passo que aquele que sofre está expiando o seu passado. O infortúnio que, à primeira vista, parece imerecido tem sua razão de ser, e aquele que se encontra em sofrimento pode sempre dizer: “Perdoa-me, Senhor, porque pequei.”

7. Os sofrimentos devidos a causas anteriores à essa existência, como os que se originam de culpas atuais, são muitas vezes a consequência da falta cometida, isto é, o homem, pela ação de uma rigorosa justiça distributiva, sofre o que fez os outros sofrerem. Se foi duro e desumano, em sua vez poderá ser tratado duramente e com desumanidade; se foi orgulhoso, poderá nascer em humilhante condição; se foi mesquinho, egoísta, ou se fez mau uso de suas riquezas, poderá se ver privado do necessário; se foi mau filho, poderá sofrer pelo procedimento de seus filhos, etc.

Assim se explicam pelas muitas existências e pela destinação da Terra, como mundo expiatório, as anormalidades que apresenta a distribuição da sorte e da desventura entre os bons e os maus neste planeta. Mas, essa anomalia só existe na aparência, porque considerada só do ponto de vista da vida presente. Aquele que se elevar, pelo pensamento, de maneira a entender toda uma série de existências, verá que a cada um é atribuída a parte que merece, sem prejuízo da que lhe tocará no mundo dos Espíritos, e verá que a justiça de Deus nunca se interrompe.

Jamais o homem deve esquecer que se acha num mundo inferior, ao qual somente as suas imperfeições o conservam preso. A cada dificuldade, deve se lembrar de que, se pertencesse a um mundo mais adiantado, isso não se daria e que só de si depende não voltar a este, trabalhando por se melhorar.

8. As dificuldades podem ser impostas a Espíritos endurecidos, ou extremamente ignorantes, para levá-los a fazer uma escolha com conhecimento de causa. Os Espíritos *penitentes*, porém, desejosos de reparar o mal que tenham feito e de proceder melhor, esses as escolhem livremente. É o caso daquele que, tendo desempenhado mal sua tarefa, pede que lhe deixem recomeçar, para não perder o fruto de seu trabalho. As tribulações, portanto, são, ao mesmo tempo, expiações do passado, que recebe nelas o merecido castigo, e provas com relação ao futuro, que elas preparam. Vamos render graças a Deus, que, em sua bondade, permite ao homem reparar seus erros e não o condena irrevogavelmente por uma primeira falta.

9. No entanto, não há como crer que todo sofrimento suportado neste mundo signifique a existência de uma determinada falta. Muitas vezes são simples provas buscadas pelo Espírito para concluir a sua purificação e ativar o seu progresso. Assim, a expiação serve sempre de prova, mas nem sempre a prova é uma expiação. Porém, provas e expiações são sempre sinais de relativa inferioridade, pois o que é perfeito não precisa ser provado. Pois, um Espírito pode ter chegado a certo grau de elevação e, apesar disso, desejoso de adiantar-se mais, solicitar uma missão, uma tarefa a executar, pela qual tanto mais será recompensado se sair vitorioso, quanto mais rude tenha sido a luta. Tais são, especialmente, essas pessoas de instintos naturalmente bons, de alma elevada, de nobres sentimentos inatos, que parece não ter trazido nada de mau de suas existências anteriores e que sofrem, com resignação toda cristã, as maiores dores, somente pedindo a Deus que as possam suportar sem murmurar. Pode-se, ao contrário, considerar como expiações as aflições que provocam queixas e impelem o homem à revolta contra Deus.

Sem dúvida, o sofrimento que não provoca lamentações pode ser uma expiação; mas, é indício de que foi buscada voluntariamente, antes que imposta, e constitui prova de forte resolução, o que é sinal de progresso.

10. Os Espíritos não podem almejar à completa felicidade, enquanto não se tenham tornado puros: qualquer mancha moral impede sua entrada nos mundos ditosos. São como os passageiros de um navio onde há doentes de uma peste, a quem se proíbe o acesso à cidade a que aportem, até que se curem. Mediante as diversas existências corpóreas é que os Espíritos se vão expungindo, pouco a pouco, de suas imperfeições. As provações da vida os fazem adiantar-se, quando bem suportadas. Como expiações, elas apagam as faltas e purificam. São o remédio que limpa as chagas e cura o doente. Quanto mais grave é o mal, tanto mais enérgico deve ser o remédio. Aquele, pois, que muito sofre deve reconhecer que muito tinha a expiar e deve alegrar-se com a ideia da sua próxima cura. Dele depende, pela paciência, tornar proveitoso o seu sofrimento e não lhe estragar o fruto com as suas iras, visto que, do contrário, terá de recomeçar.

ESQUECIMENTO DO PASSADO

11. Em vão se contesta que o esquecimento é um obstáculo a que se possa aproveitar da experiência de vidas anteriores. Se Deus quis lançar um véu sobre o passado, é que há vantagem nisso. Com efeito, a lembrança traria gravíssimos inconvenientes. Poderia, em certos casos, humilhar-nos bastante, ou, então, exaltar-nos o orgulho e, assim, enterrar o nosso livre-arbítrio. Em todas as circunstâncias, acarretaria inevitável perturbação nas relações sociais.

Frequentemente, o Espírito renasce no mesmo meio em que já viveu, estabelecendo de novo relações com as mesmas pessoas, a fim de reparar o mal que tenham feito a elas. Se reconhecesse nelas as a quem odiara, quem sabe o ódio se despertaria outra vez no seu íntimo. De todo modo, ele se sentiria humilhado na presença daquelas a quem tivesse ofendido.

Para nos melhorarmos, Deus nos concedeu precisamente o que necessitamos e nos basta: a voz da consciência e as tendências instintivas e nos livra do que nos seria prejudicial.

Ao nascer, o homem traz consigo o que adquiriu, nasce qual se fez; em cada existência, tem um novo ponto de partida. Pouco lhe importa saber o que foi antes: se é punido, é porque praticou o mal. Suas atuais más tendências indicam o que lhe resta a corrigir em si próprio e é nisso que deve concentrar-se toda a sua atenção, pois, daquilo de que se haja corrigido completamente, nenhum traço mais conservará. As boas resoluções que tomou são a voz da consciência, advertindo-o do que é bem e do que é mal e dando-lhe forças para resistir às tentações.

Aliás, o esquecimento ocorre apenas durante a vida corpórea. Voltando à vida espiritual, o Espírito readquire a lembrança do passado; portanto, nada mais há do que uma interrupção temporária, semelhante à que se dá na vida terrestre durante o sono, a qual não impede a que, no dia seguinte, nos recordemos do que tenhamos feito na véspera e nos dias precedentes.

E não é somente após a morte que o Espírito recupera a lembrança do passado: pode dizer-se que jamais a perde, pois que, como a experiência o demonstra, mesmo encarnado, adormecido o corpo, ocasião em que goza de certa liberdade, o Espírito tem consciência de seus atos anteriores; sabe por que sofre e que sofre com justiça. A lembrança unicamente se apaga no curso da vida exterior, da vida de relação. Mas, na falta de uma recordação exata, que lhe poderia ser penosa e prejudicá-lo nas suas relações sociais, ele recobra forças novas nesses instantes de emancipação da alma, se souber aproveitar.

MOTIVOS DE RESIGNAÇÃO

12. Por estas palavras: *Bem-aventurados os aflitos, pois serão consolados*, Jesus aponta a compensação que hão de ter os que sofrem e a resignação que leva o padecente a bendizer do sofrimento, como antecipação da cura.

Essas palavras também podem ser traduzidas assim: Devem considerar-se felizes por sofrerem, visto que as dores deste mundo são o pagamento da dívida que as vossas passadas faltas fizeram contrair; suportadas pacientemente na Terra, essas

dores poupam a vocês séculos de sofrimentos na vida futura. Então, devem sentir-se felizes por reduzir Deus a vossa dívida, permitindo que a paguem agora, o que garantirá a tranquilidade no futuro.

O homem que sofre assemelha-se a um devedor de grande soma, a quem o credor diz: “Se me pagar hoje mesmo a centésima parte do teu débito, quitarei o restante e ficará livre; se o não fizer assim, te atormentarei, até que pague a última parcela.” O devedor não se sentiria feliz em suportar toda espécie de privações para se libertar, pagando apenas a centésima parte do que deve? Em vez de se queixar do seu credor, não lhe ficará agradecido?

Tal o sentido das palavras: “Bem-aventurados os aflitos, pois serão consolados.” São felizes, porque se quitam e porque, depois de terem quitado suas dívidas, estarão livres. Porém, se o homem, ao quitar-se de um lado, endivida-se de outro, jamais poderá alcançar a sua libertação. Ora, cada nova falta aumenta a dívida, pois nenhuma há, qualquer que ela seja, que não acarrete forçosa e inevitavelmente uma punição. Se não for hoje, será amanhã; se não for na vida atual, será noutra. Entre essas faltas, é preciso que se coloque na primeira ordem a carência de submissão à vontade de Deus. Logo, se murmurarmos nas aflições, se não as aceitarmos com resignação e como algo que devemos ter merecido, se acusarmos a Deus de ser injusto, então contraímos nova dívida que nos faz perder o fruto que devíamos colher do sofrimento. É por isso que teremos de recomeçar, absolutamente como se, a um credor que nos atormente, pagássemos uma cota e a tomássemos de novo por empréstimo.

Ao entrar no mundo dos Espíritos, o homem ainda está como o operário que comparece no dia do pagamento. O Senhor dirá a uns: “*Aqui está o pagamento dos teus dias de trabalho*”; a outros, aos venturosos da Terra, aos que tenham vivido na ociosidade, que tiverem feito consistir a sua felicidade nas satisfações do amor-próprio e nos gozos mundanos, Ele dirá: “*Nada vos toca, pois que já receberam na Terra o vosso salário. Vão e recomecem a tarefa.*”

13. O homem pode suavizar ou aumentar o amargor de suas provas, conforme o modo como encara a vida terrena. Tanto mais sofre ele, quanto mais longa se lhe afigura a duração do sofrimento. Ora, aquele que a encara pela ótica da vida espiritual apanha, num golpe de vista, a vida corporal. Ele a vê como um ponto no infinito, compreende-lhe sua curta duração e reconhece que esse penoso momento terá passado rápido. A certeza de um próximo futuro mais ditoso o sustenta e anima e, longe de se queixar, agradece ao Céu as dores que o fazem avançar. Contrariamente, para aquele que apenas vê a vida corpórea, esta lhe parece interminável e a dor o oprime com todo o seu peso. Daquela maneira de considerar a vida, resulta ser diminuída a importância das coisas deste mundo, e o homem sente-se empenhado em moderar seus desejos, a contentar-se com a sua posição, sem invejar a dos outros, a receber atenuada a impressão dos reveses e das decepções que experimente. Daí ele tira uma calma e uma resignação tão úteis à saúde do corpo quanto à da alma, ao passo que, com a inveja, o ciúme e a ambição, voluntariamente se condena à tortura e aumenta as misérias e as angústias da sua curta existência.

O SUICÍDIO E A LOUCURA

14. A calma e a resignação vindas da maneira de considerar a vida terrestre e da confiança no futuro dão ao Espírito uma serenidade que é o melhor preservativo contra a *loucura e o suicídio*. Com efeito, é certo que a maioria dos casos de loucura se deve à comoção produzida pelas dificuldades que o homem não tem a coragem de suportar. Ora, se encarando as coisas deste mundo da maneira como o Espiritismo faz que ele as considere, o homem recebe com indiferença, mesmo com alegria, os reveses e as decepções que o houveram desesperado noutras circunstâncias, evidente se torna que essa força, que o coloca acima dos acontecimentos, lhe preserva de abalos a razão, os quais, se não fora isso, a conturbariam.

15. O mesmo ocorre com o suicídio. Postos de lado os que se dão em estado de embriaguez e de loucura, aos quais se pode chamar de inconscientes, é incontestável que tem ele sempre por causa um descontentamento, quaisquer que sejam os motivos particulares que se lhe apontem. Ora, aquele que está certo de que só é desventurado por um dia e que melhores serão os dias que hão de vir, enche-se facilmente de paciência. Só se desespera quando não vê nenhum fim para os seus sofrimentos. E o que é a vida humana, com relação à eternidade, senão bem menos que um dia? Mas, para o que não crê na eternidade e julga que com a vida tudo se acaba, se os infortúnios e as aflições o oprimem, somente vê uma solução para as suas amarguras na morte. Nada esperando, acha muito natural, muito lógico mesmo, abreviar pelo suicídio as suas misérias.

16. Numa palavra: a incredulidade, a simples dúvida sobre o futuro, as ideias materialistas são as maiores causas do suicídio; ocasionam a *covardia moral*. Quando homens de ciência, apoiados na autoridade do seu saber, se esforçam por provar aos que os ouvem ou leem que estes nada têm a esperar depois da morte, não estão de fato levando-os a deduzir que, se são desgraçados, coisa melhor não lhes resta senão se matarem? O que lhes poderiam dizer para desviá-los dessa consequência? Que compensação lhes podem oferecer? Que esperança lhes podem dar? Nenhuma, a não ser o nada. Daí se deve concluir que, se o nada é o único remédio heroico, a única perspectiva, mais vale buscá-lo imediatamente e não mais tarde, para sofrer por menos tempo.

Portanto, a propagação das doutrinas materialistas é o veneno que transmite a ideia do suicídio na maioria dos que se suicidam, e os apóstolos de semelhantes doutrinas assumem tremenda responsabilidade. Com o Espiritismo, tornada impossível a dúvida, muda o aspecto da vida. O crente sabe que a existência se prolonga indefinidamente para lá do túmulo, mas em condições muito diversas; donde a paciência e a resignação que o afastam muito naturalmente de pensar no suicídio; donde, em suma, a *coragem moral*.

17. O Espiritismo ainda produz, sob esse aspecto, outro resultado igualmente positivo e talvez mais decisivo: apresenta-nos os próprios suicidas a nos informar da situação desgraçada em que se encontram e a provar que ninguém viola impunemente a lei de Deus, que proíbe ao homem encurtar a sua vida. Entre os

suicidas, há alguns cujos sofrimentos, nem por serem temporários e não eternos, não são menos terríveis e de natureza a fazer refletir os que porventura pensam em daqui sair, antes que Deus o haja ordenado. Assim, o espírito tem vários motivos para combater a ideia do suicídio: a *certeza* de uma vida futura, em que ele sabe que será tanto mais feliz, quanto mais infeliz e resignado tenha sido na Terra: a *certeza* de que, abreviando seus dias, chega precisamente a resultado oposto ao que esperava; que se liberta de um mal, para incorrer num mal pior, mais longo e mais terrível; que se engana ao imaginar que se matando, vai mais depressa para o céu; que o suicídio é um obstáculo a que no outro mundo ele se reúna aos que foram objeto de suas afeições e aos quais esperava encontrar; donde a consequência de que o suicídio, só lhe trazendo decepções, é contrário aos seus próprios interesses. Por isso mesmo, já é considerável o número dos que têm sido afastados de suicidar-se pelo Espiritismo, podendo daí concluir-se que, quando todos os homens forem espíritas, deixará de haver suicídios conscientes. Comparando-se, então, os resultados que as doutrinas materialistas produzem com os que decorrem da Doutrina Espírita, somente do ponto de vista do suicídio, forçoso será reconhecer que, enquanto a lógica das primeiras a ele conduz, a da outra o evita, fato que a experiência confirma.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

BEM E MAL SOFRER

18. Quando o Cristo disse: *“Bem-aventurados os aflitos, porque o reino dos céus pertence a eles”*, não se referia de modo geral aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, quer ocupem tronos, quer penam sobre a palha. Ah! Mas, poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus vos recusa consolações, desde que vos falte coragem. A prece é um apoio para a alma; contudo, não basta: é preciso tenha por base uma fé viva na bondade de Deus. Ele já muitas vezes vos disse que não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcionado às forças, como a recompensa para a resignação e a coragem. Mais sublime será a recompensa, do que penosa a aflição. Porém, é preciso merecê-la, e é para isso que a vida se apresenta cheia de tribulações.

O militar que não é mandado para as linhas de fogo fica descontente, porque o repouso no campo não lhe dá nenhuma promoção. Então, sejam como o militar e não desejem um repouso em que o vosso corpo ficasse entediado e a vossa alma se enfraquecesse. Alegrem-se, quando Deus enviar vocês para a luta. Esta não consiste no fogo da batalha, mas nos amargores da vida, onde, às vezes, é mais necessário mais coragem do que num combate sangrento, pois não é raro que aquele que se mantém firme em presença do inimigo fraqueje nos apertos de uma pena moral. O homem não obtém nenhuma recompensa por essa espécie de coragem; mas, Deus lhe reserva palmas de vitória e uma situação gloriosa. Quando uma causa de sofrimento ou de contrariedade recair sobre vocês, ponham-se acima dela, e, quando tiverem conseguido dominar os ímpetus da impaciência, da cólera, ou do desespero, dizei consigo mesmo, cheio de justa satisfação: *“Fui o mais forte!”*.

Bem-aventurados os aflitos pode então traduzir-se assim: Bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque multiplicarão a alegria que lhes falta na Terra, porque depois do trabalho virá o repouso.

Lacordaire (Havre, 1863)

O MAL E O REMÉDIO

19. Será que a Terra é um lugar de prazer, um paraíso de delícias? Já não ressoa mais aos vossos ouvidos a voz do profeta? Ele não proclamou que haveria prantos e ranger de dentes para os que nascessem nesse vale de dores? Então, esperem todos vocês que aí vivem, ardentes lágrimas e amargo sofrer e, por mais agudas e profundas sejam as vossas dores, voltem o olhar para o Céu e bendigam ao Senhor por ter querido experimentá-los... Ó homens! Será que não reconhecem o poder do Senhor, senão quando Ele vos tenha curado as chagas do corpo e coroado de beatitude e ventura os vossos dias? Será que não reconhecem o Seu amor, senão quando adornou o vosso corpo de todas as glórias e lhe tenha restituído o brilho e a brancura? Imitem Aquele que vos foi dado para exemplo. Tendo chegado ao último grau da indignidade e da miséria, deitado sobre uma estrumeira, disse Ele a Deus: *“Senhor, conheci todos os agrados da riqueza e me reduzistes à mais absoluta miséria; obrigado, obrigado, meu Deus, por haverdes querido experimentar o vosso servo!”* Até quando os vossos olhares se deterão nos horizontes que a morte limita? Quando, afinal, vossa alma se decidirá a lançar-se para além dos limites de um túmulo? Se tivessem de chorar e sofrer a vida inteira, que seria isso em relação à eterna glória reservada ao que tenha sofrido a prova com fé, amor e resignação? Busquem consolações para os vossos males no futuro que Deus vos prepara e procurem a causa no passado. E vocês, que mais sofrem, considerem-se os afortunados da Terra.

Como desencarnados, quando pairavam no Espaço, escolheram as vossas provas, julgando-se bastante fortes para suportá-las. Por que agora murmurar? Vocês, que pediram a riqueza e a glória, queriam sustentar luta com a tentação e vencê-la. Vocês, que pediram para lutar de corpo e espírito contra o mal moral e físico, sabiam que quanto mais forte fosse a prova, tanto mais gloriosa a vitória e que, se triunfassem, embora devesse o vosso corpo parar numa estrumeira, dele, ao morrer, se desprenderia uma alma de cintilante alvura e purificada pelo batismo da expiação e do sofrimento.

Logo, que remédio receitar aos atacados de obsessões cruéis e de cruciantes males? Só um é infalível: a fé, o apelo ao Céu. Se, na maior crueldade dos vossos sofrimentos, entoarem hinos ao Senhor, o anjo, à vossa cabeceira, com a mão vos apontará o sinal da salvação e o lugar que um dia ocuparão... A fé é o remédio seguro do sofrimento; mostra sempre os horizontes do infinito diante dos quais se esvaem os poucos dias brumosos do presente. Portanto, não nos perguntem qual o remédio para curar tal úlcera ou tal chaga, para tal tentação ou tal prova. Lembrem-se de que aquele que crê é forte pelo remédio da fé e que aquele que duvida um instante da sua eficácia é imediatamente punido, porque logo sente as dolorosas

angústias da aflição.

O Senhor colocou o seu selo em todos os que nele creem. O Cristo vos disse que com a fé se transportam montanhas e eu vos digo que aquele que sofre e tem a fé por amparo ficará sob a Sua proteção e não mais sofrerá. Os momentos das mais fortes dores lhe serão as primeiras notas alegres da eternidade. Sua alma se desprenderá de tal maneira do corpo que, enquanto se estorcer em convulsões, ela planará nas regiões celestes, entoando, com os anjos, hinos de reconhecimento e de glória ao Senhor.

Ditosos os que sofrem e choram! Alegres estejam suas almas, porque Deus as cumulará de bem-aventuranças.

Santo Agostinho (Paris, 1863)

A FELICIDADE NÃO É DESTE MUNDO

20. “*Não sou feliz! A felicidade não foi feita para mim!*” Assim exclama geralmente o homem em todas as posições sociais. Isso, meus caros filhos, prova, melhor do que todos os raciocínios possíveis, a verdade desta máxima do Eclesiastes: “*A felicidade não é deste mundo*”. Com efeito, nem a riqueza, nem o poder, nem mesmo a florida juventude são condições essenciais à felicidade. Digo mais: nem mesmo reunidas essas três condições tão desejadas, pois incessantemente se ouvem, no seio das classes mais privilegiadas, pessoas de todas as idades se queixarem amargamente da situação em que se encontram.

Diante de tal fato, é inacreditável que as classes trabalhadoras e militantes invejem com tanta ânsia a posição das que parecem favorecidas da fortuna. Neste mundo, por mais que faça, cada um tem a sua parte de labor e de miséria, sua cota de sofrimentos e de decepções, donde facilmente se chega à conclusão de que a Terra é lugar de provas e de expiações.

Assim, os que pregam que ela é a única morada do homem e que somente nela e numa só existência é que lhe cumpre alcançar o mais alto grau das felicidades que a sua natureza comporta, iludem-se e enganam os que os escutam, visto que está demonstrado por experiência de longa data, que somente em casos muito excepcionais este globo apresenta as condições necessárias à completa felicidade do indivíduo.

Em tese geral podemos afirmar que a felicidade é uma ilusão a cuja conquista as gerações se lançam sucessivamente, sem jamais conseguirem alcançá-la. Se o homem ajuizado é uma raridade neste mundo, o homem absolutamente feliz jamais foi encontrado. A felicidade na Terra é coisa tão passageira para aquele que não se guia pela ponderação, que, por um ano, um mês, uma semana de satisfação completa, todo o resto da existência é uma série de amarguras e decepções. E notem, meus caros filhos, que falo dos venturosos da Terra, dos que são invejados pela multidão.

Como consequência, se as provas e a expiação são necessárias para ir à morada terrena, forçoso é admitir que, em outros lugares há moradas mais favorecidas, onde o Espírito – enquanto ainda está aprisionado numa carne material – possui em toda a plenitude as recompensas pertencentes à vida humana. Eis a

razão por que Deus semeou, no vosso turbilhão, esses belos planetas superiores para os quais os vossos esforços e as vossas tendências farão que vocês habitem um dia, quando se achardes suficientemente purificados e aperfeiçoados.

Todavia, não entendam das minhas palavras que a Terra esteja destinada para sempre a ser uma penitenciária. Não, certamente! Dos progressos já realizados, podem facilmente deduzir os progressos futuros e, dos melhoramentos sociais conseguidos, novos e mais profundos melhoramentos. Essa a tarefa imensa cuja execução cabe à nova doutrina que os Espíritos revelaram a vocês.

Assim, pois, meus queridos filhos, que uma santa conexão vos anime e que cada um de vocês se despoje do homem velho. Todos devem se consagrar à propagação desse Espiritismo que já deu começo à vossa própria regeneração. Cabe a vocês o dever de fazer que os vossos irmãos participem dos raios da sagrada luz. Portanto, mãos à obra, meus muito queridos filhos! Que nesta reunião solene todos os vossos corações aspirem a esse grandioso objetivo de preparar para as gerações porvindouras um mundo onde já não seja vã a palavra felicidade.

François Nicolas Madeleine, cardeal Morlot. (Paris, 1863)

PERDA DE PESSOAS AMADAS MORTES PREMATURAS

21. Quando a morte arrebatava e leva os mais moços antes dos velhos, nas vossas famílias, sem restrições, vocês costumam dizer que Deus não é justo, porque sacrifica um que está forte e tem grande futuro e conserva os que já viveram longos anos cheios de decepções; pois leva os que são úteis e deixa os que para nada mais servem; porque despedaça o coração de uma mãe, afastando-a da inocente criatura que era toda a sua alegria.

Humanos, é nesse ponto que precisam se elevar acima do terra-a-terra da vida, para compreenderem que o bem, muitas vezes, está onde julgam ver o mal, a sábia previdência onde pensam aproximar a cega fatalidade do destino. Por que avaliar a justiça divina pela vossa? Podem supor que o Senhor dos mundos se aplique, por mero capricho, a vos infligir penas cruéis? Nada se faz sem um fim inteligente e, seja o que for que aconteça, tudo tem a sua razão de ser. Se observassem melhor todas as dores que vêm até vocês, nelas encontrariam sempre a razão divina, razão regeneradora, e os vossos miseráveis interesses se tornariam de consideração tão insignificante, que os atirariam para o último plano.

Creiam, é preferível a morte numa encarnação de vinte anos, a essas vergonhosas imoralidades que atingem famílias respeitáveis, dilaceram corações de mães e fazem que os cabelos dos pais embranqueçam antes do tempo. Frequentemente, a morte prematura é um grande benefício que Deus concede àquele que se vai e que assim se preserva das misérias da vida, ou das seduções que talvez lhe acarretassem a perda. Aquele que morre na flor dos anos não é vítima da fatalidade; é que Deus julga não melhor que ele permaneça por mais tempo na Terra.

Dizem que é uma desgraça terrível ver cortado o fio de uma vida tão cheia de esperanças! Mas de que esperanças? Das da Terra? Onde o liberto poderia brilhar, abrir caminho e enriquecer? Sempre essa visão estreita, incapaz de elevar-se

acima da matéria! Sabem qual teria sido a sorte dessa vida, ao vosso parecer tão cheia de esperanças? Quem garante que ela não seria repleta de amarguras? Desprezam então das esperanças da vida futura, ao ponto de preferir as da vida passageira que arrastam na Terra? Supõem então que mais vale uma posição elevada entre os homens do que entre os Espíritos bem-aventurados?

Em vez de se queixarem, alegrem-se quando agrada a Deus retirar deste vale de misérias um de seus filhos. Não será egoístico desejarem que ele aí continuasse para sofrer convosco? Ah! Essa dor se concebe naquele que carece de fé e que vê na morte uma separação eterna, mas vocês, espíritas, sabem que a alma vive melhor quando desembaraçada do seu envoltório corporal. Mães, saibam que seus filhos bem-amados estão perto de vocês; sim, estão muito perto; seus corpos fluídicos vos envolvem, seus pensamentos vos protegem, a lembrança que deles guardam os transporta de alegria, mas também as vossas dores sem razão afligem a eles, porque demonstram falta de fé e revelam revolta contra a vontade de Deus.

Vocês, que compreendem a vida espiritual, escutem as pulsações do seu coração a chamar esses entes bem-amados e, se pedirem a Deus que os abençoe, sentirão fortes consolações, dessas que secam as lágrimas; sentirão anseios grandiosos que os mostrarão a posteridade que o soberano Senhor prometeu.

Sanson, ex membro da Sociedade Espírita de Paris. (1863)

SE FOSSE UM HOMEM DE BEM, TERIA MORRIDO

22. Falando de um homem mau, que escapa de um perigo, costuma-se dizer: “*Se fosse um homem bom, teria morrido*”. Pois bem, assim falando, dizem uma verdade, com efeito, com muita frequência Deus dar a um Espírito ainda iniciante no progresso uma prova mais longa do que a um bom que, por prêmio do seu mérito, receberá a graça de ter tão curta quanto possível a sua provação. Por conseguinte, quando se utilizam daquele dito, não suspeitam de que proferem uma blasfêmia.

Se morre um homem de bem, cujo vizinho é mau homem, logo observam: “Antes fosse este.” Assim, erram uma enormidade, pois aquele que parte concluiu a sua tarefa e o que fica talvez não tenha começado a sua. Por que, então, haveriam de querer que ao mau faltasse tempo para terminá-la e que o outro permanecesse preso à Terra? Que diriam se um prisioneiro, que cumpriu a sentença contra ele pronunciada, fosse conservado no cárcere, ao mesmo tempo em que restituíssem à liberdade um que a esta não tivesse direito? Fiquem sabendo que a verdadeira liberdade para o Espírito consiste no rompimento dos laços que o prendem ao corpo e que, enquanto se acham na Terra, estarão em cativeiro. Acostumem-se a não censurar o que não compreendem e creiam que Deus é justo em todas as coisas. Muitas vezes, o que se parece um mal é um bem. No entanto, as vossas qualidades são tão limitadas, que os seus sentidos grosseiros não captam o conjunto do grande todo. Esforcem-se por sair pelo pensamento da sua acanhada esfera e, à medida que se elevarem, diminuirá para vocês a importância da vida material que, nesse caso, se apresentará como simples incidente, no curso infinito da vossa existência espiritual, única existência verdadeira.

Fénelon. (Sens, 1861)

OS TORMENTOS VOLUNTÁRIOS

23. O homem vive em busca da felicidade sem parar, que também incessantemente lhe foge, porque felicidade sem mescla não se encontra na Terra. Entretanto, apesar das dificuldades que formam o cortejo inevitável da vida terrena, ele poderia, pelo menos, gozar de relativa felicidade, se não a procurasse nas coisas perecíveis e sujeitas às mesmas tormentas, isto é, nos gozos materiais em vez de a procurar nos gozos da alma, que são uma antecipação dos gozos celestes, imperecíveis; em vez de procurar a *paz do coração*, única felicidade real neste mundo, ele se mostra ávido de tudo o que o agitará e turbará, e, coisa singular! Como que de propósito, o homem cria para si tormentos que ele mesmo poderia evitar.

Haverá tormentos maiores do que os que vêm da inveja e do ciúme? Para o invejoso e o ciumento, não há repouso; estão eternamente com febre. Aquilo que não têm o que os outros possuem lhes causa insônias. Os êxitos de seus rivais lhes dão tontura; toda a competição para eles se resume em sobrepor os que lhes estão próximos, toda a alegria em excitar, nos que se lhes assemelham pela insensatez, a raiva do ciúme que os devora. Pobres insensatos, com efeito, que não imaginam sequer que, amanhã talvez, terão de largar todas essas futilidades cuja cobiça lhes envenena a vida! Certamente que não é a eles que se aplicam estas palavras: “*Bem-aventurados os aflitos, pois que serão consolados*”, visto que as suas preocupações não são aquelas que têm no céu as compensações merecidas.

Ao contrário, se poupa de tormentos aquele que sabe contentar-se com o que tem, que nota sem inveja o que não possui, que não procura parecer mais do que é. Esse é sempre rico, pois, se olha para baixo de si e não para cima, vê sempre criaturas que têm menos do que ele. É calmo, porque não cria para si necessidades ilusórias. E a calma não será uma felicidade, em meio das tempestades da vida?

Fénelon. (Lião, 1860)

A DESGRAÇA REAL

24. Todo mundo fala da desgraça, todo mundo já a sentiu e julga conhecer-lhe o caráter múltiplo. Eu venho vos dizer que quase toda a gente se engana e que a desgraça real não é, absolutamente, o que os homens supõem – isto é, os desgraçados. Eles a veem na miséria, no fogão sem lume, no credor que ameaça, no berço de que o anjo sorridente desapareceu, nas lágrimas, no caixão que se acompanha de cabeça descoberta e com o coração despedaçado, na angústia da traição, na exposição do orgulho que desejara envolver-se em púrpura e mal oculta a sua nudez sob os farrapos da vaidade. A tudo isso e a muitas coisas mais se dá o nome de desgraça, na linguagem humana. Sim, é desgraça para os que só veem o presente; a verdadeira desgraça, porém, está nas consequências de um fato, mais do que no próprio fato. Digam-me se um acontecimento, considerado próspero na ocasião, mas que acarreta consequências apavorantes, não é, realmente, mais desgraçado do que outro que a princípio causa viva contrariedade e acaba produzindo o bem. Digam-me se a tempestade que vos arranca as árvores, mas que saneia o ar, espalhando os fedores venenosos que causariam a morte, não é antes

uma felicidade do que uma infelicidade.

Para julgarmos qualquer coisa, precisamos ver suas conseqüências. Assim, para bem apreciarmos o que, em realidade, é feliz ou inditoso para o homem, precisamos transportar-nos para além desta vida, porque é lá que as conseqüências se fazem sentir. Ora, tudo o que se chama infelicidade, segundo as acanhadas vistas humanas, cessa com a vida corporal e encontra a sua compensação na vida futura.

Vou revelar a infelicidade sob uma nova forma, sob a forma bela e florida que acolhem e desejam com todas as verdades de suas almas iludidas. A infelicidade é a alegria, é o prazer, é o tumulto, é a vã agitação, é a satisfação louca da vaidade, que fazem calar a consciência, que afligem a ação do pensamento, que atordoam o homem com relação ao seu futuro. A infelicidade é o ópio do esquecimento que ardentemente procuram conseguir.

Vocês que choram, esperem! Vocês que riem, tremam, pois o seu corpo está satisfeito! Ninguém engana a Deus; não se foge ao destino; e as provações, credoras mais impiedosas do que a matilha que a miséria desencadeia, o repouso ilusório os espionam para afundá-los de súbito na agonia da verdadeira infelicidade, daquela que surpreende a alma enfraquecida pela indiferença e pelo egoísmo.

Então, que o Espiritismo os esclareça e recolque para vocês, sob verdadeiros prismas, a verdade e o erro, tão incrivelmente deformados pela cegueira! Agirão então como bravos soldados que, longe de fugirem ao perigo, preferem as lutas dos combates arriscados à paz que lhes não pode dar glória, nem promoção! Na guerra, que importa ao soldado perder armas, bagagens e uniforme, desde que saia vencedor e com glória? Que importa ao que tem fé no futuro deixar no campo de batalha da vida a riqueza e o manto de carne, contanto que sua alma entre gloriosa no reino celeste?

Delfina de Girardin (Paris, 1861)

A MELANCOLIA

25. Sabem por que, às vezes, uma vaga tristeza se apodera dos seus corações e os leva a considerar a vida amarga? É que, desejando a felicidade e a liberdade, seu Espírito se esgota unido ao corpo que lhe serve de prisão, em vão esforços para sair dele. Reconhecendo inúteis esses esforços, cai no desânimo e, como o corpo lhe sofre a influência, vocês são tomados pela fadiga, o abatimento, uma espécie de apatia, e se julgam infelizes.

Acreditem: resisti com energia a essas impressões que enfraquecem a vontade. São inatas no espírito de todos os homens as aspirações por uma vida melhor; mas, não as busquem neste mundo e, agora, quando Deus envia os Espíritos que lhe pertencem, para os instruírem acerca da felicidade que Ele reserva para vocês, aguardem pacientemente o anjo da libertação, para ajudá-los a romper as amarrações que os mantêm aprisionado ao Espírito. Lembrem-se de que, durante o exílio na Terra, vocês têm de desempenhar uma missão que não suspeitam, quer dedicando-se à família, quer cumprindo as diversas obrigações que Deus os confiou. Se, no curso dessa provação, livrando-se das suas obrigações, desabarem sobre vocês os cuidados, as inquietações e tribulações, sejam fortes e corajosos para

suportá-los. Enfrentem os desafios com firmeza, pois eles duram pouco e os conduzirão à companhia dos amigos por quem choram e que, jubilosos por vê-los de novo entre eles, estenderão os braços, a fim de guiá-los a uma região inacessível às aflições da Terra.

François de Genève (Bordéus)

PROVAS VOLUNTÁRIAS. O VERDADEIRO CILÍCIO

26. Perguntam se é justo ao homem abrandar suas próprias provas. Essa questão equivale a esta outra: Àquele que se afoga, é permitido cuidar de salvar-se? É permitido àquele em quem um espinho entrou, retirá-lo? Ao que está doente, chamar o médico? As provas têm por fim exercitar a inteligência, tanto quanto a paciência e a resignação. Pode dar-se que um homem nasça em posição penosa e difícil, precisamente para se ver obrigado a procurar meios de vencer as dificuldades. O mérito consiste em sofrer, sem murmurar, as consequências dos males que lhe não seja possível evitar, em perseverar na luta, em se não desesperar, se não é bem-sucedido; nunca, porém, numa negligência, que seria mais preguiça do que virtude.

Essa questão dá lugar naturalmente a outra. Pois, se Jesus disse: “Bem-aventurados os aflitos”, haverá mérito em alguém procurar aflições que lhe aumentem as provas por meio de sofrimentos voluntários? A isso responderei muito positivamente: sim, há grande mérito quando os sofrimentos e as privações tem o objetivo do bem do próximo, pois é a caridade pelo sacrifício; não, quando os sofrimentos e as privações somente objetivam o bem daquele que a si mesmo as inflige, porque aí só há egoísmo por fanatismo.

É preciso fazer aqui grande diferença: por respeito pessoal, contentem-se com as provas que Deus os manda e não lhes aumentem o volume, que por si só às vezes já é tão pesado; aceitem-nas sem lamentações e com fé, eis tudo o que Ele exige de vocês. Não enfraqueçam o seu corpo com punições inúteis e torturas sem objetivo, pois necessitam de todas as vossas forças para cumprirem a sua missão de trabalhar na Terra. Torturar e martirizar voluntariamente o corpo é ofender a lei de Deus, que dá meios de o sustentar e fortalecer. Enfraquecê-lo sem necessidade é um verdadeiro suicídio. Usem, mas não abusem, assim é a lei. O abuso das melhores coisas tem a sua punição nas consequências inevitáveis que acarreta.

Muito diferente é o que ocorre, quando o homem impõe a si próprio sofrimentos para o alívio do seu próximo. Se suportarem o frio e a fome para aquecer e alimentar alguém que precise ser aquecido e alimentado e se o seu corpo disso se ressentir, dessa forma fazem um sacrifício que Deus abençoa. Vocês que deixam os aposentos perfumados para ir à sarjeta imunda levar a consolação; vocês que sujaram as mãos delicadas pensando chagas; vocês que se privam do sono para velar à cabeceira de um doente que apenas é seu irmão em Deus; enfim, vocês que gastam a vossa saúde na prática das boas obras, tenham em tudo isso o seu cilício²⁷, verdadeiro e abençoado cilício, visto que os gozos do mundo não os

²⁷ **Cilício:** sacrifício, flagelo e tortura que se impõe a si mesmo como punição pelos próprios erros. Esse é o nome dado a certos objetos (semelhantes a braceletes, algemas e coletes cortantes) usados por certos religiosos para machucar o próprio corpo – N. E.

secaram o coração, que não adormeceram no seio das delícias complicadoras da riqueza, antes se constituíram anjos consoladores dos pobres deserdados.

Porém, vocês que se retiram do mundo para lhe evitar as seduções e viver no isolamento, que utilidade têm na Terra? Onde está a coragem nas provações, uma vez que fugiram à luta e se acovardam do combate? Se querem um cilício, apliquem-no à alma e não ao corpo; sacrifiquem o Espírito e não a carne; repreendam o seu orgulho, recebam sem murmurar as humilhações; oprimam o amor-próprio; fortaleçam-se contra a dor da injúria e da calúnia, mais dolorosa do que a dor física. Aí está o verdadeiro cilício cujas feridas serão contadas, porque atestarão a vossa coragem e a vossa submissão à vontade de Deus.

Um anjo guardião (Paris, 1863)

DEVEMOS PÔR FIM ÀS PROVAS DO PRÓXIMO?

27. Devemos pôr fim às provas do seu próximo quando for possível, ou, para respeitar os desígnios de Deus, devemos deixar que sigam seu curso?

Já temos dito e repetido muitíssimas vezes que vocês estão nessa Terra de expiação para concluírem as suas provas e que tudo que acontece é consequência das suas existências anteriores, são os juros da dívida que devem pagar. Esse pensamento, porém, provoca em certas pessoas reflexões que devem ser combatidas, devido aos terríveis efeitos que poderiam determinar.

Alguns pensam que, estando-se na Terra para expiar, cumpre que as provas sigam seu curso. Outros há, mesmo, que vão até ao ponto de julgar que, não só nada devem fazer para amenizá-las, mas que, ao contrário, devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. É certo que as suas provas têm de seguir o curso que Deus lhes traçou; mas será que vocês conhecem esse curso? Sabem até onde têm elas de ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos seus irmãos: “*Não irás mais longe?*” Sabem se a Providência não os escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abrirá? Pois, quando virem um irmão atingido, não digam: “É a justiça de Deus, importa que siga o seu curso.” Digam antes: “Vejam os meus meios o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejam se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que acabe esse sofrimento; se não deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz.”

Então, ajudem-se uns aos outros nas suas respectivas provações e nunca se considerem instrumentos de tortura. Contra essa ideia todo homem de coração deve revoltar-se, principalmente todo espírita, pois este, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. O espírita deve estar convencido de que a sua vida toda tem de ser um ato de amor e de devotamento; que, ele faça o que fizer para se opor às decisões do Senhor, estas se cumprirão. Portanto, sem receio, pode empregar todos os esforços por atenuar o amargor da

expição, certo, porém, de que só a Deus cabe detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente.

Não haveria imenso orgulho, da parte do homem, em se considerar no direito de, por assim dizer, revirar a arma dentro da ferida? De aumentar a dose do veneno nas vísceras daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que tal é a sua expiação? Oh! Considerem-se sempre como instrumento para fazê-la terminar. Resumindo: todos vocês estão na Terra para expiar; mas, todos, sem exceção, devem se esforçar para abrandar a expiação dos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade.

Bernardino, Espírito protetor. (Bordéus, 1863)

SERÁ LÍCITO ABREVIAR A VIDA DE UM DOENTE QUE SOFRA SEM ESPERANÇA DE CURA?

28. *Um homem está agonizante, preso a cruéis sofrimentos. Sabe-se que seu estado é desesperador. Será permitido poupar-lhe alguns instantes de suas angústias, apressando o seu fim?*

Quem vos daria o direito de prejudicar os desígnios de Deus? Não pode Ele conduzir o homem até o limite do abismo, para daí o retirar, a fim de fazê-lo voltar a si e alimentar ideias diferentes das que tinha? Ainda que tenha chegado ao último extremo um moribundo, ninguém pode afirmar com segurança que lhe tenha soado a hora derradeira. A Ciência não se terá enganado nunca em suas previsões?

Sei bem que há casos que se podem, com razão, considerar desesperadores; mas, se não há nenhuma esperança fundada de um regresso definitivo à vida e à saúde, existe a possibilidade, atestada por inúmeros exemplos, de o doente, no momento mesmo de exalar o último suspiro, reanimar-se e por alguns instantes recuperar as capacidades! Pois bem: essa hora de graça, que lhe é concedida, pode ser-lhe de grande importância. Vocês desconhecem as reflexões que seu Espírito poderá fazer nas convulsões da agonia e quantos tormentos lhe pode poupar um relâmpago de arrependimento.

O materialista, que apenas vê o corpo e não conta a alma, é incapaz de compreender essas coisas; o espírita, porém, que já sabe o que se passa no além-túmulo, conhece o valor de um último pensamento. Aliviai os derradeiros sofrimentos, quanto puderem; mas não devem abreviar a vida, ainda que de um minuto, porque esse minuto pode evitar muitas lágrimas no futuro.

S. Luís (Paris, 1860)

SACRIFÍCIO DA PRÓPRIA VIDA

29. *Aquele que se acha desgostoso da vida, mas que não quer extingui-la por suas próprias mãos, será culpado se procurar a morte num campo de batalha, com o propósito de tornar útil sua morte?*

O homem que se mata, ou provoca o outro para matá-lo, sempre procura cortar o fio da sua existência: como efeito, há aí um suicídio intencional, se não de

fato. É ilusória a ideia de que sua morte servirá para alguma coisa; isso não passa de pretexto para encobrir o ato e se desculpar aos seus próprios olhos. Se ele desejasse seriamente servir ao seu país, cuidaria de viver para defendê-lo; não procuraria morrer, pois que, morto, de nada mais lhe serviria. O verdadeiro devotamento consiste em não temer a morte, quando se trate de ser útil, em afrontar o perigo, em fazer, de antemão e sem pesar, o sacrifício da vida, se for necessário. Mas, buscar a morte com *premeditada intenção*, colocando-se em perigo, ainda que para prestar serviço, anula o mérito da ação.

S. Luís (Paris, 1860)

30. *Se um homem se expõe a um perigo evidente para salvar a vida a um de seus semelhantes, sabendo de antemão que morrerá, seu ato pode ser considerado suicídio?*

Desde que no ato não entre a intenção de buscar a morte, não há suicídio e, sim, apenas, devotamento e abnegação, embora também haja a certeza de que morrerá. Mas, quem pode ter essa certeza? Quem poderá dizer que a Providência não reserva um inesperado meio de salvação para o momento mais crítico? Deus não poderia salvar mesmo aquele que se achasse diante da boca de um canhão? Muitas vezes pode ocorrer que Ele queira levar ao extremo limite a prova da resignação e, nesse caso, uma circunstância surpreendente desvia o golpe fatal.

S. Luís (Paris, 1860)

PROVEITO DOS SOFRIMENTOS PARA OS OUTROS

31. *Os que aceitam os sofrimentos resignados, por submissão à vontade de Deus e tendo em vista a felicidade futura, não trabalham somente em seu próprio benefício? Poderão tornar seus sofrimentos proveitosos aos outros?*

Esses sofrimentos podem ser de proveito para os outros, material e moralmente: materialmente se, pelo trabalho, pelas privações e pelos sacrifícios que tais criaturas se imponham, contribuem para o bem-estar material de seus semelhantes; moralmente, pelo exemplo que elas oferecem de sua submissão à vontade de Deus. Esse exemplo do poder da fé espírita pode induzir os desgraçados à resignação e salvá-los do desespero e de suas terríveis consequências para o futuro.

S. Luís (Paris, 1860)

CAPÍTULO VI

O CRISTO CONSOLADOR

- O JUGO LEVE
- CONSOLADOR PROMETIDO

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- ADVENTO DO ESPÍRITO DA VERDADE

O JUGO LEVE

1. “Venham a mim, todos vocês que estão aflitos e sobrecarregados, que eu os aliviarei. Tomem sobre vocês o meu jugo e aprendam comigo que sou brando e humilde de coração e acharão repouso para suas almas, pois o meu jugo é suave e leve é o meu fardo”.

(MATEUS, 11: 28-30)

2. Todos os sofrimentos: misérias, decepções, dores físicas, perda de seres amados, encontram consolação na fé no futuro, na confiança na justiça de Deus, que o Cristo veio ensinar aos homens. Sobre aquele que, ao contrário, nada espera após esta vida, ou que simplesmente duvida, as aflições caem com todo o seu peso e nenhuma esperança suaviza sua amargura. Foi isso que levou Jesus a dizer: “Venham a mim todos os que estão fatigados, que eu os aliviarei.”

Entretanto, a assistência e a felicidade que Ele promete aos aflitos depende de uma condição: essa condição está na lei ensinada por Ele. Seu jugo é a observância dessa lei; mas, esse jugo é leve e a lei é suave, pois que apenas impõe – como dever – o amor e a caridade.

CONSOLADOR PROMETIDO

3. “Se me amam, guardem os meus mandamentos e eu rogarei a meu Pai e Ele os enviará outro Consolador, a fim de que fique eternamente com vocês – O Espírito de Verdade, que o mundo não pode receber, porque o não vê e absolutamente o não conhece. Mas, quanto a vocês, vocês o conhecerão, porque estará e permanecerá com vocês. Porém, o Consolador, que é o Santo Espírito, que meu Pai enviará em meu nome, os ensinará todas as coisas e os fará recordar tudo o que vos tenho dito”.

(JOÃO, 14: 15 a 17 e 26)

4. Jesus promete outro consolador: o *Espírito de Verdade*, que o mundo ainda não conhece, por não estar maduro para compreendê-lo; consolador que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para relembrar o que o Cristo disse. Portanto, se o

Espírito de Verdade tinha de vir mais tarde ensinar todas as coisas, é que o Cristo não disse tudo; se ele vem relembrar o que o Cristo disse, é que o que Jesus disse foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, na época predita, cumprir a promessa do Cristo: preside ao seu advento²⁸ o Espírito de Verdade. Ele convida os homens a observar a lei de Deus; ensina todas as coisas fazendo compreender o que Jesus só disse por parábolas²⁹. Cristo advertiu: “Ouçam os que têm ouvidos para ouvir.” O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, pois fala sem figuras, nem alegorias; levanta o véu que foi intencionalmente lançado sobre certos mistérios. Finalmente, vem trazer a consolação suprema aos deserdados da Terra e a todos os que sofrem, atribuindo causa justa e fim útil a todas as dores.

Disse o Cristo: “Bem-aventurados os aflitos, pois serão consolados.” Mas, como há de alguém sentir-se venturoso por sofrer, se não sabe por que sofre? O Espiritismo mostra a causa dos sofrimentos nas existências anteriores e na destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Mostra o objetivo dos sofrimentos, apontando-os como crises necessárias que produzem a cura e como meio de purificação que garante a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer e acha justo o sofrimento. Sabe que o sofrer lhe auxilia o adiantamento e o aceita sem murmurar, como o operário aceita o trabalho que lhe assegurará o salário. O Espiritismo lhe dá fé inabalável no futuro e a dúvida amargurante não se apossa mais da sua alma. Sendo permitido que o homem veja as coisas do alto, a importância das atribulações terrenas some-se no vasto e um esplêndido horizonte que ele o faz descortinar, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem de ir até ao fim do caminho.

Assim, o Espiritismo realiza o que Jesus disse do Consolador prometido: conhecimento das coisas, fazendo que o homem saiba donde vem, para onde vai e por que está na Terra; atrai para os verdadeiros princípios da lei de Deus e consola pela fé e pela esperança.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

ADVENTO DO ESPÍRITO DE VERDADE

5. Como fiz, em outros momentos, aos transviados filhos de Israel, venho a vocês trazer a verdade e dissolver as trevas. Escutem: como antigamente a minha palavra fez, o Espiritismo tem de lembrar aos incrédulos que acima deles reina a imutável verdade: o Deus bom, o Deus grande, que faz germinem as plantas e se levantem as ondas. Revelei a doutrina divina. Como um ceifeiro, reuni em feixes o bem espalhado no seio da Humanidade e disse: “Venham a mim, todos vocês que sofrem”.

Mas, ingratos, os homens afastaram-se do caminho reto que conduz ao reino de meu Pai e enveredaram pelas sendas da crueldade. Meu Pai não quer aniquilar a raça humana; quer que, ajudando uns aos outros, mortos e vivos – isto é,

²⁸ **Advento:** chegada – N. E.

²⁹ **Parábola:** narrativa simbólica para transmitir uma mensagem moral – N. E.

mortos segundo a carne, pois não existe a morte –, vocês se socorram mutuamente, e que se faça ouvir não mais a voz dos profetas e dos apóstolos, mas a dos que já não vivem na Terra, a clamar: Orem e creiam, pois a morte é a ressurreição, sendo a vida a prova buscada e durante a qual as virtudes que tiverem cultivado crescerão e se desenvolverão como a árvore.

Homens fracos, que compreendem as trevas das suas inteligências, não afastem o facho que a clemência divina coloca em suas mãos para clarear o caminho e reconduzi-los, filhos perdidos, ao colo do Pai.

Sinto-me por demais tomado de compaixão pelas suas misérias, pela sua fraqueza imensa, para deixar de estender mão auxiliadora aos infelizes transviados que, vendo o céu, caem nos abismos do erro. Creiam, amem, meditem sobre as coisas que são reveladas a vocês; não misturem o joio com a boa semente, as utopias³⁰ com as verdades.

Espíritas! Amem a todos, este o primeiro ensinamento; instruem-se, este o segundo. No Cristianismo encontram-se todas as verdades; são de origem humana os erros que nele se enraizaram. Eis que do além-túmulo – que julgavam que era o nada –, vozes clamam a vocês: “Irmãos! Nada morre. Jesus Cristo é o vencedor do mal, sejam os vencedores da impiedade.”

O Espírito de Verdade (Paris, 1860)

6. Venho instruir e consolar os pobres deserdados. Venho dizer-lhes que elevem a sua resignação ao nível de suas provas, que chorem, pois a dor foi sagrada no Jardim das Oliveiras; mas, que esperem, pois que também a eles os anjos consoladores lhes virão enxugar as lágrimas.

Obreiros, tracem o seu rumo; recomecem no dia seguinte o trabalho penoso da véspera; o trabalho das suas mãos fornece aos seus corpos o pão terrestre; porém, suas almas não estão esquecidas; e eu, o jardineiro divino, as cultivo no silêncio dos seus pensamentos. Quando soar a hora do repouso, e a trama da vida se escapar das suas mãos e seus olhos se fecharem para a luz, sentirão que surge e germina a minha preciosa semente em vocês. Nada fica perdido no reino de nosso Pai e os seus suores e misérias formam o tesouro que os tornará ricos nas esferas superiores, onde a luz substitui as trevas e onde o mais maltrapilho dentre todos vocês será talvez o mais resplandecente.

Em verdade eu digo a vocês: os que carregam seus fardos e assistem os seus irmãos são meus bem-amados. Eduquem-se na preciosa doutrina que dissolve o erro das revoltas e os mostra o sublime objetivo da provação humana. Assim como o vento varre a poeira, que também o sopro dos Espíritos dissipe os seus ciúmes contra os ricos do mundo, que não raro, são muito miseráveis, pois se acham sujeitos a provas mais perigosas do que as de vocês. Estou com vocês e meu apóstolo os instrui. Bebam na fonte viva do amor e preparem-se, cativos da vida, a lançar-se um dia, livres e alegres, no seio d’Aquele que os criou fracos para torná-los perfeitos e que quer que se modelem a sua argila flexível, a fim de serem os autores da sua imortalidade.

O Espírito de Verdade (Paris, 1861)

³⁰ **Utopia:** ilusão, fantasia, quimera – N. E.

7. Sou o grande médico das almas e venho trazer o remédio que há de curá-los. Os fracos, os sofredores e os enfermos são os meus filhos prediletos. Venho salvá-los. Então, venham a mim vocês que sofrem e se acham oprimidos, e serão aliviados e consolados. Não busquem noutra lugar a força e a consolação, pois que o mundo é impotente para dá-las. Deus dirige um supremo apelo aos seus corações por meio do Espiritismo. Escutem-no! Que a maldade, a mentira, o erro e a incredulidade sejam desenraizados de suas almas doloridas. São monstros que sugam o seu mais puro sangue e que vos abrem feridas quase sempre mortais. Que no futuro, humildes e obedientes ao Criador, pratiquem a Sua lei divina. Amem e orem; sejam dóceis aos Espíritos do Senhor; invoquem-no do fundo de seus corações. Então, ele os enviará o seu Filho bem-amado, para instruí-los e dizer estas boas palavras: Eis-me aqui; venho até vocês porque me chamaram.

O Espírito de Verdade (Bordéus, 1861)

8. Deus consola os humildes e dá aos aflitos a força que lhe pedem. Seu poder cobre a Terra e, por toda a parte, junto de cada lágrima Ele colocou um bálsamo que consola. A desambição e a abnegação são uma prece contínua e contêm um ensinamento profundo. A sabedoria humana reside nessas duas palavras. Que todos os Espíritos sofredores possam compreender essa verdade, em vez de clamarem contra suas dores, contra os sofrimentos morais que neste mundo os cabem em partilha. Pois, tomem por divisa estas duas palavras: *devotamento* e *abnegação*, e serão fortes, porque elas resumem todos os deveres que a caridade e a humildade impõem a vocês. O sentimento do dever cumprido dará repouso ao espírito em resignação. O coração bate então melhor, a alma se tranquiliza e o corpo se liberta aos abatimentos, por isso que o corpo tanto menos forte se sente, quanto mais profundamente o espírito é golpeado.

O Espírito de Verdade (Havre, 1863)

Capítulo VII

BEM-AVENTURADOS OS POBRES DE ESPÍRITO

- O QUE SE DEVE ENTENDER POR POBRES DE ESPÍRITOS
- AQUELE QUE SE ELEVA SERÁ REBAIXADO
- MISTÉRIOS OCULTOS AOS DOUTOS E AOS PRUDENTES

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- O ORGULHO E A HUMILDADE
- MISSÃO DO HOMEM INTELIGENTE NA TERRA

O QUE SE DEVE ENTENDER POR POBRES DE ESPÍRITO

1. “Bem-aventurados os pobres de espírito, pois deles é o reino dos céus”.

(MATEUS, 5:3)

2. Os ateus zombaram deste dito: *Bem-aventurados os pobres de espírito*, como têm zombado de muitas outras coisas que não compreendem. Por pobres de espírito Jesus não considera os fartos de inteligência, mas os humildes, tanto que diz ser para estes o reino dos céus e não para os orgulhosos.

Os homens de sabedoria e de espírito, no entender do mundo, formam geralmente um conceito tão alto de si próprios e da sua superioridade, que consideram as coisas divinas como indignas de sua atenção. Concentrando sobre si mesmos os seus olhares, eles não os podem elevar até Deus. Essa tendência, de se acreditarem superiores a tudo, muitas vezes os leva a negar aquilo que, estando-lhes acima, os rebaixaria, a negar até mesmo a Divindade. Ou, se concordam em admiti-la, contestam-lhe um dos mais belos atributos: a ação providencial sobre as coisas deste mundo, convencidos de que eles são suficientes para bem governá-lo. Tomando a inteligência que possuem para medida da inteligência universal, e julgando-se aptos a compreender tudo, não podem crer na possibilidade do que não compreendem. Consideram sem apelação as sentenças que proferem.

Quando se recusam a admitir o mundo invisível e uma potência sobre-humana, não é que isso esteja fora do alcance do alcance deles; é que o orgulho se lhes revolta à ideia de uma coisa acima da qual não possam se colocar e que os faria descer do pedestal onde se contemplam. Daí só terem sorrisos irônicos para tudo o

que não pertence ao mundo visível e palpável. Eles se acham espírito e sabedoria em tão grande cópia, que não podem crer em coisas boas apenas para gente *simples* – segundo pensam –, tendo por *pobres de espírito* os que as tomam a sério.

Entretanto, digam o que disserem, será preciso que eles entrem nesse mundo invisível de que zombam, como os outros entrarão. É lá que seus olhos se abrirão e eles reconhecerão o erro em que caíram. Mas Deus, que é justo, não pode receber da mesma forma aquele que lhe desconheceu a majestade e outro que humildemente obedeceu às leis, nem os recompensar em partes iguais. Dizendo que o reino dos céus é dos simples, Jesus quis significar que a ninguém é concedida entrada nesse reino, sem a *simplicidade de coração e humildade de espírito*; que o ignorante possuidor dessas qualidades será preferido ao sábio que mais crê em si do que em Deus. Em todas as circunstâncias, Jesus põe a humildade na categoria das virtudes que aproximam de Deus e o orgulho entre os vícios que afastam a criatura dele, e isso por uma razão muito natural: a de a humildade ser um ato de obediência a Deus, ao passo que o orgulho é a revolta contra ele. Logo, mais vale, para felicidade do seu futuro, que o homem seja *pobre em espírito*, conforme o mundo o considera, e rico em qualidades morais.

AQUELE QUE SE ELEVA SERÁ REBAIXADO

3. Por essa ocasião, os discípulos se aproximaram de Jesus e lhe perguntaram: “Quem é o maior no reino dos céus?” Jesus, chamando a si um menino, o colocou no meio deles e respondeu: **“Digo a vocês, em verdade, que, se não se converterem e se tornarem iguais crianças, não entrarão no reino dos céus. Aquele, portanto, que se humilhar e se tornar pequeno como esta criança será o maior no reino dos céus; e aquele que recebe em meu nome a uma criança, tal como acabo de dizer, é a mim mesmo que recebe.”**

(MATEUS, 18: 1 a 5)

4. Então, a mãe dos filhos de Zebedeu se aproximou de Jesus com seus dois filhos e o adorou, dando a entender que lhe queria pedir alguma coisa. Disse-lhe Ele: **“Que deseja?”** Disse ela: **“Manda que estes meus dois filhos tenham assento no teu reino, um à tua direita e o outro à tua esquerda.”** Mas, Jesus lhe respondeu: **“Não sabe o que pede; vocês dois poderão beber o cálice que eu vou beber?”** Eles responderam: **“Podemos.”** Jesus lhes replicou: **“É certo que beberão o cálice que eu beber; mas, a respeito de se sentarem à minha direita ou à minha esquerda, não cabe a eu conceder isso a vocês; isso será para aqueles a quem meu Pai o tem preparado.”** Ouvindo isso, os dez outros apóstolos se encheram de indignação contra os dois irmãos. Jesus, chamando-os para perto de si, lhes disse: **“Sabem que os príncipes das nações as dominam e que os grandes as tratam com império. Assim não deve ser entre vocês; ao contrário, aquele que quiser se tornar o maior seja seu servo; e aquele que quiser ser o primeiro entre vocês seja seu escravo; do mesmo modo que o Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos.”**

(MATEUS, 20: 20 a 28)

5. Jesus entrou num dia de sábado na casa de um dos principais fariseus para aí fazer a sua refeição. Os que lá estavam o observaram. Então, notando que os convidados escolhiam os primeiros lugares, propôs-lhes uma parábola, dizendo: **“Quando forem convidados para as festas, não tomem o primeiro lugar, para que não aconteça que, havendo entre os convidados uma pessoa mais considerada do que vocês, aquele que os convidou venha a lhes dizer: ‘dê o seu lugar a este’, e vocês se vejam constrangidos a ocupar, cheios de vergonha, o último lugar. Quando forem convidados, coloquem-se no último lugar, a fim de**

que, quando aquele que os convidou chegar, lhes diga: ‘meu amigo, venha mais para cima’. Isso então será para vocês um motivo de glória, diante de todos os que estiverem com vocês à mesa; pois todo aquele que se eleva será rebaixado e todo aquele que se abaixa será elevado.”

(LUCAS, 14: 1 e 7 a 11)

6. Estes ditados decorrem do princípio de humildade que Jesus não cessa de apresentar como condição essencial da felicidade prometida aos eleitos do Senhor e que ele formulou assim: “Bem-aventurados os pobres de espírito, pois o reino dos céus lhes pertence.” Ele toma uma criança como tipo da simplicidade de coração e diz: “Será o maior no reino dos céus aquele que se humilhar e se fizer pequeno como uma criança, isto é, que nenhuma pretensão alimentar à superioridade ou à infalibilidade.

A mesma ideia fundamental se oferece a nós nesta outra máxima: *Seja seu servidor aquele que quiser tornar-se o maior*, e nesta outra: *Aquele que se humilhar será exaltado e aquele que se elevar será rebaixado*.

O Espiritismo aprova a teoria pelo exemplo prático, mostrando-nos na posição de grandes no mundo dos Espíritos os que eram pequenos na Terra; e muitas vezes, bem pequenos os que eram os maiores e os mais poderosos na Terra. E que os primeiros, ao morrerem, levaram consigo aquilo que faz a verdadeira grandeza no céu e que não se perde nunca: as virtudes, ao passo que os outros tiveram de deixar aqui o que lhes constituía a grandeza terrena e que se não leva para a outra vida: a riqueza, os títulos, a glória, a nobreza do nascimento. Nada mais possuindo senão isso, eles chegam ao outro mundo privados de tudo, como náufragos que tudo perderam, até as próprias roupas. Conservaram apenas o orgulho que mais humilhante lhes torna a nova posição, pois veem colocados acima de si e resplandecentes de glória os que eles na Terra subestimaram.

O Espiritismo aponta-nos outra aplicação do mesmo princípio nas encarnações sucessivas, mediante as quais os que, numa existência, ocuparam as mais elevadas posições, descem, em existência seguinte, às mais insignificantes condições, desde que o orgulho e a ambição os tenham dominado. Então, não procurem na Terra os primeiros lugares, nem se coloquem acima dos outros, se não quiserem ser obrigados a descer. Ao contrário, busquem o lugar mais humilde e mais modesto, pois Deus saberá lhes dar um mais elevado no céu, se o merecerem.

MISTÉRIOS OCULTOS AOS DOUTOS E AOS PRUDENTES

7. Então, Jesus disse estas palavras: “Graças te rendo, meu Pai, Senhor do céu e da Terra, por ter ocultado estas coisas aos doutos e aos prudentes e por tê-las revelado aos simples e aos pequenos.”

(MATEUS, 11: 25)

8. Pode parecer estranho que Jesus renda graças a Deus, por ter revelado estas coisas aos simples e aos pequenos – que são os pobres de espírito – e por tê-las ocultado aos doutos e aos prudentes, que na aparência, são mais aptos a compreendê-las. É preciso entender que os primeiros são os humildes, são os que se humilham diante

de Deus e não se consideram superiores a toda a gente. Os segundos são *os orgulhosos*, envaidecidos de sua sabedoria mundana, os quais se julgam prudentes porque negam e tratam a Deus de igual para igual, quando não se recusam a admiti-lo, pois, na antiguidade, *douto* era sinônimo de *sábio*. Por isso é que Deus lhes deixa a pesquisa dos segredos da Terra e revela os do céu aos simples e aos humildes que se prostram diante d’Ele.

9. O mesmo acontece hoje com as grandes verdades que o Espiritismo revelou: alguns incrédulos se admiram de que os Espíritos façam tão poucos esforços para convencê-los. A razão está em que os Espíritos cuidam preferencialmente dos que procuram a luz, de boa vontade e com humildade, do que daqueles que se supõem na posse de toda a luz e imaginam, talvez, que Deus deveria dar-se por muito feliz em atraí-los a si, provando-lhes a Sua existência.

O poder de Deus se manifesta nas mais pequeninas coisas, como nas maiores. Ele não põe a luz debaixo do alqueire, por isso que a derrama em ondas por toda a parte, de tal sorte que só cegos não a veem. *A esses, Deus não quer abrir os olhos à força, já que lhes agradam tê-los fechados.* A vez deles chegará, mas é preciso que, antes, sintam as angústias das trevas e *reconheçam que quem lhes fere o orgulho é a Divindade e não o acaso.* Para vencer a descrença, Deus emprega os meios mais convenientes, conforme os indivíduos. Não é à incredulidade que cabe decidir-lhe o que deva fazer, nem lhe cabe dizer: “Se quer me convencer, tem de proceder dessa ou daquela maneira, em tal ocasião e não em tal outra, porque essa ocasião é a que mais me convém.”

Pois, que os incrédulos não se espantem de que nem Deus, nem os Espíritos – que são os executores da sua vontade – se submetam às suas exigências. Perguntem a si mesmos o que diriam, se o último de seus servidores ousasse lhes recomendar fosse o que fosse. Deus impõe condições e não aceita as que lhe queiram impor. Bondosamente, escuta os que se dirigem a Ele humildemente e não os que se julgam mais do que Ele.

10. Poderão perguntar: Deus não poderia tocá-los pessoalmente, por meio de manifestações claras, diante das quais os mais teimosos ateus se inclinassem? É fora de toda dúvida que o poderia; mas, então, que mérito teriam eles e, ao demais, de que serviria? Não se veem todos os dias criaturas que não cedem nem à evidência, chegando até a dizer: “Ainda que eu visse, não acreditaria, porque *sei* que é impossível?” Se esses se negam assim a reconhecer a verdade, é que ainda não trazem o espírito maduro para compreendê-la, nem o coração para senti-la. *O orgulho é a catarata que lhes fecha a visão.* De que vale apresentar a luz a um cego? Necessário é que, antes, a causa do mal seja destruída. Daí vem que, médico hábil, Deus primeiramente corrige o orgulho. Ele não deixa ao abandono aqueles de Seus filhos que se acham perdidos, pois sabe que cedo ou tarde os olhos deles se abrirão. Porém, Ele quer que isso se dê de ação própria, quando, vencidos pelos tormentos da incredulidade, eles venham de si mesmos lançar-se nos braços e pedir perdão a Deus, iguais filhos pródigos.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

O ORGULHO E A HUMILDADE

11. Que a paz do Senhor fique com vocês, meus queridos amigos! Aqui venho para encorajá-los a seguir o bom caminho.

Aos pobres Espíritos que habitaram a Terra em outra hora, Deus conferiu a missão de esclarecê-los. Bendito seja Ele, pela graça que nos concede, de podermos auxiliar o seu aperfeiçoamento. Que o Espírito Santo me ilumine e ajude a tornar compreensível a minha palavra, concedendo-me o favor de pô-la ao alcance de todos! Oh! Vocês, encarnados, que se acham em prova e buscam a luz, que a vontade de Deus venha em meu auxílio para fazê-la brilhar aos seus olhos! A humildade é virtude muito esquecida entre vocês, que têm seguido bem pouco os exemplos dados dela. Entretanto, sem humildade, podem ser caridosos com o seu próximo? Oh! Não, pois que este sentimento iguala os homens, dizendo-lhes que todos são irmãos, que se devem auxiliar mutuamente, e os induz ao bem. Sem a humildade, apenas se enfeitam de virtudes que não possuem, como se trouxessem um vestuário para esconder as deformidades do corpo. Lembrem-se d'Aquele que nos salvou; lembrem-se da sua humildade, que tão grande o fez, colocando-o acima de todos os profetas.

O orgulho é o terrível adversário da humildade. Se o Cristo prometia o reino dos céus aos mais pobres, é porque os grandes da Terra imaginam que os títulos e as riquezas são recompensas conferidas aos seus méritos e se consideram de essência mais pura do que a do pobre. Julgam que os títulos e as riquezas lhes são devidos, pelo que, quando Deus os retira deles, acusam a Divindade de injustiça. Oh! Desprezo e cegueira! Pois, então, Deus distingue vocês pelos corpos? O envoltório do pobre não é o mesmo que o do rico? O Criador fez duas espécies de homens? Tudo o que Deus faz é grande e sábio; nunca atribuam a Ele as ideias que os seus cérebros orgulhosos tramam.

Ó rico! Enquanto dormem sob tetos dourados, ignoram milhares de teus irmãos – que valem tanto quanto tu – que penam sobre a palha, ao abrigo do frio? O infeliz que passa fome não é teu próximo? Bem sei que ao ouvirem isso teu orgulho se revolta. Concordará em dar-lhe uma esmola, mas em lhe apertar fraternalmente a mão, nunca. Dirá: “O quê! Eu, de sangue nobre, grande da Terra, igual a este miserável coberto de farrapos! Utopia tola de falsos filósofos! Se fôssemos iguais, por que Deus o teria colocado tão baixo e a mim tão alto?” É exato que as suas vestes não se assemelham; mas, retirem as roupas de ambos: que diferença haverá entre vocês? Dirás: “a nobreza do sangue; a química”, porém, ainda nenhuma diferença descobriu entre o sangue de um patrão e o de um operário; entre o do senhor e o do escravo. Quem te garante que você também já não tenha sido miserável e desgraçado como ele? Que também não tenha pedido esmola? Que não a pedirá um dia a esse mesmo a quem hoje despreza? As riquezas são eternas? Elas não desaparecem quando se extingue o corpo, esse envoltório perecível do teu Espírito? Ah! Lança sobre ti um pouco de humildade! Enfim, põe os olhos na realidade das coisas deste mundo, sobre o que dá lugar ao engrandecimento e ao rebaixamento no outro; lembra-te de que a morte não te poupará, como a nenhum

homem; que os teus títulos não te preservarão do seu golpe; que ela te poderá ferir amanhã, hoje, a qualquer hora. Se te enterras no teu orgulho, oh, quanto então te lamentos, pois será bem digno de compaixão.

Orgulhosos! O que eram antes de serem nobres e poderosos? Talvez estivessem abaixo do último dos seus criados. Portanto, curvem as frentes altaneiras, que Deus pode fazer que se abaxem, justo no momento em que mais se elevarem. Na balança divina, todos os homens são iguais; só as virtudes os diferenciam aos olhos de Deus. Todos os Espíritos são da mesma essência e todos os corpos são formados da mesma massa. Os seus títulos e os seus nomes em nada os modificam. Eles permanecerão no túmulo e de modo nenhum contribuirão para que gozem da ventura dos eleitos. Estes, na caridade e na humildade é que têm seus títulos de nobreza.

Pobre criatura! És mãe, teus filhos sofrem; sentem frio; têm fome, e tu vais, curvada ao peso da tua cruz, humilhar-te, para conseguir um pedaço de pão para eles! Oh, inclino-me diante de ti! És nobremente santa e grande aos meus olhos! Espera e ora; a felicidade ainda não é deste mundo. Aos pobres oprimidos que n'Ele confiam, Deus concede o reino dos céus.

E tu, donzela, pobre criança lançada ao trabalho e às privações, por que esses tristes pensamentos? Por que chora? Dirige a Deus, piedoso e sereno, o teu olhar: ele dá alimento aos passarinhos; tem confiança n'Ele, que não te abandonará. O ruído das festas, dos prazeres do mundo, faz bater o teu coração; também desejava adornar de flores os teus cabelos e te misturar com os venturosos da Terra. Diz de ti para contigo que, como essas mulheres que vês passar, despreocupadas e risonhas, também tu poderia ser rica. Oh! Cala-te, criança! Se soubesse quantas lágrimas e dores inomináveis se ocultam sob esses vestidos suntuosos, quantos soluços são abafados pelos sons dessa orquestra rumorosa, preferiria o teu humilde retiro e a tua pobreza. Conserva-te pura aos olhos de Deus, se não quer que o teu anjo guardião se volte para o seu seio, cobrindo o semblante com as suas brancas asas e te deixando com os teus remorsos, sem guia, sem amparo, neste mundo, onde ficaria perdida, a aguardar a punição no outro.

Todos vocês que sofrem injustiças dos homens, sejam indulgentes para as faltas dos seus irmãos, ponderando que também vocês não se acham isentos de culpas; isso é caridade, mas é igualmente humildade. Se sofrem pelas calúnias, abaixem a cabeça sob essa prova. Que importam as calúnias do mundo? Se seu proceder é puro, Deus não pode os recompensar? Suportar com coragem as humilhações dos homens é ser humilde e reconhecer que somente Deus é grande e poderoso.

Oh, meu Deus! Será preciso que o Cristo volte uma segunda vez à Terra para ensinar aos homens as Tuas leis, que eles esquecem? Terá que de novo expulsar do templo os vendedores que profanam a tua casa, casa que é unicamente de oração? E, quem sabe? Ó homens! Se não renegariam a Jesus como já fizeram uma vez, caso Deus os concedesse essa graça! Chamariam a Ele de blasfemador, porque abateria o orgulho dos modernos fariseus. É bem possível que o fizesse percorrer novamente o caminho do Gólgota³¹.

³¹ Caminho do Gólgota: percurso que Jesus fez, carregando sua cruz, até ser crucificado – N. E.

Quando Moisés subiu ao monte Sinai para receber os mandamentos de Deus, o povo de Israel, entregue a si mesmo, abandonou o Deus verdadeiro. Homens e mulheres deram o ouro e as joias que possuíam, para que se construísse um ídolo que entraram a adorar. Vocês, homens civilizados, vocês imitam a eles. O Cristo lhes herdou a Sua doutrina; deu-lhes o exemplo de todas as virtudes e vocês abandonaram tudo, exemplos e preceitos. Concorrendo para isso com as suas paixões, fizeram um Deus a seu jeito: segundo uns, terrível e sanguinário; segundo outros, alheado dos interesses do mundo. O Deus que fabricaram é ainda o bezerro de ouro que cada um adapta aos seus gostos e às suas ideias.

Despertem, meus irmãos, meus amigos. Que a voz dos Espíritos ecoe nos seus corações. Sejam generosos e caridosos, sem ostentação, isto é, façam o bem com humildade. Que cada um proceda pouco a pouco para a demolição dos altares que todos ergueram ao orgulho. Numa palavra: sejam verdadeiros cristãos e terão o reino da verdade. Não continuem a duvidar da bondade de Deus, enquanto Ele lhes dá tantas provas dela. Viemos preparar os caminhos para que as profecias se cumpram. Quando o Senhor lhes der uma manifestação mais retumbante da sua clemência, que o enviado celeste já os encontre formando uma grande família; que os seus corações mansos e humildes sejam dignos de ouvir a palavra divina que Ele vem trazê-los; que ao eleito somente se deparem em seu caminho as palmas que aí tendes deposto, voltando ao bem, à caridade, à fraternidade. Então, o seu mundo se tornará o paraíso terrestre. Mas, se permanecerem insensíveis à voz dos Espíritos enviados para depurar e renovar a sociedade civilizada – rica de ciências, mas, no entanto, tão pobre de bons sentimentos –, ah! Então não nos restará senão chorar e gemer pela sorte de vocês. Mas, não, não será assim. Voltem para Deus, seu pai, e todos nós que houvermos contribuído para o cumprimento da sua vontade entoaremos o cântico de ação de graças, agradecendo-lhe a inesgotável bondade e glorificando-o por todos os séculos dos séculos. Assim seja.

Lacordaire (Constantina, 1863)

12. Homens, por que se queixam das calamidades que vocês mesmos amontoaram sobre as suas cabeças? Desprezaram a santa e divina moral do Cristo; pois, não se espantem de que a taça da maldade tenha transbordado de todos os lados.

Generaliza-se o mal-estar. A quem incriminar, senão a vocês que incessantemente procuram esmagar uns aos outros? Não podem ser felizes, sem mútua benevolência; mas, como pode a benevolência coexistir com o orgulho? *O orgulho*, eis a fonte de todos os seus males. Portanto, dediquem-se em destruí-lo, se não quiserem perpetuar as suas terríveis consequências. Um único meio se oferece para isso, mas infalível: tomarem a lei do Cristo como regra invariável do seu modo de agir, lei que vocês têm repellido ou falsificado em sua interpretação.

Por que haveria de ter em maior estima o que brilha e encanta os olhos, do que o que toca o coração? Por que fazem do vício na opulência objeto das suas bajulações, ao passo que desdenham do verdadeiro mérito na simplicidade? Apresente-se em qualquer parte um rico debochado, perdido de corpo e alma, e todas as portas se abrem para ele, todas as atenções são para ele, enquanto ao homem de bem, que vive do seu trabalho, mal se dignam todos de saudá-lo com ar de proteção. Quando a consideração dispensada aos outros se mede pelo ouro que

possuem ou pelo nome de que usam, que interesse podem eles ter em se corrigirem de seus defeitos?

Aconteceria o inverso, se a opinião geral rejeitasse o vício dourado, tanto quanto o vício em trapos; mas, o orgulho se mostra indulgente para com tudo o que o lisonjeia. “Século de ambição e de dinheiro”, vocês dizem. Sem dúvida; mas por que deixaram que as necessidades materiais superassem o bom-senso e a razão? Por que há de cada um querer elevar-se acima de seu irmão? A sociedade sofre hoje as consequências desse fato.

Não esqueçam que tal estado de coisas é sempre sinal certo de decadência moral. Quando o orgulho chega ao extremo, tem-se um indício de queda próxima, pois Deus nunca deixa de castigar os soberbos. Se por vezes consente que eles subam, é para lhes dar tempo à reflexão e a que se emendem, sob os golpes que de quando em quando lhes desfere no orgulho para adverti-los. Mas, em lugar de se humilharem, eles se revoltam. Então, cheia a medida, Deus os abate completamente e tanto mais horrível lhes é a queda, quanto mais alto tenham subido.

Pobre raça humana, cujo egoísmo corrompeu todas as sendas, toma novamente coragem, apesar de tudo. Em sua misericórdia infinita, Deus te envia poderoso remédio para os teus males, um inesperado socorro à tua miséria. Abre os olhos à luz: aqui estão as almas dos que já não vivem na Terra e que te vêm chamar ao cumprimento dos deveres reais. Eles te dirão, com a autoridade da experiência, quanto são mesquinhas as vaidades e as grandezas da sua passageira existência em comparação à eternidade. Dirão para ti que, lá, o maior é aquele que foi o mais humilde entre os pequenos deste mundo; que aquele que mais amou os seus irmãos será também o mais amado no céu; que os poderosos da Terra, se abusaram da sua autoridade, serão reduzidos a obedecer aos seus servos; que, finalmente, a humildade e a caridade, irmãs que andam sempre de mãos dadas, são os meios mais eficazes de se obter graça diante do Eterno.

Adolfo, bispo de Argel (Marmande, 1862)

MISSÃO DO HOMEM INTELIGENTE NA TERRA

13. Não se vangloriem do que sabem, pois esse saber tem limites muito estreitos no mundo em que habitam. Suponhamos que sejam sumidades em inteligência neste planeta: nenhum direito teriam de se envaidecer. Se, em seus desígnios, Deus os fez nascer num meio onde pudessem desenvolver a sua inteligência, é que deseja que a utilizem para o bem de todos; é uma missão que Ele lhes dá, pondo-lhes nas mãos o instrumento com que podem desenvolver, por sua vez, as inteligências retardatárias e conduzi-las a Ele. A natureza do instrumento não está a indicar a que utilização deve prestar-se? A enxada que o jardineiro entrega a seu ajudante não mostra a este último que lhe cumpre cavar a terra? Que diriam se esse ajudante, em vez de trabalhar, erguesse a enxada para ferir o seu patrão? Diriam que é horrível e que ele merece demissão. Pois bem: não se dá o mesmo com aquele que se serve da sua inteligência para destruir a ideia de Deus e da Providência entre seus irmãos? Ele não levanta contra o seu senhor a enxada que lhe foi confiada para cultivar o terreno? Ele tem direito ao salário prometido? Não merece, ao contrário, ser expulso

do jardim? Pois ele será, não duvidem! E atravessará existências miseráveis e cheias de humilhações, até que se curve diante d’Aquele a quem tudo deve.

A inteligência é rica de méritos para o futuro, mas, sob a condição de ser bem empregada. Se todos os homens que a possuem dela se servissem de conformidade com a vontade de Deus, fácil seria, para os Espíritos, a tarefa de fazer que a Humanidade avance. Infelizmente, muitos a tornam instrumento de orgulho e de perdição contra si mesmos. O homem abusa da inteligência como de todas as suas outras faculdades e, no entanto, não lhe faltam ensinamentos que o advirtam de que uma poderosa mão pode retirar o que lhe concedeu.

Ferdinando, Espírito protetor. (Bordéus, 1862)

CAPÍTULO VIII

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM O CORAÇÃO PURO

- SIMPLICIDADE E PUREZA DE CORAÇÃO
- PECADO POR PENSAMENTO – ADULTÉRIO
- VERDADEIRA PUREZA – MÃOS NÃO LAVADAS
- ESCÂNDALO – SE A SUA MÃO É MOTIVO DE ESCÂNDALO, CORTEM-NA

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- DEIXEM QUE AS CRIANCINHAS VENHAM A MIM
- BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM OS OLHOS FECHADOS

SIMPLICIDADE E PUREZA DE CORAÇÃO

1. “Bem-aventurados os que têm puro o coração, pois verão a Deus”.

(MATEUS, 5:8)

2. Então, apresentaram algumas crianças a Jesus, a fim de que Ele as tocasse, e, como seus discípulos afastassem com palavras ásperas os que apresentavam as crianças, vendo isso, Jesus zangou-se e lhes disse: **“Deixem que venham a mim as criancinhas e não as impeçam, pois o reino dos céus é para os que se assemelham a elas. Em verdade, digo a vocês que aquele que não receber o reino de Deus como uma criança, não entrará nele”**. E, depois de abraçar as crianças, abençoou-as, impondo-lhes as mãos.

(MARCOS, 10:13 a 16)

3. A pureza do coração é inseparável da simplicidade e da humildade. Exclui toda ideia de egoísmo e de orgulho. Por isso é que Jesus toma a infância como símbolo dessa pureza, do mesmo modo que a tomou como o da humildade.

Poderia parecer menos justa essa comparação, considerando-se que o Espírito da criança pode ser muito antigo e que traz, renascendo para a vida corporal, as imperfeições de que não tenha se livrado em suas existências anteriores. Só um Espírito que tivesse chegado à perfeição nos poderia oferecer o tipo da verdadeira pureza. É exata a comparação, porém, do ponto de vista da vida presente, pois a criancinha, não havendo podido ainda manifestar nenhuma tendência perversa, nos apresenta a imagem da inocência e da candura. Daí Jesus não dizer, de modo absoluto, que o reino dos céus é *para elas*, mas *para os que a elas se assemelhem*.

4. Pois que o Espírito da criança já viveu, por que não se mostra, desde o nascimento, tal qual é? Tudo é sábio nas obras de Deus. A criança necessita de cuidados especiais, que somente a ternura materna lhe pode dispensar, ternura que se acresce da fraqueza e da ingenuidade da criança. Para uma mãe, seu filho é sempre um anjo e assim era preciso que fosse, para lhe cativar os cuidados. Ela não poderia ter o mesmo devotamento se, em vez da graça ingênua, deparasse nele, sob os traços infantis, um caráter amadurecido e as ideias de um adulto e, ainda menos se lhe viesse a conhecer o passado.

Aliás, faz-se necessário que a atividade do princípio inteligente seja proporcionada à fraqueza do corpo, que não poderia resistir a uma atividade muito grande do Espírito, como se verifica nos indivíduos grandemente precoces. Essa a razão por que, ao se aproximar dela a encarnação, o Espírito entra em perturbação e perde pouco a pouco a consciência de si mesmo, ficando, por certo tempo, numa espécie de sono, durante o qual todas as suas capacidades permanecem em estado adormecido. É necessário esse estado de transição para que o Espírito tenha um novo ponto de partida e para que esqueça, em sua nova existência, tudo aquilo que possa entravá-la. No entanto, sobre ele reage o passado. Renasce para a vida maior, mais forte, moral e intelectualmente, sustentado e secundado pela intuição que conserva da experiência adquirida.

A partir do nascimento, suas ideias tomam gradualmente impulso, à medida que os órgãos se desenvolvem – pelo que se pode dizer que, no curso dos primeiros anos, o Espírito é verdadeiramente criança –, por se acharem ainda adormecidas as ideias que lhe formam o fundo do caráter. Durante o tempo em que seus instintos se conservam latentes, ele é mais flexível e, por isso mesmo, mais acessível às impressões capazes de lhe modificarem a natureza e de fazê-lo progredir, o que torna mais fácil a tarefa que compete aos pais em educá-lo.

Então, o Espírito traz temporariamente a túnica da inocência e, assim, Jesus está com a verdade, quando, apesar da anterioridade da alma, toma a criança por símbolo da pureza e da simplicidade.

PECADO POR PENSAMENTOS. – ADULTÉRIO

5. “Aprendestes que foi dito aos antigos: *‘Não cometereis adultério’*. Mas eu digo a vocês que aquele que tiver olhado uma mulher, com mau desejo para com ela, já cometeu em seu coração adultério com ela.”

(MATEUS, 5:27 e 28)

6. A palavra *adultério* não deve absolutamente ser entendida aqui no sentido exclusivo da acepção que lhe é própria, porém, num sentido mais geral. Muitas vezes Jesus a usou por extensão, para designar o mal, o pecado, todo e qualquer pensamento mau, como, por exemplo, nesta passagem: “Pois se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, dentre esta *raça adúltera e pecadora*, o Filho do homem também se envergonhará dele, quando vier acompanhado dos santos anjos, na glória de seu Pai” (MARCOS, 8:38).

A verdadeira pureza não está somente nos atos; está também no pensamento, pois aquele que tem puro o coração, nem sequer pensa no mal. Foi o

que Jesus quis dizer: ele condena o pecado, mesmo em pensamento, porque é sinal de impureza.

7. Esse princípio provoca naturalmente a seguinte questão: *Sofrem-se as consequências de um pensamento mau, embora não produza nenhum efeito?*

É preciso que se faça aqui uma importante diferença: à medida que avança na vida espiritual, a alma que percorreu pelo mau caminho se esclarece e despoja pouco a pouco de suas imperfeições, conforme a maior ou menor boa vontade que demonstre, em virtude do seu livre-arbítrio. Todo mau pensamento resulta da imperfeição da alma; mas, de acordo com o desejo que alimenta de se purificar, mesmo esse mau pensamento se torna para ele uma ocasião de se adiantar, porque ela o repele com energia. É indício de esforço por apagar uma mancha. Não cederá, se se apresentar oportunidade de satisfazer a um mau desejo. Depois que tenha resistido, se sentirá mais forte e contente com a sua vitória.

Aquela que, ao contrário, não tomou boas resoluções, procura ocasião de praticar o mau ato e, se não o pratica de fato, não é por virtude da sua vontade, mas por falta de ocasião. É, pois, tão culpada quanto o seria se o cometesse.

Em resumo, naquele que nem sequer concebe a ideia do mal, já há progresso realizado; naquele a quem essa ideia acode, mas que a repele, há progresso em vias de realizar-se; naquele, finalmente, que pensa no mal e nesse pensamento se alegra, o mal ainda existe na plenitude da sua força. Num, o trabalho está feito; no outro, está por fazer-se. Deus, que é justo, leva em conta todas essas gradações na responsabilidade dos atos e dos pensamentos do homem.

VERDADEIRA PUREZA – MÃOS NÃO LAVADAS

8. Então os escribas e os fariseus, que tinham vindo de Jerusalém, aproximaram-se de Jesus e lhe disseram: “Por que os teus discípulos violam a tradição dos antigos, uma vez que não lavam as mãos quando fazem suas refeições?” Jesus lhes respondeu: “**Por que vocês violam o mandamento de Deus, para seguir a tradição de vocês? Pois Deus estabeleceu este mandamento: ‘Honrem ao pai e a mãe’; e este outro: ‘Seja punido de morte aquele que disser a seu pai ou a sua mãe palavras vergonhosas’; e, no entanto, vocês dizem que aquele que tenha dito a seu pai ou a sua mãe: ‘Toda oferenda que faço a Deus é proveitosa a vocês, satisfaz à lei’**, ainda que depois não honre, nem auxiliem ao seu pai ou a sua mãe. Tornam assim inútil o mandamento de Deus, pela tradição de vocês”.

“Hipócritas, Isaías bem profetizou de vocês, quando disse: *‘Este povo me honra de lábios, mas conserva longe de mim o coração; é em vão que me honram ensinando máximas e ordenações humanas’.*”

Depois, tendo chamado o povo, disse: “**Escutem e compreendam bem isto: não é o que entra na boca que mancha o homem, mas sim, é o que sai da boca do homem que o mancha. O que sai da boca vem do coração e é o que torna o homem impuro; pois do coração é que partem os maus pensamentos, os assassinios, os adultérios, as fornicções³², os latrocínios, os falsos testemunhos, as blasfêmias e as maledicências. Essas são as coisas que tornam o homem impuro; o comer sem lavar as mãos não é o que o torna impuro.**”

Então, aproximando-se dele, disseram-lhe seus discípulos: “Sabe que, ouvindo o que acaba de dizer, os fariseus se escandalizaram?” Ele, porém, respondeu: “**Será arrancada toda planta que meu Pai celestial não plantou. Deixem-nos, são cegos que conduzem**

³² Fornicação: adultério, luxúria sexual – N. E.

cegos; se um cego conduz outro, ambos caem no fosso.”

(MATEUS, 15:1 a 20)

9. Enquanto Ele falava, um fariseu lhe pediu que fosse jantar em sua companhia. Jesus foi e sentou-se à mesa. O fariseu entrou então a dizer consigo mesmo: “Por que Ele não lavou as mãos antes de jantar?” Disse-lhe, porém, o Senhor: **“Vocês, fariseus: têm grande cuidado em limpar o exterior do copo e do prato; entretanto, o interior dos seus corações está cheio de rapinas e de maldades. Como são insensatos! Aquele que fez o exterior não é o que faz também o interior?”**

(LUCAS, 11:37 a 40)

10. Os judeus haviam desprezado os verdadeiros mandamentos de Deus para se agarrarem à prática dos regulamentos que os homens tinham formulado e da rígida observância desses regulamentos faziam casos de consciência. A substância, muito simples, acabara por desaparecer debaixo da complicação da forma. Como fosse muito mais fácil praticar atos exteriores, do que se reformar moralmente – *lavar as mãos do que purificar o coração* –, iludiram-se a si próprios os homens, tendo-se como quites para com Deus, por se conformarem com aquelas práticas, conservando-se tais quais eram, visto se lhes ter ensinado que Deus não exigia mais do que isso. Daí por que o profeta ter dito: *“É em vão que este povo me honra de lábios, ensinando máximas e ordenações humanas”*.

Verificou-se o mesmo com a doutrina moral do Cristo, que acabou por ser atirada para segundo plano, donde resulta que muitos cristãos, a exemplo dos antigos judeus, consideram a salvação ser mais garantida por meio das práticas exteriores, do que pelas da moral. É a essas adições, feitas pelos homens à lei de Deus, que Jesus se refere quando diz: *Será arrancada toda planta que meu Pai celestial não plantou*.

O objetivo da religião é conduzir o homem a Deus. Ora, este não chega a Deus senão quando se torna perfeito. Logo, toda religião que não torna o homem melhor, não alcança o seu objetivo. Toda aquela em que o homem julgue poder apoiar-se para fazer o mal, ou é falsa, ou está falsificada em seu princípio. Tal o resultado que dão as em que a forma sobreleva ao fundo. A crença na eficácia dos sinais exteriores é nula, se não impedem a que se cometam assassínios, adultérios, espoliações, que se levantem calúnias, que se causem danos ao próximo, seja no que for. Semelhantes religiões fazem supersticiosos, hipócritas, fanáticos; não, porém, homens de bem.

Não basta que se tenham as aparências da pureza; acima de tudo, é preciso ter a do coração.

ESCÂNDALOS.

SE A VOSSA MÃO É MOTIVO DE ESCÂNDALO, CORTA-A

11. “Se alguém escandalizar a um destes pequenos que creem em mim, melhor seria que lhe atassem ao pescoço uma dessas mós, que um asno faz girar, e que o lançassem no fundo do mar.”

“Ai do mundo por causa dos escândalos; pois é necessário que venham os escândalos; mas, ai do homem por quem o escândalo venha. Tenham muito cuidado em não desprezar um destes pequenos. Declaro a vocês que seus anjos no céu veem

incessantemente a face de meu Pai que está nos céus, pois o Filho do homem veio salvar o que estava perdido. Se a sua mão ou o seu pé é objeto de escândalo para vocês, cortem e lancem-nos longe de vocês; melhor será que entrem na vida tendo um só pé ou uma só mão, do que terem dois e serem lançados no fogo eterno. Se o seu olho vos é objeto de escândalo, arranquem e lancem-no longe de vocês; melhor será que entrem na vida tendo um só olho, do que terem dois e serem jogados no fogo do inferno”.

(MATEUS, 18:6 a 11; 5:29 e 30)

12. No sentido vulgar, *escândalo* se diz de toda ação que de modo grave vá de encontro à moral ou à decência. O escândalo não está na ação em si mesma, mas na repercussão que possa ter. A palavra *escândalo* implica sempre a ideia de certo ruído. Muitas pessoas se contentam em evitar o escândalo, porque este lhes faria sofrer o orgulho, lhes acarretaria perda de consideração da parte dos homens. Desde que as suas crueldades fiquem ignoradas, é o suficiente para que se conserve a consciência tranquila. São, no dizer de Jesus: “sepulcros branqueados por fora, mas por dentro, cheios de podridão; vasos limpos no exterior e sujos no interior”.

No sentido evangélico, a acepção da palavra escândalo, tantas vezes empregada, é muito mais geral, pelo que, em certos casos, não se apreende o seu significado. Já não é somente o que afeta a consciência dos outros, é tudo o que resulta dos vícios e das imperfeições humanas, toda reação má de um indivíduo para outro, com ou sem repercussão. O escândalo, neste caso, *é o resultado efetivo do mal moral.*

13. *É preciso que tenha escândalo no mundo*, disse Jesus, porque, imperfeitos como são na Terra, os homens se mostram propensos a praticar o mal, e porque, árvores más, só dão maus frutos. Deve-se, pois, entender por essas palavras que o mal é uma consequência da imperfeição dos homens e não que haja, para estes, a obrigação de praticá-lo.

14. *É necessário que o escândalo venha*, porque, estando em expiação na Terra, os homens se punem a si mesmos pelo contato de seus vícios, cujas primeiras vítimas são eles próprios e cujos inconvenientes acabam por compreender. Quando estiverem cansados de sofrer devido ao mal, procurarão remédio no bem. A reação desses vícios serve, pois, ao mesmo tempo, de castigo para uns e de provas para outros. É assim que do mal Deus tira o bem e que os próprios homens utilizam as coisas más ou desprezíveis.

15. Sendo assim, dirão que o mal é necessário e durará sempre, pois, se desaparecesse, Deus se veria sem um poderoso meio de corrigir os culpados. Logo, é inútil cuidar de melhorar os homens. Entretanto, deixando de haver culpados, também se tornariam desnecessário quaisquer castigos. Suponhamos que a Humanidade se transforme e passe a ser constituída de homens de bem: nenhum pensará em fazer mal ao seu próximo e todos serão ditosos por serem bons. Tal a condição dos mundos elevados, de onde o mal já foi banido; tal virá a ser a da Terra, quando houver progredido bastante. Mas, ao mesmo tempo em que alguns mundos se adiantam, outros se formam, povoados de Espíritos primitivos e que, além disso, servem de habitação, de exílio e de estância expiatória a Espíritos imperfeitos, rebeldes, teimosos no mal, expulsos de mundos que se tornaram felizes.

16. *Mas, ai daquele por quem venha o escândalo.* Quer dizer que o mal sendo sempre o mal, aquele que apesar de servir de instrumento à justiça divina, aquele cujos maus instintos foram utilizados, nem por isso deixou de praticar o mal e de merecer punição. Assim é, por exemplo, que um filho ingrato é uma punição ou uma prova para o pai que sofre com isso, porque esse pai talvez tenha sido também um mau filho que fez sofrer seu pai. Ele passa pela pena de talião³³. Mas, essa circunstância não pode servir de desculpa ao filho que, por sua vez, terá de ser castigado em seus próprios filhos, ou de outra maneira.

17. *Se sua mão é causa de escândalo, cortem-na.* Figura enérgica esta, que seria absurda se tomada ao pé da letra, e que apenas significa que cada um deve destruir em si toda causa de escândalo, isto é, de mal; arrancar do coração todo sentimento impuro e toda tendência viciosa. Quer dizer também que, para o homem, mais vale ter uma das mãos cortada, antes que essa mão servir de instrumento para uma ação má; ficar privado da vista, antes que lhe servirem os olhos para conceber maus pensamentos. Jesus nada disse de absurdo, para quem quer que apreenda o sentido alegórico e profundo de suas palavras. Muitas coisas, entretanto, não podem ser compreendidas sem a chave que o Espiritismo faculta para decifrá-las.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

DEIXAI QUE VENHAM A MIM AS CRIANCINHAS

18. Disse o Cristo: “Deixem que venham a mim as criancinhas”. Profundas em sua simplicidade, essas palavras não continham um simples chamamento dirigido às crianças, mas, também, o das almas que gravitam nas regiões inferiores, onde o infortúnio desconhece a esperança. Jesus chamava a si a infância intelectual da criatura formada: os fracos, os escravizados e os viciosos. Ele nada podia ensinar à infância física, presa à matéria, submetida ao jugo do instinto, ainda não incluída na categoria superior da razão e da vontade que se exercem em torno dela e por ela.

Queria que os homens fossem a Ele com a confiança daqueles entezinhos de passos vacilantes, cujo chamamento conquistava, para o seu, o coração das mulheres, que são todas mães. Submetia assim as almas à sua terna e misteriosa autoridade. Ele foi o facho que ilumina as trevas, a claridade matinal que toca a despertar; foi o iniciador do Espiritismo, que a seu turno atrairá para Ele, não as criancinhas, mas os homens de boa vontade. Está empenhada a ação vigorosa; já não se trata de crer instintivamente, nem de obedecer maquinalmente; é preciso que o homem siga a lei inteligente que se lhe revela na sua universalidade. Meus bem-amados, são chegados os tempos em que, explicados, os erros se tornarão verdades. Ensinaremos a vocês o sentido exato das parábolas e mostraremos a forte ligação que existe entre o que foi e o que é. Em verdade, digo a todos: a manifestação espírita cresce no horizonte, e aqui está o seu enviado, que vai resplandecer como o Sol no alto dos montes.

João Evangelista (Paris, 1863)

³³ **Lei do talião:** baseada da vingança; olho por olho, dente por dente – N. E.

19. Deixem que venham a mim as criancinhas, pois tenho o leite que fortalece os fracos. Deixem que venham a mim todos os que, tímidos e fracos, necessitam de amparo e consolação. Deixem que venham a mim os ignorantes, para que eu os esclareça. Deixem que venham a mim todos os que sofrem, a multidão dos aflitos e dos infelizes: eu lhes ensinarei o grande remédio que suaviza os males da vida e lhes revelarei o segredo da cura de suas feridas! Qual é, meus amigos, esse bálsamo soberano, que possui tão grande virtude, que se aplica a todas as chagas do coração e as cicatriza? É o amor, é a caridade! Se possuírem esse fogo divino, o que é que poderão temer? Dirão a todos os instantes da vida: “Meu Pai, que a tua vontade se faça e não a minha; se te agrada experimentar-me pela dor e pelas tribulações, bendito seja, pois é para meu bem, eu o sei, que a tua mão sobre mim se abate. Se é do teu agrado, Senhor, ter piedade da tua criatura fraca, dar-lhe ao coração as alegrias sãs, bendito seja ainda. Mas, faça que o amor divino não lhe fique inativo na alma, que incessantemente faça subir aos teus pés o testemunho do seu reconhecimento!”

Se vocês têm amor, possuem tudo o que há de desejável na Terra, possuem preciosíssima pérola, que nem os acontecimentos nem as maldades dos que vos odeiem e persigam poderão arrebatá-la. Se têm amor, terão colocado o seu tesouro lá onde os vermes e a ferrugem não o podem atacar e verão se apagar da sua alma tudo o que seja capaz de lhe profanar a pureza; sentirão diminuir dia a dia o peso da matéria e, igual pássaro que volita nos ares e já não se lembra da Terra, subirão continuamente, subirão sempre, até que sua alma, inebriada, se farte do seu elemento de vida no seio do Senhor.

Um Espírito protetor (Bordéus, 1861)

BEM-AVENTURADOS OS QUE TÊM FECHADOS OS OLHOS ³⁴

20. Meus bons amigos, para que me chamarão? Terá sido para que eu imponha as mãos sobre a pobre sofredora que está aqui e a cure? Ah, que sofrimento, bom Deus! Ela perdeu a vista e as trevas a envolveram. Pobre filha! Que ore e espere. Não sei fazer milagres, eu, sem que Deus o queira. Todas as curas que tenho obtido e que foram anotadas por vocês não atribuem senão àquele que é o Pai de todos nós. Nas suas aflições, voltem sempre o olhar para o céu e digam do fundo do coração: “Meu Pai, cura-me, mas faça que minha alma enferma se cure antes que o meu corpo; que a minha carne seja castigada, se necessário, para que minha alma se eleve ao teu seio, com a brancura que possuía quando a criou.” Após essa prece, meus amigos, que o bom Deus ouvirá sempre, lhe serão dadas a força e a coragem e, quem sabe, também a cura que apenas pediram timidamente, em recompensa da sua abnegação.

Contudo, uma vez que aqui me acho, numa assembleia onde principalmente se trata de estudos, direi a vocês que os que são privados da vista deveriam considerar-se os bem-aventurados da expiação. Lembrem-se de que o Cristo disse ser conveniente que arrancassem o olho se fosse mau, e que mais valeria lançá-lo ao fogo, do que deixar se tornasse causa da sua condenação. Ah, quantos há no mundo

³⁴ Esta comunicação foi dada com relação a uma pessoa cega, a cujo favor se evocara o Espírito de J. B. Vianney, cura d’Ars.

que um dia, nas trevas, maldirão terem visto a luz! Oh, sim, como são felizes os que, por expiação, vêm a ser atingidos na vista! Os olhos não lhes serão causa de escândalo e de queda; podem viver inteiramente da vida das almas; podem ver mais do que vocês que têm a visão límpida!... Quando Deus me permite abrir as pálpebras a algum desses pobres sofredores e lhes restituir a luz, digo a mim mesmo: “Alma querida, por que não conhece todas as delícias do Espírito que vive de contemplação e de amor? Então, não pediria que te concedesse ver imagens menos puras e menos suaves, do que as que te é dado penetrar na tua cegueira!”

Oh, bem-aventurado o cego que quer viver com Deus! Mais contente do que todos que aqui estão, ele sente a felicidade, toca-a, vê as almas e pode atirar-se com elas às esferas espirituais que nem mesmo os predestinados da Terra conseguem enxergar. Abertos, os olhos estão sempre prontos a causar a falência da alma; fechados, estão prontos sempre, ao contrário, a fazê-la subir para Deus. Creiam, bons e caros amigos, a cegueira dos olhos é, muitas vezes, a verdadeira luz do coração, ao passo que a vista é, com frequência, o anjo tenebroso que conduz à morte.

Agora, algumas palavras dirigidas a ti, minha pobre sofredora: Espera e tem ânimo! Se eu te dissesse: Minha filha, teus olhos se abrirão e como te sentirá jubilosa! Mas, quem sabe se esse júbilo não ocasionaria a tua perda! Confia no bom Deus, que fez a fortuna e permite a tristeza. Farei tudo o que me for consentido a teu favor; mas, por sua vez, ora e, ainda mais, pensa em tudo quanto acabo de te dizer.

Antes que me vá, recebam todos que aqui se acham reunidos, a minha bênção.

Vianney, cura d’Ars (Paris, 1863)

21. Nota – Quando uma aflição não é consequência dos atos da vida presente, devemos buscar sua causa numa vida anterior. Tudo aquilo a que se dá o nome de caprichos da sorte não é mais do que efeito da justiça de Deus, que não inflige punições injustas, pois quer que a pena esteja sempre em correlação com a falta. Se, por Sua bondade, lançou um véu sobre os nossos atos passados, por outro lado nos aponta o caminho, dizendo: “Quem matou à espada, pela espada perecerá”, palavras que se podem traduzir assim: “A criatura é sempre punida por aquilo em que pecou.” Se, portanto, alguém sofre o tormento da perda da vista, é que esta lhe foi causa de queda. Talvez tenha sido também causa de que outro perdesse a vista; de que alguém tenha perdido a vista em consequência do excesso de trabalho que aquele lhe impôs, ou de maus-tratos, de falta de cuidados, etc. Nesse caso, passa ele pela pena de talão. É possível que ele próprio, tomado de arrependimento, tenha escolhido essa expiação, aplicando a si estas palavras de Jesus: “Se o teu olho for motivo de escândalo, arranca-o.”

CAPÍTULO IX

BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO BRANDOS E PACÍFICOS

- INJÚRIAS E VIOLÊNCIAS

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- A AFABILIDADE E A DOÇURA
- A PACIÊNCIA
- OBEDIÊNCIA E RESIGNAÇÃO
- A CÓLERA

INJÚRIAS E VIOLÊNCIAS

1. “Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra”.

(MATEUS, 5:5)

2. “Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus”.

(MATEUS, 5:9)

3. “Sabem que foi dito aos antigos: ‘Não matarão e quem quer que mate merecerá condenação pelo juízo’. Porém, eu digo a vocês que quem quer que se puser em cólera contra seu irmão merecerá condenação no juízo; que aquele que disser a seu irmão: ‘Raca’, merecerá condenação pelo conselho; e que aquele que lhe disser: ‘És louco’, merecerá condenação ao fogo do inferno”.

(MATEUS, 5:21 e 22)

4. Por estas máximas, Jesus faz da brandura, da moderação, da mansuetude, da afabilidade e da paciência, uma lei. Por outro lado, condena a violência, a cólera e até toda expressão indelicada de que alguém possa usar para com seus semelhantes. *Raca*, entre os hebreus, era um termo ofensivo que significava *homem que não vale nada*, e se pronunciava cuspidando e virando a cabeça para o lado. Vai mesmo mais longe, pois que ameaça com o fogo do inferno aquele que disser a seu irmão: *És louco*.

Evidente que aqui, como em todas as circunstâncias, a intenção agrava ou ameniza a falta; mas, em que pode uma simples palavra revestir-se de tanta gravidade que mereça tão severa reprovação? É que toda palavra ofensiva exprime

um sentimento contrário à lei do amor e da caridade que deve presidir às relações entre os homens e manter a concórdia e a união entre eles; é que constitui um golpe desferido na benevolência recíproca e na fraternidade; é que entrelaça o ódio e a inimizade; é, enfim, que, depois da humildade para com Deus, a caridade para com o próximo é a lei primeira de todo cristão.

5. Mas, o que Jesus queria dizer por estas palavras: “Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra”, tendo recomendado aos homens que renunciassem aos bens deste mundo e havendo-lhes prometido os do céu?

Enquanto aguarda os bens do céu, o homem tem necessidade dos da Terra para viver. Apenas, o que Ele recomenda é que não dê mais importância a estes últimos do que aos primeiros.

Por aquelas palavras quis dizer que até agora os bens da Terra são usurpados pelos violentos, em prejuízo dos que são brandos e pacíficos; que a estes falta muitas vezes o necessário, ao passo que outros têm o supérfluo. Promete que a justiça será feita, *assim na Terra como no céu*, porque serão chamados filhos de Deus. Quando a Humanidade se submeter à lei de amor e de caridade, deixará de haver egoísmo; o fraco e o pacífico já não serão explorados, nem esmagados pelo forte e pelo violento. Tal a condição da Terra, quando, de acordo com a lei do progresso e a promessa de Jesus, se tornar mundo ditoso, por efeito do afastamento dos maus.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A AFABILIDADE E A DOÇURA

6. A benevolência para com os seus semelhantes, fruto do amor ao próximo, produz a afabilidade e a doçura, que são suas formas de se manifestar. Entretanto, nem sempre há que confiar nas aparências. A educação e a experiência do mundo podem dar ao homem o verniz³⁵ dessas qualidades. Quantos há cuja fingida bondade não passa de máscara para o exterior, de uma roupagem cujo presença primorosa disfarça as deformidades interiores! O mundo está cheio dessas criaturas que têm o sorriso nos lábios e o veneno no coração; *que são brandas, desde que nada as aborreça, mas que mordem com a menor contrariedade*; cuja língua, de ouro quando falam pela frente, se muda em flecha venenosa quando estão por detrás.

A essa classe também pertencem esses homens, de exterior benigno, que são tiranos domésticos e fazem que suas famílias e seus subordinados lhes sofram o peso do orgulho e do autoritarismo, como a quererem vingar-se do constrangimento que, fora de casa, se impõem a si mesmos. Não se atrevendo a usar de autoridade para com os estranhos, que os colocariam na ordem, acham que pelo menos devem fazer-se temidos por aqueles que lhes não podem resistir. Envaidecem-se de poderem dizer: “Aqui mando e sou obedecido”, sem lhes ocorrer que poderiam acrescentar: “E sou detestado.”

³⁵ **Verniz:** significa aqui a falsa aparência – N. E.

Não basta que dos lábios jorrem leite e mel. Se de modo algum o coração lhes está associado, só há hipocrisia. Aquele cuja afabilidade e doçura não são tingidas nunca se desmente: é o mesmo, tanto em sociedade, como na intimidade. Esse, ao demais, sabe que se, pelas aparências, se consegue enganar os homens, a Deus ninguém engana.

Lázaro (Paris, 1861)

A PACIÊNCIA

7. A dor é uma bênção que Deus envia a seus eleitos; pois, não se aflijam quando sofrerem; antes, contemplem a Deus onipotente que, pela dor, neste mundo, marcou vocês para a glória no céu.

Sejam pacientes. A paciência também é uma caridade e devem praticar a lei de caridade ensinada pelo Cristo, enviado de Deus. A caridade que consiste na esmola dada aos pobres é a mais fácil de todas. Outra há, porém, muito mais penosa e, conseqüentemente, muito mais meritória: *a de perdoarmos aos que Deus colocou em nosso caminho para serem instrumentos do nosso sofrer e para nos porem à prova a paciência.*

A vida é difícil, bem o sei. Compõe-se de mil nadas, que são outras tantas picadas de alfinetes, mas que acabam por ferir. Contudo, se nos concentrarmos nos deveres que nos são impostos, nas consolações e compensações que por outro lado recebemos, reconheceremos que as bênçãos são muito mais numerosas do que as dores. O fardo parece menos pesado, quando se olha para o alto, do que quando se curva a cabeça para a terra.

Coragem, amigos! Vocês têm no Cristo o seu modelo. Ele sofreu mais do que qualquer de vocês e nada tinha de que se penitenciar, ao passo que vocês têm de expiar o passado e de se fortalecer para o futuro. Pois, sejam pacientes, sejam cristãos. Essa palavra resume tudo.

Um Espírito amigo (Havre, 1862)

OBEDIÊNCIA E RESIGNAÇÃO

8. Em todos os seus pontos, a doutrina de Jesus ensina a obediência e a resignação, duas virtudes companheiras da doçura e muito ativas, se bem os homens erradamente as confundam com a negação do sentimento e da vontade. *A obediência é o consentimento da razão; a resignação é o consentimento do coração,* forças ativas ambas, pois carregam o fardo das provações que a revolta insensata deixa cair. O covarde não pode ser resignado, do mesmo modo que o orgulhoso e o egoísta não podem ser obedientes. Jesus foi a encarnação dessas virtudes que a antiguidade material desprezava. Ele veio no momento em que a sociedade romana acabava nos desfalecimentos da corrupção. Veio fazer que, no seio da Humanidade deprimida, brilhassem os triunfos do sacrifício e da renúncia carnal.

Assim, cada época é marcada com a espécie da virtude ou do vício que a tem de salvar ou perder. A virtude da sua geração é a atividade intelectual; seu vício

é a indiferença moral. Digo *atividade* apenas porque o gênio se eleva de repente e descobre, por si só, horizontes que a multidão somente mais tarde verá, enquanto que a atividade é a reunião dos esforços de todos para atingir um fim menos brilhante, mas que prova a elevação intelectual de uma época. Submetam-se à impulsão que vimos dar aos seus espíritos; obedeçam à grande lei do progresso, que é a palavra da vossa geração. Ai do espírito preguiçoso, ai daquele que fecha o seu entendimento! Ai dele, pois nós, que somos os guias da Humanidade em marcha, lhe aplicaremos o chicote e lhe submeteremos a vontade rebelde, por meio da dupla ação do freio e da espora. Toda resistência orgulhosa, cedo ou tarde, terá de ser vencida. Bem-aventurados, no entanto, os que são brandos, pois prestarão dócil ouvido aos ensinamentos.

Lázaro (Paris, 1863)

A CÓLERA

9. O orgulho os induz a julgar-se mais do que vocês são; a não suportarem uma comparação que possa rebaixá-los; ao contrário, a se considerarem tão acima dos seus irmãos, quer em espírito, quer em posição social, quer mesmo em vantagens pessoais, que a menor comparação os irrita e aborrece. Que acontece então? – Entregam-se à cólera.

Pesquisem a origem desses acessos de demência passageira que iguala vocês ao bruto, fazendo-os perder o sangue-frio e a razão; pesquisem e, quase sempre, encontrarão com o orgulho ferido. O que é que, encolerizados, os faz repelir os mais ponderados conselhos, senão o orgulho ferido por uma contradição? Até mesmo as impaciências, que se originam de contrariedades muitas vezes infantis, decorrem da importância que cada um dá à sua personalidade, diante da qual entende que todos se devem dobrar.

Em seu delírio, o homem colérico a tudo se atira: à natureza estúpida, aos objetos inanimados, quebrando-os porque eles não lhe obedecem. Ah, se nesses momentos ele pudesse observar-se a sangue-frio, ou teria medo de si próprio, ou bem ridículo se acharia! Imagine ele por aí que impressão produzirá aos outros. Quando não fosse pelo respeito que deve a si mesmo, cumpria-lhe esforçar-se por vencer uma queda que o torna merecedor de piedade.

Se avaliasse que a cólera a nada resolve, que altera sua saúde e compromete até a vida, reconheceria ser ele próprio a sua primeira vítima. Mas, outra consideração, sobretudo, deveria contê-lo, a de que torna infelizes todos os que o cercam. Se tiver coração, não lhe será motivo de remorso fazer sofrer os entes a quem mais ama? E que dor mortal se, num acesso de fúria, praticasse um ato que tivesse de lamentar toda a sua vida!

Em suma, a cólera não exclui certas qualidades do coração, mas impede que se faça muito bem e pode levar à prática de muito mal. Isto deve bastar para induzir o homem a esforçar-se pela dominância. O espírito, ao demais, é estimulado a isso por outro motivo: o de que a cólera é contrária à caridade e à humildade cristã.

Um Espírito protetor (Bordéus, 1863)

10. Segundo a ideia muito falsa de que lhe não é possível reformar a sua própria natureza, o homem se julga dispensado de empregar esforços para se corrigir dos defeitos em que de boa vontade se serve, ou que exigiriam muita perseverança para serem apagados. É assim, por exemplo, que o indivíduo propenso a encolerizar-se, quase sempre se desculpa com o seu temperamento. Em vez de se confessar culpado, lança a culpa ao seu organismo, acusando a Deus, dessa forma, de suas próprias faltas. É ainda uma consequência do orgulho que se encontra no meio a todas as suas imperfeições.

Sem dúvidas, há temperamentos que se prestam mais que outros a atos violentos, como há músculos mais flexíveis que se prestam melhor aos atos de força. Contudo, não acreditem que aí resida a causa primordial da cólera e se convençam de que um Espírito pacífico, ainda que num corpo vigoroso, será sempre pacífico, e que um Espírito violento, mesmo num corpo fraco, não será brando; somente será que sua violência tomará outra forma. Não dispondo de um organismo próprio que favoreça sua violência, a cólera se tornará concentrada, enquanto no outro caso será expansiva.

O corpo não dá cólera àquele que não a tem, do mesmo modo que não dá os outros vícios. Todas as virtudes e todos os vícios vêm do Espírito. A não ser assim, onde estariam o mérito e a responsabilidade? O homem deformado não pode tornar-se direito, porque o Espírito nisso não pode atuar; mas, pode modificar o que é do Espírito, quando o quer com vontade firme. A experiência não mostra, a vocês espíritas, até onde o poder da vontade é capaz de ir, pelas transformações verdadeiramente miraculosas que se operam sob as suas vistas? Pois, certifiquem-se de que *o homem não se conserva vicioso, senão porque quer permanecer vicioso*; de que aquele que queira corrigir-se sempre o pode. De outro modo, não existiria para o homem a lei do progresso.

Hahnemann (Paris, 1863)

CAPÍTULO X

BEM-AVENTURADOS OS QUE SÃO MISERICORDIOSO

- PERDOEM, PARA QUE DEUS OS PERDOE
- RECONCILIAÇÃO COM OS ADVERSÁRIOS
- O SACRIFÍCIO MAIS AGRADÁVEL A DEUS
- O ARGUEIRO E A TRAVE NO OLHO
- NÃO JULGUEM, PARA NÃO SEREM JULGADOS – ATIRE A PRIMEIRA PEDRA AQUELE QUE ESTIVER SEM PECADO

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- PERDÃO DAS OFENSAS
- A INDULGÊNCIA
- É PERMITIDO REPREENDER OS OUTROS, NOTAR AS IMPERFEIÇÕES DO PRÓXIMO, DIVULGAR O MAL DOS OUTROS?

PERDOAI, PARA QUE DEUS VOS PERDOE

1. **“Bem-aventurados os que são misericordiosos, porque obterão misericórdia”.**
(MATEUS, 5:7)

2. **“Se perdoarem aos homens as faltas que eles cometerem contra vocês, também o Pai celestial os perdoará os pecados; mas, se não perdoarem aos homens quando os tenham ofendido, o Pai celestial também não os perdoará os pecados”.**

(MATEUS, 6:14 e 15)

3. **“Se seu irmão pecou contra vocês, vão fazer-lhe sentir a falta em particular, a sós com ele; se ele os atender, terão ganhado o irmão”.** Então, aproximando-se dele, disse-lhe Pedro: “Senhor, quantas vezes perdoarei a meu irmão, quando houver pecado contra mim? Até sete vezes?” Jesus lhe respondeu: **“Não digo que perdoem até sete vezes, mas até setenta vezes sete.”**

(MATEUS, 18:15, 21 e 22)

4. A misericórdia é o complemento da brandura, pois aquele que não for misericordioso não poderá ser brando e pacífico. Ela consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. O ódio e o rancor demonstram alma sem elevação e sem grandeza. O esquecimento das ofensas é próprio da alma elevada, que paira acima

dos golpes que possam desferir contra ela. Uma é sempre ansiosa, de sombria suscetibilidade e cheia de amargura; a outra é calma, toda mansidão e caridade.

Ai daquele que diz: “nunca perdoarei”. Esse, se não for condenado pelos homens, será por Deus. Com que direito ele reclamaria o perdão de suas próprias faltas, se não perdoa as dos outros? Jesus nos ensina que a misericórdia não deve ter limites, quando diz que cada um perdoe ao seu irmão, não sete vezes, mas setenta vezes sete.

No entanto, há duas maneiras bem diferentes de perdoar: uma, grande, nobre, verdadeiramente generosa, sem pensamento oculto, que, com delicadeza, evita ferir o amor-próprio e a irritação do adversário, ainda quando este último nenhuma justificativa possa ter; a segunda é a em que o ofendido, ou aquele que tal se julga, impõe ao outro condições humilhantes e lhe faz sentir o peso de um perdão que irrita, em vez de acalmar; se estende a mão ao ofensor, não o faz com benevolência, mas com ostentação, a fim de poder dizer a toda gente: “vejam como sou generoso!” Nessas circunstâncias, é impossível uma reconciliação sincera de parte a parte. Não, não há aí generosidade; há apenas uma forma de satisfazer ao orgulho. Em toda discussão, aquele que se mostra mais conciliador, que demonstra mais desinteresse, caridade e verdadeira grandeza d’alma receberá sempre a simpatia das pessoas imparciais.

RECONCILIAÇÃO COM OS ADVERSÁRIOS

5. *“Reconciliem-se o mais depressa possível com o seu adversário, enquanto estão com ele a caminho, para que ele não os entregue ao juiz, o juiz não os entregue ao ministro da justiça e não sejam enviados à prisão. Na verdade, digo a vocês, que daí não sairão, enquanto não tiverem pago o último centavo”.*

(MATEUS, 5:25 e 26)

6. Na prática do perdão, como, em geral, na do bem, não há somente um efeito moral: há também um efeito material. Como sabemos, a morte não nos livra dos nossos inimigos; muitas vezes, os Espíritos vingativos perseguem com seu ódio no além-túmulo, aqueles contra aqueles de quem guardam rancor; eis o erro do provérbio que diz: “Morto o animal, morto o veneno”, quando aplicado ao homem. O Espírito mau espera que o outro, a quem ele quer mal, esteja preso ao seu corpo e, assim, menos livre, para mais facilmente o atormentar, ferir nos seus interesses, ou nas suas mais caras afeições. Nesse fato reside a causa da maioria dos casos de obsessão, sobretudo dos que apresentam certa gravidade, quais os de subjugação e possessão. O obsidiado e o possesso são, pois, quase sempre vítimas de uma vingança, cujo motivo se encontra em existência anterior, e à qual o que a sofre deu lugar pelo seu modo de agir. Deus o permite, para puni-los do mal que em outra vez eles praticaram, ou, se tal não ocorreu, será por terem faltado com a indulgência e a caridade, não perdoando. Como consequência, do ponto de vista da tranquilidade futura, é importante que cada um repare, o quanto antes, a ofensa que causou ao seu próximo, que perdoe aos seus inimigos, a fim de que, antes que a morte chegue a ele, esteja apagado qualquer motivo de divergência, toda causa fundada de imediata antipatia. Por essa forma, de um inimigo irado neste mundo pode-se fazer um amigo

no outro; pelo menos, o que assim procede põe de seu lado o bom direito e Deus não consente que aquele que perdoou sofra qualquer vingança. Quando Jesus recomenda que nos reconciliemos o mais cedo possível com o nosso adversário, não é somente objetivando apaziguar as discórdias no curso da nossa atual existência; é, principalmente, para que elas se não perpetuem nas existências futuras. Não sairão de lá, da prisão, enquanto não tiverem pago até o último centavo, isto é, enquanto não tiverem satisfeito completamente a justiça de Deus.

O SACRIFÍCIO MAIS AGRADÁVEL A DEUS

7. “Se, portanto, quando forem depositar sua oferta no altar, se lembrarem de que o seu irmão tem qualquer coisa contra vocês, deixem a oferenda junto ao altar e primeiro vão se reconciliar com o seu irmão; depois, então, voltem a oferecê-la”.

(MATEUS, 5:23 e 24)

8. Quando diz: “Vão se reconciliar com o vosso irmão, antes de depositarem a oferenda no altar”, Jesus ensina que o sacrifício mais agradável ao Senhor é o que o homem faça do seu próprio ressentimento; que, antes de se apresentar para ser perdoado por ele, o homem precisa ter perdoado e reparado o agravo que tenha feito a algum de seus irmãos. Só então a sua oferenda será bem-aceita, porque virá de um coração limpo de todo e qualquer pensamento mau. Ele materializou o preceito, porque os judeus ofereciam sacrifícios materiais; cumpria-lhe conformar suas palavras aos usos ainda comuns naquela época. O cristão não oferece dons materiais, pois que espiritualizou o sacrifício. Com isso, porém, o preceito ganha ainda mais força. Ele oferece sua alma a Deus e essa alma tem de ser purificada. *Entrando no templo do Senhor, ele deve deixar fora todo sentimento de ódio e de inimizade, todo mau pensamento contra seu irmão.* Só então os anjos levarão sua prece aos pés do Eterno. Eis aí o que ensina Jesus por estas palavras: “Deixem a oferenda junto do altar e vão primeiro se reconciliar com o vosso irmão, se quiserem ser agradável ao Senhor.”

O ARGUEIRO E A TRAVE NO OLHO

9. “Como é que observam um argueiro no olho do seu irmão, quando não enxergam uma trave no olho de vocês? Ou, como é que dizem ao seu irmão: ‘Deixa-me tirar um argueiro do teu olho’, vocês que têm uma trave no próprio olho? Hipócritas! Tirem primeiro a trave do próprio olho e depois, então, vejam como poderiam tirar o argueiro do olho do irmão”.

(MATEUS, 7:3 a 5)

10. Uma das insensatezes da Humanidade é vermos o mal do outro, antes de vermos o mal que está em nós. Para julgar-se a si mesmo, seria preciso que o homem pudesse ver seu interior num espelho, de certo modo, pudesse se transportar para fora de si próprio, considerar-se como outra pessoa e perguntar: Que pensaria eu, se visse alguém fazer o que faço? Incontestavelmente, é o orgulho que induz o homem a fingir os seus defeitos para si mesmo, tanto morais, quanto físicos. Semelhante insensatez é essencialmente contrária à caridade, pois a verdadeira caridade é

modesta, simples e indulgente. Caridade orgulhosa é um contrassenso, visto que esses dois sentimentos anulam um ao outro. Com efeito, como poderá um homem, bastante presunçoso para acreditar na importância da sua personalidade e na supremacia das suas qualidades, possuir ao mesmo tempo abnegação bastante para fazer ressaltar no próximo o bem que o esconderia, em vez do mal que o exaltaria? Por isso mesmo, porque é o pai de muitos vícios, o orgulho é também a negação de muitas virtudes. Ele se encontra na base e como ação de quase todas as ações humanas. Essa a razão por que Jesus se empenhou tanto em combatê-lo, como principal obstáculo ao progresso.

NÃO JULGUEM, PARA NÃO SEREM JULGADOS. ATIRE A PRIMEIRA PEDRA AQUELE QUE ESTIVER SEM PECADO

11. “Não julguem, a fim de não serem julgados; pois serão julgados conforme tiverem julgado os outros; será empregada a vocês a mesma medida de que tenham servido para com os outros”.

(MATEUS, 7:1 e 2)

12. Então, os escribas e os fariseus trouxeram a Jesus uma mulher que tinha sido surpreendida em adultério e, pondo-a de pé no meio do povo, disseram a Ele: “Mestre, esta mulher acaba de ser surpreendida em adultério; ora, Moisés, pela lei, ordena que se apedrejem as adúlteras. Qual a Tua opinião sobre isso?” Diziam isto para O tentarem e terem de que O acusar. Jesus, porém, abaixando-se, entrou a escrever na terra com o dedo. Como continuavam a interrogá-lo, Ele se levantou e disse: **“Aquele entre vocês que estiver sem pecado, atire a primeira pedra”.** Em seguida, abaixando-se de novo, continuou a escrever no chão. Quanto aos que o interrogavam, esses, ouvindo-o falar daquele modo, se retiraram, um após outro, afastando-se primeiro os velhos. Ficou, pois, Jesus a sós com a mulher, colocada no meio da praça. Então, levantando-se, perguntou-lhe Jesus: **“Mulher, onde estão os que te acusavam? Ninguém te condenou?”** Ela respondeu: “Não, Senhor.” Disse-lhe Jesus: **“Eu também não te condenarei. Vai e de agora em diante não volte a pecar.”**

(JOÃO, 8:3 a 11)

13. “Atire-lhe a primeira pedra aquele que estiver isento de pecado”, disse Jesus. Essa sentença faz da indulgência um dever para nós outros, porque ninguém há que não necessite de indulgência para si próprio. Ela nos ensina que não devemos julgar com mais severidade os outros, do que nos julgamos a nós mesmos, nem condenar no outro aquilo de que nos absolvemos. Antes de criticar a alguém por uma falta, vejamos se a mesma censura não nos pode ser feita.

A repreensão lançado à conduta do próximo pode obedecer a dois objetivos: reprimir o mal, ou envergonhar a pessoa cujos atos se criticam. Não tem desculpa nunca este último propósito, pois, no caso, então, só há condenação e maldade. O primeiro pode ser louvável e constitui mesmo, em certas ocasiões, um dever, porque um bem deverá resultar daí, e porque, a não ser assim, jamais, na sociedade, se reprimiria o mal. Aliás, não é obrigação do homem auxiliar o progresso do seu semelhante? Importa, pois, que não se tome em sentido absoluto este princípio: “Não julguem se não quiserem ser julgados”,³⁶ pois a letra mata e o espírito vivifica.

³⁶ O ato de *julgar*, aqui pode ser interpretado como *condenar, repreender, censurar* – N. E.

Não é possível que Jesus tenha proibido que se corrija o mal, uma vez que Ele próprio nos deu o exemplo, tendo-o feito, até, em termos enérgicos. O que quis significar é que a autoridade para censurar está na razão direta da autoridade moral daquele que censura. Tornar-se alguém culpado daquilo que condena no outro é recusar dessa autoridade, é privar-se do direito de repressão. Além disso, a consciência íntima nega respeito e submissão voluntária àquele que, investido de um poder qualquer, viola as leis e os princípios de cuja aplicação lhe cabe o encargo. *Aos olhos de Deus, uma só existe uma única autoridade legítima: a que se apoia no exemplo que dá do bem.* É o que, igualmente, ressalta das palavras de Jesus.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

PERDÃO DAS OFENSAS

14. Quantas vezes perdorei a meu irmão? Perdoarei, não sete vezes, mas setenta vezes sete. Aí temos um dos ensinamentos de Jesus que mais devem repercutir a inteligência e mais alto falar ao coração de vocês. Confrontem essas palavras de misericórdia com a oração tão simples, tão resumida e tão grande em suas aspirações, que ensinou a seus discípulos, e o mesmo pensamento sempre se apresentará a vocês. Ele, o justo por excelência, responde a Pedro: “Perdoe, mas sem limite; perdoe cada ofensa tantas vezes quantas ela te for feita; ensine a teus irmãos esse esquecimento de si mesmo, que torna uma criatura invulnerável ao ataque, aos maus procedimentos e às injúrias; será brando e humilde de coração, sem medir a tua mansidão; enfim, fará o que o Pai celestial deseja que faça por ti. Ele não está a te perdoar frequentemente? Porventura, conta quantas vezes que o seu perdão desce a te apagar as faltas?”

Pois, prestem ouvidos a essa resposta de Jesus e, como Pedro, apliquem-na a si mesmos. Perdoem, usem de indulgência, sejam caridosos, generosos, pródigos até do próprio amor. Deem, que o Senhor os restituirá; perdoem, que o Senhor os perdoará; abaixem-se, que o Senhor os elevará; humilhem-se, que o Senhor fará que se assentem à Sua direita.

Vão, meus bem-amados, estudem e comentem estas palavras que dirijo a vocês da parte d’Aquele que, do alto dos esplendores celestes, os tem sempre sob as Suas vistas e prossegue com amor na tarefa ingrata a que deu começo faz dezoito séculos. Perdoem aos seus irmãos, como precisam ser perdoados. Se seus atos pessoalmente os prejudicaram, mais um motivo vocês têm aí para serem indulgentes, pois o mérito do perdão é proporcionado à gravidade do mal. Nenhum merecimento teriam em relevar os agravos dos irmãos, desde que não passassem de simples arranhões.

Espíritas, jamais esqueçam de que, tanto por palavras, como por atos, o perdão das injúrias não deve ser um termo inútil. Por que se dizem espíritas, sejam espíritas! Esqueçam o mal que tenham feito a vocês e não pensem senão numa coisa: no bem que podem fazer. Aquele que enveredou por esse caminho não tem que se afastar daí, ainda que por pensamento, uma vez que são responsáveis pelos próprios pensamentos, os quais todos Deus conhece. Portanto, cuidem de se purificar de todo

sentimento de rancor. Deus sabe o que demora no fundo do coração de cada um de seus filhos. *Feliz, pois, daquele que pode adormecer todas as noites, dizendo: Nada tenho contra o meu próximo.*

Simeão (Bordéus, 1862)

15. Perdoar aos inimigos é pedir perdão para si próprio; perdoar aos amigos é dar-lhes uma prova de amizade; perdoar as ofensas é mostrar-se melhor do que era. Pois, perdoem, meus amigos, a fim de que Deus os perdoe, pois, se Forem duros, exigentes, inflexíveis, se usarem de rigor até por uma ofensa leve, como quererão que Deus esqueça de que cada dia maior necessidade tenham de indulgência? Oh, ai daquele que diz: “Nunca perdoarei”, pois pronuncia a sua própria condenação! Aliás, quem sabe se, descendo ao fundo de si mesmos, não reconhecerão que foram vocês o agressor? Quem sabe se, nessa luta que começa por uma alfinetada e acaba por uma fratura, não foram vocês quem atirou o primeiro golpe, se de vocês não escapou alguma palavra injuriosa, se não procederam com toda a moderação necessária? Sem dúvida, o seu adversário andou mal em se mostrar excessivamente melindroso; razão de mais para serem indulgentes e para não se tornarem merecedores da repreensão que lhe lançaram. Vamos admitir que, em dada circunstância, foram realmente ofendido: quem dirá que não envenenaram as coisas por meio de represálias e que não fizeram que degenerasse em pendência grave o que poderia facilmente ser relevado? Vocês são culpados se dependia de vocês impedir as conseqüências do fato e não as impediram. Finalmente, vamos admitir ainda que não se reconhecem merecedores de nenhuma recriminação: mostrem-se clementes e com isso só farão que o seu mérito cresça.

Mas, há duas maneiras bem diferentes de perdoar: há o perdão dos lábios e o perdão do coração. Muitas pessoas dizem, com referência ao seu adversário: “Eu lhe perdoo”, mas, interiormente, alegram-se com o mal que lhe vem, comentando que ele tem o que merece. Quantos não dizem: “Perdoo” e acrescentam: “mas, não me reconciliarei nunca; não quero tornar a vê-lo em toda a minha vida.” Será esse o perdão, segundo o Evangelho? Não; o perdão verdadeiro, o perdão cristão é aquele que lança um véu do esquecimento sobre o passado; esse o único que será levado em conta, visto que Deus não se satisfaz com as aparências. Ele sonda o interior do coração e os mais secretos pensamentos. Ninguém se impõe a Ele por meio de vãs palavras e de simulacros. O esquecimento completo e absoluto das ofensas pertence às grandes almas; o rancor é sempre sinal de baixeza e de inferioridade. Não se esqueçam que o verdadeiro perdão se reconhece muito mais pelos atos do que pelas palavras.

Paulo, apóstolo (Lião, 1861)

A INDULGÊNCIA

16. Espíritas, queremos lhes falar hoje da indulgência, sentimento doce e fraternal que todo homem deve alimentar para com seus irmãos, mas do qual bem poucos fazem uso.

A indulgência não vê os defeitos dos outros, ou, se os vê, evita falar deles,

divulgá-los. Ao contrário, os oculta, a fim de que se não tornem conhecidos senão dela unicamente, e, se a malevolência os descobre, tem sempre pronta uma desculpa para eles, desculpa admissível, séria, não das que, com aparência de suavizar a falta, mais a evidenciam com traiçoeira intenção.

A indulgência jamais se ocupa com os maus atos do próximo, a menos que seja para prestar um serviço; mas, mesmo neste caso, tem o cuidado de abrandá-los tanto quanto possível. Não faz observações chocantes, não tem censuras nos lábios; apenas conselhos e, as mais das vezes, velados. Quando criticam, que consequência se há de tirar das palavras de vocês? A de que não terão feito o que reprovam, visto que, estão a censurar; que valem mais do que o culpado. Ó homens! Quando será que julgarão os próprios corações, os próprios pensamentos, os próprios atos, sem se ocuparem com o que fazem seus irmãos? Quando só terão olhares severos sobre si mesmos?

Sejam, pois, severos para com vocês mesmos e indulgentes para com os outros. Lembrem-se daquele que julga em última instância, que vê os pensamentos íntimos de cada coração e que, por conseguinte, desculpa muitas vezes as faltas que censuram, ou condena o que relevam, porque conhece a intenção de todos os atos. Lembrem-se de que vocês, que clamam em altas vozes: “condenação!” quem sabe, terão cometido faltas mais graves.

Sejam indulgentes, meus amigos, pois a indulgência atrai, acalma, ergue, ao passo que o rigor desanima, afasta e irrita.

José Espírito protetor. (Bordéus, 1863)

17. Sejam indulgentes com as faltas alheias, quaisquer que elas sejam; não julguem com severidade senão as suas próprias ações e o Senhor usará de indulgência para com vocês, como de indulgência tiverem usado para com os outros.

Sustentem os fortes: animem a eles para a perseverança. Fortaleçam os fracos, mostrando-lhes a bondade de Deus, que leva em conta o menor arrependimento; mostrem a todos o anjo da penitência estendendo suas brancas asas sobre as faltas dos humanos e velando-as assim aos olhares daquele que não pode tolerar o que é impuro. Compreendam todos a misericórdia infinita de nosso Pai e não esqueçam nunca de Lhe dizer, pelos pensamentos, mas, sobretudo, pelos atos: “Perdoai as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos tem ofendido.” Compreendam bem o valor destas sublimes palavras, nas quais não somente a letra é admirável, mas principalmente o ensino que ela veste.

O que é o que pedem ao Senhor, quando imploram para si o Seu perdão? Será unicamente o esquecimento das próprias ofensas? Esquecimento que os deixaria no nada, pois, se Deus se limitasse a esquecer as faltas de vocês, Ele não puniria, é exato, *mas tampouco recompensaria*. A recompensa não pode constituir prêmio do bem que não foi feito, nem, ainda menos, do mal que se tenha praticado, embora esse mal fosse esquecido. Pedindo que Ele perdoe os seus desvios, o que lhe pedem é o favor de suas graças, para não recaírem neles, é a força de que necessitam para enveredar por outras sendas, as da submissão e do amor, nas quais poderão juntar ao arrependimento a reparação.

Quando perdoarem aos seus irmãos, não se contentem em estender o véu do esquecimento sobre suas faltas, pois, as mais das vezes, muito transparente é esse

véu para os olhares de vocês. Levem-lhes simultaneamente, com o perdão, o amor; façam por eles o que pediriam que o Pai celestial lhe fizesse. Substituam a ira que polui, pelo amor que purifica. Preguem exemplificando essa caridade ativa e incansável que Jesus os ensinou; preguem-na, como Ele o fez durante todo o tempo em que esteve na Terra, visível aos olhos corporais e como ainda a prega incessantemente, desde que se tornou visível tão somente aos olhos do Espírito. Sigam esse modelo divino; caminhem em suas pegadas; elas os conduzirão ao refúgio onde encontrarão o repouso após a luta. Como ele, carreguem todos vocês as próprias cruzes e subam penosamente, mas com coragem, o seu calvário, em cujo topo está a glorificação.

João bispo de Bordéus. (1862)

18. Caros amigos, sejam severos consigo e indulgentes para as fraquezas dos outros. É esta uma prática da santa caridade, que bem poucas pessoas observam. Todos vocês têm maus pendores a vencer, defeitos a corrigir, hábitos a modificar; todos têm um fardo mais ou menos pesado a descarregar, para poderem escalar o cume da montanha do progresso. Então por que têm de mostrarem-se tão clarividentes com relação ao próximo e tão cegos com relação a si mesmos? Quando deixarão de perceber nos olhos dos irmãos, o pequenino cisco que os incomoda, sem perceberem a trave que cega os próprios olhos, fazendo-vos ir de queda em queda? Creiam nos seus irmãos, os Espíritos. Todo homem, bastante orgulhoso para se julgar superior, em virtude e mérito, aos seus irmãos encarnados, é insensato e culpado: Deus o castigará no dia da sua justiça. O verdadeiro caráter da caridade é a modéstia e a humildade, que consistem em ver cada um apenas superficialmente os defeitos de alguém e esforçar-se por fazer que prevaleça o que há nele de bom e virtuoso, pois, embora o coração humano seja um abismo de corrupção, sempre há, nalgumas de suas dobras mais ocultas, o gérmen de bons sentimentos, centelha exuberante da essência espiritual.

Espiritismo! Doutrina consoladora e bendita! Felizes dos que te conhecem e tiram proveito dos saudáveis ensinamentos dos Espíritos do Senhor! Para esses, o caminho está iluminado, ao longo do qual podem ler estas palavras que lhes indicam o meio de chegarem ao termo da jornada: caridade prática, caridade do coração, caridade para com o próximo, como para si mesmo; numa palavra: caridade para com todos e amor a Deus acima de todas as coisas, porque o amor a Deus resume todos os deveres e porque impossível é amar realmente a Deus, sem praticar a caridade, da qual fez ele uma lei para todas as criaturas.

Dufêre bispo de Nevers. (Bordéus)

É PERMITIDO REPREENDER OS OUTROS, NOTAR AS IMPERFEIÇÕES DO PRÓXIMO, DIVULGAR O MAL DOS OUTROS?

19. *Não havendo ninguém perfeito, será que alguém tem o direito de repreender o seu próximo?*

Certamente que não é essa a conclusão a tirar-se, pois cada um de vocês deve trabalhar pelo progresso de todos e, sobretudo, daqueles cuja proteção foi

confiada a vocês. Mas, por isso mesmo, devem fazê-lo com moderação, para um fim útil, e não, como as mais das vezes, pelo prazer de denegrir. Neste último caso, a repreensão é uma maldade; no primeiro, é um dever que a caridade manda seja cumprido com todo o cuidado possível. Ao demais, a censura que alguém faça ao outro deve ao mesmo tempo dirigi-la a si próprio, procurando saber se não a terá merecido.

S. Luís (Paris, 1860)

20. *Será repreensível notarem-se as imperfeições dos outros, quando daí nenhum proveito possa resultar para eles, uma vez que não sejam divulgadas?*

Tudo depende da intenção. Decerto, a ninguém é permitido ver o mal, quando ele existe. Seria mesmo inconveniente ver em toda a parte só o bem. Semelhante ilusão prejudicaria o progresso. O erro está em fazer que a observação resulte em detrimento do próximo, desqualificando-o na opinião geral sem necessidade. Igualmente repreensível seria alguém fazer isso apenas para contentar a um sentimento de ruindade e à satisfação de apanhar os outros em falta. Dá-se inteiramente o contrário quando, estendendo sobre o mal um véu, para que o público não o veja, aquele que note os defeitos do próximo o faça em seu proveito pessoal, isto é, para se exercitar em evitar o que reprova nos outros. Essa observação, em suma, não é proveitosa ao moralista? Como ele pintaria os defeitos humanos, se não estudasse os modelos?

S. Luís (Paris, 1860)

21. *Haverá casos em que convenha que se desvende o mal do outro?*

É muito delicada esta questão e, para resolvê-la, necessário se torna apelar para a caridade bem compreendida. Se as imperfeições de uma pessoa só a ela prejudicam, nenhuma utilidade haverá nunca em divulgá-la. Se, porém, podem acarretar prejuízo a terceiros, deve-se atender de preferência ao interesse do maior número. Segundo as circunstâncias, desmascarar a hipocrisia e a mentira pode constituir um dever, pois mais vale caia um homem, do que virem muitos a ser suas vítimas. Em tal caso, deve-se pesar a soma das vantagens e dos inconvenientes.

São Luís (Paris, 1860)

CAPÍTULO XI

AMAR O PRÓXIMO COMO A SI MESMO

- O MANDAMENTO MAIOR: FAZERMOS AOS OUTROS O QUE QUEREMOS QUE OS OUTROS NOS FAÇAM. PARÁBOLA DOS CREDITORES E DOS DEVEDORES
- DAR A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- A LEI DO AMOR
- O EGOÍSMO
- A FÉ E A CARIDADE
- CARIDADE PARA COM OS CRIMINOSOS
- DEVE-SE EXPOR A VIDA POR UM MALFEITOR?

O MANDAMENTO MAIOR. FAZERMOS AOS OUTROS O QUE QUEREMOS QUE OS OUTROS NOS FAÇAM. PARÁBOLA DOS CREDITORES E DOS DEVEDORES.

1. Os fariseus, tendo sabido que Jesus tapara a boca aos saduceus, reuniram-se; e um deles, que era doutor da lei, propôs-lhe esta questão para tentá-lo: “Mestre, qual o mandamento maior da lei?” Ele respondeu: “**Ame o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todo o teu espírito; este o maior e o primeiro mandamento. e aqui está o segundo, semelhante a esse: ame o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos.**”

(MATEUS, 22: 34 a 40)

2. “**Façam aos homens tudo o que querem que eles façam a vocês, pois é nisto que consistem a lei e os profetas.**”

(Idem, 7:12)

“**Tratem todos os homens como gostariam que eles os tratassem.**”

(LUCAS, 6:31)

3. “**O reino dos céus é comparável a um rei que quis tomar contas aos seus servidores. Tendo começado a fazê-lo, apresentaram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Mas, como não tinha meios de pagá-los, mandou seu senhor que o vendessem a ele, sua mulher, seus filhos e tudo o que lhe pertencesse, para pagamento da dívida. O servidor, lançando-se aos seus pés, o suplicava, dizendo: ‘Senhor, tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo’ Então, o senhor, tocado de compaixão, deixou-o ir e lhe perdoou a dívida. Esse servidor,**

porém, ao sair encontrando um de seus companheiros, que lhe devia cem dinheiros, o segurou pela goela e, quase a estrangulá-lo dizia: *‘Paga o que me deve’*. O companheiro, lançando-se a seus pés, o implorava, dizendo: *‘Tem um pouco de paciência e eu te pagarei tudo’*: Mas o outro não quis escutá-lo; foi-se e o mandou prender, para tê-lo preso até pagar o que lhe devia. Os outros servidores, seus companheiros, vendo o que se passava, foram, extremamente aflitos, e informaram o senhor de tudo o que acontecera. Então, o senhor, tendo mandado vir à sua presença aquele servidor, lhe disse: *‘Mau servo, eu te havia perdoado tudo o que me devias, porque me pediste. Não estava desde então no dever de também ter piedade do teu companheiro, como eu tive de ti?’* E o senhor, tomado de cólera, o entregou aos carrascos para que o tivessem, até que ele pagasse tudo o que devia. É assim que meu Pai, que está no céu, os tratará se não perdoardes, do fundo do coração, as faltas que seus irmãos tiverem cometido contra cada um de vocês.

(MATEUS, 18:23 a 35)

4. “Amar o próximo como a si mesmo: fazer pelos outros o que gostaríamos que os outros fizessem por nós”, é a expressão mais completa da caridade, porque resume todos os deveres do homem para com o próximo. Não podemos encontrar guia mais seguro, a tal respeito, que tomar para padrão, do que devemos fazer aos outros, aquilo que para nós desejamos. Com que direito exigiríamos dos nossos semelhantes melhor proceder, mais indulgência, mais benevolência e desinteresse para conosco, do que de nossa parte para com eles? A prática dessas máximas tende à destruição do egoísmo. Quando os homens as adotarem para regra de conduta e para base de suas instituições, compreenderão a verdadeira fraternidade e farão que entre eles a paz e a justiça reinem. Não mais haverá ódios, nem dissensões, mas, tão somente união, concórdia e benevolência mútua.

DAI A CÉSAR O QUE É DE CÉSAR

5. Quando os fariseus se retiraram, combinaram-se entre si para complicar Jesus com as Suas próprias palavras. Mandaram então seus discípulos, em companhia dos herodianos, dizer-lhe: “Mestre, sabemos que é verdadeiro e que ensina o caminho de Deus pela verdade, sem levar em conta a quem quer que seja, porque, nos homens, não considera as pessoas. Diga-nos, então, qual a Tua opinião sobre isto: É permitido pagar ou deixar de pagar o tributo a César?” Jesus, porém, que lhes conhecia a malícia, respondeu: **“Hipócritas, por que me tentam? Apresentem-me uma das moedas que se dão em pagamento do tributo”**. E, depois que eles lhe apresentado um denário³⁷, Jesus perguntou: **“De quem são esta imagem e esta inscrição?”** – “De César”, responderam eles. Então, Jesus observou: **“Então, deem a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”**. Ouvindo Jesus falar dessa maneira, admiraram-se eles da resposta e se retiraram O deixando.

(MATEUS, 22:15 a 22; MARCOS, 12:13 a 17)

6. A questão proposta a Jesus era motivada pela circunstância de que os judeus, abominando o tributo que os romanos lhes obrigaram a pagar, haviam feito do pagamento desse tributo uma questão religiosa. Numeroso partido se fundou contra o imposto. Logo, o pagamento deste constituía entre eles uma irritante questão de atualidade, sem o que nenhuma razão teria a pergunta feita a Jesus: “É lícito pagar ou deixar de pagar a César o tributo?” Havia nessa pergunta uma armadilha. Os que

³⁷ **Denário**: moeda em uso daquela época – N. E.

a formularam contavam que poderiam – conforme a resposta – excitar contra Ele a autoridade romana, ou os judeus rebeldes. Mas “Jesus, que conhecia a malícia deles”, contornou a dificuldade, dando-lhes uma lição de justiça, com o dizer que a cada um seja dado o que lhe é devido. (Veja-se, na “Introdução”, o artigo: *Publicanos*)

7. Este ditado: “Deem a César o que é de César”, não deve, entretanto, ser entendida de modo restritivo e absoluto. Como em todos os ensinamentos de Jesus, há nela um princípio geral, resumido sob forma prática e usual e deduzido de uma circunstância particular. Esse princípio é consequente daquele segundo o qual devemos proceder para com os outros como queremos que os outros procedam para conosco. Ele condena todo prejuízo material e moral que se possa causar a alguém, todo menosprezo de seus interesses. Receita o respeito aos direitos de cada um, como cada um deseja que se respeitem os seus. Estende-se mesmo aos deveres contraídos para com a família, a sociedade, a autoridade, tanto quanto para com os indivíduos em geral.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A LEI DE AMOR

8. O amor resume toda a doutrina de Jesus, visto que esse é o sentimento por excelência, e os sentimentos são os instintos elevados à altura do progresso feito. Em sua origem, o homem só tem instintos; quando mais avançado e corrompido, só tem sensações; quando instruído e depurado, tem sentimentos. E o ponto delicado do sentimento é o amor, não o amor no sentido vulgar do termo, mas esse sol interior que condensa e reúne em seu ardente foco todas as aspirações e todas as revelações sobre-humanas. A lei de amor substituiu a personalidade pela união dos seres; extingue as misérias sociais. Ditoso aquele que, ultrapassando a sua humanidade, ama com amplo amor os seus irmãos em sofrimento! Ditoso aquele que ama, pois não conhece a miséria da alma, nem a do corpo. Tem os pés ligeiros e vive como que transportado, fora de si. Quando Jesus pronunciou a divina palavra **amor**, os povos se assustaram e os mártires, repletos de esperança, desceram ao circo.

Por sua vez, o Espiritismo vem pronunciar uma segunda palavra do alfabeto divino. Estejam atentos, pois que essa palavra ergue a lápide dos túmulos vazios, e a **reencarnação**, triunfando da morte, revela às criaturas deslumbradas o seu patrimônio intelectual. Já não é à amargura que ela conduz o homem: ela o conduz à conquista do seu ser, elevado e transfigurado. O sangue resgatou o Espírito e o Espírito tem hoje que resgatar o homem da matéria. Eu disse que em seus começos o homem só possuía instintos. Portanto, aquele em quem predominam os instintos se acha mais próximo ainda do ponto de partida do que da meta. A fim de avançar para a meta, a criatura tem que vencer os instintos, em proveito dos sentimentos, isto é, que aperfeiçoar estes últimos, sufocando os germes concentrados da matéria. Os instintos são a germinação e os embriões do sentimento; trazem consigo o progresso, como a glândula encerra em si o carvalho, e os seres menos adiantados são os que,

surgindo pouco a pouco de suas crisálidas, se conservam escravizados aos instintos. O Espírito precisa ser cultivado, como um campo. Toda a riqueza futura depende do trabalho atual, que recompensará a vocês muito mais do que os bens terrenos: a elevação gloriosa. É então que, compreendendo a lei de amor que liga todos os seres, buscarão nela os gozos suavíssimos da alma, antecipações das alegrias celestes.

Lázaro (Paris, 1862)

9. O amor é de essência divina e todos vocês – do primeiro ao último – têm a faísca desse fogo sagrado no fundo do coração. É fato, que já puderam comprovar muitas vezes, este: o homem, por mais detestável, desprezível e criminoso que seja, consagra a um ente ou a um objeto qualquer afeição viva e ardente à prova de tudo quanto tendesse a diminuí-la e que alcança, muitas vezes, sublimes proporções.

A um ente ou um objeto qualquer, eu disse, porque há entre vocês indivíduos que, com o coração a transbordar de amor, gastam tesouros desse sentimento com animais, plantas e, até, com coisas materiais: espécies de misantropos³⁸ que, a se queixarem da Humanidade em geral e a resistirem ao pendor natural de suas almas, que buscam em torno de si a afeição e a simpatia, rebaixam a lei de amor à condição de instinto. Entretanto, por mais que façam, não conseguem sufocar o germen vivo que Deus lhes depositou nos corações ao criá-los. Essa semente se desenvolve e cresce com a moralidade e a inteligência e, embora muito comprimido pelo egoísmo, torna-se a fonte das santas e doces virtudes que geram as afeições sinceras e duráveis e ajudam a criatura a transpor o caminho ladeiro e árido da existência humana.

Há pessoas que repugnam a reencarnação com a ideia de que outros venham a partilhar das afetuosas simpatias de que eles têm ciúmes. Pobres irmãos! O seu afeto os torna egoístas; o seu amor se restringe a um círculo íntimo de parentes e de amigos, sendo indiferentes aos demais. Pois bem! Para praticarem a lei de amor, tal como Deus o entende, se faz preciso que cheguem passo a passo a amar a todos os irmãos sem diferença. A tarefa é longa e difícil, mas será cumprida: Deus o quer e a lei de amor constitui o primeiro e o mais importante preceito da vossa nova doutrina, porque é ela que um dia matará o egoísmo, qualquer que seja a forma sob que se apresente, dado que, além do egoísmo pessoal, há também o egoísmo de família, de categoria, de nacionalidade. Disse Jesus: “Amem o próximo como a si mesmos.” Ora, qual o limite com relação ao próximo? Será a família, a seita³⁹, a nação? Não; é a Humanidade inteira. Nos mundos superiores, o amor recíproco é que harmoniza e dirige os Espíritos adiantados que os habitam, e o planeta de vocês, que está destinado a realizar importante progresso em breve, verá seus habitantes praticar essa lei sublime, em virtude da transformação social por que passará; reflexo da Divindade.

Os efeitos da lei de amor são o melhoramento moral da raça humana e a felicidade durante a vida terrestre. Os mais rebeldes e os mais viciosos se reformarão, quando observarem os benefícios resultantes da prática deste preceito:

³⁸ **Misantropo:** aquele que odeia a humanidade e detesta qualquer pessoa – N. E.

³⁹ **Seita:** doutrina ou sistema religioso que se afasta da crença comum; pequena religião – N. E.

Não façam aos outros aquilo que não querem que eles façam a vocês; façam-lhes, ao contrário, todo o bem que esteja ao alcance.

Não acreditem na esterilidade e no endurecimento do coração humano; mesmo a contragosto, ele cede ao amor verdadeiro. É um ímã a que eles não resistem. O contato desse amor vivifica e gera as sementes que dele existem em estado latente nos seus corações. A Terra, planeta de provação e de exílio, será então purificada por esse fogo sagrado e verá praticados na sua superfície a caridade, a humildade, a paciência, o devotamento, a abnegação, a resignação e o sacrifício – virtudes todas filhas do amor. Pois, não se cansem de escutar as palavras de João, o Evangelista. Como sabem, quando a enfermidade e a velhice o obrigaram a suspender o curso de suas pregações, limitava-se a repetir estas suavíssimas palavras: “Meus filhinhos, amem-se uns aos outros.”

Amados irmãos, aproveitem essas lições; é difícil praticá-las, porém, a alma colhe imenso bem delas. Creiam em mim, façam o sublime esforço que lhes peço: “Amem-se” e verão a Terra em breve transformada num Paraíso aonde as almas dos justos virão repousar.

Fénelon (Bordéus, 1861)

10. Meus caros discípulos, os Espíritos aqui presentes dizem a vocês por meu intermédio: “Amem muito, a fim de serem amados.” É tão justo esse pensamento, que nele encontrarão tudo o que consola e abranda as penas de cada dia; ou melhor: pondo em prática esse sábio conselho, vocês se elevarão de tal modo acima da matéria que se espiritualizarão antes de deixarem o corpo terrestre. Havendo os estudos espíritas desenvolvido em vocês a compreensão do futuro, uma certeza todos têm: a de caminharem para Deus, vendo realizadas todas as promessas que correspondem às aspirações de alma. Por isso, devem se elevar bem alto para julgarem sem os apertos da matéria, e não condenarem o próximo sem terem dirigido o pensamento a Deus.

Amar, no sentido profundo do termo, é o homem ser leal, digno, consciencioso, para fazer aos outros o que queira que estes lhe façam; é procurar em torno de si o sentido íntimo de todas as dores que oprimem seus irmãos, para suavizá-las; é considerar a grande família humana como sua, porque essa família todos a encontrarão, dentro de certo período, em mundos mais adiantados; e os Espíritos que a compõem são filhos de Deus como vocês, destinados a se elevarem ao infinito. Assim, não podem recusar aos irmãos o que Deus liberalmente lhes concedeu, pois, de seu lado, muito se alegraria que seus irmãos dessem a vocês aquilo de que necessitam. Para todos os sofrimentos, têm sempre uma palavra de esperança e de conforto, a fim de que sejam inteiramente amor e justiça.

Creiam que esta sábia exortação: “Amam bastante, para serem amados” abrirá caminho; revolucionária, ela segue sua rota, que é determinada, invariável. Mas, vocês que me ouvem já ganharam muito, pois que já são infinitamente melhores do que eram há cem anos. Mudaram tanto em proveito próprio que aceitam de boa mente, sobre a liberdade e a fraternidade, uma imensidade de ideias novas, que em outra hora rejeitariam. Ora, daqui a cem anos, sem dúvida aceitarão com a mesma facilidade as que ainda não puderam entrar no seu cérebro.

Hoje, quando o movimento espírita tem dado tão grande passo, vejam com

que rapidez as ideias de justiça e de renovação, constantes nos ditados espíritas, são aceitas pela parte mediana do mundo inteligente. É que essas ideias correspondem a tudo o que há de divino em vocês. É que estão preparados por uma sementeira fecunda: a do século passado, que implantou no seio da sociedade terrena as grandes ideias de progresso. E, como tudo se encaixa sob a direção do Altíssimo, todas as lições recebidas e aceitas virão a se completar na troca universal do amor ao próximo. Por aí, melhor apreciando e sentindo, os Espíritos encarnados se estenderão as mãos, de todos os confins do vosso planeta. Uns e outros se reunirão para se entenderem e amarem, para destruírem todas as injustiças, todas as causas de desinteligências entre os povos.

Grande conceito de renovação pelo Espiritismo, tão bem exposto em O LIVRO DOS ESPÍRITOS; produzirá o maravilhoso milagre do século que virá, o da harmonização de todos os interesses materiais e espirituais dos homens, pela aplicação deste preceito bem compreendido: “Amam bastante, para serem amados.”

Sanson, ex membro da Sociedade Espírita de Paris. (1863)

O EGOÍSMO

11. O egoísmo – chaga da Humanidade – tem que desaparecer da Terra, pois afasta o progresso moral. Ao Espiritismo está reservada a tarefa de fazê-la subir na hierarquia dos mundos. Com efeito, o egoísmo é o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças e sua coragem. Digo *coragem* porque cada um necessita muito mais dela para vencer-se a si mesmo, do que para vencer os outros. Desse modo, que cada um empregue todos os esforços a combatê-lo em si, certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é o causador de todas as misérias do mundo terreno. É a negação da caridade e, por conseguinte, o maior obstáculo à felicidade dos homens.

Jesus lhes deu o exemplo da caridade e Pôncio Pilatos o do egoísmo, pois, quando o primeiro, o Justo, vai percorrer as santas estações do seu martírio, o outro lava as mãos, dizendo: “Que me importa!” Animou-se a dizer aos judeus: “Este homem é justo, por que O querem crucificar?” Entretanto, deixa que o conduzam ao suplício.

É a essa incompatibilidade entre a *caridade* e o *egoísmo*, à invasão do coração humano por essa lepra que se deve atribuir o fato de o Cristianismo não ter ainda desempenhado por completo a sua missão. Cabem a vocês – novos apóstolos da fé, a quem os Espíritos superiores esclarecem – o encargo e o dever de extirpar esse mal, a fim de dar ao Cristianismo toda a sua força e desobstruir o caminho pedregoso que embaraçam a marcha. Expulsem da Terra o egoísmo para que ela possa subir na escala dos mundos, pois já é tempo de a Humanidade envergar sua veste vigorosa, para o que cumpre que primeiramente o expulsem dos corações.

Emmanuel (Paris, 1861)

12. Se os homens se amassem com mútuo amor, mais bem praticada seria a caridade; mas, para isso, seria preciso que se esforçassem para largar essa couraça que cobre os corações, a fim de se tornarem eles mais sensíveis aos sofrimentos

alheios. A rigidez mata os bons sentimentos; o Cristo jamais se desculpava; não repelia aquele que o buscava, fosse quem fosse: socorria assim a mulher adúltera, como o criminoso; nunca temeu que a sua reputação sofresse por isso. Quando O tomarão como modelo de todas as suas ações? *Se na Terra a caridade reinasse, o mau não imperaria nela; fugiria envergonhado; procuraria se ocultar, visto que em toda parte se acharia deslocado.* O mal então desapareceria, fiquem bem certos.

Comecem com vocês a dar o exemplo; sejam caridosos para com todos indistintamente; esforcem-se para não se preocupar com os que os olham com desprezo e *deixem a Deus o encargo de fazer toda a justiça*, a Deus que todos os dias separa, no seu reino, o joio do trigo.

O egoísmo é a negação da caridade. Ora, sem a caridade não haverá descanso para a sociedade humana. Digo mais: não haverá segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, a vida será sempre uma carreira em que o mais esperto vencerá, uma luta de interesses, em que se pisarão aos pés as mais santas afeições, em que nem sequer os sagrados laços da família merecerão respeito.

Pascal (Sens, 1862)

A FÉ E A CARIDADE

13. Não faz muito tempo que eu disse, meus caros filhos, que a caridade sem a fé não basta para manter uma ordem social entre os homens capaz de torná-los felizes. Poderia ter dito que a caridade é impossível sem a fé. Na verdade, impulsos generosos se mostram mesmo entre os que não têm nenhuma religião; porém, essa caridade severa, que só com abnegação se pratica, com um constante sacrifício de todo interesse egoístico, somente a fé pode inspirá-la, pois só ela dá se possa carregar com coragem e perseverança a cruz da vida terrena.

Sim, meus filhos, é inútil que o homem insaciável de prazeres procure se iludir sobre o seu destino nesse mundo, pretendendo ser lícito para ele se ocupar unicamente com a sua felicidade. Sem dúvida, Deus nos criou para sermos felizes na eternidade; entretanto, a vida terrestre tem que servir exclusivamente ao aperfeiçoamento moral, que mais facilmente se adquire com o auxílio dos órgãos físicos e do mundo material. Sem levar em conta os tormentos ordinários da vida, a diversidade dos gostos, dos pendores e das necessidades, é esse também um meio de se aperfeiçoarem, exercitando-os na caridade. Com efeito, só a poder de consentimentos e sacrifícios mútuos podem conservar a harmonia entre elementos tão diversos.

Contudo, terão razão em afirmarem que a felicidade se acha destinada ao homem nesse mundo, desde que ele a procure, não nos gozos materiais, sim no bem. A história da cristandade fala de mártires que se encaminhavam alegres para o suplício. Hoje, na sociedade atual, para serem cristãos, não se faz necessário nem o sacrifício da crucificação, nem o sacrifício da vida, mas única e exclusivamente o sacrifício do próprio egoísmo, do próprio orgulho e da própria vaidade. Triunfarão, se a caridade os inspirar e os sustentar a fé.

Espírito protetor (Cracóvia, 1861)

CARIDADE PARA COM OS CRIMINOSOS

14. A verdadeira caridade é um dos mais sublimes ensinamentos que Deus deu ao mundo. Deve existir completa fraternidade entre os verdadeiros seguidores da Sua doutrina. Devem amar os desgraçados, os criminosos, porque são criaturas de Deus, às quais o perdão e a misericórdia serão concedidos, quando se arrependerem, como também a vocês, pelas faltas que cometem contra Sua Lei. Considerem que são mais repreensíveis e mais culpados do que aqueles a quem negarem perdão e compaixão, pois, as mais das vezes, eles não conhecem Deus como vocês conhecem, e muito menos será pedido a ele do que a vocês.

Não julguem! Oh, não julgueis absolutamente, meus caros amigos, pois o juízo que proferirem será ainda mais severamente aplicado a você e precisam de indulgência para os pecados em que caem sem cessar. Ignoram que há muitas ações que são crimes aos olhos do Deus de pureza e que o mundo nem sequer considera como faltas leves?

A verdadeira caridade não consiste apenas na esmola que vocês dão, nem mesmo nas palavras de consolação que lhe acrescentam. Não, não é apenas isso o que Deus exige de vós. A caridade sublime que Jesus ensinou também consiste na benevolência de que usem sempre e em todas as coisas para com o próximo. Podem ainda exercitar essa virtude sublime com relação a seres para os quais nenhuma utilidade terão as suas esmolas, mas que algumas palavras de consolo, de encorajamento, de amor, conduzirão ao Senhor supremo.

Repito que estão próximos os tempos em que nesse planeta reinará a grande fraternidade, em que os homens obedecerão à lei do Cristo, lei que será freio e esperança e conduzirá as almas às moradas felizes. Amem-se, pois, como filhos do mesmo Pai; não estabeleçam diferenças entre os outros infelizes, pois Deus quer que todos sejam iguais; não desprezem ninguém. Permite Deus que entre vocês se achem grandes criminosos, para que lhes sirvam de ensinamento. Em breve, quando os homens se encontrarem submetidos às verdadeiras leis de Deus, já não haverá necessidade desses ensinamentos: *todos os Espíritos impuros e revoltados serão rebaixados para mundos inferiores, de acordo com as suas inclinações.*

Para aqueles de quem falo, devem o socorro das suas preces: é a verdadeira caridade. Não cabe a vocês dizer de um criminoso: “É um miserável; a Terra deve ser limpa da sua presença; pois é muito meiga para um ser de tal espécie, que a morte o atinja!” Não, não é assim que lhes cabe falar. Observem o seu modelo: Jesus. Que diria Ele, se visse junto de si um desses desgraçados? Lamentaria por ele; consideraria um doente bem digno de piedade e estenderia a mão a ele. Em realidade, não podem fazer o mesmo; mas pelo menos, podem orar por ele, ajudá-lo o Espírito durante o tempo que ainda tenha de passar na Terra. Se orarem com fé, ele pode ser tocado de arrependimento. É tanto próximo de vocês como o melhor dos homens; sua alma transviada e revoltada foi criada como a sua, para se aperfeiçoar; então o ajudem a sair do lameiro e oram por ele.

Isabel de França (Havre, 1862)

DEVE-SE EXPOR A VIDA POR UM MALFEITOR?

15. *Um homem acha-se em perigo de morte e para salvá-lo, um outro tem que expor a vida. Sabe-se, porém, que aquele é um malfeitor e que, se escapar, poderá cometer novos crimes. Apesar disso, o segundo deve se arriscar para salvá-lo?*

Questão muito grave é esta e que naturalmente se pode apresentar ao espírito. Responderei, na conformidade do meu adiantamento moral, pois o de que se trata é de saber se devemos expor a vida, mesmo por um malfeitor. O desprendimento é cego; socorre-se um inimigo; portanto, em resumo, deve-se socorrer o inimigo da sociedade, a um malfeitor. Julgam que será somente à morte que, em tal caso, se corre a arrancar o desgraçado? É, talvez, a toda a sua vida passada. Com efeito, imaginem que, nos rápidos instantes que lhe levam os derradeiros alentos de vida, o homem perdido volte ao seu passado, ou que antes, este se ergue diante dele. Talvez a morte lhe chega cedo demais; a reencarnação poderá vir a ser terrível para ele. Lancem-se, então, ó homens; lancem-se todos a quem a ciência espírita esclareceu; lancem-se, arranquem-no da sua condenação e, talvez, esse homem, que teria morrido a blasfemar, se atirárá nos seus braços. Todavia, vocês não têm que indagar se o fará ou não; socorram a ele, pois, salvando-o, obedecem a essa voz do coração que diz: “Pode salvá-lo, salve-o!”

Lamennais (Paris, 1862)

CAPÍTULO XII

AMAI OS VOSSOS INIMIGOS

- RETRIBUIR O MAL COM O BEM
- OS INIMIGOS DESENCARNADOS
- SE ALGUÉM BATER NA SUA FACE DIREITA, APRESENTEM TAMBÉM A OUTRA

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- A VINGANÇA
- O ÓDIO
- O DUELO

RETRIBUIR O MAL COM O BEM

1. “Aprenderam o que foi dito: ‘Amem o seu próximo e odeiem os inimigos’. Mas eu digo a vocês: Amem os seus inimigos; façam o bem aos que os odeiam e orem pelos que perseguem e caluniam a vocês, a fim de serem filhos do Pai que está nos céus e que faz que o Sol se levante para os bons e para os maus e que chova sobre os justos e os injustos. Porque, se só amarem os que os amam, qual será a recompensa? Os publicanos também não procedem assim? Se apenas saudarem os irmãos, o que é que fazem com isso mais do que os outros fazem? Os pagãos não fazem outro tanto?”

(MATEUS, 5:43 a 47)

“Digo que, se a justiça de vocês não for mais abundante que a dos escribas e dos fariseus, não entrarão no reino dos céus.”

(MATEUS, 5:20)

2. “Se somente amarem os que os amam, que mérito se reconhecerá em vocês, uma vez que as pessoas de má vida também amam os que as amam? Se fizerem o bem somente aos que lhe fazem o mesmo, que mérito se reconhecerá em vocês, dado que o mesmo faz a gente de má vida? Se só emprestarem para aqueles de quem possam esperar o mesmo favor, que mérito se reconhecerá em vocês, quando as pessoas de má vida se ajudam dessa maneira para receber a mesma vantagem? Pelo que cabe a vocês, amem os inimigos, façam o bem a todos e auxiliem sem esperar coisa alguma. Então, muito grande será a sua recompensa e serão filhos do Altíssimo, que é bom para os ingratos e até para os maus. Então, sejam cheios de misericórdia, como cheio de misericórdia é Deus.”

(LUCAS, 6:32 a 36)

3. Se o amor do próximo é o princípio da caridade, amar os inimigos é a mais sublime aplicação desse princípio, pois a posse de tal virtude representa uma das maiores vitórias alcançadas contra o egoísmo e o orgulho.

Entretanto, geralmente há equívoco no tocante ao sentido da palavra *amar*,

neste passo. Jesus não pretendeu, assim falando, que cada um de nós tenha para com o seu inimigo a ternura que dispensa a um irmão ou amigo. A ternura pressupõe confiança; ora, ninguém pode depositar confiança numa pessoa, sabendo que esta lhe quer mal; ninguém pode ter para com ela expansões de amizade, sabendo que ela é capaz de abusar dessa atitude. Entre pessoas que desconfiam umas das outras, não pode haver essas manifestações de simpatia que existem entre as que compartilham das mesmas ideias. Enfim, estando com um inimigo, ninguém pode sentir prazer igual ao que sente na companhia de um amigo.

A diversidade na maneira de sentir, nessas duas circunstâncias diferentes, resulta mesmo de uma lei física: a da identificação e da repulsão dos fluidos. O pensamento malévolos determina uma corrente fluídica que impressiona penosamente. O pensamento benévolo nos envolve num agradável eflúvio. Daí a diferença das sensações que se experimenta à aproximação de um amigo ou de um inimigo.

Logo, amar os inimigos não pode significar que não se deva estabelecer diferença alguma entre eles e os amigos. Se este conceito parece de difícil prática, é impossível mesmo, apenas por entender-se falsamente que ele manda que se dê o mesmo lugar no coração tanto ao amigo como ao inimigo. Uma vez que a pobreza da linguagem humana obriga a que nos sirvamos do mesmo termo para exprimir matizes diversos de um sentimento, cabe à razão estabelecer as diferenças, conforme os casos. Amar os inimigos não é, portanto, ter-lhes uma afeição que não está na natureza, visto que o contato de um inimigo nos faz bater o coração de modo muito diverso do seu bater, ao contato de um amigo. Amar os inimigos é não lhes guardar ódio, nem rancor, nem desejos de vingança; é perdoar-lhes o mal que nos causem, *sem pensamento oculto e sem condições*; é não opor nenhum obstáculo à reconciliação com eles; é desejar-lhes o bem e não o mal; é experimentar alegria, em vez de pesar, com o bem que lhes venha; é socorrê-los, quando se apresenta a ocasião; é abster-se, *quer por palavras, quer por atos*, de tudo o que os possa prejudicar; é, finalmente, retribuir-lhes sempre o mal com o bem, *sem a intenção de humilhá-los*. Quem assim procede preenche as condições do mandamento: Amem os seus inimigos.

4. Para o incrédulo, amar os inimigos é um contrassenso, Aquele para quem a vida presente é tudo, vê no seu inimigo um ser prejudicial, que lhe perturba o repouso e pensa que só a morte o pode livrar. Daí, o desejo de vingar-se. Nenhum interesse tem em perdoar, senão para satisfazer o seu orgulho perante o mundo. Em certos casos, perdoar-lhe parece mesmo uma fraqueza indigna de si. Se não se vingar, nem por isso deixará de conservar rancor e secreto desejo de mal para o outro.

Para o crente e, sobretudo, para o espírita, muito diversa é a maneira de ver, porque suas vistas se lançam sobre o passado e sobre o futuro, entre os quais a vida atual não passa de um simples ponto. Sabe ele que, pela mesma destinação da Terra, deve esperar topar aí com homens maus e perversos; que as maldades com que se defronta fazem parte das provas que lhe cumpre suportar e o elevado ponto de vista em que se coloca lhe torna menos amargas as atribuições, quer venham dos homens, quer das coisas. *Se não se queixa das provas, tampouco deve se queixar dos que lhe servem de instrumento*. Se, em vez de se queixar, agradece a Deus pela

experimentação, *deve também agradecer a mão que lhe dá ocasião de demonstrar a sua paciência e a sua resignação.* Esta ideia o dispõe naturalmente ao perdão. Sente, além disso, que quanto mais generoso for, tanto mais se engrandece aos seus próprios olhos e se põe fora do alcance dos dardos do seu inimigo.

O homem que no mundo ocupa elevada posição não se julga ofendido com os insultos daquele a quem considera seu inferior. O mesmo se dá com o que, no mundo moral, se eleva acima da humanidade material. Este compreende que o ódio e o rancor o desonrariam e rebaixariam. Ora, para ser superior ao seu adversário, preciso é que tenha a alma maior, mais nobre, mais generosa do que a desse último.

OS INIMIGOS DESENCARNADOS

5. O espírita ainda tem outros motivos para ser indulgente com os seus inimigos: sabe ele, primeiramente, que a maldade não é uma característica permanente dos homens; que ela decorre de uma imperfeição temporária e que, assim como a criança se corrige dos seus defeitos, o homem mau reconhecerá um dia os seus erros e se tornará bom.

Sabe também que a morte apenas o livra da presença material do seu inimigo, pois que este o pode perseguir com o seu ódio, mesmo depois de haver deixado a Terra; que, assim, a vingança que tome, falha ao seu objetivo, visto que, ao contrário, tem por efeito produzir maior irritação, capaz de passar de uma existência a outra. Cabia ao Espiritismo demonstrar, por meio da experiência e da lei que rege as relações entre o mundo visível e o mundo invisível, que a expressão *extinguir o ódio com o sangue* é radicalmente falsa, que a verdade é que o sangue alimenta o ódio, mesmo no além-túmulo. Cabia-lhe, portanto, apresentar uma razão de ser positiva e uma utilidade prática ao perdão e ao preceito do Cristo: *Amem os inimigos.* Não há coração tão perverso que, mesmo a contragosto, não se mostre sensível ao bom proceder. Mediante o bom procedimento, tira-se, pelo menos, todo pretexto às represálias, podendo-se até fazer de um inimigo um amigo, antes e depois de sua morte. Com um mau proceder, o homem irrita o seu inimigo, *que então se compõe instrumento de que a justiça de Deus se serve para punir aquele que não perdoou.*

6. Portanto, pode-se contar inimigos assim entre os encarnados, como entre os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam sua malevolência pelas obsessões e subjugações com que tanta gente se vê abraçado e que representam um gênero de provações, as quais, como as outras, concorrem para o adiantamento do ser, que, por isso, deve receber com resignação e como consequência da natureza inferior do globo terrestre. Se não houvesse homens maus na Terra, não haveria Espíritos maus ao seu redor. Se, conseguintemente, se deve usar de benevolência com os inimigos encarnados, do mesmo modo se deve proceder com relação aos que se acham desencarnados.

Outrora, sacrificavam-se vítimas sangrentas para aplacar os deuses infernais, que não eram senão os maus Espíritos. Aos deuses infernais sucederam os demônios, que são a mesma coisa. O Espiritismo demonstra que esses demônios não

são mais do que as almas dos homens perversos, que ainda se não excluíram dos instintos materiais; *que ninguém consegue aplacá-los, senão mediante o sacrifício do ódio existente, isto é, pela caridade*; que esta não tem por efeito, unicamente, impedi-los de praticar o mal e, sim, também o de reconduzi-los ao caminho do bem e de contribuir para a salvação deles. É assim que o mandamento: *Amem os seus inimigos* não se restringe ao âmbito acanhado da Terra e da vida presente; antes, faz parte da grande lei da solidariedade e da fraternidade universais.

SE ALGUÉM BATER NA SUA FACE DIREITA, APRESENTEM TAMBÉM A OUTRA

7. “Aprenderam que foi dito: *‘olho por olho e dente por dente’*. Eu, porém, digo que não resistam ao mal que queiram fazer contra vocês; que se alguém bater na sua face direita, lhe apresentem também a outra; e que se alguém quiser tentar contra vocês para tomá-los a túnica, também lhe entreguem o manto; – e que se alguém os obrigar a caminhar mil passos com ele, caminhem mais dois mil. Dai àquele que os pedir e não rebatam aquele que queira tomar emprestado de vocês”.

(MATEUS, 5:38 a 42)

8. Os preconceitos do mundo sobre o que se convencionou chamar “questão de honra” produzem essa inimizade sombria, nascida do orgulho e da exaltação da personalidade, que leva o homem a retribuir uma injúria com outra injúria, uma ofensa com outra, o que é tido como justiça por aquele cujo senso moral não se acha acima do nível das paixões terrenas. Por isso é que a lei de Moisés prescrevia: *olho por olho, dente por dente*, de acordo com a época em que Moisés vivia. Veio o Cristo e disse: **“Retribuam o mal com o bem”**. E disse ainda: “Não resistais ao mal que lhes queiram fazer; *se alguém lhe bater numa face, apresentem a outra.*” Ao orgulhoso este ensino parecerá uma covardia, pois ele não compreende que haja mais coragem em suportar um insulto do que em tomar uma vingança, e não compreende, porque sua visão não pode ultrapassar o presente.

Entretanto, devemos tomar aquele preceito ao pé da letra? Tampouco quanto o outro que manda arrancar o olho, quando for causa de escândalo. Levado o ensino às suas últimas consequências, importaria em condenar toda repressão, mesmo legal, e deixar livre o campo aos maus, isentando-os de todo e qualquer motivo de temor. Se se não pusesse um freio às suas agressões, bem depressa todos os bons seriam suas vítimas. O próprio instinto de conservação, que é uma lei da Natureza, é contra que alguém estenda o pescoço ao assassino. Enunciando, pois, aquela máxima, Jesus não pretendeu dizer toda defesa, mas *condenar a vingança*. Dizendo que apresentemos a outra face àquele que nos tenha batido numa, disse, sob outra forma, que não se deve pagar o mal com o mal; que o homem deve aceitar com humildade tudo o que seja de molde a lhe abater o orgulho; que maior glória lhe vêm de ser ofendido do que de ofender, de suportar pacientemente uma injustiça do que de praticar alguma; que mais vale ser enganado do que enganador, arruinado do que arruinar os outros. É, ao mesmo tempo, a condenação do duelo, que não passa de uma manifestação de orgulho. Somente a fé na vida futura e na justiça de Deus, que jamais deixa o mal impune, pode dar ao homem forças para suportar com paciência os golpes que lhe sejam desferidos nos interesses e no amor-próprio. Daí por que

repetirmos sem parar: Lançai o olhar para diante; quanto mais se elevarem pelo pensamento, acima da vida material, tanto menos as coisas da Terra os magoarão.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A VINGANÇA

9. A vingança é uma das últimas coisas restantes dos costumes bárbaros que tendem a desaparecer dentre os homens. Como o duelo, é um dos derradeiros vestígios dos hábitos selvagens sob cujos tiranos a Humanidade se debatia no começo da era cristã, razão pela qual a vingança constitui indício certo do estado de atraso dos homens que a ela se dão e dos Espíritos que ainda as inspirem. Portanto, meus amigos, nunca esse sentimento deve fazer vibrar o coração de quem quer que se diga e proclame espírita. Vocês sabem bem que vingar-se é tão contrário àquela determinação do Cristo: “Perdoem aos inimigos”, que aquele que se nega a perdoar não somente não é espírita como também não é cristão. A vingança é uma inspiração tanto mais maldita, quanto tem por companheiras frequentes a falsidade e a baixaza. Com efeito, aquele que se entrega a essa paixão fatal e cega quase nunca se vinga a céu aberto. Quando é ele o mais forte, avança como uma fera sobre o outro a quem chama seu inimigo, desde que a presença deste último lhe inflame a paixão, a cólera, o ódio. Porém, na maioria das vezes assume aparências hipócritas, ocultando nas profundezas do coração os maus sentimentos que o atentam. Toma caminhos ocultos, segue na sombra o inimigo, que de nada desconfia, e espera o momento conveniente para feri-lo sem sofrer perigo. Esconde-se do outro, emboscando-o de contínuo, prepara-lhe odiosas armadilhas e que a ocasião é propícia, derrama-lhe no copo o veneno. Quando seu ódio não chega a tais extremos, ataca-o então na honra e nas afeições; não recua diante da calúnia, e suas traiçoeiras insinuações, habilmente espalhadas a todos os ventos, se vão avolumando pelo caminho. Em consequência, quando o perseguido se apresenta nos lugares por onde passou o sopro do perseguidor, espanta-se de dar com semblantes frios, em vez de fisionomias amigas e benevolentes que outrora o acolhiam. Fica assombrado quando mãos que se lhe estendiam, agora se recusam a apertar as suas. Enfim, sente-se aniquilado, ao verificar que os seus mais caros amigos e parentes se afastam e o evitam. Ah, o covarde que se vinga assim é cem vezes mais culpado do que o que enfrenta o seu inimigo e o insulta em plena face!

Pois então, que seja o fim desses costumes selvagens! Fora com esses procedimentos de outros tempos! Todo espírita que ainda hoje pretendesse ter o direito de vingar-se seria indigno de figurar por mais tempo na falange que tem como emblema: ***Sem caridade não há salvação!*** Mas, não, não posso me prender a pensar que um membro da grande família espírita ouse jamais, de futuro, ceder ao impulso da vingança, senão para perdoar.

Júlio Olivier (Paris, 1862)

O ÓDIO

10. Amem-se uns aos outros e serão felizes. Decidam amar sobretudo os que os inspiram indiferença, ódio, ou desprezo. O Cristo, que devem considerar como modelo, deu-lhes o exemplo desse devotamento. Missionário do amor, Ele amou até dar o sangue e a vida por amor. Penoso para vocês é o sacrifício de amarem os que os ultrajam e perseguem; mas, precisamente, esse sacrifício é que os torna superiores a eles. Se os odiassem como eles os odeiam, não valeriam mais do que eles. Amá-los é a hóstia digna que oferecem a Deus no altar dos seus corações, hóstia de agradável aroma e cujo perfume lhe sobe até o seio. Se bem a lei de amor mande que cada um ame sem distinção a todos os seus irmãos, ela não engrossa o coração contra os maus procederes; ao contrário, esta é a prova mais angustiosa, e eu o sei bem, pois, durante a minha última existência terrena, experimentei essa tortura. Mas Deus lá está e pune nesta vida e na outra os que violam a lei de amor. Não esqueçam, meus queridos filhos, que o amor aproxima a criatura de Deus e o ódio a distancia d'Ele.

Fénelon (Bordéus, 1861)

O DUELO

11. Só é verdadeiramente grande aquele que, considerando a vida uma viagem que o há de conduzir a determinado ponto, faz pouco caso das durezas da jornada e não deixa que seus passos se desviem do caminho reto. Com o olhar constantemente dirigido para o objetivo a alcançar, nada lhe importa que as urzes e os espinhos ameacem produzir-lhe arranhaduras; umas e outros lhe roçam a pele, sem o ferirem, nem impedirem de prosseguir na caminhada. Expor seus dias para se vingar de uma injúria é recuar diante das provações da vida, é sempre um crime aos olhos de Deus; e, se não fossem, como são, iludidos pelos seus prejuízos, tal coisa seria ridícula e uma suprema loucura aos olhos dos homens.

Há crime no homicídio em duelo⁴⁰; a própria legislação humana o reconhece. Em nenhum caso, ninguém tem o direito de atentar contra a vida de seu semelhante: é um crime aos olhos de Deus, que os traçou a linha de conduta que têm de seguir. Nisso, mais do que em qualquer outra circunstância, são juízes em causa própria. Lembrem-se de que somente serão perdoados conforme perdoarem; pelo perdão vocês se cercam da Divindade, pois a clemência é irmã do poder. Enquanto na Terra correr uma gota de sangue humano derramada pela mão dos homens, o verdadeiro reino de Deus ainda se não terá implantado aí, reino de paz e de amor, que há de banir para sempre do seu planeta a antipatia, a discórdia, a guerra. Então, a palavra duelo somente existirá na vossa linguagem como antiga e vaga recordação de um passado que se foi. Nenhum outro antagonismo existirá entre os homens, afora a nobre rivalidade do bem.

Adolfo, bispo de Argel. (Marmande, 1861)

⁴⁰ O duelo era, até pouco tempo atrás, um costume comum “para se resolver” discussões; costume considerado legal e que exaltava a coragem de quem se submetia a esse ato cruel que, insanamente, também era conhecido como “o juízo de Deus” – N. E.

12. Em certos casos, sem dúvida que o duelo pode ser uma prova de coragem física, de desprezo pela vida, mas também é, incontestavelmente, uma prova de covardia moral, como o suicídio. O suicida não tem coragem de enfrentar as vicissitudes da vida; o duelista não tem a de suportar as ofensas. O Cristo disse que há mais honra e valor em apresentar a face esquerda àquele que bateu na direita, do que em vingar um insulto. Ele disse a Pedro, no jardim das Oliveiras: “*Mete a tua espada na bainha, pois aquele que matar com a espada, cairá pela espada!*” Assim falando, Ele condenou o duelo para sempre. Efetivamente, meus filhos, que coragem é essa vinda de um gênio violento, de um temperamento sanguíneo e irado, que ruge à primeira ofensa? Onde está a grandeza d’alma daquele que, à menor injúria, entende que só com sangue a poderá lavar? Ah, que ele trema! No fundo da sua consciência, uma voz lhe bradará sempre: “Caim! Caim! Que fez com teu irmão?” – “Foi-me necessário derramar sangue para salvar a minha honra”, responderá ele a essa voz. Ela, porém, retrucará: “Procuraste salvá-la perante os homens, por alguns instantes que te restavam de vida na Terra, e não pensaste em salvá-la perante Deus!” Pobre louco! Quanto sangue exigiria de vocês o Cristo por todos os ultrajes que Ele recebeu! Não só O feriu com os espinhos e a lança, não só O pregou num madeiro infamante, como também O fez ouvir, em meio de sua agonia cruel, as zombarias que Lhe liberalizou. Que reparação a tantos insultos Ele lhes pediu? O último brado do Cordeiro foi uma súplica em favor dos seus carrascos! Como Ele, perdoem e orem pelos que os ofendem.

Amigos, lembrem-se deste preceito: “Amem-se uns aos outros” e, então, a um golpe desferido pelo ódio responderão com um sorriso, e a uma afronta com o perdão. Sem dúvida, o mundo se levantará furioso e os tratará de covardes; ergam bem alto a cabeça e mostrem que também ela não temeria de cobrir-se de espinhos, a exemplo do Cristo, mas, que a sua mão não quer ser cúmplice de um assassinio autorizado por falsos ares de honra, que, entretanto, não passa de orgulho e vaidade. Será que, ao criá-los, Deus lhes deu o direito de vida e de morte, uns sobre os outros? Não! Só à Natureza Ele conferiu esse direito, para se reformar e reconstruir; quanto a vocês, Ele não permite sequer que aprontem contra si mesmos. Como o suicida, o duelista se achará marcado com sangue, quando comparecer perante Deus, e a um e outro o Soberano Juiz reserva rudes e longos castigos. Se ele ameaçou com a sua justiça aquele que disser *raca* a seu irmão, quanto mais severa não será a pena que confira ao que chegar à sua presença com as mãos tintas do sangue de seu irmão!

Santo Agostinho (Paris, 1862)

13. O duelo, como o que outrora se denominava “o juízo de Deus”, é uma das instituições bárbaras que ainda regem a sociedade. Que diriam, no entanto, se vissem dois adversários mergulhados em água fervente ou submetidos ao contato de um ferro em brasa, para ser dirimida a discussão entre eles, reconhecendo-se estar a razão com aquele que melhor sofresse a prova? Qualificariam de insensatos esses costumes, não é exato? Pois o duelo é coisa pior do que tudo isso. Para o duelista hábil, é um assassinio praticado a sangue frio, com toda a premeditação que possa haver, uma vez que ele está certo da eficácia do golpe que desfechará. Para o adversário, quase certo de cair em virtude de sua fraqueza e inabilidade, é um

suicídio cometido com a mais fria reflexão. Sei que muitas vezes se procura evitar essa alternativa igualmente criminosa, confiando ao acaso a questão: – mas, isso não é voltar, sob outra forma, ao *juízo de Deus*, da Idade Média? E nessa época infinitamente menor era a culpa. A própria denominação de *juízo de Deus* indica a fé, ingênua, é verdade, porém, afinal, fé na justiça de Deus, que não podia consentir caísse um inocente, ao passo que, no duelo, tudo se confia à força bruta, de tal sorte que não raro é o ofendido que fraqueja.

Ó estúpido amor-próprio, tola vaidade e louco orgulho, quando serão substituídos pela caridade cristã, pelo amor do próximo e pela humildade que o Cristo exemplificou e preceituou? Só quando isso se der desaparecerão esses preceitos monstruosos que ainda governam os homens, e que as leis são impotentes para reprimir, porque não basta interditar o mal e prescrever o bem; é preciso que o princípio do bem e o horror ao mal morem no coração do homem.

Um Espírito protetor (Bordéus, 1861)

14. Vocês costumam dizer: “Que juízo farão de mim se eu recusar a reparação que me exige, ou se não a reclamar de quem me ofendeu?” Como vocês, os loucos, os homens atrasados os censurarão; mas, os que se acham esclarecidos pelo facho do progresso intelectual e moral dirão que procedem de acordo com a verdadeira sabedoria. Reflitam um pouco. Por motivo de uma palavra dita às vezes impensadamente, ou inofensiva, vinda de um dos seus irmãos, o seu orgulho se sente ferido, respondem de modo áspero e daí uma provocação. Antes que chegue o momento decisivo, indaguem a si mesmos se procedem como cristãos? Que contas ficarão devendo à sociedade, por privar um de seus membros? Pensaram no remorso que os assaltará, por haverem roubado o marido de uma mulher, o filho de uma mãe, do filho o pai que servia de amparo? Certamente, o autor da ofensa deve uma reparação; porém, não lhe será mais honroso dá-la espontaneamente, reconhecendo suas faltas, do que expor a vida daquele que tem o direito de se queixar? Quanto ao ofendido, convenho em que, algumas vezes, por ele achar-se gravemente ferido, ou em sua pessoa, ou nas dos que lhe são mais caros, não está em jogo somente o amor-próprio: o coração se acha magoado, sofre. Mas, além de ser estúpido arriscar a vida, lançando-se contra um miserável capaz de praticar infâmias, ocorrerá que, morto este, qualquer que seja a afronta deixa de existir? Não é exato que o sangue derramado imprime estrondo maior a um fato que, se falso, cairia por si mesmo, e que, se verdadeiro, deve ficar sepultado no silêncio? Pois, nada mais restará senão a satisfação da sede de vingança. Ah, triste satisfação que quase sempre dá lugar, já nesta vida, a causticantes remorsos! Se for o ofendido que morra, onde está a reparação? Quando a caridade regular a conduta dos homens, eles conformarão seus atos e palavras a esta máxima: “Não façam aos outros o que não querem que lhes façam”. Em se verificando isso, desaparecerão todas as causas de divergências e, com elas, as dos duelos e das guerras, que são os duelos de povo a povo.

Francisco Xavier (Bordéus, 1861)

15. O homem do mundo, o homem afortunado, que por uma palavra chocante, uma coisa ligeira, joga a vida que lhe veio de Deus, joga a vida do seu semelhante, que só a Deus pertence, esse é cem vezes mais culpado do que o miserável que, movido

pela ambição – algumas vezes pela necessidade – se enfia numa habitação para roubar e matar os que se lhe opõem aos desígnios. Trata-se quase sempre de uma criatura sem educação, com imperfeitas noções do bem e do mal, ao passo que o duelista pertence normalmente à classe mais culta. Um mata brutalmente, enquanto que o outro o faz com método e civilidade, pelo que a sociedade o desculpa. Acrescentarei mesmo que o duelista é infinitamente mais culpado do que o desgraçado que, cedendo a um sentimento de vingança, mata num momento de perturbação. O duelista não tem por escusa o arrebatamento da paixão, pois que, entre o insulto e a reparação, ele dispõe sempre de tempo para refletir. Portanto, age friamente e com premeditado desígnio; estuda e calcula tudo, para com mais segurança matar o seu adversário. É certo que também expõe a vida e é isso o que reabilita o duelo aos olhos do mundo, que nele então só vê um ato de coragem e pouco caso da vida. Mas, haverá coragem da parte daquele que está seguro de si? O duelo, restante dos tempos de barbárie, em os quais o direito do mais forte constituía a lei, desaparecerá por efeito de uma melhor apreciação do verdadeiro ponto de honra e à medida que o homem for depositando fé mais viva na vida futura.

Agostinho (Bordéus, 1861)

16. NOTA – Os duelos se vão tornando cada vez mais raros e, se de tempos a tempos alguns de tão dolorosos exemplos se dão, o número deles não se pode comparar com o dos que ocorriam outrora. Antigamente, um homem não saía de casa sem prever um encontro, pelo que tomava sempre as necessárias precauções. Um sinal característico dos costumes do tempo e dos povos se nos depara no porte habitual, ostensivo ou oculto, de armas ofensivas ou defensivas. A abolição de semelhante uso demonstra o enfraquecimento dos costumes e é curioso acompanhar-lhes a gradação, desde a época em que os cavaleiros só cavalgavam armados de ferro e de lança, até a em que uma simples espada à cinta era mais um enfeite e um acessório do brasão, do que uma arma de agressão. Outro indício da modificação dos costumes está em que, antigamente, os combates singulares se empenhavam em plena rua, diante da turba, que se afastava para deixar livre o campo aos combatentes, ao passo que estes hoje se ocultam. Presentemente, a morte de um homem é acontecimento que causa emoção, enquanto que, noutros tempos, ninguém dava atenção a isso.

O Espiritismo apagará esses últimos vestígios da barbárie, inculcando nos homens o espírito de caridade e de fraternidade.

CAPÍTULO XIII

QUE A MÃO ESQUERDA NÃO SAIBA O QUE A MÃO DIREITA DÊ

- FAZER O BEM SEM OSTENTAÇÃO
- OS INFORTÚNIOS OCULTOS
- O ÓBOLO DA VIÚVA
- CONVIDAR OS POBRES E OS ESTROPIADOS.
DAR SEM ESPERAR RETRIBUIÇÃO

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL
- A BENEFICÊNCIA
- A PIEDADE
- OS ÓRFÃOS
- BENEFÍCIOS PAGOS COM A INGRATIDÃO
- BENEFICÊNCIA EXCLUSIVA

FAZER O BEM SEM OSTENTAÇÃO

1. “Tenham cuidado para não praticar as boas obras diante dos homens, para serem vistas, pois do contrário, não receberão recompensa de Pai que está nos céus. Assim, quando derem esmola, não toquem trombetas, como os hipócritas fazem nas sinagogas e nas ruas, para serem louvados pelos homens. Na verdade, digo a vocês que eles já receberam sua recompensa. Quando derem esmola, que a mão esquerda não saiba o que a mão direita faz; a fim de que a esmola fique em segredo e o Pai, que vê o que se passa em segredo, recompensará a vocês”.

(MATEUS, 6:1 a 4)

2. Tendo Jesus descido do monte, grande multidão O seguiu. Ao mesmo tempo, um leproso veio ao Seu encontro e O adorou, dizendo: “Senhor, se quiser, poderá me curar”. Jesus, estendendo a mão, o tocou e disse: “**Eu quero que fique curado!**”; No mesmo instante a lepra desapareceu. Disse-lhe então Jesus: “**Contenham-te de falar disto a quem quer que seja; mas, vai mostrar-te aos sacerdotes e oferece o dom prescrito por Moisés, a fim de que lhes sirva de prova**”.

(MATEUS, 8:1 a 4)

3. Há grande mérito em fazer o bem sem ostentação; ainda mais meritório é ocultar a mão que dá; constitui marca incontestável de grande superioridade moral, pois, para encarar as coisas de mais alto do que o faz o vulgo, se torna necessário desprender-

se da vida presente e se identificar com a vida futura; numa palavra, colocar-se acima da Humanidade, para renunciar à satisfação que vêm do testemunho dos homens e esperar a aprovação de Deus. Aquele que prefere a admiração dos homens a de Deus prova que deposita mais fé nestes do que na Divindade e que mais valor dá à vida presente do que à futura. Se diz o contrário, procede como se não crese no que diz.

Há muitos que só fazem doação na esperança de que a pessoa que receba irá clamar por toda a parte pelo benefício recebido! Quantos os que, de público, dão grandes somas e que, entretanto, às ocultas, não dariam uma só moeda! Foi por isso que Jesus declarou: “Os que fazem o bem com vanglória já receberam sua recompensa.” Com efeito, aquele que procura a sua própria glorificação na Terra, pelo bem que pratica, já se pagou a si mesmo; Deus nada mais lhe deve; só lhe resta receber a punição do seu orgulho.

A mão esquerda não saber o que a mão direita dá é uma imagem que caracteriza admiravelmente a beneficência modesta. Mas, se há a modéstia real, também há a falsa modéstia, a simulação da modéstia. Há pessoas que ocultam a mão que dá, tendo, porém, o cuidado de deixar aparecer um pedacinho, olhando em volta para verificar se alguém não o terá visto ocultá-la. Indigna paródia das máximas do Cristo! Se os benfeitores orgulhosos são depreciados entre os homens, que não será perante Deus? Também esses já receberam na Terra sua recompensa. Foram vistos; estão satisfeitos por terem sido vistos. É tudo o que terão.

E qual poderá ser a recompensa de quem que faz pesar os seus benefícios sobre aquele que os recebe, que lhe impõe, de certo modo, testemunhos de reconhecimento, que lhe faz sentir a sua posição, exaltando o preço dos sacrifícios a que se vota para beneficiá-lo? Oh, para esse, nem mesmo a recompensa terrestre existe, pois ele se vê privado da grata satisfação de ouvir bendizer-lhe do nome e é esse o primeiro castigo do seu orgulho! As lágrimas que seca por vaidade, em vez de subirem ao Céu, recaíram sobre o coração do aflito e o magoam. Nenhum proveito lhe resulta do bem que praticou, pois que ele o deplora, e todo benefício deplorado é moeda falsa e sem valor.

A beneficência praticada sem alarde tem duplo mérito: além de ser caridade material, é caridade moral, visto que reserva a timidez do beneficiado, faz-lhe aceitar o benefício, sem que seu amor-próprio se ressinta e salvaguardando-lhe a dignidade de homem, pois aceitar um serviço é coisa bem diversa de receber uma esmola. Ora, converter em esmola o serviço, pela maneira de prestá-lo, é humilhar o que o recebe, e, em humilhar a alguém, há sempre orgulho e maldade. A verdadeira caridade, ao contrário, é delicada e engenhosa em cobrir o benefício, em evitar até as simples aparências capazes de melindrar, dado que todo atrito moral aumenta o sofrimento que se origina da necessidade. Ela sabe encontrar palavras brandas e afáveis que colocam o beneficiado à vontade em presença do benfeitor, ao passo que a caridade orgulhosa o esmaga. A verdadeira generosidade adquire toda a elevação, quando o benfeitor, invertendo os papéis, acha meios de figurar como beneficiado diante daquele a quem presta serviço. Eis o que significam estas palavras: “Que a mão esquerda não saiba o que a direita dá.”

OS INFORTÚNIOS OCULTOS

4. Nas grandes calamidades, a caridade se emociona e observamos impulsos generosos no sentido de reparar os desastres. Mas, a par desses desastres gerais, há milhares de desastres particulares, que passam despercebidos: os dos que penam sobre um casebre sem se queixarem. Esses infortúnios discretos e ocultos são os que a verdadeira generosidade sabe descobrir, sem esperar que peçam assistência.

Quem é esta mulher de ar distinto, de traje tão simples, embora bem cuidado, e que traz em sua companhia uma mocinha tão modestamente vestida? Entra numa casa de aparência miserável, onde sem dúvida é conhecida, pois que à entrada a saúdam respeitosamente. Aonde ela vai? Sobe até a pobre morada, onde mora uma mãe de família cercada de crianças. À sua chegada, flameja a alegria naqueles rostos emagrecidos. É que ela vai acalmar ali todas as dores. Traz o de que necessitam, condimentado de meigas e consoladoras palavras, que fazem que os seus protegidos, que não são profissionais da pobreza, aceitem o benefício, sem corar. O pai está no hospital e, enquanto lá permanece, a mãe não consegue com o seu trabalho prover as necessidades da família. Graças à boa senhora, aquelas pobres crianças não mais sentirão frio, nem fome; irão à escola agasalhadas e, para as menorzinhas, o leite não secará no seio que as amamenta. Se entre elas alguma adoce, não lhe repugnarão a ela, à boa dama, os cuidados materiais de que essa necessite. Dali vai ao hospital levar ao pai algum reconforto e tranquilizá-lo sobre o destino da família. No canto da rua, uma carruagem a espera, verdadeiro armazém de tudo o que destina aos seus protegidos, que todos lhe recebem sucessivamente a visita. Não lhes pergunta qual a crença que professam, nem quais suas opiniões, pois considera como seus irmãos e filhos de Deus todos os homens. Terminado o seu giro, diz de si para consigo: Comecei bem o meu dia. Qual o seu nome? Onde mora? Ninguém o sabe. Para os infelizes, é um nome que nada indica; mas é o anjo da consolação. À noite, um concerto de bênçãos se eleva em seu favor ao Pai celestial: católicos, judeus, protestantes, todos a bendizem.

– Por que tão singelo traje? – Para não insultar a miséria com o seu luxo. – Por que se faz acompanhar da filha? – Para que ela aprenda como se deve praticar a beneficência. A mocinha também quer fazer a caridade. A mãe, porém, lhe diz: “O que você pode dar, minha filha, quando nada tem de teu? Se eu te passar às mãos alguma coisa para que dê a alguém, qual será o teu mérito? Nesse caso, em realidade, serei eu quem faz a caridade; que merecimento teria nisso? Não é justo. Quando visitamos os doentes, tu me ajuda a tratá-los. Ora, dispensar cuidados é dar alguma coisa. Não te parece bastante isso? Nada mais simples. Aprenda a fazer obras úteis e confeccionará roupas para essas criancinhas. Desse modo, dará alguma coisa que vem de ti”. É assim que aquela mãe verdadeiramente cristã prepara a filha para a prática das virtudes que o Cristo ensinou. Ela é espírita? Que importa!

Em casa, é a mulher do mundo, porque a sua posição exige isso. Porém, ignoram o que faz, porque ela não deseja outra aprovação além da de Deus e da sua consciência. Certo dia, no entanto, imprevista circunstância leva-lhe a casa uma de suas protegidas, que andava a vender trabalhos executados por suas mãos. Esta última, ao vê-la, reconheceu nela a sua benfeitora. “Silêncio!” – ordena-lhe a senhora. “*Não o diga a ninguém*”. – Falava assim Jesus.

O ÓBOLO⁴¹ DA VIÚVA

5. Estando Jesus sentado de frente do cofre das ofertas, a observar de que modo o povo lançava ali o dinheiro, viu que muitas pessoas ricas o depositava em abundância. Nisso, veio também uma pobre viúva que apenas deitou duas pequenas moedas do valor de dez centavos cada uma. Chamando então seus discípulos, disse-lhes: **“Em verdade eu digo que esta pobre viúva deu muito mais do que todos os que antes puseram suas dádivas no cofre; por isso que todos os outros deram do que lhes sobra, ao passo que ela deu do que lhe faz falta, deu mesmo tudo o que tinha para seu sustento”**.

(MARCOS, 12:41 a 44; LUCAS, 21:1 a 4)

6. Muita gente lamenta não poder fazer todo o bem que deseja por falta de recursos suficientes, e, se desejam possuir riquezas, dizem que é para lhes fazer bom uso. É sem dúvida louvável a intenção e pode até ser sincera em alguns. Contudo, será que é completamente desinteressada em todos? Não haverá quem, desejando fazer bem aos outros, muito estimaria poder começar por fazê-lo a si próprio, por proporcionar a si mesmo alguns prazeres mais, por usufruir de um pouco do supérfluo que lhe falta, pronto a dar aos pobres o resto? Esta segunda intenção, que esses tais porventura disfarçam aos seus próprios olhos, mas que se lhes depararia no fundo dos seus corações, se eles os indagassem, anula o mérito do intento, visto que, com a verdadeira caridade, o homem pensa nos outros antes de pensar em si. O ponto sublimado da caridade, nesse caso, ele estaria em procurar no seu trabalho, pelo emprego de suas forças, de sua inteligência, de seus talentos, os recursos de que carece para realizar seus generosos propósitos. Haveria nisso o sacrifício que mais agrada ao Senhor. Infelizmente, a maioria vive a sonhar com os meios de mais facilmente se enriquecer de súbito e sem esforço, correndo atrás de quimeras⁴², iguais a descoberta de tesouros, de uma favorável oportunidade inesperada, do recebimento de inesperadas heranças, etc. Que dizer dos que esperam encontrar nos Espíritos auxiliares que os ajudam na realização de tais objetivos? Certamente não conhecem, nem compreendem a sagrada finalidade do Espiritismo e, ainda menos, a missão dos Espíritos a quem Deus permite que dialoguem com os homens. Daí vem o serem punidos pelas decepções (O LIVRO DOS MÉDIUNS, 2ª Parte, nº 294 e 295).

Aqueles que têm a intenção livre de qualquer ideia pessoal, devem consolar-se da impossibilidade em que se veem de fazer todo o bem que desejariam, lembrando-se de que a esmola do pobre, do que dá privando-se do necessário, pesa mais na balança de Deus do que o ouro do rico que dá sem se privar de coisa alguma, Grande seria realmente a satisfação do primeiro, se pudesse socorrer a indigência em larga escala; mas, se essa satisfação lhe é negada, contenta-se e se limite a fazer o que possa. Aliás, será só com o dinheiro que se podem secar lágrimas e deve-se ficar inativo, já que não se tenha dinheiro? Todo aquele que sinceramente deseja ser útil a seus irmãos encontrará mil ocasiões de realizar o seu desejo. Procure-as e elas se lhe depararão; se não for de um modo, será de outro, porque ninguém há que, no pleno gozo de suas faculdades, não possa prestar um serviço qualquer, dar um consolo, minorar um sofrimento físico ou moral, fazer um esforço útil. Mesmo sem dinheiro, todos não dispõem do seu trabalho, do seu tempo,

⁴¹ Óbolo: esmola, pequena contribuição – N. E.

⁴² Quimera: ilusão, utopia – N. E.

do seu repouso, para de tudo isso dar uma parte ao próximo? Também aí está a dádiva do pobre, o óbolo da viúva.

CONVIDAR OS POBRES E OS ESTROPIADOS. DAR SEM ESPERAR RETRIBUIÇÃO

7. Jesus disse também àquele que O convidou: “Quando derem um jantar ou uma ceia, não convidem nem os seus amigos, nem os seus irmãos, nem os seus parentes, nem os seus vizinhos que forem ricos, para que em seguida não os convidem uma outra vez e assim retribuam o que receberam de vocês. Quando derem uma festa, convidem para ele os pobres, os estropiados, os coxos e os cegos. E serão felizes por eles não terem meios de retribuí-los, pois isso será retribuído na ressurreição dos justos”. Um dos que se achavam à mesa, ouvindo essas palavras, disse-lhe: “Feliz daquele que comer do pão no reino de Deus!”

(LUCAS, 14:12 a 15)

8. “Quando derem uma festa – disse Jesus –, não convidem para ele os seus amigos, mas os pobres e os estropiados”. Estas palavras são absurdas, se tomadas ao pé da letra e sublimes, se lhes buscarmos a essência. Não é possível que Jesus haja pretendido que, em vez de seus amigos, alguém reúna à sua mesa os mendigos da rua. Sua linguagem era quase sempre figurada e, para os homens incapazes de apanhar os delicados matizes do pensamento, precisava servir-se de imagens fortes, que produzissem o efeito de um colorido vivo. O íntimo do seu pensamento se revela nesta proposição: “E serão felizes por eles não terem meios de retribuí-los.” Quer dizer que não se deve fazer o bem tendo em vista uma retribuição, mas tão só pelo prazer de praticar o bem. Usando de uma comparação vibrante, disse: “Convidem para as suas festas os pobres, pois sabem que eles em nada lhes podem retribuir. Por *festas* devem entender, não os banquetes propriamente ditos, mas a participação na abundância de que desfrutam”.

Todavia, aquela advertência também pode ser aplicada em sentido mais literal. Quantos não convidam para suas mesas apenas os que, como eles dizem, podem fazer-lhes honra, ou, pela vez deles, convidá-los! Outros, ao contrário, encontram satisfação em receber os parentes e amigos menos felizes. Ora, quem não os conta entre os seus? Dessa forma, às vezes, grande serviço presta a eles, sem que o pareça. Aqueles, sem irem convidar os cegos e os estropiados, praticam a máxima de Jesus, se o fazem por benevolência, sem ostentação, e sabem esconder a doação, por meio de uma sincera cordialidade.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A CARIDADE MATERIAL E A CARIDADE MORAL

9. “Amemos uns aos outros e façamos aos outros aquilo que gostaríamos que nos fizessem eles”. Toda a religião, toda a moral se acham completas nestes dois preceitos. Se fossem observados nesse mundo, todos seríamos felizes: não mais haveria aí nem ódios, nem ressentimentos. Direi ainda: não mais pobreza, pois, do supérfluo da mesa de cada rico, muitos pobres se alimentariam e não mais veriam

pobres mulheres arrastando consigo miseráveis crianças a quem tudo faltava nos quarteirões sombrios onde habitei durante a minha última encarnação.

Ricos, pensem nisto um pouco! Auxiliai os infelizes o melhor que puderem. Daí para que, um dia, Deus lhes retribua o bem que tiverem feito, para que, ao saírem do seu corpo terreno, tenham um cortejo de Espíritos agradecidos a receber vocês na entrada de um mundo mais ditoso.

Se pudessem saber da alegria que experimentei ao encontrar no Além aqueles a quem me foi dado servir na minha última existência!

Portanto, amem o seu próximo; amem o outro como a si mesmos, pois já sabem agora que, rebatendo um desgraçado, quem sabe, estarão afastando de vocês um irmão, um pai, um amigo de outros tempos. Se assim for, que desespero sentirão ao reconhecê-lo no mundo dos Espíritos!

Desejo que compreendam bem o que seja a *caridade moral*, que todos podem praticar, que *nada custa*, materialmente falando, porém, que é a mais difícil de executar.

A caridade moral consiste em as criaturas se suportarem umas às outras e é o que menos vocês fazem nesse mundo inferior, onde se acham encarnados agora. Creiam: há grande mérito em um homem saber se calar, deixando que o outro mais tolo do que ele fale. Isso é um gênero de caridade. Saber ser surdo quando uma palavra zombeteira se escapa de uma boca habituada a zombar; não ver o sorriso de desprezo com que são recebidos por pessoas que, muitas vezes erradamente, se acham acima de vós, quando na vida espírita – a *única real* –, normalmente estão muito abaixo: é merecimento, não do ponto de vista da humildade, mas do da caridade, pois não dar atenção ao mau procedimento de alguém é caridade moral.

No entanto, essa caridade não deve opor-se à outra. Porém, tenham cuidado principalmente em não tratar com desprezo o seu semelhante. Lembrem-se de tudo o que já foi dito: tenham consciência sempre de que, repelindo um pobre, talvez rejeitem um Espírito que foi querido por vocês e que, no momento, se encontra em posição inferior à sua. Encontrem aqui um dos pobres da Terra, a quem, por felicidade, eu poderia auxiliar algumas vezes, e ao qual, a meu turno, *tenho agora de implorar auxílio*.

Lembrem-se de que Jesus disse que todos somos irmãos e pensem sempre nisso, antes de repelirem o leproso ou o mendigo. Adeus: pensem nos que sofrem e orem.

Irmã Rosália (Paris, 1860)

10. Meus amigos, tenho ouvido dizer de muitos entre vocês: “como hei de fazer caridade, se muitas vezes nem mesmo disponho do necessário?”

Amigos, de mil maneiras se faz a caridade. Podem fazê-la por pensamentos, por palavras e por ações. Por pensamentos, orando pelos pobres abandonados, que morreram sem se acharem sequer em condições de ver a luz. Uma prece feita de coração os alivia. Por palavras, dando alguns bons conselhos aos companheiros de todos os dias, dizendo aos que o desespero e as necessidades azedaram o ânimo e levaram a blasfemar do nome do Altíssimo: “Eu era como vocês são agora; sofria, sentia-me desgraçado, mas acreditei no Espiritismo e, vede, agora, sou feliz.” Aos velhos que lhes disserem: “É inútil; estou no fim da minha jornada; morrerei como

vivi”, digam: “Deus usa de justiça igual para com todos nós; lembrem-se dos trabalhadores da última hora”. Às crianças já viciadas pelas companhias de que se cercaram e que vão pelo mundo, prestes a cair nas más tentações, digam: “Deus os vê, meus caros pequenos”, e não se cansem de lhes repetir essas afáveis palavras. Elas acabarão por lhes desabrochar nas inteligências infantis e, em vez de vagabundos, farão deles homens. Também isso é caridade.

Dizem, outros dentre vocês: “Ora! Somos tão numerosos na Terra, que Deus não nos pode ver a todos”. Escutem bem isto, meus amigos: Quando estão no topo da montanha, não alcançam com o olhar os bilhões de grãos de areia que a cobrem? Pois bem: do mesmo modo Deus enxerga a todos. Ele os deixa usar do livre-arbítrio, como vocês deixam que esses grãos de areia se movam pela força do vento que os varre. Apenas, Deus, em sua misericórdia infinita, colocou no fundo do coração de vocês uma sentinela vigilante, que se chama *consciência*. Escutem-na, que somente bons conselhos ela lhes dará. Às vezes, vocês conseguem entorpecê-la, opondo-lhe o espírito do mal, e ela, então, se cala. Mas, fiquem certos de que a pobre escorraçada se fará ouvir, logo que lhe deixarem se aperceber da sombra do remorso. Ouçam e a interroguem, e com frequência se acharão consolados com o conselho que dela receberem.

Meus amigos, a cada regimento novo o general entrega uma bandeira. Eu lhes dou como emblema esta máxima do Cristo: “Amem-se uns aos outros.” Observem esse preceito, reúnam-se todos em torno dessa bandeira e terão ventura e consolação.

Um Espírito protetor (Lião, 1860)

A BENEFICÊNCIA

11. Meus amigos, a beneficência lhes dará nesse mundo os mais puros e suaves agrados, as alegrias do coração, que nem o remorso, nem a indiferença perturbam. Oh! Se pudessem compreender tudo o que de grande e de agradável a generosidade das almas belas contém, sentimento que faz que a criatura olhe as outras como olha a si mesma, e se dispa, jubilosa, para vestir o seu irmão! Se pudessem ter, meus amigos, por única ocupação tornar os outros felizes! Quantas festas mundanas que poderão comparar com as que celebram quando, como representantes da Divindade, levam a alegria a essas famílias que da vida apenas conhecem as dificuldades e as amarguras, quando veem nelas os semblantes abatidos refulgirem subitamente de esperança, porque, necessitados de pão, os desgraçados ouviam seus filhinhos – que não sabem que viver é sofrer – gritando repetidamente, a chorar, estas palavras, que, como um punhal agudo, se lhes enterravam nos corações maternos: “Estou com fome!...” Oh! Compreendam como são deliciosas as impressões que recebe aquele que vê renascer a alegria onde, um momento antes, só havia desespero! Compreendam as obrigações que vocês têm para com os seus irmãos! Vão, vão ao encontro do infortúnio; vão a socorro, sobretudo, das misérias ocultas, por serem as mais dolorosas! Vão, meus bem-amados, e tenham em mente estas palavras do Salvador: “Quando vestirem a um destes pequeninos, lembrem-se de que é a mim que o fazem!” Caridade! Sublime palavra que sintetiza todas as virtudes, és tu que

hás de conduzir os povos à felicidade. Praticando-te, criarão eles para si infinitos gozos no futuro e, enquanto se acharem exilados na Terra, tu lhes serás a consolação, o prelibar das alegrias de que fruirão mais tarde, quando se encontrarem reunidos no seio do Deus de amor. Foste tu, virtude divina, que me proporcionaste os únicos momentos de satisfação de que gozei na Terra. Que os meus irmãos encarnados creiam na palavra do amigo que lhes fala, dizendo-lhes: É na caridade que devem procurar a paz do coração, o contentamento da alma, o remédio para as aflições da vida. Oh! Quando estiverem a ponto de acusar a Deus, lancem um olhar para baixo de vocês e vejam que de misérias a aliviar, que de pobres crianças sem família, que de velhos sem qualquer mão amiga que os ampare e lhes feche os olhos quando a morte os reclame! Quanto bem a fazer! Oh! Não se queixem; ao contrário, agradeçam a Deus e gastem com abundância, a sua simpatia, o seu amor, o seu dinheiro por todos os que, deserdados dos bens desse mundo, enlanguescem na dor e no desprezo! Colherão nesse mundo bem doces alegrias e, mais tarde... Só Deus o sabe!...

Adolfo, bispo de Argel. (Bordéus, 1861)

12. Sejam bons e caridosos: essa a chave dos céus, chave que vocês têm em suas mãos. Toda a eterna felicidade se contém neste preceito: “Amem-se uns aos outros.” Não pode a alma elevar-se às altas regiões espirituais, senão pelo devotamento ao próximo; somente nos voos da caridade ela encontra ventura e consolação. Sejam bons, amparem os irmãos, deixem de lado a horrível chaga do egoísmo. Cumprido esse dever, o caminho da felicidade eterna se abrirá. Ao demais, qual dentre vocês ainda não sentiu o coração pulsar de júbilo, de íntima alegria, à narrativa de um ato de bela dedicação, de uma obra verdadeiramente caridosa? Se unicamente buscassem a satisfação que uma ação boa proporciona, vocês se conservariam sempre na senda do progresso espiritual. Não faltam exemplos; rara é apenas a boa vontade. Notem que a sua história guarda piedosa lembrança de uma multidão de homens de bem.

Jesus não disse tudo o que diz respeito às virtudes da caridade e do amor? Por que desprezar os seus ensinamentos divinos? Por que fechar o ouvido às suas divinas palavras, o coração a todos os seus bondosos preceitos? Quisera eu que dispensassem mais interesse, mais fé às leituras evangélicas. Desprezem, porém, esse livro, considerando-o repositório de palavras ocas, uma carta fechada; deixam no esquecimento esse código admirável. Seus males vêm todos do abandono voluntário a que votam esse resumo das leis divinas. Leiam as páginas cintilantes do devotamento de Jesus, e meditem sobre elas.

Homens fortes, armem-se; homens fracos, façam da sua brandura, da sua fé, as suas armas. Sejam mais convincentes, mais constantes na propagação da sua nova doutrina. Apenas encorajamento é o que lhes vimos dar; apenas para lhes estimularmos o zelo e as virtudes é que Deus permite nos manifestemos a vocês outros. Mas, se cada um o quisesse, bastaria a sua própria vontade e a ajuda de Deus; as manifestações espíritas unicamente se produzem para os de olhos fechados e corações indóceis.

A caridade é a virtude fundamental sobre que há de repousar todo o edifício das virtudes terrenas. Sem ela não existem as outras. Sem a caridade não há esperar

melhor sorte, não há interesse moral que nos guie; sem a caridade não há fé, pois a fé não é mais do que pura luminosidade que torna brilhante uma alma caridosa.

A caridade é, em todos os mundos, a eterna âncora de salvação; é a mais pura emanção do próprio Criador; é a sua própria virtude, dada por ele à criatura. Como desprezar essa bondade suprema? Qual o coração, ciente disso, bastante perverso para reprimir em si e expulsar esse sentimento todo divino? Qual o filho bastante mau para se rebelar contra essa doce carícia: a caridade?

Não ousou falar do que fiz, porque também os Espíritos têm o pudor de suas obras; considero, porém, a que iniciei como uma das que mais hão de contribuir para o alívio dos seus semelhantes. Vejo com frequência os Espíritos a pedirem lhes seja dado, por missão, continuar a minha tarefa. Vejo-os, minhas bondosas e queridas irmãs, no piedoso e divino ministério; vejo-os praticando a virtude que os recomendo, com todo o júbilo que deriva de uma existência de dedicação e sacrifícios. Imensa dita é a minha, por ver quanto lhes honra o caráter, como é estimada e protegida a missão que desempenham. Homens de bem, de boa e firme vontade, unam-se para continuar amplamente a obra de propagação da caridade; no exercício mesmo dessa virtude, encontrarão a recompensa; não há alegria espiritual que ela não proporcione já na vida presente. Sejam unidos, amem-se uns aos outros, segundo os preceitos do Cristo. Assim seja.

S. Vicente de Paulo (Paris, 1858)

13. Chamo-me Caridade; sigo o caminho principal que conduz a Deus. Me acompanhem, pois conheço a meta a que todos devem ter em vista.

Dei esta manhã o meu giro habitual e, com o coração amargurado, venho lhes dizer: Oh, meus amigos, que de misérias e de lágrimas, quanto vocês têm de fazer para secá-las todas! Em vão, procurei consolar algumas pobres mães, dizendo-lhes ao ouvido: “Coragem! Há corações bons que velam por vocês; não serão abandonadas; paciência! Deus lá está; vocês são amadas por Ele, são Suas eleitas!” Elas pareciam-me ouvir e voltavam para o meu lado os olhos arregalados de espanto; eu lia no semblante delas que seus corpos – opressores do Espírito – tinham fome e que, se é certo que minhas palavras lhes serenavam um pouco os corações, não lhes reconfortavam os estômagos. Repetia a elas: “Coragem! Coragem!” Então, uma pobre mãe, ainda muito moça, que amamentava uma criancinha, tomou-a nos braços e a estendeu no espaço vazio, como a pedir-me que protegesse aquele entezinho que só encontrava, num seio estéril, insuficiente alimentação.

Mais adiante, meus amigos, vi pobres velhos sem trabalho e, como consequência, sem abrigo, presas de todos os sofrimentos da penúria e, envergonhados de sua miséria, eles que nunca mendigaram, nem ousaram implorar a piedade dos transeuntes. Com o coração inchado de compaixão, eu, que nada tenho, me fiz mendiga para eles e vou, por toda a parte, estimular a beneficência, inspirar bons pensamentos aos corações generosos e compassivos. Por isso é que aqui venho, meus amigos, e lhes digo: Há por aí desgraçados, em cujos barracos falta o pão, os fogões se acham sem fogo e os leitos sem cobertas. Não digo o que vocês devem fazer; deixo aos seus bons corações a iniciativa. Se eu lhes ditasse o proceder, nenhum mérito a boa ação de vocês traria. Digo-lhes apenas: Sou a caridade e os estendo as mãos pelos seus irmãos que sofrem.

Mas, se peço, também dou e dou muito. Convido-os para um grande banquete e forneço a árvore onde todos se saciarão! Vejam quanto é bela, como está carregada de flores e de frutos! Vão, vão, colham, apanhem todos os frutos dessa magnificente árvore que se chama a beneficência. No lugar dos ramos que lhe tirardes, atarei todas as boas ações que praticarem e levarei a árvore a Deus, que a carregará de novo, pois a beneficência é inesgotável. Me acompanhem, pois, meus amigos, a fim de que eu conte vocês entre os que se alistam sob a minha bandeira. Nada temam; eu os conduzirei pelo caminho da salvação, porque sou *a Caridade*. –

Cárta, martirizada em Roma. (Lião, 1861)

14. Há várias maneiras de fazer caridade, que muitos dentre vocês confundem com a esmola. No entanto, existe grande diferença de uma para outra. A esmola, meus amigos, é algumas vezes útil, porque dá alívio aos pobres; mas é quase sempre humilhante, tanto para o que a dá, como para o que a recebe. A caridade, ao contrário, liga o benfeitor ao beneficiado e se disfarça de tantos modos! Pode-se ser caridoso, mesmo com os parentes e com os amigos, sendo uns indulgentes para com os outros, perdoadando-se mutuamente as fraquezas, cuidando não ferir o amor-próprio de ninguém. Vocês espíritas, podem ser caridosos na sua maneira de proceder para com os que não pensam como vocês, induzindo os menos esclarecidos a crer, mas sem os chocar, sem investir contra as suas convicções e, sim, atraindo-os amavelmente às nossas reuniões, onde poderão nos ouvir e onde saberemos descobrir nos seus corações a brecha para neles penetrarmos. Eis aí um dos aspectos da caridade.

Escutem agora o que é a caridade para com os pobres, os deserdados deste mundo, mas recompensados de Deus, se aceitam as suas misérias sem reclamações, o que depende de vocês. Farei que me compreendam por um exemplo:

Várias vezes, cada semana, vejo uma reunião de senhoras, de todas as idades. Para nós, como sabem, elas são todas irmãs. Que fazem? Trabalham depressa, muito depressa; têm ágeis os dedos. Vejam como trazem os semblantes alegres e como lhes batem em harmonia os corações. Mas, com que fim trabalham? É que veem aproximar-se o inverno que será rude para os lares pobres. As formigas não puderam juntar durante o verão as reservas necessárias e a maior parte de suas utilidades está empenhada. As pobres mães se inquietam e choram, pensando nos filhinhos que, durante a estação invernososa, sentirão frio e fome! Tenham paciência, mulheres infortunadas. Deus inspirou a outras mais sortudas do que vocês; elas se reuniram e estão confeccionando roupinhas; depois, um destes dias, quando a terra se achar coberta de neve e vocês se lamentarem, dizendo: “Deus não é justo” – que é o que sai dos seus lábios sempre que sofrem –, verão surgir a filha de uma dessas boas trabalhadoras que se constituíram obreiras dos pobres, pois que é para vocês que elas trabalham assim, e os seus lamentos se mudarão em bênçãos, dado que no coração dos infelizes o amor acompanha de bem perto o ódio.

Como essas trabalhadoras precisam de encorajamento, vejo chegarem-lhes de todos os lados as comunicações dos bons Espíritos. Os homens que fazem parte dessa sociedade lhes trazem também seu auxílio, fazendo-lhes uma dessas leituras que agradam tanto. E nós, para recompensarmos o zelo de todos e de cada um em particular, prometemos às trabalhadoras laboriosas uma boa clientela, que lhes

pagará à vista, em bênçãos, única moeda que tem curso no Céu, garantindo-lhes, além disso, sem receio de errar, que essa moeda não lhes faltará.

Cárita (Lião, 1861)

15. Meus caros amigos, todos os dias ouço entre vocês dizerem: “Sou pobre, não posso fazer a caridade”, e todos os dias vejo que faltam com a indulgência aos semelhantes. Nada lhes perdoam e os cobrem de sentenças muitas vezes severas, sem quererem saber se ficariam satisfeitos que do mesmo modo procedessem com vocês. A indulgência também não é caridade? Vocês, que apenas podem fazer a caridade praticando a indulgência, façam-na assim, mas façam-na largamente. A respeito da caridade material, vou lhes contar uma história do outro mundo:

Dois homens acabavam de morrer. Então Deus disse: *“Enquanto esses dois homens viverem, as boas ações de cada um deles serão colocadas em sacos diferentes, para que por ocasião de sua morte sejam pesadas”*. Quando ambos chegaram aos últimos momentos, Deus mandou que lhe trouxessem os dois sacos. Um estava cheio, volumoso, atochado, e nele ressoava o metal que o enchia; o outro era pequenino e tão vazio que se podiam contar as moedas que continha. “Este o meu”, disse um, “reconheço-o; fui rico e dei muito”. “Este o meu”, disse o outro, “sempre fui pobre, oh! Quase nada tinha para repartir”. Mas, ah, que surpresa! Postos na balança os dois sacos, o mais volumoso se revelou leve, mostrando-se pesado o outro, tanto que fez se elevasse muito o primeiro no prato da balança. Então, Deus disse ao rico: *“É certo que fez muita doação, mas deu por ostentação e para que o teu nome figurasse em todos os templos do orgulho e, ao demais, dando, de nada se privou. Vai para a esquerda e fique satisfeito com as tuas esmolas serem contadas por qualquer coisa”*. Depois, disse ao pobre: *“Doou pouco, meu amigo; mas, cada uma das moedas que estão nesta balança representa uma privação que impôs a ti mesmo; não doou esmolas, e sim, praticou a caridade, e, o que vale muito mais, fez a caridade naturalmente, sem cogitar de que te fosse levada em conta; foi indulgente; não te fez juiz do teu semelhante; ao contrário, ignorou todas as suas ações: passa à direita e vai receber a tua recompensa”*.

Um Espírito protetor (Lião, 1861)

16. A mulher rica, venturosa, que não precisa empregar o tempo nos trabalhos de sua casa, não poderá consagrar algumas horas a trabalhos úteis aos seus semelhantes? Com o que lhe sobre dos prazeres, compre agasalhos para o desgraçado que treme de frio; confeccione com suas mãos delicadas roupas grosseiras, mas quentes; auxilie uma mãe a cobrir o filho que vai nascer. Se por isso seu filho ficar com algumas rendas de menos, o do pobre terá mais com que se aqueça. Trabalhar para os pobres é trabalhar na vinha do Senhor.

E você, pobre operária, que não tem luxo, mas que vive cheia de amor aos teus irmãos, também quer dar do pouco com que contas, dá algumas horas do teu dia, do teu tempo, único tesouro que possui; faça alguns desses trabalhos elegantes que atentam os felizes; vende o produto dos teus serões e poderá igualmente oferecer aos teus irmãos a tua parte de auxílios. Talvez, terá algumas fitas de menos; porém, dará calçado a um que anda descalço.

E vocês, mulheres que se dedicaram a Deus, trabalhem também na obra

d’Ele; mas, que os seus trabalhos não sejam unicamente para adornar as suas capelas, para chamar a atenção sobre a sua habilidade e paciência. Trabalhem, minhas filhas, e que o produto de suas obras se destine a socorrer os irmãos em Deus. Os pobres são seus filhos bem-amados; trabalhar para eles é glorificá-lo. Sejam deles a providência que diz: “Aos pássaros do céu Deus dá o alimento.” Mudem-se o ouro e a prata que se tecem nas suas mãos em roupas e alimentos para os que não os têm. Façam isto e abençoado será o trabalho de vocês.

Todos vocês, que podem produzir, deem; deem o seu saber, deem as suas inspirações, deem o seu coração, que Deus os abençoará. Poetas, literatos, que só são lidos pela gente mundana!... Satisfaçam seus lazeres, mas consagrem o produto de algumas de suas obras a socorros aos desgraçados. Pintores, escultores, artistas de todos os gêneros!... que também a inteligência de vocês venha em auxílio dos irmãos; não será por isso menor a sua glória e alguns sofrimentos haverá de menos.

Todos vocês podem dar. Qualquer que seja a classe a que pertençam, de alguma coisa dispõem para poder dividir. Seja o que for que Deus os tenha concedido, uma parte do que Ele lhes deu devem àquele que carece do necessário, pois, em seu lugar, muito gostariam que outro dividisse com vocês. Os seus tesouros da Terra serão um pouco menores; contudo, os seus tesouros do céu ficarão acrescidos. Lá colherão multiplicado o que tiverem semeado em benefícios neste mundo.

João (Bordéus, 1861)

A PIEDADE

17. A piedade é a virtude que mais aproxima vocês dos anjos; é a irmã da caridade, que os conduz a Deus. Ah! Deixem que o seu coração se comova ante o espetáculo das misérias e dos sofrimentos dos semelhantes. Suas lágrimas são um conforto que derramam nas feridas deles e quando, por bondosa simpatia, chegam a lhes proporcionar a esperança e a resignação, que encanto não experimentam! É certo que esse encanto tem um certo amargor porque nasce ao lado da desgraça; mas, não tendo o sabor azedo dos gozos mundanos, também não traz as satíricas decepções do vazio que estes últimos deixam após si. Envolve-o penetrante suavidade que enche de júbilo a alma. A piedade, a piedade bem sentida é amor; amor é devotamento; devotamento é o esquecimento de si mesmo e esse desprendimento, essa abnegação em favor dos desgraçados, é a virtude por excelência, a que em toda a sua vida o Divino Messias praticou e ensinou na Sua doutrina tão santa e tão sublime.

Quando esta doutrina for restabelecida na sua pureza primitiva, quando todos os povos se submeterem e ela, esta tornará a Terra feliz, fazendo que reinem aí a concórdia, a paz e o amor.

Domando em vocês o egoísmo e o orgulho, aquele que dispõe sua alma à humildade, o sentimento mais apropriado a fazer que aumentem à beneficência e ao amor do próximo, é a piedade! Piedade que os comove até às entranhas à vista dos sofrimentos de irmãos, que os conduz a estender a mão a eles para socorrê-los e os arranca lágrimas de simpatia. Portanto, nunca abafem nos corações essas emoções celestes; não procedam como esses egoístas endurecidos que se afastam dos aflitos,

porque o espetáculo de suas misérias lhes perturbaria por instantes a existência exultante. Temam se conservar indiferentes, quando puderem ser úteis. A tranquilidade comprada à custa de uma indiferença culposa é a tranquilidade do mar Morto, no fundo de cujas águas se escondem a vasa fedida e a corrupção. No entanto, como se acha longe a piedade de causar o distúrbio e o aborrecimento de que se cerca o egoísta! Sem dúvida, ao contato da desgraça de alguém, voltando-se para si mesma, a alma experimenta um constrangimento natural e profundo, que põe em vibração todo o ser e o abala penosamente. Porém, grande é a compensação, quando chegam a dar coragem e esperança a um irmão infeliz que se entenece ao aperto de uma mão amiga e cujo olhar, úmido, por vezes, de emoção e de reconhecimento, se dirige docemente para vocês, antes de se fixar no Céu em agradecimento por lhe ter enviado um consolador, um amparo. A piedade é o melancólico, mas celeste precursor da caridade, primeira das virtudes que a tem por irmã e cujos benefícios ela prepara e enobrece.

Miguel (Bordéus, 1862)

OS ÓRFÃOS

18. Meus irmãos, amem os órfãos. Se soubessem o quanto é triste ser só e abandonado, sobretudo na infância! Deus permite que haja órfãos para nos exortar a lhes servir de pais. Que divina caridade amparar uma pobre criaturinha abandonada, evitar que sofra fome e frio, dirigir-lhe a alma, a fim de que não desgarre para o vício! Agrada a Deus quem estende a mão a uma criança abandonada, porque compreende e pratica a Sua lei. Pensem também que muitas vezes a criança que socorrem foi importante para vocês noutra encarnação, caso em que, se pudessem se lembrar, já não estariam praticando a caridade, mas cumprindo um dever. Assim, pois, meus amigos, todo sofredor é seu irmão e tem direito à sua caridade; não, porém, a essa caridade que magoa o coração, não a essa esmola que queima a mão em que cai, pois frequentemente bem amargos são os seus óbolos! Quantas vezes seriam eles recusados, se no barraco a enfermidade e a miséria não os estivessem esperando! Doem delicadamente, juntem ao benefício que fizeram o mais precioso de todos os benefícios: o de uma boa palavra, de uma carícia, de um sorriso amistoso. Evitem esse ar de proteção, que equivale a revolver a lâmina no coração que sangra e considerem que, fazendo o bem, trabalham por si mesmos e pelos seus.

Um Espírito familiar (Paris, 1860)

BENEFÍCIOS PAGOS COM A INGRATIDÃO

19. *Que se deve pensar dos que, recebendo a ingratidão como pagamento de benefícios que fizeram, deixam de praticar o bem para não topar com os ingratos?*

Nesses, há mais egoísmo do que caridade, visto que fazer o bem, apenas para receber demonstrações de reconhecimento, é não o fazer com desinteresse, e o bem, feito desinteressadamente, é o único agradável a Deus. Há também orgulho, pois os que assim procedem se alegram na humildade com que o beneficiado lhes

vem depor aos pés o testemunho do seu reconhecimento. Aquele que procura, na Terra recompensa ao bem que pratica não a receberá no céu. Entretanto, Deus terá em estima aquele que não a busca no mundo.

Devem sempre ajudar os fracos, embora sabendo de antemão que os a quem fizerem o bem não os agradecerão. Fiquem certos de que, se aquele a quem prestam um serviço o esquece, Deus o levará mais em conta do que se com a sua gratidão o beneficiado os tivesse pago. *Se Deus permite que às vezes sejam pagos com a ingratidão, é para experimentar a perseverança de vocês em praticar o bem.*

Além, porventura, vocês sabem se o benefício momentaneamente esquecido não produzirá mais tarde bons frutos? Tenham a certeza de que, ao contrário, é uma semente que com o tempo germinará. Infelizmente, nunca veem senão o presente; trabalham para si e não pelos outros. Os benefícios acabam por abrandar os corações mais insensíveis; podem ser esquecidos neste mundo, mas, quando se desembaraçar do seu envoltório carnal, o Espírito que os recebeu se lembrará deles e essa lembrança será o seu castigo. Lastimará a sua ingratidão; desejará reparar a falta, pagar a dívida noutra existência, não raro buscando uma vida de dedicação ao seu benfeitor. Assim, sem o suspeitarem, terão contribuído para o seu adiantamento moral e virão a reconhecer a exatidão desta máxima: ***um benefício jamais se perde***. Além disso, também por si mesmos terão trabalhado, pois receberão o mérito de haver feito o bem desinteressadamente e sem que as decepções os desanimassem.

Ah! Meus amigos, se conhecessem todos os laços que prendem a vossa vida atual às suas existências anteriores; se pudessem compreender a imensidade das relações que ligam os seres uns aos outros, para o efeito de um progresso mútuo, admirariam muito mais a sabedoria e a bondade do Criador, que os concede reviver para chegarem a Ele.

Guia protetor (Sens, 1862)

BENEFICÊNCIA EXCLUSIVA

20. *É acertada a beneficência, quando praticada exclusivamente entre pessoas da mesma opinião, da mesma crença, ou do mesmo partido?*

Não, pois precisamente a essência de seita e de partido é que precisa ser abolido, visto que todos os homens são irmãos. O verdadeiro cristão vê somente irmãos em seus semelhantes e não procura saber qual a sua crença, ou a sua opinião, seja sobre o que for, antes de socorrer o necessitado. O cristão, porventura, obedeceria ao preceito de Jesus Cristo, segundo o qual devemos amar os nossos inimigos, se repelisse o desgraçado, por professar uma crença diferente da sua? Socorra-o, portanto, sem lhe pedir contas à consciência, pois, se for um inimigo da religião, esse será o meio de conseguir que ele a ame; repelindo-o, faria que a odiasse.

S. Luís (Paris, 1860)

CAPÍTULO XIV

HONREM SEU PAI E SUA MÃE

- PIEDADE FILIAL
- QUEM É MINHA MÃE E QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?
- PARENTESCO CORPORAL E PARENTESCO ESPIRITUAL

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- A INGRATIDÃO DOS FILHOS E OS LAÇOS DE FAMÍLIA

1. “Sabem os mandamentos: não cometam adultério; não matam; não roubem; não prestem falso testemunho; não façam insulto a ninguém; honrem seu pai e a sua mãe”.

(MARCOS, 10:19; LUCAS, 18:20; MATEUS, 19:18-19)

2. “Honrem seu pai e a sua mãe, a fim de viverem longo tempo na terra que o Senhor seu Deus os dará”.

(Êxodo, 20:12)

PIEIDADE FILIAL

3. O mandamento: “Honrem seu pai e sua mãe” é uma verdade da lei geral de caridade e de amor ao próximo, visto que aquele que não ama seu pai e sua mãe não pode amar o seu próximo; mas, o termo *honrar* envolve um dever a mais para com eles: o da piedade filial. Deus quis mostrar por essa forma que ao amor se devem juntar o respeito, as atenções, a submissão e a aprovação, o que envolve a obrigação de se cumprir para com eles, de modo ainda mais rigoroso, tudo o que a caridade ordena relativamente ao próximo em geral. Esse dever se estende naturalmente às pessoas que fazem o papel de pai e de mãe, as quais tanto maior mérito têm, quanto menos obrigatório é para elas o devotamento. Deus pune sempre com rigor toda violação desse mandamento.

Honrar o pai e a sua mãe não é apenas respeitá-los; é também assisti-los na necessidade; é proporcionar-lhes repouso na velhice; é cercá-los de cuidados como eles fizeram conosco, na infância.

Sobretudo para com os pais sem recursos é que se demonstra a verdadeira piedade filial. Obedecem a esse mandamento os que julgam fazer grande coisa porque dão a seus pais o estritamente necessário para não morrerem de fome, enquanto eles de nada se privam, atirando-os para os cômodos mais insignificantes da casa, apenas por não os deixarem na rua, reservando para si o que há de melhor, de mais confortável? Ainda bem quando não o fazem de má vontade e não os

obrigam a comprar caro o que lhes resta a viver, descarregando sobre eles o peso do governo da casa! Será então aos pais velhos e fracos que cabe servir a filhos jovens e fortes? Será que a mãe teria vendido o leite, quando os amamentava? Porventura, ela contou suas vigílias, quando eles estavam doentes, os passos que deram para lhes obter o de que necessitavam? Não, os filhos não devem a seus pais pobres só o estritamente necessário, devem-lhes também, na medida do que puderem, os pequenos nada supérfluos, as solitudes, os cuidados amáveis, que são apenas o juro do que receberam, o pagamento de uma dívida sagrada. Unicamente essa é a piedade filial grata a Deus.

Pois, ai daquele que despreza o que deve aos que o ampararam em sua fraqueza, que com a vida material lhe deram a vida moral, que muitas vezes se impuseram duras privações para lhe garantir o bem-estar. Ai do ingrato: será punido com a ingratidão e o abandono; será ferido nas suas mais caras afeições, *algumas vezes já na existência atual*, mas com certeza noutra, em que sofrerá o que houver feito aos outros.

É certo que alguns pais descuram de seus deveres e não são o que deviam ser para os filhos; mas, a Deus é que compete puni-los e não a seus filhos. Não cabe a estes censurar os pais, porque talvez hajam merecido que aqueles fossem quais se mostram. Se a lei da caridade manda se pague o mal com o bem, se seja indulgente para as imperfeições de alguém, se não diga mal do próximo, se lhe esqueçam e perdoem os agravos, se ame até os inimigos, quão maiores não hão de ser essas obrigações, em se tratando de filhos para com os pais! Então, os filhos devem tomar como regra de conduta para com seus pais todos os preceitos de Jesus referentes ao próximo e ter presente que todo procedimento de reprovação, com relação aos estranhos, ainda mais censurável se torna relativamente aos pais; e que o que talvez não passe de simples falta, no primeiro caso, pode ser considerado um crime, no segundo, porque, aqui, à falta de caridade se junta a ingratidão.

4. Deus disse: “Honrem seu pai e sua mãe, a fim de viverem longo tempo na terra que o Senhor seu Deus os dará.” Por que Ele promete como recompensa a vida na Terra e não a vida celeste? A explicação se encontra nestas palavras: “que Deus os dará”, as quais, suprimidas na moderna fórmula do Decálogo, lhe alteram o sentido. Para compreendermos aqueles dizeres, temos de nos reportar à situação e às ideias dos hebreus naquela época. Eles ainda nada sabiam da vida futura, não lhes indo a visão além da vida corporal. Logo, tinham de ser impressionados mais pelo que viam, do que pelo que não viam. Deus fala a eles então numa linguagem que lhes estava mais ao alcance e, como se dirigisse a crianças, põe-lhes em perspectiva o que os pode satisfazer. Achavam-se eles ainda no deserto; a terra que Deus lhes *dará* é a Terra da Promissão, objetivo das suas aspirações. Nada mais desejavam do que isso; Deus lhes diz que viverão nela longo tempo, isto é, que a possuirão por longo tempo, se observarem seus mandamentos.

Mas, ao verificar-se a chegada de Jesus, eles já tinham suas ideias mais desenvolvidas. Chegada a ocasião de receberem alimentação menos grosseira, o mesmo Jesus os inicia na vida espiritual, dizendo: “Meu reino não é deste mundo; é lá, e não na Terra, que receberão a recompensa das suas boas obras”. A estas palavras, a Terra Prometida deixa de ser material, transformando-se numa pátria

celeste. Por isso, quando os chama à observância daquele mandamento: “Honrem seu pai e sua mãe”, já não é a Terra que lhes promete e sim o céu (ver Caps. II e III).

QUEM É MINHA MÃE E QUEM SÃO MEUS IRMÃOS?

5. E, tendo vindo para casa, reuniu-se aí tão grande multidão de gente, que eles nem sequer podiam fazer sua refeição. Sabendo disso, vieram os parentes de Jesus para se apoderarem d’Ele, pois diziam que perdeu o sentido. Entretanto, tendo vindo sua mãe e seus irmãos e conservando-se do lado de fora, mandaram chamá-lo. Ora, o povo se assentara em torno d’Ele e lhe disseram: “Tua mãe e teus irmãos estão lá fora e te chamam”. Ele lhes respondeu: **“Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?”** E, perpassando o olhar pelos que estavam assentados ao seu derredor, disse: **“Eis aqui minha mãe e meus irmãos; pois, todo aquele que faz a vontade de Deus, esse é meu irmão, minha irmã e minha mãe”.**

(MARCOS, 3:20-21 e 31 a 35; MATEUS, 12:46 a 50)

6. Algumas palavras de Jesus parecem estranhas, por contrariarem com a sua bondade e a sua inalterável benevolência para com todos. Os incrédulos não deixaram de tirar daí uma arma, pretendendo que Ele se contradizia. Porém, é fato irrecusável que Sua doutrina tem por base principal, por pedra angular, a lei de amor e de caridade. Ora, não é possível que Ele destruísse de um lado o que do outro estabelecia, donde esta consequência rigorosa: se certas proposições suas se acham em contradição com aquele princípio básico, é que as palavras que se lhe atribuem foram ou mal reproduzidas, ou mal compreendidas, ou não são suas.

7. Causa admiração, e com fundamento, que, neste passo, Jesus mostrasse tanta indiferença para com seus parentes e, de certo modo, renegasse sua mãe.

Pelo que pertence a Seus irmãos, sabe-se que não o estimavam. Espíritos pouco adiantados, não lhe compreendiam a missão: tinham o proceder d’Ele por extravagante e seus ensinamentos não os tocavam, tanto que nenhum deles o seguiu como discípulo. Diríamos mesmo, até certo ponto, que partilhavam das prevenções de seus inimigos. O que é fato, em suma, é que o acolhiam mais como um estranho do que como um irmão, quando aparecia à família. S. João diz, positivamente (cap. 7:5), *“que eles não davam crédito a Ele”*.

Quanto à sua mãe, ninguém ousaria contestar a ternura que lhe dedicava. Deve-se, entretanto, concordar igualmente em que também ela não fazia ideia muito exata da missão do filho, pois não se vê que lhe tenha nunca seguido os ensinamentos, nem dado testemunho dele, como fez João Batista. O que nela predominava era a solicitude maternal. Supor que Ele tenha renegado Sua mãe seria desconhecer o Seu caráter. Semelhante ideia não poderia encontrar guarida naquele que disse: *Honrem seu pai e sua mãe*. Pois, se faz necessário procurar outro sentido para suas palavras, quase sempre envolvidas no véu da forma alegórica.

Ele nenhuma ocasião desprezava de dar um ensino; aproveitou, portanto, a que se lhe deparou, com a chegada de sua família, para precisar a diferença que existe entre a parentela corporal e a parentela espiritual.

A PARENTELA CORPORAL E A PARENTELA ESPIRITUAL

8. Os laços do sangue não estabelecem obrigatoriamente as ligações entre os Espíritos. O corpo procede do corpo, mas o Espírito não procede do Espírito, pois o Espírito já existia antes da formação do corpo. Não é o pai quem cria o Espírito de seu filho; ele não faz mais do que lhe fornecer o envoltório corporal, no entanto, é seu dever auxiliar o desenvolvimento intelectual e moral do filho, para fazê-lo progredir.

Os que encarnam numa família, sobretudo como parentes próximos, são normalmente Espíritos simpáticos, ligados por relações anteriores, que se expressam por uma afeição recíproca na vida terrena. Mas, também pode acontecer que esses Espíritos sejam completamente estranhos uns aos outros, afastados entre si por antipatias igualmente anteriores, que se traduzem na Terra por um mútuo antagonismo⁴³, que aí lhes serve de provação. Os verdadeiros laços de família não são os de sangue e sim os da simpatia e da igualdade de ideias, os quais prendem os Espíritos *antes, durante e depois* de suas encarnações. Segue-se que dois seres nascidos de pais diferentes podem ser mais irmãos pelo Espírito, do que se o fossem pelo sangue. Podem então atrair-se, buscar-se, sentir prazer quando juntos, ao passo que dois irmãos consanguíneos podem se rejeitar, conforme se observa todos os dias: problema moral que só o Espiritismo podia resolver pela pluralidade das existências. (Cap. IV, nº 13)

Então, há duas espécies de famílias: *as famílias pelos laços espirituais e as famílias pelos laços corporais*. As primeiras são duráveis, se fortalecem pela purificação e se eterniza no mundo dos Espíritos, através das várias migrações da alma; as segundas são frágeis como a matéria, se acabam com o tempo e muitas vezes se dissolvem moralmente já na existência atual. Foi o que Jesus quis tornar compreensível, dizendo de seus discípulos: *Aqui estão minha mãe e meus irmãos, isto é, minha família pelos laços do Espírito, pois todo aquele que faz a vontade de meu Pai que está nos céus é meu irmão, minha irmã e minha mãe*.

A inimizade que os irmãos moviam contra Ele se acha claramente expressa em a narração de São Marcos, que diz deles terem o propósito de se apoderarem do Mestre, sob o pretexto de que este *perdera o sentido*. Informado da chegada deles, conhecendo os sentimentos que nutriam a seu respeito, era natural que Jesus dissesse, referindo-se a seus discípulos, do ponto de vista espiritual: “Eis aqui meus verdadeiros irmãos”. Embora na companhia daqueles estivesse sua mãe, ele generaliza o ensino que de maneira alguma implica tenha pretendido declarar que Sua mãe segundo o corpo nada lhe era como Espírito, que só indiferença lhe merecia. Provou suficientemente o contrário em várias outras circunstâncias.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A INGRATIDÃO DOS FILHOS E OS LAÇOS DE FAMÍLIA

9. A ingratidão é um dos frutos mais diretos do egoísmo. Revolta sempre os

⁴³ **Antagonismo:** diferença, contrariedade, oposição – N. E.

corações honestos. Mas, a dos filhos para com os pais apresenta caráter ainda mais odioso. É desse ponto de vista em particular que vamos considerar, para lhe analisar as causas e os efeitos. Também nesse caso, como em todos os outros, o Espiritismo projeta luz sobre um dos grandes problemas do coração humano.

Quando deixa a Terra, o Espírito leva consigo as paixões ou as virtudes inerentes à sua natureza e se aperfeiçoa no espaço, ou permanece estacionário, até que deseje receber a luz. Muitos, portanto, se vão cheios de ódios violentos e de insaciados desejos de vingança; a alguns dentre eles, porém, mais adiantados do que os outros, é permitido ver um pouco da verdade; então eles apreciam as horríveis consequências de suas paixões e são induzidos a tomar resoluções boas. Compreendem que, para chegarem a Deus, só há uma senha: **caridade**. Ora, não há caridade sem esquecimento das ofensas e das injúrias; não há caridade sem perdão, nem com o coração tomado de ódio.

Então, mediante esforço incrível, tais Espíritos conseguem observar aqueles a quem eles odiaram na Terra. Ao vê-los, porém, o rancor se desperta no íntimo deles; revoltam-se contra a ideia de perdoar, e, ainda mais, à de cederem de si mesmos, sobretudo à de amarem os que lhes destruíram, quem sabe até, os haveres, a honra, a família. Entretanto, fica abalado o coração desses infelizes. Eles hesitam, vacilam, agitados por sentimentos contrários. Se predomina a boa resolução, oram a Deus, imploram aos bons Espíritos que lhes deem forças, no momento mais decisivo da prova. Por fim após anos de meditações e preces, o Espírito se aproveita de um corpo em preparo na família daquele a quem detestou, e pede aos Espíritos encarregados de transmitir as ordens superiores permissão para ir preencher na Terra os destinos daquele corpo que acaba de formar-se.

Qual será o seu procedimento na família escolhida? Dependerá da sua maior ou menor persistência nas boas resoluções que tomou. O incessante contato com seres a quem odiou constitui prova terrível, sob a qual não raro cai, se não tem ainda bastante forte a vontade. Assim, conforme prevaleça ou não a resolução boa, ele será o amigo ou inimigo daqueles entre os quais foi chamado a viver. É como se explicam esses ódios, essas repulsões instintivas que se notam da parte de certas crianças e que parecem injustificáveis. Com efeito, nada naquela existência poderia provocar semelhante antipatia; para compreender a causa, é necessário voltar o olhar ao passado.

Ó espíritas! Compreendam agora o grande papel da Humanidade; compreendam que, quando produzem um corpo, a alma que nele encarna vem do espaço para progredir; fiquem cientes dos seus deveres e ponham todo o seu amor em aproximar essa alma de Deus; tal a missão que lhes está confiada e cuja recompensa receberão, se fielmente a cumprirem. Os cuidados e a educação que lhe darão a ele auxiliarão o seu aperfeiçoamento e o seu bem-estar futuro. Lembrem-se de que a cada pai e a cada mãe Deus perguntará: *Que fizestes do filho confiado à sua guarda?* Se por culpa de vocês ele se conservou atrasado, terão como castigo vê-lo entre os Espíritos sofrendores, quando dependia de vocês que ele fosse bem-sucedido. Então, assediados de remorsos, vocês mesmos pedirão que lhes seja concedido reparar a falta; solicitarão para si e para ele, outra encarnação em que o cerquem de melhores cuidados e em que ele, cheio de reconhecimento, lhes retribuirá com o seu amor.

Pois, não escorracem a criancinha que rebate sua mãe, nem a que lhes paga com a ingratidão; não foi o acaso que a fez assim e que a deu. Imperfeita intuição do passado se revela, do qual podem deduzir que um ou outro já odiou muito, ou foi muito ofendido; que um ou outro veio para perdoar ou para expiar. Mães, abracem o filho que lhes dá desgostos e digam consigo mesmas: “Um de nós dois é culpado”. Façam-se merecedoras dos gozos divinos que Deus conjugou à maternidade, ensinando aos seus filhos que eles estão na Terra para se aperfeiçoar, amar e bendizer. Oh, mas muitas de vocês, em vez de eliminar por meio da educação os maus princípios inatos de existências anteriores, travam e desenvolvem esses princípios, por uma culposa fraqueza ou por descuido, e mais tarde, o seu coração, corrompido pela ingratidão dos filhos, será para vocês, já nesta vida, um começo de expiação.

A tarefa não é tão difícil quanto parece e não exige a sabedoria do mundo. Tanto o ignorante como o sábio podem desempenhá-la assim, e o Espiritismo lhe facilita o desempenho, dando a conhecer a causa das imperfeições da alma humana. Desde pequenina, a criança manifesta os instintos bons ou maus que traz da sua existência anterior. Os pais devem se esforçar em estudá-los. Todos os males se originam do egoísmo e do orgulho. Pois, que os pais estudem os menores indícios reveladores da origem de tais vícios e cuidem de combatê-los, sem esperar que lancem raízes profundas. Façam como o bom jardineiro, que corta os brotos defeituosos à medida que os vê apontar na árvore. Não se espantem de serem mais tarde pagos com a ingratidão se deixarem que se desenvolvam o egoísmo e o orgulho. Quando os pais fazem tudo o que devem pelo adiantamento moral de seus filhos, se não alcançam êxito, não têm de que se culpar a si mesmos e podem conservar a consciência tranquila. Para a amargura muito natural que então lhes vêm da improdutividade de seus esforços, Deus reserva grande e imensa consolação, na *certeza* de que se trata apenas de um retardamento e que lhes será concedido concluir noutra existência a obra agora começada e que um dia o filho ingrato os recompensará com seu amor. (Cap. XIII, nº 19)

Deus não dá prova superior às forças daquele que a pede; só permite as que podem ser cumpridas. Se tal não sucede, não é que falte possibilidade: falta a vontade. Com efeito, quantos há que, em vez de resistirem aos maus pendores, se contentam neles. Para esses ficam reservados o pranto e os gemidos em existências posteriores. No entanto, admirem a bondade de Deus, que nunca fecha a porta ao arrependimento. Vem um dia em que ao culpado, cansado de sofrer, com o orgulho afinal abatido, Deus abre os braços para receber o filho pródigo que se lhe lança aos pés. Ouçam bem: *as provas rudes são quase sempre indício de um fim de sofrimento e de um aperfeiçoamento do Espírito, quando aceitas com o pensamento em Deus.* É um momento supremo, no qual, sobretudo, cabe ao Espírito não fracassar murmurando, se não quiser perder o fruto de tais provas e ter de recomeçar. Em vez de se queixarem, agradeçam a Deus a ocasião que lhes proporciona de vencerem, a fim de merecer o prêmio da vitória. Então, saindo da tempestade do mundo terrestre, quando entrarem no mundo dos Espíritos, serão aí aclamados como o soldado que sai triunfante da batalha.

De todas as provas, as mais duras são as que afetam o coração. Um, que suporta com coragem a miséria e as privações materiais, cai ao peso das amarguras

domésticas, machucado da ingratidão dos seus. Oh, que dolorosa angústia essa! Mas, em tais circunstâncias, que mais pode, eficazmente, restabelecer a coragem moral, do que o conhecimento das causas do mal e a certeza de que, se bem haja prolongados despedaçamentos d'alma, não há desesperos eternos, porque não é possível que seja da vontade de Deus que a sua criatura sofra indefinidamente? Que há de mais reconfortante, de mais animador do que a ideia que de cada um dos seus esforços é que depende abreviar o sofrimento, mediante a destruição, em si, das causas do mal? Para isso, porém, preciso se faz que o homem não prenda o olhar na Terra e só veja uma existência; que se eleve, a pairar no infinito do passado e do futuro. Então, a justiça infinita de Deus se evidencia, e esperam com paciência, porque se torna explicável o que na Terra lhes parecia verdadeiras monstruosidades. Passa-se a considerar as feridas que aí se abrem como simples arranhaduras. Nesse golpe de vista lançado sobre o conjunto, os laços de família se apresentam a vocês sob seu aspecto real. Já não enxergam apenas os frágeis laços da matéria a ligar-lhes os membros; enxergam, sim, os laços duradouros do Espírito, que se perpetuam e consolidam com a evolução, em vez de se quebrarem por efeito da reencarnação.

Formam famílias os Espíritos que a afinidade dos gostos, a identidade do progresso moral e a afeição induzem a se reunir. Esses mesmos Espíritos, em suas migrações terrenas, se buscam, para se gruparem, como o fazem no espaço, originando-se daí as famílias unidas e semelhantes. Se, nas suas peregrinações, acontece ficarem temporariamente separados, mais tarde tornam a se encontrar, ditos pelos novos progressos que realizaram. Mas, como não lhes cumpre trabalhar apenas para si, Deus permite que Espíritos menos adiantados encarnem entre eles, a fim de receberem conselhos e bons exemplos, a bem de seu progresso. Esses Espíritos se tornam, por vezes, causa de perturbação no meio daqueles outros, o que constitui para estes a prova e a tarefa a desempenhar.

Portanto, acolham a eles como irmãos; auxiliem, e depois, no mundo dos Espíritos, a família se felicitará por haver salvo alguns náufragos que, por sua vez, poderão salvar outros.

Santo Agostinho (Paris, 1862)

CAPÍTULO XV

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

- DE QUE PRECISA O ESPÍRITO PARA SER SALVO.
PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO
- O MAIOR MANDAMENTO
- NECESSIDADE DA CARIDADE, SEGUNDO S. PAULO
- FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO;
FORA DA VERDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

O DE QUE PRECISA O ESPÍRITO PARA SE SALVAR. PARÁBOLA DO BOM SAMARITANO

1. “Ora, quando o filho do homem vier em sua majestade, acompanhado de todos os anjos, se sentará no trono de sua glória; diante dele todas as nações reunidas, Ele separará uns dos outros, como o pastor separa as ovelhas dos bodes e colocará as ovelhas à sua direita e os bodes à sua esquerda.

“Então, o Rei dirá aos que estiverem à sua direita: *‘Venham, benditos de meu Pai, tomem posse do reino que foi preparado para vocês desde o princípio do mundo; pois, tive fome e me deram de comer; tive sede e me deram de beber; careci de teto e me hospedaram; estive nu e me vestiram; achei-me doente e me visitaram; estive preso e foram me ver’.*

“Então, os justo lhe responderão: *‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e te demos de comer, ou com sede e te demos de beber? Quando foi que te vimos sem teto e te hospedamos; ou despido e te vestimos? E quando foi que te soubemos doente ou preso e fomos te visitar?’* O Rei lhes responderá: *‘Na verdade, eu digo a vocês que todas as vezes que fizeram isso a um destes mais pequeninos dos meus irmãos, foi a mim mesmo que o fizeram’.*

“Dirá em seguida aos que estiverem à sua esquerda: *‘Afastem-se de mim, malditos; vão para o fogo eterno, que foi preparado para o diabo e seus anjos; pois, tive fome e não me deram de comer, tive sede e não me deram de beber; precisei de teto e não me agasalharam; estive sem roupa e não me vestiram; estive doente e no cárcere e não me visitaram’.*

“Também eles replicarão: *‘Senhor, quando foi que te vimos com fome e não te demos de comer, com sede e não te demos de beber, sem teto ou sem roupa, doente ou preso e não te assistimos?’* Ele então lhes responderá: *‘Na verdade, eu digo a vocês: todas as vezes que faltaram com a assistência a um destes mais pequenos, deixaram de tê-la para comigo mesmo’.* E esses irão para o suplício eterno, e os justos para a vida eterna”.

(MATEUS, 25:31 a 46)

2. Então, levantando-se, um doutor da lei disse a Jesus, para tentar o Cristo: “Mestre, que preciso fazer para possuir a vida eterna?” Ele respondeu: “**O que é o que está escrito na lei? O que é que se lê nela?**” Ele respondeu: “*Amarás o Senhor teu Deus de todo o coração, de toda a tua alma, com todas as tuas forças e de todo o teu espírito, e a teu próximo como a ti mesmo*”. Disse-lhe Jesus: “**Respondeu muito bem; faça isso e viverá**”.

Mas, o homem, querendo parecer que era um justo, diz a Jesus: “*Quem é o meu próximo?*” Jesus, tomando a palavra, lhe diz: “**Um homem, que descia de Jerusalém para Jericó, caiu em poder de ladrões, que o roubaram, cobriram de ferimentos e se foram, deixando-o quase morto. Aconteceu em seguida que um sacerdote, descendo pelo mesmo caminho, viu o homem caído e passou adiante. Um levita⁴⁴, que também veio àquele lugar, tendo-o observado, passou igualmente adiante. Mas, um samaritano que viajava, chegando ao lugar onde aquele homem penava e tendo-o visto, foi tocado de compaixão. Aproximou-se dele, deitou-lhe óleo e vinho nas feridas e tratou delas; depois, pondo-o no seu cavalo, levou-o a uma hospedaria e cuidou dele. No dia seguinte tirou dois denários e os deu ao hospedeiro, dizendo: ‘Trate muito bem deste homem e tudo o que gastar a mais, eu te pagarei quando regressar’. Qual desses três te parece ter sido o próximo daquele que caíra em poder dos ladrões?**” O doutor respondeu: “*Aquele que usou de misericórdia para com ele*”. Disse Jesus: “**Então, vai e faça o mesmo**”.

(LUCAS, 10:25 a 37)

3. Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho. Em todos os seus ensinamentos, Ele aponta essas duas virtudes como sendo as que conduzem à eterna felicidade: Disse: Bem-aventurados os pobres de espírito, isto é, os humildes, porque deles é o reino dos céus; bem-aventurados os que têm o coração puro; bem-aventurados os que são brandos e pacíficos; bem-aventurados os que são misericordiosos; amem o seu próximo como a si mesmos; façam aos outros o que gostariam lhes fizessem; amem os seus inimigos; perdoem as ofensas, se quiserem ser perdoados; pratiquem o bem sem ostentação; julguem-se a si mesmos antes de julgarem os outros. Humildade e caridade, eis o que não acaba de recomendar e o que Ele próprio dá o exemplo. Orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater. E não se limita a recomendar a caridade; põe-na claramente e em termos explícitos como condição absoluta da felicidade futura.

No quadro que traçou do juízo final, deve-se, como em muitas outras coisas, separar o que é apenas figura, alegoria. Para homens como aqueles a quem falava, ainda incapazes de compreender as questões puramente espirituais, Ele tinha de apresentar imagens materiais chocantes e próprias a impressionar. Para melhor apreenderem o que dizia, tinha mesmo de não se afastar muito das ideias correntes, quanto à forma, reservando sempre ao futuro a verdadeira interpretação de Suas palavras e dos pontos sobre os quais não podia explicar-se claramente. Mas, ao lado da parte acessória ou figurada do quadro, há uma ideia dominante: a da felicidade reservada ao justo e da infelicidade que espera o mau.

Naquele julgamento supremo, quais os merecedores da sentença? Sobre que se baseia a dedução? Porventura, o Juiz pergunta se o réu preencheu tal ou qual formalidade, se observou mais ou menos tal ou qual prática exterior? Não; questiona tão somente de uma coisa: se a caridade foi praticada, e se pronuncia assim: Passe à direita, vocês que ajudaram os irmãos; passem à esquerda, os que foram duros para

⁴⁴ **Levita:** espécie de sacerdote judeu – N. E.

com eles. Por acaso, Ele procura da rigorosidade da fé? Faz qualquer distinção entre o que crê de um modo e o que crê de outro? Não, pois Jesus coloca o samaritano – considerado herético⁴⁵, mas que pratica o amor do próximo – acima do ortodoxo⁴⁶ que falta com a caridade. Portanto, não considera a caridade apenas como uma das condições para a salvação, mas como a *única* condição. Se houvesse outras a serem preenchidas, Ele as teria declinado. Desde que coloca a caridade em primeiro lugar, é que ela implicitamente abrange todas as outras: a humildade, a brandura, a benevolência, a indulgência, a justiça, etc., e porque é a negação absoluta do orgulho e do egoísmo.

O MANDAMENTO MAIOR

4. Mas, os fariseus, tendo sabido que Jesus tapou a boca aos saduceus, se reuniram; e um deles, que era doutor da lei, foi propor a Ele esta questão, para tentar o Cristo: *“Mestre, qual o grande mandamento da lei?”* Jesus lhe respondeu: **“Ame o Senhor teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu espírito. Esse o maior e o primeiro mandamento. E aqui está o segundo, que é semelhante ao primeiro: Ame o teu próximo, como a ti mesmo. Toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos”.**

(MATEUS, 22: 34 a 40)

5. Caridade e humildade, tal é a única estrada da salvação. Egoísmo e orgulho, tal a da perdição. Este princípio se acha formulado nos seguintes precisos termos: *“Ame a Deus de toda a tua alma e a teu próximo como a ti mesmo; toda a lei e os profetas se acham contidos nesses dois mandamentos”*. E, para que não haja equívoco sobre a interpretação do amor de Deus e do próximo, acrescenta: *“E aqui está o segundo mandamento que é semelhante ao primeiro”*, isto é, que não se pode verdadeiramente amar a Deus sem amar o próximo, nem amar o próximo sem amar a Deus. Logo, tudo o que se faça contra o próximo o mesmo é que fazê-lo contra Deus. Não podendo amar a Deus sem praticar a caridade para com o próximo, todos os deveres do homem se resumem nesta máxima: ***Fora da Caridade não há Salvação.***

NECESSIDADE DA CARIDADE, SEGUNDO S. PAULO

6. “Ainda quando eu falasse todas as línguas dos homens e a língua dos próprios anjos, se eu não tiver caridade, serei como o bronze que soa e um címbalo que retine; ainda que tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios, e tivesse perfeita ciência de todas as coisas; ainda quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. E, quando houvesse distribuído os meus bens para alimentar os pobres e houvesse entregado meu corpo para ser queimado, se não tivesse caridade, tudo isso de nada me serviria.

“A caridade é paciente; é branda e benfazeja; a caridade não é invejosa; não é temerária, nem precipitada; não se enche de orgulho; não é desdenhosa; não cuida de seus interesses; não se agasta, nem se azeda com coisa alguma; não suspeita mal; não se alegra com a injustiça, mas se rejubila com a verdade; tudo suporta, tudo crê, tudo espera, tudo sofre.

⁴⁵ **Herético:** aquele que não segue a religião. Os samaritanos eram assim considerados pelos judeus – N. E.

⁴⁶ **Ortodoxo:** aquele que é rigoroso no cumprimento da sua religião – N. E.

“Agora, permanecem estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade; mas, dentre elas, a mais excelente é a caridade”.

São Paulo (1ª Epístola aos Coríntios, 13:1 a 7 e 13)

7. De tal modo S. Paulo compreendeu essa grande verdade, que disse: *Quando mesmo eu tivesse a linguagem dos anjos; quando tivesse o dom de profecia, que penetrasse todos os mistérios; quando tivesse toda a fé possível, até ao ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Dentre estas três virtudes: a fé, a esperança e a caridade, a mais excelente é a caridade.* Coloca assim, sem equívoco, a caridade acima até da fé. É que a caridade está ao alcance de toda gente: do ignorante, como do sábio, do rico, como do pobre, e independe de qualquer crença particular.

Faz mais: define a verdadeira caridade, mostra-a não só na beneficência, como também no conjunto de todas as qualidades do coração, na bondade e na benevolência para com o próximo.

FORA DA IGREJA NÃO HÁ SALVAÇÃO. FORA DA VERDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

8. Enquanto a máxima *Fora da caridade não há salvação* se sustenta num princípio universal e abre acesso à suprema felicidade a todos os filhos de Deus, o dogma *Fora da Igreja não há salvação* se firma não na fé fundamental em Deus e na imortalidade da alma – fé comum a todas as religiões –, porém *numa fé especial, em dogmas particulares*; é exclusivo e absoluto. Longe de unir os filhos de Deus, separa-os; em vez de incitá-los ao amor de seus irmãos, alimenta e admite a irritação entre seguidores dos diferentes cultos que reciprocamente se consideram malditos na eternidade – embora sejam parentes e amigos esses sectários. Desprezando a grande lei de igualdade perante o túmulo, ele os afasta uns dos outros, até no campo do repouso. A máxima *Fora da caridade não há salvação* consagra o princípio da igualdade perante Deus e da liberdade de consciência. Tendo-a por norma, todos os homens são irmãos e, qualquer que seja a maneira como adorem o Criador, eles se estendem as mãos e oram uns pelos outros. Com o dogma *Fora da Igreja não há salvação*, amaldiçoam-se e se perseguem reciprocamente, vivem como inimigos; o pai não pede pelo filho, nem o filho pelo pai, nem o amigo pelo amigo, desde que mutuamente se consideram condenados sem remissão. É, pois, um dogma essencialmente contrário aos ensinamentos do Cristo e à lei evangélica.

9. *Fora da verdade não há salvação* equivaleria ao *Fora da Igreja não há salvação* e seria igualmente exclusivo, pois nenhuma seita existe que não pretenda ter o privilégio da verdade. Que homem se pode vangloriar de possuí-la inteiramente, quando o âmbito dos conhecimentos incessantemente se alarga e todos os dias se retificam as ideias? A verdade absoluta é patrimônio unicamente de Espíritos da categoria mais elevada e a Humanidade terrena não poderia pretender possuí-la, porque não lhe é dado saber tudo. Ela somente pode aspirar a uma verdade relativa e proporcionada ao seu adiantamento. Se Deus tivesse feito da posse da verdade absoluta condição expressa da felicidade futura, teria pronunciado uma sentença de

eliminação geral, ao passo que a caridade, mesmo no seu significado mais amplo, podem todos praticá-la. O Espiritismo, de acordo com o Evangelho, admitindo a salvação para todos, independente de qualquer crença, contanto que a lei de Deus seja observada, não diz: *fora do Espiritismo não há salvação*; e, como não pretende ensinar ainda toda a verdade, também não diz: *Fora da verdade não há salvação*, pois que esta máxima separaria, em lugar de unir e perpetuaria as divergências.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

FORA DA CARIDADE NÃO HÁ SALVAÇÃO

10. Meus filhos, na máxima: *Fora da caridade não há salvação*, estão determinados os destinos dos homens, na Terra e no céu; na Terra, porque à sombra dessa bandeira eles viverão em paz; no céu, porque os que a houverem praticado acharão graças diante do Senhor. Essa divisa é o facho celeste, a luminosa coluna que guia o homem no deserto da vida, encaminhando-o para a Terra Prometida. Ela brilha no céu, como auréola⁴⁷ santa na cabeça dos eleitos, e, na Terra, se acha gravada no coração daqueles a quem Jesus dirá: *Passem à direita, benditos de meu Pai*. Reconhecerão a eles pelo perfume de caridade que espalham em torno de si. Nada traduz com mais exatidão o pensamento de Jesus, nada resume tão bem os deveres do homem, como essa máxima de ordem divina. O Espiritismo não poderia provar melhor a sua origem, do que apresentando esse ditado como regra, por isso que é um reflexo do mais puro Cristianismo. Levando-a por guia, nunca o homem se transviará. Assim, meus amigos, dediquem-se a estudar o sentido profundo e as consequências dessa máxima, a descobrir por si mesmos, todas as aplicações. Submetam todas as suas ações ao uso da caridade e a consciência os responderá. Ela não só evitará que pratiquem o mal, como também fará que pratiquem o bem, pois uma virtude negativa não basta: é necessária uma virtude ativa. Para fazer-se o bem, sempre se torna preciso a ação da vontade; para se não praticar o mal, basta as mais das vezes a inatividade e a despreocupação.

Meus amigos, agradeçam a Deus por ter permitido que pudessem gozar a luz do Espiritismo. Não é que somente os que a possuem tenham de ser salvos; é que, ajudando-vos a compreender os ensinamentos do Cristo, ela faz de vocês melhores cristãos. Esforcem-se, pois, para que os irmãos, observando-os, sejam induzidos a reconhecer que verdadeiro espírita e verdadeiro cristão são uma só e a mesma coisa, dado que todos quantos praticam a caridade são discípulos de Jesus, independentemente da seita a que pertençam.

Paulo, o apóstolo. (Paris, 1860)

⁴⁷ **Auréola:** círculo luminoso que costuma se pintar sobre a imagem dos santos para indicar pureza – N. E.

CAPÍTULO XVI

NÃO SE PODE SERVIR A DEUS E A MAMON

- SALVAÇÃO DOS RICOS
- PRESERVAR-SE DA AVAREZA
- JESUS EM CASA DE ZAQUEU
- PARÁBOLA DO RICO MAU
- PARÁBOLA DOS TALENTOS
- UTILIDADE PROVIDENCIAL DA RIQUEZA.
- PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA
- DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- A VERDADEIRA PROPRIEDADE
- EMPREGO DA RIQUEZA
- DESPRENDIMENTO DOS BENS TERRENOS
- TRANSMISSÃO DA RIQUEZA

SALVAÇÃO DOS RICOS

1. “Ninguém pode servir a dois senhores, porque ou odiará a um e amará a outro, ou se prenderá a um e desprezará o outro. Não podem servir simultaneamente a Deus e a Mamom”.

(LUCAS, 16:13)

2. Então, aproximou-se um jovem de Jesus e disse: “Bom mestre, que bem devo fazer para adquirir a vida eterna?” Respondeu Ele: “Por que me chama de bom? Só Deus é bom. Se quer entrar na vida, guarda os mandamentos”. – “Que mandamentos?” – retrucou o rapaz. Disse Jesus: “Não mate; não cometa adultério; não roube; não dê testemunho falso. Honre teu pai e tua mãe e ame a teu próximo como a ti mesmo”.

O moço lhe replicou: “Tenho guardado todos esses mandamentos desde que cheguei à mocidade. O que é que ainda me falta?” Disse Jesus: “Se quer ser perfeito, vai, venda tudo o que tem, dê-o aos pobres e terá um tesouro no céu. Depois, vem e me siga”. Ouvindo essas palavras, o moço se foi todo tristonho, porque possuía grandes haveres. Jesus disse então a seus discípulos: “Na verdade, digo a vocês que é bem difícil que um rico entre no reino dos céus. Ainda uma vez digo: É mais fácil que um camelo passe pelo buraco de uma agulha, do que entrar um rico no reino dos céus”.⁴⁸

(MATEUS, 19:16 a 24; LUCAS, 18:18 a 25; MARCOS, 10:17 a 25)

⁴⁸ Esta ousada alegoria pode parecer um pouco forçada, pois que não se percebe que relação possa existir entre um camelo e uma agulha. Acontece, no entanto, que, em hebreu, a mesma palavra serve para designar um *camelo* e um *cabo*. Na tradução, deram-lhe o primeiro desses significados; mas é provável que Jesus a tenha empregado com a outra significação. É, pelo menos, mais natural.

PRESERVAR-SE DA AVAREZA

3. Então, no meio da multidão, um homem lhe disse: *“Mestre, diga a meu irmão que divida comigo a herança que nos pertence”*. Jesus lhe disse: **“Ó homem! Quem me designou para julgar vocês ou para fazer as suas partilhas?”** E acrescentou: **“Tenham o cuidado de se preservar de toda a avareza, pois, seja qual for a abundância em que o homem se encontre, sua vida não depende dos bens que ele possui”**. Disse-lhes a seguir esta parábola:

“Havia um rico homem cujas terras tinham produzido extraordinariamente e que se entretinha a pensar consigo mesmo, assim: ‘Que hei de fazer, pois já não tenho lugar onde possa encerrar tudo o que vou colher?’ Disse então: ‘Aqui está o que farei: Demolirei os meus celeiros e construirei outros maiores, onde colocarei toda a minha colheita e todos os meus bens. E direi a minha alma: -- Minha alma, tens de reserva muitos bens para longos anos; repousa, come, bebe, goza’.

“Mas, Deus, ao mesmo tempo, disse ao homem: ‘Que insensato! Esta noite mesmo te tomarão a alma; para que servirá o que acumulou?’ É o que acontece com aquele que acumula tesouros para si próprio e que não é rico diante de Deus.”

(LUCAS, 12:13 a 21)

JESUS EM CASA DE ZAQUEU

4. Tendo entrado em Jericó, Jesus passava pela cidade e havia ali um homem chamado Zaqueu, chefe dos publicanos e muito rico, o qual, desejoso de ver e conhecer a Jesus, não o conseguia devido à multidão, por ser ele de estatura muito baixa. Por isso, correu à frente da multidão e subiu em uma figueira para ver Jesus, pois Ele tinha de passar por ali. Chegando a esse lugar, Jesus dirigiu paro o alto o olhar e, vendo-o, disse-lhe: **“Zaqueu, desce depressa, pois preciso que me hospede hoje em tua casa”**. Zaqueu desceu imediatamente e O recebeu jubiloso. Vendo isso, todos murmuravam, a dizer: *“Ele foi hospedar-se em casa de um homem de má vida”*. (Veja-se: “Introdução”, artigo – Publicanos)

Entretanto, Zaqueu, pondo-se diante do Senhor, lhe disse: **“Senhor, dou a metade dos meus bens aos pobres e, se causei dano a alguém, seja no que for, indenizo-o com quatro tantos”**. Ao que Jesus lhe disse: **“Esta casa recebeu hoje a salvação, porque também este é filho de Abraão; visto que o Filho do homem veio para procurar e salvar o que estava perdido”**.

(LUCAS, 19:1 a 10)

PARÁBOLA DO RICO MAU

5. **“Havia um homem rico, que vestia púrpura e linho e se tratava magnificamente todos os dias. Havia também um pobre, chamado Lázaro, deitado à sua porta, todo coberto de úlceras, que muito estimaria poder aliviar a fome com as migalhas que caíam da mesa do rico; mas ninguém lhe dava esses sobejos e os cães vinham lhe lambe as feridas. Ora, aconteceu que esse pobre morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão. O rico também morreu e teve por sepulcro o inferno. Quando se achava nos tormentos, levantou os olhos e viu de longe Abraão e Lázaro em seu seio e, exclamando, disse estas palavras: ‘Pai Abraão, tem piedade de mim e me mande Lázaro, a fim de que molhe a ponta do dedo na água para me refrescar a língua, pois sofro horrível tormento nestas chamas’. Mas Abraão lhe respondeu: ‘Meu filho, lembre-se de que você recebeu em vida teus bens e de que Lázaro só teve amarguras; por isso, ele agora está na consolação e tu nos tormentos. Ao demais, existe entre nós e vocês um grande e eterno abismo, e por isso, os que queiram passar daqui para aí não o podem, como também ninguém pode passar daí para aqui’.** Disse o rico: **‘Eu então te suplico, pai Abraão, que mande Lázaro à casa de meu pai, onde tenho cinco irmãos, para dar testemunho destas coisas a eles, a fim de que eles não venham também para este**

lugar de tormento'. Abraão lhe retrucou: 'Eles têm Moisés e os profetas; que os escutem'. – 'Não, meu pai Abraão' – disse o rico: 'Se algum dos mortos for ter com eles, farão penitência'. Respondeu-lhe Abraão: 'Se eles não ouvem a Moisés, nem aos profetas, também não acreditarão, ainda mesmo que algum dos mortos ressuscite'.

(LUCAS, 16:19 a 31)

PARÁBOLA DOS TALENTOS

6. “O Senhor age como um homem que, tendo de fazer longa viagem fora do seu país, chamou seus servidores e lhes entregou seus bens. Depois de dar cinco talentos⁴⁹ a um, dois a outro e um a outro – a cada um conforme a capacidade –, partiu imediatamente. Então, o que recebeu cinco talentos foi, negociou com aquele dinheiro e ganhou mais cinco. O que recebeu dois, do mesmo modo, ganhou outros tantos. Mas o que apenas recebeu um talento cavou um buraco na terra e aí escondeu o dinheiro de seu patrão.

“Passado longo tempo, o senhor daqueles servidores voltou e os chamou para prestar contas. Veio o que recebeu cinco talentos e lhe apresentou outros cinco, dizendo: ‘Senhor, entregou-me cinco talentos; aqui estão, além desses, mais cinco que ganhei’. Respondeu-lhe o patrão: ‘Servidor bom e fiel; pois que foi fiel em pouca coisa, vou te confiar muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor’. O que havia recebido dois talentos apresentou-se por sua vez e lhe disse: ‘Senhor, entregou-me dois talentos; aqui estão, além desses, dois outros que ganhei’. O senhor lhe respondeu: ‘Bom e fiel servidor; como foi fiel em pouca coisa, vou te confiar muitas outras; compartilha da alegria do teu senhor’. Veio em seguida o que recebeu apenas um talento e disse: ‘Senhor, sei que é um homem severo, que ceifa onde não semeou e colhe de onde nada colocou; por isso, como te temia, escondi o teu talento na terra; aqui está: restituo o que te pertence’. O homem, porém, lhe respondeu: ‘Servidor mau e preguiçoso; se sabia que ceifo onde não semei e que colho onde nada pus, devia investir o meu dinheiro nas mãos dos banqueiros, a fim de que, regressando, eu retirasse com juros o que me pertence. Tirem o talento que está com ele e deem ao que tem dez talentos’. Então, será dado a todos os que já têm e esses ficarão acumulados de bens; quanto àquele que nada tem, será tirado até mesmo o que pareça ter; e que esse servidor inútil seja lançado nas trevas exteriores, onde haverá prantos e ranger de dentes”.

(MATEUS, 25:14 a 30)

UTILIDADE PROVIDENCIAL DA RIQUEZA. PROVAS DA RIQUEZA E DA MISÉRIA

7. Se a riqueza tivesse de constituir obstáculo absoluto à salvação dos que a possuem, conforme se poderia entender de certas palavras de Jesus – interpretadas segundo a letra e não segundo o espírito –, Deus, que a concede, teria posto um instrumento de perdição nas mãos de alguns, sem apelação nenhuma, ideia que a razão rejeita. Sem dúvida, pelos impulsos a que dá causa, pelas tentações que gera e pela fascinação que exerce, a riqueza é uma prova muito mais arriscada e perigosa do que a miséria. É o supremo excitante do orgulho, do egoísmo e da vida sensual. É o laço mais forte que prende o homem à Terra e lhe desvia os pensamentos do céu. Produz tal fraqueza que, muitas vezes, aquele que passa da miséria à riqueza esquece logo a sua primeira condição, esquece os que com ele a partilharam, os que o ajudaram, e faz-se insensível, egoísta e vão. Mas, do fato de a riqueza tornar difícil a jornada, não se segue que a torne impossível e não possa vir a ser um meio de

⁴⁹ **Talento:** usado aqui como moeda, dinheiro – N. E.

salvação para o que dela sabe se servir, como certos venenos podem restituir a saúde, se usados a propósito e com discernimento.

Quando Jesus disse ao moço que perguntou sobre os meios de ganhar a vida eterna: “Desfaça-te de todos os teus bens e siga-me”, não pretendeu, certamente, estabelecer como princípio absoluto que cada um deva despojar-se do que possui e que a salvação só se obtém a esse preço; mas, apenas mostrar que *o apego aos bens terrenos* é um obstáculo à salvação. Com efeito, aquele moço se julgava tranquilo porque observara certos mandamentos e, no entanto, recusava-se à ideia de abandonar os bens de que era dono. Seu desejo de obter a vida eterna não ia até ao extremo de adquiri-la com sacrifício.

O que Jesus lhe propôs era uma prova decisiva, destinada a revelar o íntimo do seu pensamento. Sem dúvida, ele podia ser um homem perfeitamente honesto na opinião do mundo, não causar dano a ninguém, não maldizer do próximo, não ser vão, nem orgulhoso, honrar a seu pai e a sua mãe. Mas, não tinha a verdadeira caridade; sua virtude não chegava até a abnegação. Isso o que Jesus quis demonstrar. Fazia uma aplicação do princípio: “Fora da caridade não há salvação”.

Em sua significação literal, a consequência dessas palavras seria a abolição da riqueza por ela ser prejudicial à felicidade futura e como causa de uma imensidade de males na Terra; e mais, seria a condenação do trabalho que a pode ganhar; consequência absurda, que reconduziria o homem à vida selvagem e que, por isso mesmo, estaria em contradição com a lei do progresso, que é lei de Deus.

Se a riqueza é causa de muitos males, se aguça tanto as más paixões, se provoca mesmo tantos crimes, não é a ela que devemos culpar, mas ao homem, que dela abusa, como abusa de todos os dons de Deus. Pelo excesso, ele torna prejudicial o que lhe poderia ser de maior utilidade. É a consequência do estado de inferioridade do mundo terrestre. Se a riqueza somente tivesse de produzir males, Deus não a teria posto na Terra. Compete ao homem fazê-la produzir o bem. Se não é um elemento direto de progresso moral, é, sem contestação, poderoso elemento de progresso intelectual.

Com efeito, o homem a missão de trabalhar pela melhoria material do planeta. Cabe a ele desobstruí-lo, saneá-lo, dispô-lo para receber um dia toda a população que a sua extensão comporta. Para alimentar essa população que cresce incessantemente, se faz preciso aumentar a produção. Se a produção de um país é insuficiente, será necessário buscá-la fora. Por isso mesmo, as relações entre os povos constituem uma necessidade. A fim de mais as facilitar, faz-se necessário que os obstáculos materiais que separam os povos sejam destruídos e as comunicações sejam tornadas mais rápidas. Para trabalhos que são obra dos séculos, o homem teve de extrair os materiais até das entranhas da terra; procurou na Ciência os meios de executá-los com maior segurança e rapidez. Mas, para colocar em prática, precisa de recursos: a necessidade o fez criar a riqueza, como o fez descobrir a Ciência. A atividade que esses mesmos trabalhos impõem lhe amplia e desenvolve a inteligência, e essa inteligência que ele concentra, primeiro, na satisfação das necessidades materiais, o ajudará mais tarde a compreender as grandes verdades morais. Sendo a riqueza o meio primordial de execução, sem ela não há mais grandes trabalhos, nem atividade, nem estimulante, nem pesquisas. É com razão que a riqueza é considerada um elemento de progresso.

DESIGUALDADE DAS RIQUEZAS

8. A desigualdade das riquezas é um dos problemas que inutilmente se procurará resolver, desde que se considere apenas a vida atual. A primeira questão que se apresenta é esta: por que todos os homens não são igualmente ricos? Não o são por uma razão muito simples: *por não serem igualmente inteligentes, ativos e esforçados para adquirir, nem moderados e previdentes para conservar*. Aliás, é um ponto matematicamente demonstrado que a riqueza, repartida com igualdade, a cada um daria uma parcela mínima e insuficiente; que, supondo que essa repartição seja efetuada, o equilíbrio em pouco tempo estaria desfeito, pela diversidade dos caracteres e das aptidões; que, supondo-a possível e durável, tendo cada um somente com que viver, o resultado seria o aniquilamento de todos os grandes trabalhos que concorrem para o progresso e para o bem-estar da Humanidade; que, admitido desse ela a cada um o necessário, já não haveria o estímulo que atrai os homens às grandes descobertas e aos empreendimentos úteis. Se Deus a concentra em certos pontos, é para que daí se expanda em quantidade suficiente, de acordo com as necessidades.

Admitido isso, pergunta-se por que Deus a concede a pessoas incapazes de fazê-la frutificar para o bem de todos. Ainda aí está uma prova da sabedoria e da bondade de Deus. Dando-lhe o livre-arbítrio, Ele quis que o homem chegasse, por experiência própria, a distinguir o bem do mal e que a prática do primeiro resultasse de seus esforços e da sua vontade. O homem não deve ser conduzido fatalmente ao bem, nem ao mal, sem o que ele não seria mais do que instrumento passivo e inconsciente como os animais. A riqueza é um meio de experimentação moral. Mas, ao mesmo tempo, como é poderoso meio de ação para o progresso, Deus não quer que ela permaneça improdutiva por longo tempo, pelo que *a desloca sem parar*. Cada um tem de possuí-la para exercitar sua utilização e demonstrar que sabe fazer uso dela. No entanto, sendo materialmente impossível que todos a possuam ao mesmo tempo, e, além disso, acontecendo que, se todos a possuíssem ninguém trabalharia, com o que o melhoramento do planeta ficaria comprometido, *cada um a possui por sua vez*. Assim, um que não a tem hoje, já a teve ou terá noutra existência; outro que agora a tem, talvez não a tenha amanhã. Há ricos e pobres, porque Deus sendo justo, como é, a cada um prescreve trabalhar a seu turno. A pobreza é para os que a sofrem, a prova da paciência e da resignação; a riqueza é para os outros, a prova da caridade e da abnegação.

Com razão, lamenta-se o péssimo uso que alguns fazem das suas riquezas, as abomináveis paixões que a cobiça provoca, e pergunta-se: Deus será justo, dando bens a tais criaturas? É exato que, se o homem só tivesse uma única existência, nada justificaria semelhante repartição dos bens da Terra; se, entretanto, não tivermos em vista apenas a vida atual e, ao contrário, considerarmos o conjunto das existências, veremos que tudo se equilibra com justiça. Então, o pobre não tem motivo para acusar a Providência, nem para invejar os ricos e estes para se glorificarem do que possuem. Se abusam, não será com decretos ou leis luxuosas que se remediará o mal. As leis podem mudar o exterior de momento, mas não conseguem mudar o coração; daí elas vem serem de curta duração e quase sempre seguidas de uma reação mais desenfreada. A origem do mal reside no egoísmo e no orgulho: os abusos de toda espécie cessarão quando os homens se regerem pela lei da caridade.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A VERDADEIRA PROPRIEDADE

9. O homem só possui em plena propriedade aquilo que lhe é dado levar deste mundo. Do que encontra ao chegar e deixa ao partir ele goza enquanto aqui permanece. Porém, como é forçado a abandonar tudo isso, não tem das suas riquezas a posse real, mas, simplesmente, o usufruto. Que é então o que ele possui? Nada do que é de uso do corpo; tudo o que é de uso da alma: a inteligência, os conhecimentos, as qualidades morais. Isso o que ele traz e leva consigo, o que ninguém lhe pode arrebatar, o que lhe será de muito mais utilidade no outro mundo do que neste. Depende dele ser mais rico ao partir do que ao chegar, visto como, do que tiver adquirido em bem, resultará a sua posição futura. Quando alguém vai a um país distante, a sua bagagem constitui de objetos utilizáveis nesse país; não se preocupa com os que ali lhe seriam inúteis. Procedei do mesmo modo com relação à vida futura; cubram-se de tudo o de que lá vocês poderão se servir.

Ao viajante que chega a uma pousada, bom alojamento é dado se o pode pagar. Aquele que tem poucos recursos, resta um menos agradável. Quanto ao que nada tenha de seu, vai dormir num colchão de palha. O mesmo acontece ao homem na sua chegada ao mundo dos Espíritos: o lugar para onde vá depende dos seus pertences. Todavia, não será com o seu ouro que ele pagará. Ninguém lhe perguntará: “quanto tinha na Terra? Que posição ocupava? Era príncipe ou operário?” Será perguntado: “que traz contigo?” Não lhe avaliarão os bens, nem os títulos, mas a soma das virtudes que possua. Ora, sob esse aspecto, o operário pode ser mais rico do que o príncipe. Em vão alegará que antes de partir da Terra pagou a peso de ouro a sua entrada no outro mundo e lhe responderão: “os lugares aqui não se compram: conquistam-se por meio da prática do bem. Com a moeda terrestre, podia comprar campos, casas, palácios; aqui, tudo se paga com as qualidades da alma. Você é rico dessas qualidades? Seja bem-vindo e vai para um dos lugares da primeira categoria, onde te esperam todas as venturas. É pobre delas? Vai para um dos da última, onde será tratado de acordo com os teus bens”.

Pascal (Genebra, 1860)

10. Os bens da Terra pertencem a Deus, que os distribui a seu modo, não sendo o homem senão o usufrutuário, o administrador mais ou menos íntegro e inteligente desses bens. Tanto eles não constituem propriedade individual do homem, que Deus frequentemente anula todas as previsões e a riqueza foge daquele que se julga com os melhores títulos para possuí-la.

Porventura, dirão que isso se compreende no tocante aos bens hereditários, porém, não relativamente aos que são adquiridos pelo trabalho. Sem dúvida alguma, se há riquezas legítimas, são estas últimas, quando honestamente conseguidas, pois *uma propriedade só é legitimamente adquirida quando, da sua aquisição, não resulta dano para ninguém*. Serão pedidas contas até mesmo de um único centavo mal ganho, isto é, com prejuízo de alguém. Mas, do fato de um homem dever a si próprio a riqueza que possua, será que ocorrerá que ao morrer ele terá alguma vantagem desse fato? Não são muito inúteis as precauções que ele toma para transmiti-la a seus descendentes? Decerto, pois, se Deus não quiser que ela lhes vá

ter às mãos, nada prevalecerá contra a Sua vontade. O homem poderá usar e abusar de seus haveres durante a vida, sem ter de prestar contas? Não. Permitindo-lhe que a adquirisse, é possível que Deus tenha tido em vista recompensar-lhe, no curso da existência atual, os esforços, a coragem, a perseverança. Porém, se ele somente os utilizou na satisfação dos seus sentidos ou do seu orgulho; se tais haveres se tornaram causa de sua falência e melhor seria não os ter possuído, visto que perde de um lado o que ganhou do outro, anulando o mérito de seu trabalho. Quando deixar a Terra, Deus lhe dirá que já recebeu a sua recompensa.

M., Espírito protetor (Bruxelas, 1861)

EMPREGO DA RIQUEZA

11. Não podem servir a Deus e a Mamom. Guardem bem isso na lembrança, vocês, a quem o amor do ouro domina; vocês, que venderiam a alma para possuir tesouros, porque eles permitem que se elevem acima dos outros homens e lhes proporcionam os gozos das paixões que os escravizam. Não; não podem servir a Deus e a Mamom! Se, pois, sentem a alma dominada pelas cobiças da carne, cuidem-se depressa em descarregar o peso que os oprime, pois Deus, justo e severo, lhes dirá: “Que fez dos bens que te confiei, administrador infiel? Essa poderosa ferramenta de boas obras o aproveitaste exclusivamente na tua satisfação pessoal”.

Então, qual o melhor emprego que se pode dar à riqueza? Procurem a solução do problema nestas palavras: “Amem-se uns aos outros”. Elas guardam o segredo do bom emprego das riquezas. Aquele que se acha animado do amor do próximo tem aí a sua linha de proceder toda traçada. Na caridade está, para as riquezas, o emprego que mais agrada a Deus. Não nos referimos, é claro, a essa caridade fria e egoísta, que consiste em a criatura espalhar ao seu redor a sobra de uma existência dourada. Referimo-nos à caridade plena de amor, que procura a desgraça e a ergue, sem a humilhar. Rico, dê do que te sobra; faça mais: dá um pouco do que te é necessário, pois o de que necessitas ainda é supérfluo. Mas, dá com sabedoria. Não se desvie do que se queixa, com receio de que te engane; vá às origens do mal. Alivia, primeiro; em seguida, informa-te, e vê se o trabalho, os conselhos, mesmo a afeição não serão mais eficazes do que a tua esmola. Difunde em torno de ti, como os socorros materiais, o amor de Deus, o amor do trabalho, o amor do próximo. Coloca tuas riquezas sobre uma base que nunca lhes faltará e que te trará grandes lucros: a das boas obras. Deves utilizar a riqueza da inteligência como a do ouro. Derrama em torno de ti os tesouros da instrução; derrama sobre teus irmãos os tesouros do teu amor e eles frutificarão.

Cheverus (Bordéus, 1861)

12. Quando considero a curta duração da vida, dolorosamente me impressiona a incessante preocupação de vocês com o bem-estar material, ao passo que tão pouca importância dão ao aperfeiçoamento moral, a que pouco ou nenhum tempo gastam e que, no entanto, é o que importa para a eternidade. Diante da atividade que desenvolvem, diriam que se trata de uma questão do mais alto interesse para a Humanidade, quando não se trata, na maioria dos casos, senão de se porem em condições de satisfazer a necessidades exageradas, à vaidade, ou de se entregarem a

excessos. Que de penas, de preocupações, de tormentos cada um se impõe; que de noites de insônia, para aumentar bens muitas vezes mais que suficientes! Por cúmulo de cegueira, frequentemente se encontram pessoas, escravizadas a penosos trabalhos pelo amor imoderado da riqueza e dos gozos que ela proporciona, a se vangloriarem de viver uma existência dita de sacrifício e de mérito – como se trabalhassem para os outros e não para si mesmas! Insensatos! Então, creiam realmente que serão levados em conta os cuidados e os esforços que gastam movidos pelo egoísmo, pela ambição ou pelo orgulho, enquanto descuidam do seu futuro, bem como dos deveres que a solidariedade fraterna impõe a todos os que gozam das vantagens da vida social? Unicamente no seu corpo terão pensado; seu bem-estar, seus prazeres foram o objeto exclusivo da sua solicitude egoística. Por ele, que morre, desprezaram o próprio Espírito, que viverá sempre. Por isso mesmo, esse senhor tão amimado e acariciado se tornou o seu tirano; ele manda sobre o Espírito, que se lhe constituiu escravo. Seria essa a finalidade da existência que Deus lhes concedeu?

Um Espírito protetor (Cracóvia, 1861)

13. Sendo o homem o depositário e o administrador dos bens que Deus lhe confiou nas mãos, terão que prestar severas contas do emprego que ele tenha dado, em virtude do seu livre-arbítrio. O mau uso consiste em aplicá-los exclusivamente na sua satisfação pessoal; ao contrário, bom é o uso todas as vezes que deles resulta um bem qualquer para alguém. O merecimento de cada um está na proporção do sacrifício que se impõe a si mesmo. A beneficência é apenas um modo de empregar-se a riqueza; ela dá alívio à miséria presente; sacia a fome, preserva do frio e proporciona abrigo ao que não o tem. Porém, igualmente é um dever imperioso e meritório prevenir a miséria. Tal, sobretudo, a missão das grandes fortunas, missão a ser cumprida mediante os trabalhos de todo gênero que com elas se podem executar. Nem, pelo fato de tirarem legítimo proveito desses trabalhos os que assim as empregam, deixaria de existir o bem resultante delas, pois o trabalho desenvolve a inteligência e realça a dignidade do homem, permitindo-lhe dizer, orgulhoso, que ganha o pão que come, enquanto a esmola humilha e degrada. A riqueza concentrada em uma mão deve ser qual fonte de água viva que espalha a fecundidade e o bem-estar ao seu redor. Ó vocês, ricos, que a empregarem segundo as vistas do Senhor! O seu coração será o primeiro a refrescar-se nessa fonte benéfica; já nesta existência fruirão os encantadores gozos da alma, em vez dos gozos materiais do egoísta, que produzem o vazio no coração. Seus nomes serão benditos na Terra e, quando a deixarem, o soberano Senhor lhes dirá, como na parábola dos talentos: “Bom e fiel servo, entra na alegria do teu Senhor”. Nessa parábola, o servidor que enterrou o dinheiro que lhe fora confiado é a representação dos mesquinhos, em cujas mãos a riqueza se conserva improdutiva. Se, entretanto, Jesus fala principalmente das esmolas, é que naquele tempo e no país em que Ele vivia não se conheciam os trabalhos que as artes e a indústria criaram depois e nas quais as riquezas podem ser aplicadas utilmente para o bem geral. A todos os que podem dar, pouco ou muito, direi, pois: deem esmola quando for preciso; mas, tanto quanto possível, convertam-na em salário, a fim de que aquele que a receba não se envergonhe dela.

Fénelon (Argel, 1860)

DESPRENDIMENTO DOS BENS TERRENOS

14. Meus irmãos, meus amigos, venho lhes trazer o meu óbolo, a fim de ajudá-los a avançar, sem temor, pela estrada do aperfeiçoamento em que entraram. Nós nos devemos uns aos outros; somente pela união sincera e fraternal entre os Espíritos e os encarnados será possível a regeneração.

O amor aos bens terrenos é um dos mais fortes obstáculos ao adiantamento moral e espiritual. Pelo apego à posse de tais bens, destroem as suas capacidades de amar, com as aplicarem todas às coisas materiais. Sejam sinceros: a riqueza proporciona uma felicidade sem comparação? Quando os cofres estão cheios, não há sempre um vazio no seu coração? No fundo dessa cesta de flores não há sempre oculto um réptil? Compreendo a satisfação – bem justa, aliás –, que o homem experimenta que, por meio de trabalho honrado e assíduo, ganhou uma fortuna; mas, dessa satisfação, muito natural e que Deus aprova, a um apego que absorve todos os outros sentimentos e paralisa os impulsos do coração vai grande distância, tão grande quanto a que separa da ganstança exagerada a detestável avareza, dois vícios entre os quais Deus colocou a caridade, santa e salutar virtude que ensina o rico a dar sem ostentação, para que o pobre receba sem baixaza.

Seja que a fortuna lhes tenha vindo da sua família, seja que a tenham ganho com o seu trabalho, há uma coisa que não devem esquecer nunca: é que tudo provém de Deus e tudo retorna a Deus. Nada pertence a vocês na Terra, nem sequer o seu pobre corpo: a morte os livra dele, como de todos os bens materiais. São depositários e não proprietários, não se iludam. Deus lhes emprestou os bens e vocês têm de restituir; e Ele empresta sob a condição de que pelo menos o supérfluo caiba aos que carecem do necessário.

Um dos seus amigos lhes empresta certa quantia. Por pouco honesto que sejam, façam questão de restituírem integralmente e lhe fiquem agradecido. Pois bem: essa a posição de todo homem rico. Deus é o amigo celestial, que lhe emprestou a riqueza, não querendo para si mais do que o amor e o reconhecimento do rico, mas exige deste que por sua vez dê aos pobres, que são seus filhos, tanto quanto Ele.

Os bens que Deus lhes confiou despertam nos seus corações uma cobiça ardente e delirante. Já pensaram, quando se deixam apegar desenfreadamente a uma riqueza perecível e passageira como vocês mesmos, que um dia terão de prestar contas ao Senhor daquilo que receberam d’Ele? Esquecem que, pela riqueza, se revestem do caráter sagrado de ministros da caridade na Terra, para serem gerentes inteligentes da referida riqueza? Portanto, quando somente usam do que lhes foi confiado em proveito próprio, que são, senão administradores infieis? Que resulta desse esquecimento voluntário dos deveres pessoais? A morte, inflexível e implacável, rasga o véu sob o qual se ocultavam e lhes força a prestar contas ao Amigo que os beneficiou e que nessa hora enverga diante de vocês a toga de juiz.

Em vão vocês procuram na Terra se iludir, colorindo com o nome de *virtude* o que as mais das vezes não passa de egoísmo. Em vão chamam de *economia* e *previdência* ao que apenas é cupidez e avareza, ou *generosidade* ao que não é senão ganstança em proveito próprio. Um pai de família, por exemplo, se abstém de praticar a caridade, economizará, amontoará ouro, diz ele, para deixar aos

filhos a maior soma possível de bens e evitar que caiam na miséria. É muito justo e paternal, convenho, e ninguém pode censurar. Mas será sempre essa a única intenção a que ele obedece? Não será muitas vezes um compromisso com a sua consciência, para justificar, aos seus próprios olhos e aos olhos do mundo, seu apego pessoal aos bens terrenos? No entanto, vamos admitir que seja o amor paternal o único ensejo que o guie: será isso motivo para que esqueça seus irmãos perante Deus? Quando já ele tem o supérfluo, deixará na miséria os filhos, por lhes ficar um pouco menos desse supérfluo? Não será, antes, dar-lhes uma lição de egoísmo e endurecer-lhes os corações? Não será murchar neles o amor ao próximo? Pais e mães, cometem grande erro, se acreditam que desse modo ganham maior afeição dos filhos. Ao lhes ensinar a ser egoístas com os outros, ensinam a eles serem o mesmo com vocês mesmos.

A um homem que tenha trabalhado bastante, e que acumulou bens com o suor de seu rosto, é comum ouvirem dizer que, quando o dinheiro é ganho, melhor se lhe conhece o valor. Nada mais exato. Pois bem! Pratique a caridade, dentro das suas possibilidades, esse homem que declara conhecer todo o valor do dinheiro, e maior será o seu merecimento, do que o daquele que, nascido na abundância, ignora as rudes fadigas do trabalho. Mas, também, esse homem, que se recorda dos seus labores, dos seus esforços, se for egoísta, impiedoso para com os pobres, bem mais culpado se tornará do que o outro, pois, quanto melhor cada um conhece por si mesmo as dores ocultas da miséria, tanto mais propenso deve sentir-se em aliviá-las nos outros.

Infelizmente, sempre há no homem que possui bens de fortuna um sentimento tão forte quanto o apego aos mesmos bens: é o orgulho. Não raro, vê-se o ambicioso atordoar o desgraçado que lhe pede assistência com a narrativa de seus trabalhos e de suas habilidades, isso em vez de acudi-lo, e acabar dizendo: “Faça o que eu fiz”. Segundo o seu modo de ver, a bondade de Deus não entra por coisa alguma na obtenção da riqueza que conseguiu acumular; pertence-lhe a ele, exclusivamente, o mérito de possuí-la. O orgulho lhe põe sobre os olhos uma venda e lhe tapa os ouvidos. Apesar de toda a sua inteligência e de toda a sua aptidão, não compreende que, com uma só palavra, Deus o pode lançar por terra.

Esbanjar a riqueza não é demonstrar desprendimento dos bens terrenos: é descaso e indiferença. Como depositário desses bens, o homem não tem o direito de esbanjá-los, como não tem o de confiscá-los em seu proveito. Gastança não é generosidade: é, frequentemente, uma modalidade do egoísmo. Um, que gasta de mãos cheias o ouro de que disponha, para satisfazer a uma fantasia, talvez não dê um centavo para prestar um serviço. O desapego aos bens terrenos consiste em apreciá-los no seu justo valor, em saber servir-se deles em benefício dos outros e não apenas em benefício próprio, em não sacrificar por eles os interesses da vida futura, em perdê-los sem murmurar, caso agrade a Deus retirá-los. Se, por efeito de imprevistos reveses, se tornarem igual Jó⁵⁰, digam, como ele: “Senhor, tu havias me dado tanto e me tiraste tudo. Faça-se a tua vontade”. Eis aí o verdadeiro desprendimento. Antes de tudo, sejam submissos; confiem n’Aquele que, tendo lhes dado e tirado, pode

⁵⁰ **Jó:** personagem bíblico que foi muito favorecido com riquezas e em seguida, foi à ruína para ser testado na fé. Desprezado pela família, pobre e leproso, mesmo à beira da morte, conservou a esperança em Deus e lhe rendia graças até pelas desgraças. Com isso, Javé restabeleceu sua saúde, multiplicou seus bens e beneficiou Jó com uma nova e próspera vida – N. E.

novamente lhes restituir do que foi tirado. Resistam animosos ao abatimento e ao desespero que paralisam suas forças. Quando Deus desferir um golpe contra vocês, não esqueçam nunca que, ao lado da mais rude prova, Ele coloca sempre uma consolação. Ponderem, sobretudo, que há bens infinitamente mais preciosos do que os da Terra e essa ideia os ajudará a se desprender destes últimos. O pouco apreço que se ligue a uma coisa faz que menos sensível seja a sua perda. O homem que se aferra aos bens terrenos é como a criança que somente vê o momento que passa. O que deles se desprende é como o adulto que vê as coisas mais importantes, por compreender estas proféticas palavras do Salvador: “O meu reino não é deste mundo.”

O Senhor não ordena a ninguém que se desfaça do que possua, condenando-se a uma voluntária mendigagem, pois o que tal fizesse se tornaria em carga para a sociedade. Proceder assim seria compreender mal o desprendimento dos bens terrenos. Seria egoísmo de outro gênero, porque seria o indivíduo eximir-se da responsabilidade que a riqueza faz pesar sobre aquele que a possui. Deus a concede a quem bem lhe parece, a fim de que a gerencie em proveito de todos. O rico tem, pois, uma missão, que ele pode embelezar e tornar proveitosa a si mesmo. Rejeitar a riqueza, quando Deus a concede, é renunciar aos benefícios do bem que se pode fazer, gerindo-a com critério. Sabendo prescindir dela quando não a tem, sabendo empregá-la utilmente quando a possui, sabendo sacrificá-la quando necessário, a criatura procede de acordo com os desígnios do Senhor. Aquele a cujas mãos venha o que no mundo se chama uma boa fortuna, que diga: “Meu Deus, tu me destinaste um novo encargo; dá-me a força de desempenhá-lo segundo a Tua santa vontade”.

Aí está, meus amigos, o que eu queria lhes ensinar acerca do desprendimento dos bens terrenos. Resumirei o que expus, dizendo: saibam se contentar com pouco. Se forem pobres, não invejem os ricos, pois a riqueza não é necessária à felicidade. Se forem ricos, não esqueçam que os bens de que dispõe apenas estão confiados a vocês e que terão de justificar o emprego que lhes derem, como se prestassem contas de uma tutela. Não sejam como o depositário infiel, utilizando-os unicamente em satisfação do próprio orgulho e da sensualidade. Não se julgueis com o direito de dispor em exclusivo proveito daquilo que receberam, não por doação, mas simplesmente como empréstimo. Se não sabem restituir, não têm o direito de pedir, e lembrem-se de que aquele que dá aos pobres, paga a dívida que contraiu com Deus.

Lacordaire (Constantina, 1863)

TRANSMISSÃO DA RIQUEZA

15. *O princípio, segundo o qual o homem é apenas administrador da fortuna de que Deus lhe permite gozar durante a vida, tira ao homem o direito de transmiti-la aos seus herdeiros?*

O homem pode perfeitamente transmitir, por sua morte, aquilo de que gozou durante a vida, porque o efeito desse direito está subordinado sempre à vontade de Deus, que pode, quando quiser, impedir que aqueles descendentes gozem do que lhes foi transmitido. Não é outra a razão por que desmoronam fortunas que

parecem solidamente constituídas. É, pois, impotente a vontade do homem para conservar nas mãos da sua descendência a fortuna que possui. Isso, entretanto, não o priva do direito de transmitir o empréstimo que recebeu de Deus, uma vez que Deus pode retirá-lo, quando o julgue oportuno.

São Luís (Paris, 1860)

CAPÍTULO XVII

SEJAM PERFEITOS

- CARACTERES DA PERFEIÇÃO
- O HOMEM DE BEM
- OS BONS ESPÍRITAS
- PARÁBOLA DO SEMEADOR

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- O DEVER
- A VIRTUDE
- OS SUPERIORES E OS INFERIORES
- O HOMEM NO MUNDO
- CUIDAI DO CORPO E DO ESPÍRITO

CARACTERES DA PERFEIÇÃO

1. “Amem os seus inimigos; façam o bem aos que odeiam vocês e orem pelos que os perseguem e os caluniam, porque, se amarem somente os que os amam, que recompensa terão disso? Também os publicanos não fazem assim? Se unicamente saudarem os seus irmãos, o que fazem do que os outros com isso mais? Os pagãos não fazem o mesmo? Vocês, então, sejam perfeitos, como perfeito é o Pai celestial”.

(MATEUS, 5:44, 46 a 48)

2. Sendo Deus quem possui a perfeição infinita em todas as coisas, esta proposição: “Seja perfeitos, como perfeito é o Pai celestial”, se for tomada ao pé da letra, implicaria a possibilidade de se atingir a perfeição absoluta. Se fosse dado à criatura ser tão perfeita quanto o Criador, ela se tornaria ela igual a este, o que é inadmissível. Mas, os homens a quem Jesus falava não compreenderiam essa tonalidade, pelo que Ele se limitou a lhes apresentar um modelo e a dizer que eles se esforçassem para alcançar.

Portanto, por aquelas palavras devemos entender no sentido da perfeição relativa, a de que a Humanidade é capaz e que mais a aproxima da Divindade. Em que consiste essa perfeição? Jesus diz: “Em amarmos os nossos inimigos, em fazermos o bem aos que nos odeiam, em orarmos pelos que nos perseguem”. Mostra desse modo que a essência da perfeição é a caridade na sua mais ampla acepção, porque implica a prática de todas as outras virtudes.

Com efeito, se observarmos os resultados de todos os vícios e, mesmo, dos simples defeitos, reconheceremos nenhum haver que não altere mais ou menos o

sentimento da caridade, porque todos têm seu princípio no egoísmo e no orgulho, que lhes são a negação; e isso porque tudo o que sobre-excita o sentimento da personalidade destrói, ou, pelo menos, enfraquece os elementos da verdadeira caridade, que são: a benevolência, a indulgência, a abnegação e o devotamento. Não podendo o amor do próximo – levado até ao amor dos inimigos – se aliar a nenhum defeito contrário à caridade, aquele amor é sempre, portanto, indício de maior ou menor superioridade moral, donde decorre que o grau da perfeição está na razão direta da sua extensão. Foi por isso que Jesus, depois de haver dado a seus discípulos as regras da caridade, no que tem de mais sublime, lhes disse: “Sejam perfeitos, como perfeito é Pai celestial.”

O HOMEM DE BEM

3. O verdadeiro homem de bem é o que cumpre a lei de justiça, de amor e de caridade, na sua maior pureza. Se ele interroga a consciência sobre seus próprios atos, a si mesmo perguntará se violou essa lei, se não praticou o mal, se fez todo o bem *que podia*, se desprezou voluntariamente alguma ocasião de ser útil, se ninguém tem qualquer queixa dele; enfim, se fez a alguém tudo o que desejaria que lhe fizessem.

Deposita fé em Deus, na Sua bondade, na Sua justiça e na Sua sabedoria. Sabe que sem a Sua permissão nada acontece e se Lhe submete à vontade em todas as coisas.

Tem fé no futuro, razão por que coloca os bens espirituais acima dos bens temporais.

Sabe que todas as atribulações da vida, todas as dores, todas as decepções são provas ou expiações e as aceita sem murmurar.

Possuído do sentimento de caridade e de amor ao próximo, faz o bem pelo bem, sem esperar pagamento algum; retribui o mal com o bem, toma a defesa do fraco contra o forte, e sacrifica sempre seus interesses à justiça.

Encontra satisfação nos benefícios que espalha, nos serviços que presta, em fazer os outros felizes, nas lágrimas que enxuga, nas consolações que dirige aos aflitos. Seu primeiro impulso é para pensar nos outros, antes de pensar em si, é para cuidar dos interesses dos outros antes do seu próprio interesse. O egoísta, ao contrário, calcula os proveitos e as perdas decorrentes de toda ação generosa.

O homem de bem é bom, humano e benevolente para com todos, sem distinção *de raças, nem de crenças*, porque em todos os homens vê irmãos seus.

Respeita nos outros todas as convicções sinceras e não lança maldição aos que não pensam como ele.

Em todas as circunstâncias, toma por guia a caridade, tendo como certo que aquele que prejudica a alguém com palavras maldosas, que fere com o seu orgulho e o seu desprezo a raiva de alguém, que não recua à ideia de causar um sofrimento, uma contrariedade, ainda que ligeira, quando a pode evitar, falta ao dever de amar o próximo e não merece a clemência do Senhor.

Não alimenta ódio, nem rancor, nem desejo de vingança; a exemplo de Jesus, perdoa e esquece as ofensas e só dos benefícios se lembra, por saber que

perdoado lhe será conforme houver perdoado.

É indulgente para as fraquezas alheias, porque sabe que também necessita de indulgência e tem presente esta sentença do Cristo: “Atire-lhe a primeira pedra aquele que se achar sem pecado.”

Nunca se contenta em rebuscar os defeitos alheios, nem, ainda, em exibí-los. Se a isso se vê obrigado, procura sempre o bem que possa atenuar o mal.

Estuda suas próprias imperfeições e trabalha sem cessar em combatê-las. Emprega todos os esforços para dizer, no dia seguinte, que alguma coisa traz em si de melhor do que na véspera.

Não procura dar valor ao seu espírito, nem aos seus talentos, a custas dos outros; ao revés, aproveita todas as ocasiões para fazer ressaltar o que seja proveitoso o próximo.

Não se envaidece da sua riqueza, nem de suas vantagens pessoais, por saber que tudo o que lhe foi dado pode ser-lhe tirado.

Usa, mas não abusa dos bens que lhe são concedidos, sabe que é um depósito de que terá de prestar contas e que o mais prejudicial emprego que lhe pode dar é o de aplicá-lo à satisfação de suas paixões.

Se a ordem social colocou sob o seu mando outros homens, trata-os com bondade e benevolência, porque são seus iguais perante Deus; usa da sua autoridade para lhes levantar o moral e não para esmagá-los com o seu orgulho. Evita tudo quanto lhes possa tornar mais penosa a posição dependente em que se encontram.

O subordinado, de sua parte, compreende os deveres da posição que ocupa e se empenha em cumpri-los com consciência (Cap. XVII, nº 9).

Finalmente, o homem de bem respeita todos os direitos que aos seus semelhantes dão as leis da Natureza, como quer que sejam respeitados os seus.

Não ficam assim enumeradas todas as qualidades que distinguem o homem de bem; mas, aquele que se esforce por possuir as que acabamos de mencionar, se acha no caminho que conduz a todas as demais.

OS BONS ESPÍRITAS

4. Se for bem compreendido – e sobretudo bem sentido –, o Espiritismo leva aos resultados acima expostos, que caracterizam o verdadeiro espírita, como o cristão verdadeiro, pois que um é o mesmo que o outro. O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, capacitando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.

Entretanto, muitos dos que acreditam nos fatos das manifestações não percebem as consequências delas, nem o alcance moral, ou, se os apreendem, não os aplicam a si mesmos. A que atribuir isso? A alguma falta de clareza da Doutrina? Não, pois que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações. A clareza é da sua essência mesma e é donde lhe vem toda a força, porque a faz ir direito à inteligência. Nada tem de misteriosa e seus iniciados não se acham de posse de qualquer segredo, oculto ao vulgo.

Será então necessária, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, tanto que há homens de notória capacidade que não a compreendem,

ao passo que inteligências comuns, moços mesmo, apenas saídos da adolescência, lhes entendem, com admirável precisão, os mais delicados detalhes. Isso vem de que a parte *material* da ciência – por assim dizer – somente requer olhos que observem, enquanto a parte *essencial* exige um certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar *maturidade do senso moral*, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é relativa ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encarnado.

Em alguns, ainda muito fortes são os laços da matéria para permitirem que o Espírito se desprenda das coisas da Terra; a névoa que os envolve tira-lhes a visão do infinito, donde resulta não romperem facilmente com as suas tendências, nem com seus hábitos, não percebendo que exista qualquer coisa melhor do que aquilo de que são dotados. Têm a crença nos Espíritos como um simples fato, mas que nada ou bem pouco lhes modifica os pendores instintivos. Numa palavra: não enxergam mais do que um raio de luz, insuficiente a guiá-los e a lhes permitir uma vigorosa aspiração, capaz de lhes superar as tentações. Prendem-se mais aos fenômenos do que à moral, que se lhes afigura tédio e monótona. Pedem sem parar aos Espíritos que os iniciem em novos mistérios, sem procurar saber se já se tornaram dignos de penetrar os mistérios do Criador. Esses são os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem, ou então guardam as suas simpatias para os que lhes compartilham das fraquezas ou das prevenções. Contudo, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará mais fácil o segundo, noutra existência.

Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes. Em suma: *é tocado no coração*, pelo que se torna nele inabalável sua fé. Um é igual a um músico a quem alguns acordes bastam para comover, ao passo que outro apenas ouve sons. ***Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.*** Enquanto um se contenta com o seu horizonte limitado, outro, que apreende alguma coisa de melhor, se esforça por desligar-se dele e sempre o consegue, se tem firme a vontade.

PARÁBOLA DO SEMEADOR

5. Naquele mesmo dia, tendo saído de casa, Jesus sentou-se à beira do mar; logo se reuniu grande multidão ao Seu redor; então Ele entrou numa barca, onde se sentou, permanecendo na margem todo o povo. Disse então muitas coisas por parábolas, falando-lhes assim:

“O semeador saiu a semear; e, semeando, uma parte da semente caiu ao longo do caminho e os pássaros do céu vieram e a comeram. Outra parte caiu em lugares pedregosos onde não havia muita terra; as sementes logo brotaram, porque carecia de profundidade a terra onde haviam caído. Mas, levantando-se, o Sol as queimou e, como não tinham raízes, secaram. Outra parte caiu entre espinheiros e estes, crescendo, as abafaram. Outra, finalmente, caiu em terra boa e produziu frutos, dando algumas sementes cem por um, outras sessenta e outras trinta. Ouça quem tem ouvidos de ouvir”.

(MATEUS, 13:1 a 9)

“Escutem, vocês, a parábola do semeador”:

“Aquele que escuta a palavra do reino e não lhe dá atenção, vem o espírito maligno e tira o que lhe fora semeado no coração. Esse é o que recebeu a semente ao longo do caminho. Aquele que recebe a semente em meio das pedras é o que escuta a palavra e que a recebe com alegria no primeiro momento. Mas, não tendo nele raízes, dura apenas algum tempo. Em sobrevindo tormentos e perseguições por causa da palavra, ele tira daí motivo de escândalo e de queda. Aquele que recebe a semente entre espinheiros é o que ouve a palavra; mas, em quem, logo, os cuidados deste século e a ilusão das riquezas abafam aquela palavra e a tornam infrutífera. Porém aquele que recebe a semente em boa terra é o que escuta a palavra, que lhe presta atenção e em quem ela produz frutos, dando cem ou sessenta, ou trinta por um”.

(MATEUS, 13:18 a 23)

6. A parábola do semeador exprime perfeitamente os entretrens existentes na maneira de serem utilizados os ensinamentos do Evangelho. Com efeito, quantas pessoas há, para as quais não passa ele de letra morta e que, como a semente caída sobre pedregulhos, nenhum fruto dá! Não menos aplicação justa ela encontra nas diferentes categorias espíritas. Não se acham simbolizados nela os que apenas se focalizam nos fenômenos materiais e nenhuma consequência tiram deles, porque neles mais não veem do que fatos curiosos? Os que apenas se preocupam com o lado brilhante das comunicações dos Espíritos, pelas quais só se interessam quando lhes satisfazem à imaginação, e que, depois de as terem ouvido, se conservam tão frios e indiferentes quanto eram? Os que reconhecem muito bons os conselhos e os admiram, mas para serem aplicados aos outros e não a si próprios? Aqueles, finalmente, para os quais essas instruções são como a semente que cai em terra boa e dá frutos?

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

O DEVER

7. O dever é a obrigação moral da criatura para consigo mesma, primeiro, e, em seguida, para com os outros. O dever é a lei da vida. Com ele deparamos nas mais ínfimas particularidades, como nos atos mais elevados. Quero aqui falar apenas do dever moral e não do dever que as profissões impõem.

Na ordem dos sentimentos, o dever é muito difícil de cumprir-se, por se achar em antagonismo com as atrações do interesse e do coração. Não têm testemunhas as suas vitórias e não estão sujeitas à repressão suas derrotas. O dever íntimo do homem fica entregue ao seu livre-arbítrio. O ferrão da consciência – guardião da honestidade interior – o adverte e sustenta; mas, muitas vezes, mostra-se impotente diante das ilusões da paixão. Fielmente observado, o dever do coração eleva o homem; mas, como determiná-lo com exatidão? Onde começa ele? Onde termina? *O dever começa, para cada um de vós, exatamente no ponto em que ameaçam a felicidade ou a tranquilidade do seu próximo; acaba no limite que não desejam que ninguém transponha com relação a vocês.*

Deus criou todos os homens iguais para a dor. Pequenos ou grandes, ignorantes ou instruídos, sofrem todos pelas mesmas causas, a fim de que cada um julgue em sua consciência o mal que pode fazer. Com relação ao bem, infinitamente

vário nas suas expressões, não é o mesmo o critério. *Diante da dor, a igualdade é uma sublime providência de Deus, que quer que todos os seus filhos, sendo instruídos pela experiência comum, não pratiquem o mal, alegando ignorância de seus efeitos.*

O dever é o resumo prático de todas as especulações morais; é uma bravura da alma que enfrenta as angústias da luta; é rigoroso e brando; pronto a se dobrar para as mais diversas complicações, conserva-se inflexível diante das suas tentações. *O homem que cumpre o seu dever ama a Deus mais do que as criaturas e ama as criaturas mais do que a si mesmo.* É a um tempo juiz e escravo em causa própria.

O dever é o mais belo prêmio da razão; descende desta como o filho vem de sua mãe. O homem tem de amar o dever, não porque preserve a vida de males, males aos quais a Humanidade não pode subtrair-se, mas porque confere à alma o vigor necessário ao seu desenvolvimento.

O dever cresce e irradia sob mais elevada forma, em cada um dos estágios superiores da Humanidade. A obrigação moral da criatura para com Deus jamais acaba. Tem de refletir as virtudes do Eterno, que não aceita esboços imperfeitos, porque quer que a beleza da sua obra resplandeça a seus próprios olhos.

Lázaro (Paris, 1863)

A VIRTUDE

8. A virtude, no mais alto grau, é o conjunto de todas as qualidades essenciais que constituem o homem de bem. Ser bom, caritativo, trabalhador, sério, modesto, são qualidades do homem virtuoso. Infelizmente, quase sempre as acompanham pequenas enfermidades morais que as desornam e atenuam. Não é virtuoso aquele que faz ostentação da sua virtude, pois que lhe falta a qualidade principal: a modéstia, e tem o vício que mais se opõe a ele: o orgulho. A virtude, verdadeiramente digna desse nome, não gosta de se exibir. Adivinham-na; ela, porém, se oculta na obscuridade e foge à admiração das massas. S. Vicente de Paulo era virtuoso; eram virtuosos o digno cura d’Ars e muitos outros quase desconhecidos do mundo, mas conhecidos de Deus. Todos esses homens de bem ignoravam que fossem virtuosos; deixavam-se ir ao sabor de suas santas inspirações e praticavam o bem com desinteresse, completo e inteiro esquecimento de si mesmos.

É a essa virtude compreendida e praticada que os convido, meus filhos; a essa virtude verdadeiramente cristã e verdadeiramente espírita é que os estimo a se consagrar. Entretanto, afastem dos corações tudo o que seja orgulho, vaidade, amor-próprio, que sempre desadornam as mais belas qualidades. Não imitam o homem que se apresenta como modelo e, ele próprio, exalta suas qualidades a todos os ouvidos bondosos. A virtude que assim se ostenta esconde muitas vezes uma imensidade de pequenas maldades e de odiosas covardias.

Em princípio, o homem que se exalta, que ergue uma estátua à sua própria virtude, por esse simples fato, anula todo mérito real que possa ter. Entretanto, que direi daquele cujo único valor consiste em parecer o que não é? Admito de boa mente que o homem que pratica o bem experimenta uma satisfação íntima em seu coração; mas, desde que tal satisfação se exteriorize, para colher elogios, degenera

em amor-próprio.

Vocês todos a quem a fé espírita aqueceu com seus raios, e que sabem o quanto o homem está longe da perfeição, jamais esbarrem em semelhante obstáculo. A virtude é uma graça que desejo a todos os espíritas sinceros. Contudo, direi a vocês: mais vale pouca virtude com modéstia, do que muita com orgulho. Pelo orgulho é que as Humanidades sucessivamente se perdem; pela humildade é que um dia elas hão de se redimir.

François-Nicolas-Madeleine (Paris, 1863)

OS SUPERIORES E OS INFERIORES

9. A autoridade, tanto quanto a riqueza, é uma missão de que aquele que se ache dela investido terá de prestar contas. Não julguem que ela lhe seja conferida para lhe proporcionar o vão prazer de mandar; nem como um direito, uma propriedade – conforme o supõe a maioria dos poderosos da Terra. Aliás, Deus lhes prova constantemente que não é nem uma nem outra coisa, pois que a retira deles quando Lhe agrada. Se fosse um privilégio exclusivo às suas personalidades, seria inalienável. A ninguém cabe dizer que uma coisa lhe pertence, quando lhe pode ser tirada sem seu consentimento. Deus confere a autoridade a título de *missão*, ou de prova, quando o entende, e a retira quando julga conveniente.

Quem quer que seja depositário de autoridade, seja qual for a sua extensão, desde a do senhor sobre o seu servo, até a do soberano sobre o seu povo, não deve esquecer que tem almas a seu cargo; que responderá pela boa ou má diretriz que dê aos seus subordinados e que sobre ele recairão as faltas que estes cometam, os vícios a que sejam arrastados em consequência dessa diretriz ou dos *maus exemplos*, do mesmo modo que colherá os frutos da solicitude que empregar para os conduzir ao bem. Todo homem tem na Terra uma missão, grande ou pequena; qualquer que ela seja, sempre lhe é dada para o bem; falsificá-la em seu princípio é, pois, falir ao seu desempenho.

Assim como pergunta ao rico: “Que fez da riqueza que nas tuas mãos deveria ser um manancial a espalhar a fecundidade ao teu redor”, também Deus inquirirá daquele que disponha de alguma autoridade: “Que uso fez dessa autoridade? Que males evitou? Que progresso patrocinou? Se te dei subordinados, não foi para que os fizesse escravos da tua vontade, nem instrumentos dóceis aos teus caprichos ou à tua ambição; fiz-te forte e confiei-te os que eram fracos, para que os amparasse e ajudasse a subir ao meu seio.”

O superior, que se ache compenetrado das palavras do Cristo, não despreza a nenhum dos que lhe estejam submetidos, porque sabe que as distinções sociais não prevalecem às vistas de Deus. O Espiritismo lhe ensina que, se eles hoje lhe obedecem, talvez já lhe tenham dado ordens, ou poderão dar-lhas mais tarde, e que ele então será tratado conforme os tenha tratado, quando sobre eles exercia autoridade.

Mas, se o superior tem deveres a cumprir, o inferior, de seu lado, também os tem e não menos sagrados. Se for espírita, sua consciência ainda mais imperiosamente lhe dirá que não pode considerar-se dispensado de cumpri-los, nem

mesmo quando o seu chefe deixe de dar cumprimento aos que lhe pertencem, pois sabe muito bem que não é lícito retribuir o mal com o mal e que as faltas de uns não justificam as de outro. Se a sua posição lhe acarreta sofrimentos, reconhecerá que sem dúvida os mereceu, porque, provavelmente, abusou da autoridade que tinha noutra ocasião, cabendo-lhe, portanto, experimentar a seu turno o que fizera que os outros sofressem. Vendo-se forçado a suportar essa posição, por não encontrar outra melhor, o Espiritismo lhe ensina a resignar-se, como sendo isso uma prova para a sua humildade, necessária ao seu adiantamento. Sua crença lhe orienta a conduta e o induz a proceder como quereria que seus subordinados procedessem para com ele, caso fosse o chefe. Por isso mesmo, mais escrupuloso se mostra no cumprimento de suas obrigações, pois compreende que toda negligência no trabalho que lhe está determinado resulta em prejuízo para aquele que o remunera e a quem deve ele o seu tempo e os seus esforços. Numa palavra: solicita-o o sentimento do dever, oriundo da sua fé, e a certeza de que todo afastamento do caminho reto implica uma dívida que, cedo ou tarde, terá de pagar.

François-Nicolas-Madeleine Cardeal *Morlot* (Paris, 1863)

O HOMEM NO MUNDO

10. Um sentimento de piedade deve sempre animar o coração dos que se reúnem sob as vistas do Senhor e imploram a assistência dos bons Espíritos. Então, purifiquem os corações; não deixem que neles demore qualquer pensamento mundano ou fútil. Elevem o espírito até aqueles por quem chamam, a fim de que, encontrando em vocês as necessárias disposições, possam lançar em abundância a semente que é preciso que germine em suas almas e dê frutos de caridade e justiça.

Todavia, não julguem que, exortando-se à prece e à evocação mental sem parar, pretendamos que vivam uma vida mística, que se conserve fora das leis da sociedade onde estão condenados a viver. Não; vivam com os homens da sua época, como devem viver os homens. Sacrifiquem às necessidades, mesmo às frivolidades do dia, mas sacrifiquem com um sentimento de pureza que as possa santificar.

São chamados a estar em contato com Espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choquem a nenhum daqueles com quem estiverem. Sejam joviais, sejam alegres, mas que sua jovialidade seja a que vem de uma consciência limpa, que a sua ventura seja a do herdeiro do Céu que conta os dias que faltam para entrar na posse da sua herança.

A virtude não consiste em assumirem aspecto severo e triste, em repelirem os prazeres que as suas condições humanas os permitem. Basta que voltem todos os atos da sua vida ao Criador que a deu a vocês; basta que, quando começarem ou acabarem uma obra, elevem o pensamento a esse Criador e Lhe peçam, num voo d'alma, ou a Sua proteção para que obtenham êxito, ou a Sua bênção para ela, se a concluíram. Em tudo o que fizerem, voltem à Fonte de todas as coisas, para que nenhuma de suas ações deixe de ser purificada e santificada pela lembrança de Deus.

Como disse o Cristo, a perfeição está toda na prática da caridade absoluta; mas, os deveres da caridade alcançam todas as posições sociais, desde o menor até o maior. Nenhuma caridade teria a praticar o homem que vivesse isolado. Unicamente

no contato com os seus semelhantes, nas lutas mais árduas é que ele encontra ensejo de praticá-la. Aquele, pois, que se isola priva-se voluntariamente do mais poderoso meio de aperfeiçoar-se; não tendo de pensar senão em si, sua vida é a de um egoísta (Cap. V, n° 26).

Portanto, não pensem que, para viverem em comunicação constante conosco, para viverem sob as vistas do Senhor, seja preciso que se martirizem e se cubram de cinzas. Não, não, ainda uma vez dizemos. Sejam ditosos, segundo as necessidades da Humanidade; mas, que jamais na sua felicidade entre um pensamento ou um ato que o possa ofender, ou fazer se vele o semblante dos que os amam e dirigem. Deus é amor, e abençoa aqueles que amam santamente.

Um Espírito Protetor (Bordéus, 1863)

CUIDAR DO CORPO E DO ESPÍRITO

11. A perfeição moral estará na maceração⁵¹ do corpo? Para resolver essa questão, me apoiarei em princípios elementares e começarei por demonstrar a necessidade de cuidar do corpo que, segundo as alternativas de saúde e de enfermidade, influi de maneira muito importante sobre a alma, que deve se considerar cativa da carne. Para que essa prisioneira viva, se expanda e chegue mesmo a conceber as ilusões da liberdade, o corpo tem de estar saudável, disposto, forte. Façamos uma comparação: Eis se acham ambos em perfeito estado; que devem fazer para manter o equilíbrio entre as suas aptidões e as suas necessidades tão diferentes? Inevitável parece a luta entre os dois e difícil achar-se o segredo de como chegarem a equilíbrio.

Dois sistemas se defrontam: o dos **ascetas**, que tem por base o aniquilamento do corpo, e o dos **materialistas**, que se baseia no rebaixamento da alma – duas violências quase tão insensatas uma quanto a outra. Ao lado desses dois grandes partidos, formiga a numerosa tribo dos indiferentes que, sem convicção e sem paixão, são mornos no amar e econômicos no gozar. Onde está, então, a sabedoria? Onde está, então, a ciência de viver? Em parte alguma; e o grande problema ficaria sem solução, se o Espiritismo não viesse em auxílio dos pesquisadores, demonstrando-lhes as relações que existem entre o corpo e a alma e dizendo-lhes que, por se acharem em dependência mútua, importa cuidar de ambos. Amem a própria alma, porém, cuidem igualmente do seu corpo – que é instrumento daquela. Desatender as necessidades que a própria Natureza indica, é desatender a lei de Deus. Não castiguem o corpo pelas faltas que o seu livre-arbítrio o induziu a cometer e pelas quais é ele tão responsável quanto o cavalo mal dirigido, pelos acidentes que causa. Porventura, serão mais perfeitos se, martirizando o corpo, não se tornarem menos egoístas, nem menos orgulhosos e mais caritativos para com o próximo? Não, a perfeição não está nisso: está toda nas reformas por que fizerem passar o seu Espírito. Dobrem, submetam, humilhem e mortifiquem o espírito: esse o meio de o tornarem dócil à vontade de Deus e o único caminho de alcançarem a perfeição.

Jorge Espírito Protetor. (Paris, 1863)

⁵¹ **Maceração:** ato de se sacrificar fisicamente, penitenciar-se na tentativa de pagar os pecados – N. E.

CAPÍTULO XVIII

MUITOS OS CHAMADOS, POUCOS OS ESCOLHIDOS

- PARÁBOLA DO FESTIM DE BODAS
- A PORTA ESTREITA
- NEM TODOS OS QUE DIZEM “SENHOR! SENHOR!” ENTRARÃO NO REINO DOS CÉUS
- MUITO SE PEDIRÁ ÀQUELE QUE MUITO RECEBEU

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- SERÁ DADO ÀQUELE QUE TEM
- PELAS SUAS OBRAS É QUE SE RECONHECE O CRISTÃO

PARÁBOLA DO FESTIM DE BODAS

1. Falando ainda por parábolas, disse-lhes Jesus: “O reino dos céus se assemelha a um rei que, querendo festejar as bodas⁵² de seu filho, despachou seus servos a chamar para as bodas os que tinham sido convidados; estes, porém, recusaram ir. O rei despachou outros servos com ordem de dizer da sua parte aos convidados: ‘Preparei o meu jantar; mandei matar os meus bois e todos os meus cevados; tudo está pronto; vinham às bodas’. Eles, porém, sem se incomodarem com isso, lá se foram, um para a sua casa de campo, outro para o seu negócio. Os outros pegaram dos servos e os mataram, depois de lhes haverem feito muitos agravos. Sabendo disso, o rei se tomou de ira e, mandando contra eles seus exércitos, exterminou os assassinos e lhes queimou a cidade. Então, disse a seus servos: ‘A festa das bodas está inteiramente preparado; mas, os que foram chamados para ela não eram dignos dela. Pois, vão às encruzilhadas e chamem para as bodas todos quantos encontrarem’. Os servos então saíram pelas ruas e trouxeram todos os que iam encontrando, bons e maus; a sala das bodas se encheu de pessoas que se puseram à mesa. Entrou, em seguida, o rei para ver os que estavam à mesa, e, dando com um homem que não vestia a túnica nupcial disse-lhe: ‘Meu amigo, como entrou aqui sem a túnica nupcial?’ O homem guardou silêncio. Então, o rei disse à sua gente: ‘Atem-lhe as mãos e os pés e lancem-no nas trevas exteriores: aí é que haverá prantos e ranger de dentes’. Pois, muitos são chamados, mas poucos escolhidos”.

(MATEUS, 22:1 a 14)

⁵² Bodas: festa de casamento – N. E.

2. O incrédulo sorri desta parábola, que lhe parece de infantil ingenuidade, por não compreender que se possa opor tanta dificuldade para assistir a uma festa e, ainda menos, que convidados levem a resistência a ponto de massacrarem os enviados do dono da casa. “As parábolas”, diz ele, o incrédulo, “são, sem dúvida, imagens; mas, ainda assim, se torna necessário que não ultrapassem os limites da verdade”.

Outro tanto pode ser dito de todas as alegorias, das mais engenhosas fábulas, se não lhes forem tirados os respectivos envoltórios, para ser achado o sentido oculto. Jesus contava as suas com os hábitos mais vulgares da vida e as adaptava aos costumes e ao caráter do povo a quem falava. A maioria delas tinha por objetivo fazer penetrar nas massas populares a ideia da vida espiritual, parecendo muitas compreensíveis, quanto ao sentido, apenas por não se colocarem neste ponto de vista os que as interpretam.

Na parábola de que tratamos, Jesus compara o reino dos Céus – onde tudo é alegria e ventura – a um festim. Falando dos primeiros convidados, refere-se aos hebreus, que foram os primeiros chamados por Deus ao conhecimento da Sua Lei. Os enviados do rei são os profetas que os vinham exortar a seguir a trilha da verdadeira felicidade; suas palavras, porém, quase não eram escutadas; suas advertências eram desprezadas; muitos foram mesmo massacrados, como os servos da parábola. Os convidados que se desculpam, com o pretexto de terem de ir cuidar de seus campos e de seus negócios, simbolizam as pessoas mundanas que, absorvidas pelas coisas terrenas, se conservam indiferentes às coisas celestes.

Era crença comum aos judeus de então que a nação deles tinha de alcançar supremacia sobre todas as outras. Deus, com efeito, não prometera a Abraão que a sua posteridade cobriria toda a Terra? Mas, como sempre, atendo-se à forma, sem atentarem ao fundo, eles acreditavam tratar-se de uma dominação efetiva e material.

Antes da vinda do Cristo, com exceção dos hebreus, todos os povos eram *idólatras* e *politeístas*⁵³. Se alguns homens superiores ao comum conceberam a ideia da unidade de Deus, essa ideia permaneceu no estado de sistema pessoal, em parte nenhuma foi aceita como verdade fundamental, a não ser por alguns iniciados que ocultavam seus conhecimentos sob um véu de mistério, impenetrável para as massas populares. Os hebreus foram os primeiros a praticar publicamente o *monoteísmo*⁵⁴; é a eles que Deus transmite a sua lei, primeiramente por via de Moisés, depois por intermédio de Jesus. Foi daquele pequenino foco que partiu a luz destinada a se espalhar pelo mundo inteiro, a triunfar do paganismo e a dar a Abraão uma posteridade *espiritual* “tão numerosa quanto as estrelas do firmamento”. Entretanto, abandonando de todo a idolatria, os judeus desprezaram a lei moral, para se aferrarem ao mais fácil: a prática do culto exterior. O mal chegara ao cúmulo; a nação, além de escravizada, era esfacelada pelas facções e dividida pelas seitas; a incredulidade atingira mesmo o santuário. Foi então que apareceu Jesus, enviado para chamá-los à observância da Lei e para lhes rasgar os horizontes novos da vida futura. Dos *primeiros* a ser convidados para o grande banquete da fé universal, eles repeliram a palavra do Messias celeste e o sacrificaram. Perderam assim o fruto que teriam colhido da iniciativa que lhes coubera.

Contudo, seria injusto acusarmos o povo inteiro de tal estado de coisas. A

⁵³ **Idólatra** e **politeísta**: aquele que crê e adora outros ídolos e deuses – N. E.

⁵⁴ **Monoteísmo**: crença e adoração a um só Deus – N. E.

responsabilidade tocava principalmente aos fariseus e saduceus, que sacrificaram a nação por efeito do orgulho e do fanatismo de uns e pela incredulidade dos outros. São, pois, eles, sobretudo, que Jesus identifica nos convidados que recusam comparecer ao festim das bodas. Depois, acrescenta: “Vendo isso, o Senhor mandou convidar a todos os que fossem encontrados nas encruzilhadas, bons e maus.” Queria dizer desse modo que a palavra ia ser pregada a todos os outros povos, pagãos e idólatras, e estes, acolhendo-a, seriam admitidos ao festim, em lugar dos primeiros convidados.

Mas não basta a ninguém ser convidado; não basta dizer-se cristão, nem sentar-se à mesa para tomar parte no banquete celestial. É preciso, antes de tudo e sob condição expressa, estar revestido da túnica nupcial, isto é, ter o coração puro e cumprir a lei segundo o espírito. Ora, a lei toda se contém nestas palavras: *Fora da caridade não há salvação*. Mas, entre todos que ouvem a palavra divina, como são poucos são os que a guardam e a aplicam proveitosamente! Como são poucos os que se tornam dignos de entrar no reino dos céus! Eis por que disse Jesus: *Muitos serão chamados; no entanto, poucos serão os escolhidos*.

A PORTA ESTREITA

3. “Entrem pela porta estreita, porque a porta da perdição é larga e espaçoso é o caminho que conduz a ela, e muitos são os que por ela entram. Como é pequena a porta da vida, como é apertado o caminho que conduz a ela e como são poucos os que a encontram!”

(MATEUS, 7:13 e 14)

4. Tendo alguém feito esta pergunta a Jesus: “Senhor, serão poucos os que se salvam?” Respondeu Ele: “Esforcem-se para entrar pela porta estreita, pois asseguro que muitos procurarão transpô-la e não o poderão. E quando o pai de família houver entrado e fechado a porta, e vocês, de fora, começarem a bater, dizendo: ‘Senhor, abra a porta para nós’; ele lhes responderá: ‘Não sei donde são’. Passarão a dizer: ‘Comemos e bebemos na tua presença e nos ensinou nas nossas praças públicas’. Ele responderá: ‘Não sei donde são; afastem-se de mim, todos vocês que praticam a maldade. Então, haverá prantos e ranger de dentes, quando virem que Abraão, Isaac, Jacob e todos os profetas estão no reino de Deus e que vocês são expelidos dele. Virão muitos do Oriente e do Ocidente, do Norte e do Sul, que participarão do festim no reino de Deus. Então, os que forem últimos serão os primeiros e os que forem primeiros serão os últimos”.

(LUCAS, 13:23 a 30)

5. Larga é a porta da perdição, porque são numerosas as paixões más e porque o maior número envereda pelo caminho do mal. É estreita a da salvação, porque o homem que a queira transpor é obrigado fazer a grandes esforços sobre si mesmo, para vencer suas más tendências, coisa a que poucos se resignam. É o complemento da máxima: “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.”

Tal o estado da Humanidade terrena, porque, sendo a Terra mundo de expiação, nela predomina o mal. Quando se achar transformada, a estrada do bem será a mais frequentada. Aquelas palavras devem, pois, entender-se em sentido relativo e não em sentido absoluto. Se tivesse de ser esse o estado normal da Humanidade, Deus teria condenado a imensa maioria das suas criaturas à perdição, suposição inadmissível, desde que se reconheça que Deus é todo justiça e bondade.

Mas, de que delitos esta Humanidade se fez feita culpada para merecer tão triste sorte, no presente e no futuro, se toda ela se achasse deportada na Terra e se a alma não tivesse tido outras existências? Por que tantos entraves postos diante de seus passos? Por que essa porta tão estreita que só a muito poucos é dado transpor, se a sorte da alma é determinada para sempre, logo após a morte? Assim é que, com a unicidade da existência, o homem está sempre em contradição consigo mesmo e com a justiça de Deus. Com a anterioridade da alma e a pluralidade dos mundos, o horizonte se alarga; faz-se luz sobre os pontos mais obscuros da fé; o presente e o futuro tornam-se solidários com o passado, e só então se pode compreender toda a profundidade, toda a verdade e toda a sabedoria das máximas do Cristo.

NEM TODOS OS QUE DIZEM “SENHOR! SENHOR!” ENTRARÃO NO REINO DOS CÉUS

6. “Nem todos os que me dizem ‘Senhor! Senhor!’ entrarão no reino dos céus; apenas entrará aquele que faz a vontade de meu Pai, que está nos céus. Nesse dia, muitos me dirão: ‘Senhor! Senhor! Não profetizamos em teu nome? Não expulsamos em teu nome o demônio? Não fizemos muitos milagres em teu nome?’ Eu então lhes direi em altas vozes: ‘Afastem-se de mim, vocês que fazem obras de iniquidade!’”

(MATEUS, 7:21 a 23)

7. “Pois, aquele que ouve estas minhas palavras e as pratica, será comparado a um homem prudente que construiu sobre a rocha a sua casa. Quando caiu a chuva, os rios transbordaram, sopraram os ventos sobre a casa; ela não ruiu, por estar edificada na rocha. Mas, aquele que ouve estas minhas palavras e não as pratica, se assemelha a um homem insensato que construiu sua casa na areia. Quando a chuva caiu, os rios transbordaram, os ventos sopraram e a vieram açoitara, ela foi derribada; grande foi a sua ruína”.

(MATEUS, 7:24 a 27; LUCAS, 6:46 a 49)

8. “Aquele que violar um destes menores mandamentos e que ensinar os homens a violá-los, será considerado como último no reino dos céus; mas, será grande no reino dos céus aquele que os cumprir e ensinar”.

(MATEUS, 5:19)

9. Todos os que reconhecem a missão de Jesus dizem “Senhor! Senhor!”. Mas, de que serve lhe chamarem *Mestre* ou *Senhor*, se não seguem os Seus preceitos? Os que o honram com exteriores atos de devoção e, ao mesmo tempo, sacrificam ao orgulho, ao egoísmo, à ambição e a todas as suas paixões, serão cristãos? Os que passam os dias em oração e não se mostram nem melhores, nem mais caridosos, nem mais indulgentes para com seus semelhantes, são seus discípulos? Não, pois, do mesmo modo que os fariseus, eles têm a prece nos lábios e não no coração. Pela forma poderão impor-se aos homens; não, porém, a Deus. Em vão dirão a Jesus: “Senhor! não profetizamos, isto é, não ensinamos em teu nome; não expulsamos em teu nome os demônios; não comemos e bebemos contigo?” Ele lhes responderá: “Não sei quem são; afastem-se de mim, vocês que cometem iniquidades, vocês que desmentem com os atos o que dizem com os lábios, que caluniam o próximo, que roubam as viúvas e cometem adultério. Afastem-se de mim, vocês cujo coração destila ódio e fel, que derramam o sangue dos seus irmãos em meu nome, que fazem correr lágrimas, em vez de secá-las. Para vocês haverá prantos e ranger de dentes,

pois o reino de Deus é para os que são brandos, humildes e caridosos. Não esperem dobrar a justiça do Senhor pela multiplicidade das suas palavras e dos seus sacrifícios. O caminho único que está aberto para vocês, para acharem graça perante ele, é o da prática sincera da lei de amor e de caridade.”

As palavras de Jesus são eternas porque são a verdade. Constituem não só a salvaguarda da vida celeste, mas também o penhor da paz, da tranquilidade e da estabilidade nas coisas da vida terrestre. Eis por que todas as instituições humanas, políticas, sociais e religiosas, que se apoiarem nessas palavras, serão estáveis como a casa construída sobre a rocha. Os homens as conservarão, porque se sentirão felizes nelas. As que, porém, forem uma violação daquelas palavras, serão como a casa edificada na areia: o vento das renovações e o rio do progresso as arrastarão.

MUITO SE PEDIRÁ ÀQUELE QUE MUITO RECEBEU

10. “O servo que souber da vontade do seu patrão e que, entretanto, não estiver pronto e não fizer o que o patrão queira dele, será rudemente castigado. Mas, aquele que não tenha sabido da sua vontade e fizer coisas dignas de castigo menos punido será. Muito se pedirá àquele a quem muito se tiver dado e maiores contas serão tomadas àquele a quem mais coisas se tenha confiado”.

(LUCAS, 12:47-48)

11. “**Vim a este mundo para exercer um juízo, a fim de que os que não veem vejam e os que veem se tornem cegos**”. Alguns fariseus que estavam com Jesus, ouvindo essas palavras, perguntaram a Ele: “Então, nós também somos cegos?” Respondeu-lhes Jesus: “**Se fossem cegos, não teriam pecados; mas, agora, dizem que enxergam e é por isso que em vocês permanece o seu pecado**”.

(JOÃO, 9:39 a 41)

12. Estes ensinamentos se aplicam principalmente ao ensino dos Espíritos. Quem quer que conheça os preceitos do Cristo e não os pratique, é certamente culpado; contudo, além do Evangelho, que os contém, achar-se espalhado somente no seio das seitas cristãs, mesmo dentro destas quantos há que não o leem, e, entre os que o leem, quantos os que o não compreendem! Resulta daí que as próprias palavras de Jesus são perdidas para a maioria dos homens.

O ensino dos Espíritos, reproduzindo essas máximas sob diferentes formas, desenvolvendo-as e comentando-as, para pô-las ao alcance de todos, tem isto de particular: não é restrito; todos, letrados ou iletrados, crentes ou incrédulos, cristãos ou não, o podem receber, pois que os Espíritos se comunicam por toda parte. Nenhum dos que o recebam, diretamente ou por intermédio de alguém, pode alegar ignorância; não se pode desculpar nem com a falta de instrução, nem com a obscuridade do sentido alegórico. Aquele, portanto, que não aproveita essas máximas para se melhorar, que as admira como coisas interessantes e curiosas, sem que lhe toquem o coração, que não se torna nem menos vão, nem menos orgulhoso, nem menos egoísta, nem menos apegado aos bens materiais, nem melhor para seu próximo, é mais culpado, porque tem mais meios de conhecer a verdade.

Os médiuns que obtêm boas comunicações ainda são mais reprováveis, se persistem no mal, porque muitas vezes escrevem sua própria condenação e porque, se não os cegasse o orgulho, reconheceriam que a eles é que se dirigem os Espíritos.

Mas, em vez de tomarem para si as lições que escrevem, ou que leem escritas por outros, têm por única preocupação aplicá-las aos demais, confirmando assim estas palavras de Jesus: “Enxergam um argueiro no olho do seu próximo e não enxergam a trave que está no próprio olho” (Cap. X, nº 9).

Por esta sentença: “Se fossem cegos, não teriam pecados”, Jesus quis significar que o grau de culpa está na razão do entendimento que a criatura possui. Ora, os fariseus – que tinham a pretensão de ser, e eram, com efeito, os mais esclarecidos da sua nação – se mostravam mais culposos aos olhos de Deus, do que o povo ignorante. O mesmo se dá hoje.

Aos espíritas, pois, muito será pedido, porque muito têm recebido; mas, também, aos que houverem aproveitado, muito será dado.

O primeiro cuidado de todo espírita sincero deve ser o de procurar saber se, nos conselhos que os Espíritos dão, há alguma coisa que lhe diga respeito.

O Espiritismo vem multiplicar o número dos *chamados*. Pela fé que desperta, multiplicará também o número dos *escolhidos*.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

SERÁ DADO ÀQUELE QUE TEM

13. Aproximando-se de Jesus, os discípulos Lhe disseram: “*Por que fala com eles por parábolas?*” Respondendo, disse-lhes Ele: “**É porque, a vocês foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus, ao passo que a eles isso não foi dado. Porque, àquele que já tem, mais se lhe dará e ele ficará na abundância; entretanto, àquele que não tem, mesmo o que tem se lhe tirará. Por isso é que lhes falo por parábolas: porque, vendo, nada veem e, ouvindo, nada entendem, nem compreendem. Neles se cumpre a profecia de Isaías, quando diz: ‘Ouvirão com os próprios ouvidos e nada entenderão; olharão com os próprios olhos e nada verão’.”**

(MATEUS, 13:10 a 14)

14. “**Tenham muito cuidado com o que ouvem, pois usarão para com vocês da mesma medida de que tiverem servido para medir os outros, e ainda será acrescentado; pois, ao que já tem, será dado mais, e, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.**”

(MARCOS, 4:24-25)

15. “**Dá-se ao que já tem e tira-se ao que não tem**” – Meditem esses grandes ensinamentos que por vezes se parecem incompatíveis. Aquele que recebeu é o que possui o sentido da palavra divina; recebeu unicamente porque tentou tornar-se digno dela e porque o Senhor, em seu amor misericordioso, anima os esforços que tendem para o bem. Aturados e perseverantes, esses esforços atraem as graças do Senhor; são um ímã que chama a si o que é progressivamente melhor, as graças abundantes que os fazem fortes para escalar a montanha santa, em cujo cume está o repouso após o trabalho duro.

“**Tira-se ao que não tem, ou tem pouco**” – Tomem isso como um simbólico contraste. Deus não retira das suas criaturas o bem que se tenha dignado de fazer-lhes. Homens cegos e surdos, abram as suas inteligências e os seus corações! Vejam pelo espírito; ouçam pela alma e não interpretem de modo tão grosseiramente injusto as palavras d’Aquele que fez a justiça do Senhor resplandecer aos seus olhos. Não é

Deus quem retira daquele que pouco recebera: é o próprio Espírito que, por ser desregrado e descuidado, não sabe conservar o que tem e aumentar, gerando-o, a esmola que lhe caiu no coração.

Aquele que não cultiva o campo que seu pai lhe conseguiu com trabalho e que lhe coube em herança, o vê cobrir-se de ervas parasitas. É seu pai quem lhe tira as colheitas que ele não quis preparar? Se, à falta de cuidado, deixou morrer as sementes destinadas a produzir nesse campo, é a seu pai que lhe cabe acusar por elas nada produzirem? Não e não. Em vez de acusar aquele que tudo lhe preparara, de criticar as doações que recebera, queixe-se do verdadeiro autor de suas misérias e, arrependido e operoso, meta, corajoso, mãos à obra; cultivem o solo ingrato com o esforço de sua vontade; adube-o fundo com auxílio do arrependimento e da esperança; lance nele, confiante, a semente que haja separado, por boa, dentre as más; regue-o com o seu amor e a sua caridade, e Deus, o Deus de amor e de caridade, dará àquele que já recebera. Verá ele, então, coroados de êxito os seus esforços e um grão produzir cem e outro mil. Ânimo, trabalhadores! Tomem dos seus arados e das suas enxadas; lavrem os seus corações; arranquem deles a desavença; semeiem a boa semente que o Senhor lhes confia e o orvalho do amor lhe fará produzir frutos de caridade.

Um Espírito amigo (Bordéus, 1862)

PELAS SUAS OBRAS É QUE SE RECONHECE O CRISTÃO

16. “Nem todos os que me dizem *Senhor! Senhor!* entrarão no reino dos céus, mas somente aqueles que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus.”

Escutem essa palavra do Mestre, todos vocês que repelem a Doutrina Espírita como obra do demônio. Abram os ouvidos: é chegado o momento de ouvir.

Será bastante trazer a presença do Senhor, para parecer Seu fiel servidor? Bastará dizer “sou cristão” para que alguém seja um seguidor do Cristo? Procurem os verdadeiros cristãos e os reconhecerão pelas suas obras. “Uma árvore boa não pode dar maus frutos, nem uma árvore má pode dar frutos bons”. – “Toda árvore que não dá bons frutos é cortada e lançada ao fogo.” São do Mestre essas palavras. Discípulos do Cristo, compreendam bem esses ditados! Que frutos a árvore do Cristianismo deve dar, árvore possante, cujos ramos frondosos cobrem com sua sombra uma parte do mundo, mas que ainda não abrigam todos os que se hão de grupar em torno dela? Os da árvore da vida são frutos de vida, de esperança e de fé. O Cristianismo, qual o fizeram há muitos séculos, continua a pregar essas virtudes divinas; esforça-se por espalhar seus frutos, mas como são poucos os que colhem! A árvore é boa sempre, porém os jardineiros são maus. Entenderam de ajustá-la pelas suas ideias; de talhá-la de acordo com as suas necessidades; cortaram-na, diminuíram-na, mutilaram-na; tornados estéreis, seus ramos não dão maus frutos, porque não produzem mais nenhuns. O viajante sedento, que se detém sob seus galhos à procura do fruto da esperança, capaz de lhe restabelecer a força e a coragem, somente vê uma ramaria árida, renunciando tempestade. Em vão ele pede o fruto de vida à árvore da vida; caem-lhe secas as folhas; tanto a mão do homem as remexeu que as enfraqueceu.

Pois, abram os ouvidos e os corações, meus bem-amados! Cultivem essa árvore da vida, cujos frutos dão a vida eterna. Aquele que a plantou os convida a tratá-la com amor, que ainda a verão dar seus frutos divinos com fartura. Conservem-na tal como o Cristo a entregou a vocês: não a mutilem; ela quer estender a sua sombra imensa sobre o Universo: não cortem seus galhos. Seus frutos benditos caem abundantes para alimentar o viajante faminto que deseja chegar ao término da jornada; não amontoem esses frutos, para armazená-los e deixar apodrecer, a fim de que a ninguém sirvam. “Muitos são os chamados e poucos os escolhidos.” É que há usurpadores do pão da vida, como há os do pão material. Não sejam do número deles; a árvore que dá bons frutos tem que os dar para todos. Então, vão procurar os que estão famintos; levem-nos para debaixo da fronde da árvore e partilhem com eles do abrigo que ela oferece. “Não se colhem uvas nos espinheiros”. Meus irmãos, afastem-se dos que os chamam para se apresentar as sarças do caminho, sigam os que os conduzem à sombra da árvore da vida.

O divino Salvador, o justo por excelência, disse, e Suas palavras não passarão: “Nem todos os que dizem *Senhor! Senhor!* entrarão no reino dos céus; entrarão somente os que fazem a vontade de meu Pai que está nos céus”. Que o Senhor de bênçãos os abençoe; que o Deus de luz os ilumine; que a árvore da vida ofereça a vocês frutos abundantemente! Creiam e orem.

Simeão (Bordéus, 1863)

CAPÍTULO XIX

A FÉ TRANSPORTA MONTANHAS

- PODER DA FÉ
- A FÉ RELIGIOSA. CONDIÇÃO DA FÉ INABALÁVEL
- PARÁBOLA DA FIGUEIRA QUE SECOU

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- A FÉ: MÃE DA ESPERANÇA E DA CARIDADE
- A FÉ HUMANA E A DIVINA

PODER DA FÉ

1. Quando Jesus veio ao encontro do povo, um homem se aproximou e, lançando-se de joelhos a seus pés, disse: “Senhor, tenha piedade do meu filho, que é desequilibrado e sofre muito, pois cai muitas vezes no fogo e muitas vezes na água. Apresentei-o aos teus discípulos, mas eles não puderam curá-lo”. Jesus respondeu, dizendo: **“Ó raça incrédula e depravada, até quando estarei com vocês? Até quando os suportarei? Tragam-me aqui esse menino”**. E tendo Jesus ameaçado o demônio, este saiu do menino, que no mesmo instante ficou curado. Os discípulos vieram então ter com Jesus em particular e lhe perguntaram: “Por que nós não conseguimos expulsar esse demônio?” Respondeu-lhes Jesus: **“Por causa da sua falta de fé. Pois na verdade eu digo a vocês: se tivessem a fé do tamanho de um grão de mostarda, diriam a esta montanha: ‘transporta-te daí para ali’ e ela se transportaria, e nada seria impossível para vocês”**.

(MATEUS, 17:14 a 20)

2. No sentido próprio, é certo que a confiança nas suas próprias forças torna o homem capaz de executar coisas materiais, que quem duvida de si não consegue fazer. Aqui, porém, devemos entender essas palavras somente no sentido moral. As montanhas que a fé desloca são as dificuldades, as resistências, a má vontade, em suma, com que se depara da parte dos homens, ainda quando se trate das melhores coisas. Os preconceitos da rotina, o interesse material, o egoísmo, a cegueira do fanatismo e as paixões orgulhosas são outras tantas montanhas que barram o caminho a quem trabalha pelo progresso da Humanidade. A fé robusta dá a perseverança, a energia e os recursos que fazem se vençam os obstáculos, assim nas pequenas coisas, que nas grandes. Da fé vacilante resultam a incerteza e a hesitação de que se aproveitam os adversários que se têm de combater; essa fé não procura os meios de vencer, porque não acredita que possa vencer.

3. Noutra acepção, entende-se como fé a confiança que se tem na realização de uma coisa, a certeza de atingir determinado fim. Ela dá uma espécie de lucidez que permite que se veja em pensamento a meta que se quer alcançar e os meios de chegar lá, de sorte que aquele que a possui caminha, por assim dizer, com absoluta segurança. Num como noutro caso, pode ela dar lugar a que se executem grandes coisas.

A fé sincera e verdadeira é sempre calma; habilita a paciência que sabe esperar, porque, tendo seu ponto de apoio na inteligência e na compreensão das coisas, tem a certeza de chegar ao objetivo visado. A fé vacilante sente a sua própria fraqueza; quando o interesse a estimula, torna-se furiosa e julga suprir, com a violência, a força que lhe falece. A calma na luta é sempre um sinal de força e de confiança; a violência, ao contrário, demonstra fraqueza e dúvida de si mesmo.

4. Devemos não confundir a fé com a arrogância. A verdadeira fé se combina com a humildade; aquele que a possui deposita mais confiança em Deus do que em si próprio, por saber que, sendo simples instrumento da vontade divina, nada pode sem Deus. Por essa razão é que os bons Espíritos lhe vêm em auxílio. A presunção é menos fé do que orgulho, e o orgulho é sempre castigado, cedo ou tarde, pela decepção e pelos insucessos que lhe são infligidos.

5. O poder da fé se demonstra, de modo direto e especial, na ação magnética; por seu intermédio, o homem atua sobre o fluido, agente universal, modifica-lhe as qualidades e lhe dá uma impulsão por assim dizer irresistível. Daí decorre que *aquele que junta grande poder fluídico normal com uma ardente fé, pode, só pela força da sua vontade dirigida para o bem, operar esses singulares fenômenos de cura e outros*, tidos antigamente por milagres, mas que não passam de efeito de uma lei natural. Tal o motivo por que Jesus disse a Seus apóstolos: “se não o curaram, foi porque não tinham fé”.

A FÉ RELIGIOSA – CONDIÇÃO DA FÉ INABALÁVEL

6. Do ponto de vista religioso, a fé consiste na crença em dogmas especiais, que formam as diferentes religiões. Todas elas têm seus artigos de fé. Sob esse aspecto, a fé pode ser *raciocinada* ou *cega*. Nada examinando, a fé cega aceita, sem verificação, assim o verdadeiro como o falso, e a cada passo se choca com a evidência e a razão. Quando é levada ao excesso, ela produz o *fanatismo*. Apoiando-se no erro, cedo ou tarde ela desmorona; somente a fé que se baseia na verdade garante o futuro, porque nada tem a temer do progresso das luzes, dado que *o que é verdadeiro na obscuridade, também é diante da luz*. Cada religião pretende ter a posse exclusiva da verdade; *indicar a alguém a fé cega sobre um ponto de crença é confessar-se impotente para demonstrar que está com a razão*.

7. Diz-se vulgarmente que *a fé não se receita*, donde resulta que muita gente alegue que não ter fé não é sua culpa. Sem dúvida, a fé não se indica, e o que ainda é mais certo, *também não se impõe*. Não; ela se adquire e ninguém há que esteja impedido

de possuí-la, mesmo entre os mais inacessíveis. Falamos das verdades espirituais básicas e não de tal ou qual crença particular. Não é à fé que compete procurá-los; a eles é que devem ir ao seu encontro e, se a buscarem sinceramente, não deixarão de achá-la. Logo, tenham como certo que os que dizem: “nada de melhor desejamos do que crer, mas não o podemos”, apenas dizem com os lábios e não do íntimo, pois, ao dizerem isso, tapam os ouvidos. No entanto, as provas chovem ao seu derredor; por que procuram não enxergá-la? Da parte de uns, há descaso; da de outros, o temor de serem forçados a mudar de hábitos; da parte da maioria, há o orgulho, negando-se a reconhecer a existência de uma força superior, porque teria de curvar-se diante dela.

Em certas pessoas, de algum modo a fé parece natural; uma faísca basta para acendê-la. Essa facilidade de assimilar as verdades espirituais é sinal evidente de anterior progresso. Em outras pessoas, ao contrário, elas dificilmente penetram, sinal não menos evidente de naturezas atrasadas. As primeiras já creram e compreenderam; ao *renascerem*, trazem a intuição do que souberam: estão com a educação feita; as segundas tudo têm de aprender: estão com a educação por fazer. Ela, entretanto, se fará e, se não ficar concluída nesta existência, ficará em outra.

Devemos concordar que: a resistência do descrente muitas vezes provém menos dele do que da maneira como as coisas se apresentam a ele. A fé necessita de uma base, base que é a inteligência perfeita daquilo em que se deve crer. E, para crer, não basta *ver*; é preciso, sobretudo, *compreender*. A fé cega já não é deste século⁵⁵, tanto assim que precisamente o dogma da fé cega é que produz hoje o maior número dos ateus, porque ela pretende impor-se, exigindo a renúncia de um dos mais preciosos direitos do homem: o raciocínio e o livre-arbítrio. É principalmente contra essa fé que se levanta o incrédulo, e dela é que se pode, com verdade, dizer que não se prescreve. Não admitindo provas, ela deixa no espírito alguma coisa de vago, que dá nascimento à dúvida. A fé raciocinada, por se apoiar nos fatos e na lógica, não deixa nenhuma obscuridade. A criatura então crê, porque tem certeza, e ninguém tem certeza senão porque compreendeu. Eis por que não se dobra. ***Fé inabalável só é aquela que pode encarar a razão de frente, em todas as épocas da Humanidade.***

O Espiritismo conduz a esse resultado, pelo que triunfa da descrença, sempre que não encontra oposição sistemática e interessada.

PARÁBOLA DA FIGUEIRA QUE SECOU

8. Quando saíam de Betânia, Jesus teve fome; e, vendo ao longe uma figueira, para ela encaminhou-se para ver se acharia alguma coisa; tendo-se, porém, aproximado, só achou

⁵⁵ Kardec escreveu essas palavras no século XIX. Hoje, o espírito humano tornou-se ainda mais exigente: a fé cega está abandonada; reina descrença nas Igrejas que a impunham. As massas humanas vivem sem ideal, sem esperança em outra vida e tentam transformar o mundo pela violência. As lutas econômicas geram as mais exóticas doutrinas de ação e reação. Duas guerras mundiais assolaram o planeta, numa ânsia furiosa de predomínio econômico. Toda a esperança da Humanidade hoje se apoia no Espiritismo, na restauração do Cristianismo, baseada em fatos que demonstram os princípios básicos da Doutrina cristã: eternidade da vida, responsabilidade ilimitada de pensamentos, palavras e atos. Sem a Terceira Revelação o mundo estaria irremediavelmente perdido pelo choque das mais desencontradas ideologias materialistas e violentistas. – A Editora da FEB, em 1948.

folhas, visto não ser tempo de figos. Então, disse à figueira: **“Que ninguém coma de ti fruto algum”**. Isto o que seus discípulos ouviram.

No dia seguinte, ao passarem pela figueira, viram que secara até a raiz. Pedro, lembrando-se do que dissera Jesus, disse: *“Mestre, olha como secou a figueira que o Senhor amaldiçoou”*. Jesus, tomando a palavra, lhes disse: **“Tenha fé em Deus. Na verdade, eu digo a vocês que aquele que disser a esta montanha: ‘sai daí e lança-te ao mar’, mas sem hesitar no seu coração, ao contrário, acreditando firmemente que tudo o que tiver dito acontecerá, com efeito, verá que acontece”**.

(MARCOS, 11:12 a 14 e 20 a 23)

9. A figueira que secou é o símbolo dos que apenas aparentam tendência para o bem, mas que em realidade, nada de bom produzem; dos oradores que têm mais brilho do que solidez, cujas palavras trazem superficial verniz, de sorte que agradam aos ouvidos, sem que, entretanto, quando pesquisadas, revelem algo de substancial para os corações. É de perguntar-se que proveito tiraram delas os que as escutaram.

Simboliza também todos aqueles que, tendo meios de ser úteis, não o são; todas as utopias, todos os sistemas ociosos, todas as doutrinas carentes de base sólida. O que as mais das vezes falta é a verdadeira fé, a fé produtiva, a fé que abala as fibras do coração, a fé, numa palavra, que transporta montanhas. São árvores cobertas de folhas, porém, baldas de frutos. Por isso é que Jesus as condena à esterilidade, pois dia virá em que se acharão secas até à raiz. Quer dizer que todos os sistemas, todas as doutrinas que não trouxeram nenhum bem para a Humanidade cairão reduzidas a nada; que todos os homens decididamente inúteis, por não terem posto em ação os recursos que traziam consigo, serão tratados como a figueira que secou.

10. Os médiuns são os intérpretes dos Espíritos; suprem, nestes últimos, a falta de órgãos materiais pelos quais transmitam suas instruções. Daí vem que são dotados de aptidões para esse efeito. Nos tempos atuais, de renovação social, cabe-lhes uma missão especialíssima; são árvores destinadas a fornecer alimento espiritual a seus irmãos; multiplicam-se em número, para que multiplique o alimento; eles existem por toda a parte, em todos os países, em todas as classes da sociedade, entre os ricos e os pobres, entre os grandes e os pequenos, a fim de que em nenhum ponto faltem e a fim de ficar demonstrado aos homens que *todos são chamados*. Contudo, se eles desviam do objetivo providencial a preciosa faculdade que lhes foi concedida, se a empregam em coisas fúteis ou prejudiciais, se a põem a serviço dos interesses mundanos, se em vez de frutos maduros dão maus frutos, se se recusam a utilizá-la em benefício dos outros, se nenhum proveito tiram dela para si mesmos, melhorando-se, são quais a figueira estéril. Deus lhes retirará um dom que se tornou inútil neles: a semente que não sabem fazer que frutifique, e consentirá que se tornem presas dos Espíritos maus.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

A FÉ: MÃE DA ESPERANÇA E DA CARIDADE

11. Para ser proveitosa, a fé tem de ser ativa; não deve entorpecer-se. É a mãe de todas as virtudes que conduzem a Deus e é preciso velar com atenção pelo

desenvolvimento dos filhos que gerou.

A esperança e a caridade são derivados da fé e formam com esta uma trindade inseparável. Não é a fé que gera a esperança na realização das promessas do Senhor? Se não tiverem fé, que esperarão? Não é a fé que dá o amor? Se não têm fé, qual será o seu reconhecimento e, portanto, o amor de vocês?

Inspiração divina, a fé desperta todos os instintos nobres que encaminham o homem para o bem e é a base da regeneração. Então, é preciso que essa base seja forte e durável, pois, se a dúvida mais simples a abalar, que será do edifício que sobre ela construírem? Sendo assim, levantem esse edifício sobre alicerces seguros. Seja mais forte a fé em vocês do que as ilusões e as zombarias dos incrédulos, visto que a fé que não afronta o ridículo dos homens não é fé verdadeira. A fé sincera é empolgante e contagiosa; comunica-se aos que não a tinham, ou, mesmo, não desejariam tê-la. Encontra palavras convincentes que vão à alma, ao passo que a fé aparente usa de palavras sonoras que deixam frio e indiferente quem as escuta. Preguem pelo exemplo da própria fé, para a gravarem nos homens. Preguem pelo exemplo das próprias obras para lhes demonstrarem o merecimento da fé. Preguem pela própria esperança firme, para lhes darem a ver a confiança que fortifica e põe a criatura em condições de enfrentar todas as obstáculos da vida. Pois, tenham fé, com o que ela contém de belo e de bom, com a sua pureza, com a sua racionalidade. Não admitam a fé sem comprovação, cega filha da cegueira. Amem a Deus, mas sabendo por que o amam; creiam nas Suas promessas, mas sabendo por que acreditam nelas; sigam os nossos conselhos, mas compenetrados do fim que os apontamos e dos meios que os trazemos para o atingirem. Creiam e esperem sem desfalecimento: os milagres são obras da fé.

José, Espírito protetor. (Bordéus, 1862)

A FÉ HUMANA E A DIVINA

12. No homem, a fé é o sentimento inato de seus destinos futuros; é a consciência que ele tem das capacidades imensas depositadas em germen no seu íntimo, a princípio em estado adormecido, e que lhe cumpre fazer que desabrochem e cresçam pela ação da sua vontade.

Até ao presente, a fé não foi compreendida senão pelo lado religioso, porque o Cristo a exaltou como poderosa alavanca e porque o têm considerado apenas como chefe de uma religião. Entretanto, o Cristo, que operou milagres materiais, mostrou, por esses milagres mesmos, o que pode o homem, quando tem fé, isto é, *a vontade de querer* e a certeza de que essa vontade pode obter satisfação. Também os apóstolos não operaram milagres, seguindo-lhe o exemplo? Ora, que eram esses milagres, senão efeitos naturais, cujas causas os homens de então desconheciam, mas que, hoje, em grande parte se explicam e que pelo estudo do Espiritismo e do Magnetismo se tornarão completamente compreensíveis?

A fé é humana ou divina, conforme o homem aplica suas potencialidades para a satisfação das necessidades terrenas, ou dos seus anseios celestiais e futuras. O homem inteligente, que se lança à realização de algum grande empreendimento, triunfa, se tem fé, porque sente em si que pode e há de chegar ao fim almejado,

certeza que lhe dá imensa força. O homem de bem, que é crente em seu futuro celeste, deseja encher de belas e nobres ações a sua existência, nutre a força necessária na sua fé, na certeza da felicidade que o espera, e ainda aí se operam milagres de caridade, de devotamento e de abnegação. Enfim, com a fé, não há maus pendoros que se não chegue a vencer.

O Magnetismo é uma das maiores provas do poder da fé posta em ação. É pela fé que ele cura e produz esses fenômenos especiais, qualificados outrora de milagres.

Repito: a fé é *humana* e *divina*. Se todos os encarnados se achassem bem convencidos da força que trazem em si e se quisessem colocar a vontade a serviço dessa força, seriam capazes de realizar aquilo a que, até hoje, eles chamaram fenômenos e que, no entanto, não passa de um desenvolvimento das faculdades humanas.

Um Espírito Protetor (Paris, 1863)

CAPÍTULO XX

OS TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS
- MISSÃO DOS ESPÍRITAS
- OS OBREIROS DO SENHOR

1. “O reino dos céus é semelhante a um pai de família que saiu de madrugada, a fim de contratar trabalhadores para a sua vinha. Tendo combinado com os trabalhadores que pagaria um denário a cada um por dia, mandou-os para a vinha. Saiu de novo à terceira hora do dia e, vendo outros que se conservavam na praça sem fazer coisa alguma, disse-lhes: *‘Vão vocês também para a minha vinha e os pagarei o que for razoável’*. Eles foram. Saiu novamente na sexta hora e à nona hora do dia e fez o mesmo. Saindo mais uma vez à hora undécima, encontrou ainda outros que estavam desocupados, aos quais disse: *‘Por que permanecem aí o dia inteiro sem trabalhar?’* Disseram eles: *‘É que ninguém nos contratou’*. Então ele lhes disse: *‘Vão vocês também para a minha vinha’*.”

“Ao cair da tarde, o dono da vinha disse para aquele que cuidava dos seus negócios: *‘Chame os trabalhadores e pague-lhes, começando pelos últimos e indo até aos primeiros’*. Aproximando-se então os que só haviam chegado à undécima hora, receberam um denário cada um. Vindo a seu turno os que tinham sido encontrados em primeiro lugar, julgaram que iam receber mais; porém, receberam apenas um denário cada um. Recebendo-o, queixaram-se ao pai de família, dizendo: *‘Estes últimos trabalharam apenas uma hora e ganharam tanto quanto nós que suportamos o peso do dia e do calor’*. Mas, respondendo, disse o dono da vinha a um deles: *‘Meu amigo, não te causo dano algum; não aceitou comigo receber um denário pelo teu dia? Toma o que te pertence e vai-te; agrada-me dar a este último tanto quanto a ti. Não me é então lícito fazer o que quero? Teu olho é mau porque eu sou bom?’*”

“Assim, os últimos serão os primeiros e os primeiros serão os últimos, porque são muitos os chamados e poucos os escolhidos”.

(MATEUS, 20:1 a 16)

(Ver também: “Parábola do festim das bodas”, cap. XVIII, Item 1)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

OS ÚLTIMOS SERÃO OS PRIMEIROS

2. O trabalhador da última hora tem direito ao salário, mas é preciso que a sua boa vontade o tenha conservado à disposição daquele que o tinha de empregar e que o seu retardamento não seja fruto da preguiça ou da má vontade. Ele tem direito ao

salário, porque desde o começo do dia esperava com impaciência aquele que por fim o chamaria para o trabalho. Laborioso, apenas lhe faltava o emprego.

Porém, se houvesse se negado ao trabalho a qualquer hora do dia; se tivesse dito: “vamos ter paciência, o repouso é agradável; quando soar a última hora é que será tempo de pensar no salário do dia; que necessidade eu tenho de me incomodar por um patrão a quem não conheço e não estimo! Quanto mais tarde, melhor”; esse tal, meus amigos, não teria tido o salário do obreiro, mas o da preguiça.

Que dizer, então, daquele que, em vez de apenas se conservar inativo, tenha empregado as horas destinadas ao serviço do dia em praticar atos culposos; que tenha blasfemado de Deus, derramado o sangue de seus irmãos, lançado a perturbação nas famílias, arruinado os que nele confiaram, abusado da inocência, que, enfim, se preencheu de todas as infâmias da Humanidade? Que será desse? Bastará a ele dizer na última hora: “Senhor, empreguei mal o meu tempo; toma-me até ao fim do dia, para que eu execute um pouco, embora bem pouco, da minha tarefa, e dá-me o salário do trabalhador de boa vontade”? Não, não; o Senhor lhe dirá: “Não tenho trabalho para te dar no momento; desprezou o teu tempo; esqueceu o que havia aprendido; já não sabe trabalhar na minha vinha. Portanto, recomece a aprender e, quando te achar mais bem-disposto, vem ter comigo e eu te abrirei o meu vasto campo, onde poderá trabalhar a qualquer hora do dia.

Bons espíritas, meus bem-amados, vocês são todos trabalhadores da última hora. Bem orgulhoso seria aquele que dissesse: “comecei o trabalho ao alvorecer do dia e só o terminarei ao anoitecer”. Todos vieram quando foram chamados, um pouco mais cedo, um pouco mais tarde, para a encarnação cujos laços arrastam; mas há quantos séculos e séculos o Senhor os chamava para a vinha, sem que quisessem penetrar nela! Eis vocês no momento de embolsar o salário; empreguem bem a hora que lhes resta e não esqueçam nunca que a própria existência, por longa que se pareça, mais não é do que um instante fugitivo na imensidade dos tempos que formam a eternidade para vocês.

Constantino Espírito Protetor. (Bordéus, 1863)

3. Jesus gostava da simplicidade dos símbolos e, na sua linguagem, os obreiros que chegaram na primeira hora são os profetas, Moisés e todos os iniciadores que marcaram as etapas do progresso, as quais continuaram a ser assinaladas através dos séculos pelos apóstolos, pelos mártires, pelos Pais da Igreja, pelos sábios, pelos filósofos e, finalmente, pelos espíritas. Estes, que por último vieram, foram anunciados e preditos desde a aurora da chegada do Messias e receberão a mesma recompensa. Que digo? Recompensa maior. Sendo os últimos chegados, eles aproveitam dos serviços intelectuais dos seus antecessores, porque o homem tem de herdar do homem e porque os trabalhos humanos são coletivos: Deus abençoa a solidariedade. Aliás, muitos dentre aqueles revivem hoje, ou reviverão amanhã, para terminarem a obra que começaram outrora. Mais de um patriarca, mais de um profeta, mais de um discípulo do Cristo, mais de um propagador da fé cristã se encontram no meio deles, porém, mais esclarecidos, mais adiantados, trabalhando, não já na base e sim na cumeeira do edifício. Receberão, pois, salário proporcionado ao valor da obra.

O belo dogma da reencarnação eterniza e define a filiação espiritual.

Chamado a prestar contas do seu mandato terreno, o Espírito se apercebe da continuidade da tarefa interrompida, mas sempre retomada. Ele vê, sente que apanhou, de passagem, o pensamento dos que o precederam. Entra de novo na luta, amadurecido pela experiência, para avançar mais. E todos, trabalhadores da primeira e da última hora, com os olhos bem abertos sobre a profunda justiça de Deus, não mais murmuram: adoram.

Tal um dos verdadeiros sentidos desta parábola, que encerra, como todas as de que Jesus se utilizou falando ao povo, o germen do futuro e também, sob todas as formas, sob todas as imagens, a revelação da magnífica unidade que harmoniza todas as coisas no Universo, da solidariedade que liga todos os seres presentes ao passado e ao futuro.

Henri Heine (Paris, 1863)

MISSÃO DOS ESPÍRITAS

4. Já não escutam o ruído da tempestade que há de levar o velho mundo e abismar no nada o conjunto das iniquidades terrenas? Ah! Bendigam o Senhor, vocês que puseram a fé na Sua soberana justiça e que, novos apóstolos da crença revelada pelas proféticas vozes superiores, vão pregar o novo dogma da *reencarnação* e da elevação dos Espíritos, conforme tenham cumprido, bem ou mal, suas missões e suportado suas provas terrestres Não se assustem mais! As línguas de fogo estão sobre as suas cabeças. Ó, verdadeiros adeptos do Espiritismo! Vocês são os escolhidos de Deus! Vão e puguem a palavra divina. É chegada a hora em que devem sacrificar à sua propagação os próprios hábitos, os próprios trabalhos, as suas ocupações fúteis. Vão e puguem! Com vocês estão os Espíritos elevados. Certamente falarão a criaturas que não vão querer escutar a voz de Deus, porque essa voz as convida incessantemente à desambição. Pregarão o desinteresse aos avaros, a abstinência aos dissolutos, a mansidão aos tiranos domésticos, como aos ditadores! Palavras perdidas, eu o sei; mas não importa. Faz-se necessário que reguem com os próprios suores o terreno onde precisam semear, pois ele não frutificará e não produzirá senão sob os reiterados golpes da enxada e do arado evangélicas. Vão e puguem!

Ó, todos vocês, homens de boa-fé, conscientes da própria inferioridade em comparação aos mundos espalhados pelo Infinito!... Lancem-se em cruzada contra a injustiça e a maldade. Vão e acabem com esse culto do bezerro de ouro, que cada dia mais se alastra.

Vão, Deus guia vocês! Homens simples e ignorantes, suas línguas se soltarão e falarão como nenhum orador fala. Vão e puguem, que as populações atentas recolherão com felicidade as suas palavras de consolação, de fraternidade, de esperança e de paz. Que importam as emboscadas que armem contra vocês pelo caminho?! Somente lobos caem em armadilhas para lobos, pois o pastor saberá defender suas ovelhas das fogueiras imoladoras. Vão, homens, que são grandes diante de Deus, mais ditosos do que Tomé, creiam sem fazerem questão de ver e aceitem os fatos da mediunidade, mesmo quando não tenham conseguido obtê-los por si mesmos; vão, o Espírito de Deus os conduz.

Pois, marchem avante, falange imponente pela tua fé! Diante de ti os grandes batalhões dos incrédulos se dissolverão, como a névoa da manhã aos primeiros raios do Sol nascente.

A fé é a virtude que desloca montanhas, disse Jesus. Todavia, mais pesados do que as maiores montanhas, permanecem depositados nos corações dos homens a impureza e todos os vícios que derivam da impureza. Assim sendo, partam cheios de coragem, para removerem essa montanha de iniquidades que as futuras gerações só deverão conhecer como lenda, do mesmo modo que vocês, que só muito imperfeitamente conhecem os tempos que antecederam a civilização pagã.

Sim, em todos os pontos do Globo vão se produzir as subversões morais e filosóficas; aproxima-se a hora em que a luz divina se lançará sobre os dois mundos.

Vão, pois, e levem a palavra divina: aos grandes que a desprezarão, aos eruditos que exigirão provas, aos pequenos e simples que a aceitarão; porque, principalmente entre os mártires do trabalho, desta provação terrena, encontrarão fervor e fé. Vão; estes receberão, com hinos de gratidão e louvores a Deus, a santa consolação que lhes levarem, e baixarão a frente, rendendo-lhe graças pelas aflições que a Terra lhes destina.

Que a sua falange se arme de decisão e coragem! Mãos à obra! O arado está pronto; a terra espera; arem!

Vão e agradeçam a Deus a gloriosa tarefa que Ele os confiou; mas, atenção! Entre os chamados para o Espiritismo muitos se transviaram; dessa forma, reparem seu caminho e sigam a verdade.

Pergunta. – Se, entre os chamados para o Espiritismo, muitos se transviaram, quais os sinais pelos quais reconheceremos os que se acham no bom caminho?

Resposta. – Reconhecerão os bons pelos princípios da verdadeira caridade que eles ensinarão e praticarão. Reconhecerão a eles pelo número de aflitos a que levem consolo; serão reconhecidos pelo seu amor ao próximo, pela sua abnegação, pelo seu desinteresse pessoal; reconhecerão, finalmente, pelo triunfo de seus princípios, porque Deus quer o triunfo de Sua lei; os que seguem Sua lei, esses são os escolhidos e Ele lhes dará a vitória; mas Ele destruirá aqueles que falseiam o espírito dessa lei e fazem dela degrau para contentar sua vaidade e sua ambição.

Erasto anjo da guarda do médium (Paris, 1863)

OS OBREIROS DO SENHOR

5. Aproxima-se o tempo em que se cumprirão as coisas anunciadas para a transformação da Humanidade. Felizes serão os que tiverem trabalhado no campo do Senhor, com desinteresse e sem outro objetivo senão a caridade! Seus dias de trabalho serão pagos cem vezes mais do que tiverem esperado. Ditosos os que tenham dito a seus irmãos: “vamos trabalhar juntos e unir os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre a obra acabada”, pois o Senhor lhes dirá: “*Vinham a mim, vocês que são bons servidores, vocês que souberam impor silêncio aos seus ciúmes e às suas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!*” Mas, ai daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a

hora da colheita, pois a tempestade virá e eles serão levados no turbilhão! Clamarão: “Graça! Graça!” O Senhor, porém, lhes dirá: “*Como imploram graças, vocês que não tiveram piedade dos seus irmãos e que se negaram a lhes estender as mãos, que esmagaram o fraco, em vez de o ampararem? Como suplicam graças, vocês que buscaram a recompensa nos prazeres da Terra e na satisfação do próprio orgulho? Já receberam a sua recompensa, tal qual a quiseram. Nada mais cabe a vocês pedir; as recompensas celestes são para os que não tenham buscado as recompensas da Terra.*”

Neste momento, Deus procede ao censo dos seus servidores fiéis e já marcou com o dedo aqueles cujo devotamento é apenas aparente, a fim de que não tomem o salário dos servidores animosos, pois aos que não recuarem diante de suas tarefas é que ele vai confiar os postos mais difíceis na grande obra da regeneração pelo Espiritismo. Estas palavras se cumprirão: “Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros no reino dos céus.”

O Espírito de Verdade (Paris, 1862)

CAPÍTULO XXI

HAVERÁ FALSOS CRISTOS E FALSOS PROFETAS

- CONHECE-SE A ÁRVORE PELO FRUTO
- MISSÃO DOS PROFETAS
- PRODÍGIO DOS FALSOS PROFETAS
- NÃO CREAIS EM TODOS OS ESPÍRITAS

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- OS FALSOS PROFETAS
- CARACTERES DO VERDADEIRO PROFETA
- OS FALSOS PROFETAS DA ERRATICIDADE
- JEREMIAS E OS FALSOS PROFETAS

CONHECE-SE A ÁRVORE PELO FRUTO

1. “A árvore que produz maus frutos não é boa e a árvore que produz bons frutos não é má; pois, se conhece cada árvore pelo seu próprio fruto. Não se colhem figos nos espinheiros, nem cachos de uvas nas sarças. O homem de bem tira boas coisas do bom tesouro do seu coração e o mau tira as más do mau tesouro do seu coração; pois, a boca fala do que está cheio o coração”.

(LUCAS, 6:43 a 45)

2. “Guardem-se dos falsos profetas que se apresentam cobertos de peles de ovelha e que por dentro são lobos traiçoeiros. Vocês os reconhecerão pelos seus frutos. Podemos colher uvas nos espinheiros ou tirar figos das sarças? Assim, toda árvore boa produz bons frutos e toda árvore má produz maus frutos. Uma árvore boa não pode produzir frutos maus e uma árvore má não pode produzir frutos bons. Toda árvore que não produz bons frutos será cortada e lançada ao fogo e, portanto, serão conhecidas pelos seus frutos”.

(MATEUS, 7:15 a 20)

3. “Tenham cuidado para não serem seduzidos por ninguém; porque muitos virão em meu nome, dizendo: *‘Eu sou o Cristo’*, e enganarão a muitos. Muitos falsos profetas se levantarão e seduzirão a muitas pessoas; e porque a maldade irá se espalhar, a caridade de muitos esfriará. Mas aquele que perseverar até ao fim se salvará. Então, se alguém disser: *‘O Cristo está aqui, ou está ali’*, não acreditem absolutamente; pois falsos Cristos e falsos profetas se levantarão e farão grandes prodígios e coisas de espantar, ao ponto de seduzirem, se fosse possível, os próprios escolhidos”.

(MATEUS, 24:4, 5, 11 a 13, 23 e 24; MARCOS, 13:5, 6, 21 e 22)

MISSÃO DOS PROFETAS

4. Normalmente se atribui aos profetas o dom de adivinhar o futuro, de sorte que as palavras *profecia* e *predição* se tornaram sinônimas. No sentido evangélico, o vocábulo *profeta* tem significação mais extensa. Chamamos *profeta* todo enviado de Deus com a missão de instruir os homens e de lhes revelar as coisas ocultas e os mistérios da vida espiritual. Logo, um homem pode ser profeta, sem fazer predições e aquela era a ideia dos judeus, ao tempo de Jesus. Daí vem que, quando o levaram à presença do sumo sacerdote Caifás, os escribas e os anciães, reunidos, lhe cuspiram no rosto, lhe deram socos e bofetadas, dizendo: “Cristo, profetiza para nós e diga quem foi que te bateu”. Entretanto, deu-se o caso de haver profetas que tiveram a presciência do futuro, seja por intuição, seja por providencial revelação, a fim de transmitirem avisos aos homens. Tendo-se realizado os acontecimentos preditos, o dom de predizer o futuro foi considerado como um dos atributos da qualidade de profeta.

PRODÍGIOS DOS FALSOS PROFETAS

5. “Falsos Cristos e falsos profetas se levantarão, farão grandes prodígios e coisas de espantar, a ponto de seduzirem os próprios escolhidos.” Estas palavras dão o verdadeiro sentido do termo *prodígio*. No sentido teológico, os prodígios e os milagres são fenômenos excepcionais, fora das leis da Natureza. Sendo estas, *exclusivamente*, obra de Deus, Ele pode anulá-las, sem dúvida, se bem o quiser; porém, o simples bom-senso diz que não é possível que Ele tenha dado a seres inferiores e perversos um poder igual ao seu, nem, ainda menos, o direito de desfazer o que a Divindade tenha feito. Semelhante princípio Jesus não pode ter consagrado. Portanto, se de acordo com o sentido que se atribui a essas palavras, o Espírito do mal tem o poder de fazer prodígios tais que os próprios escolhidos se deixem enganar, o resultado seria que, podendo fazer o que Deus faz, os prodígios e os milagres não são privilégio exclusivo dos enviados de Deus e nada provam, pois que nada distingue os milagres dos santos dos milagres do demônio. Então, necessário se torna procurar um sentido mais racional para aquelas palavras.

Para o homem comum e ignorante, todo fenômeno cuja causa é desconhecida passa por sobrenatural, maravilhoso e miraculoso; uma vez encontrada a causa, reconhece-se que o fenômeno, por muito extraordinário que pareça, não é mais do que aplicação de uma lei da Natureza. Assim, o círculo dos fatos sobrenaturais se restringe à medida que o da Ciência se alarga. Em todos os tempos, houve homens que exploraram, em proveito de suas ambições, de seus interesses e do seu anseio de dominação, certos conhecimentos que possuíam, a fim de alcançarem o prestígio de um falso poder sobre-humano, ou de uma pretendida missão divina. São esses os falsos Cristos e falsos profetas. A despertar das luzes lhes aniquila o crédito, donde resulta que o número deles diminui à proporção que os homens se esclarecem. O fato de operar o que certas pessoas consideram prodígios não constitui, pois, sinal de uma missão divina, visto que pode resultar de conhecimento cuja aquisição está ao alcance de qualquer um, ou de faculdades

orgânicas especiais, que o mais indigno não se acha inibido de possuir, tanto quanto o mais digno. O verdadeiro profeta se reconhece por mais sérios caracteres e exclusivamente morais.

NÃO CREAIS EM TODOS OS ESPÍRITOS

6. “Meus bem-amados, não creiam em qualquer Espírito; experimentem se os Espíritos são de Deus, pois muitos falsos profetas se têm levantado no mundo”.

(JOÃO, Epístola 1ª, 4:1)

7. Os fenômenos espíritas, longe de aprovar os falsos Cristos e os falsos profetas, como algumas pessoas gostam de dizer, desferem neles golpe mortal. Não peçam prodígios ao Espiritismo, nem milagres, pois ele formalmente declara que não opera essas coisas. Do mesmo modo que a Física, a Química, a Astronomia e a Geologia revelaram as leis do mundo material, a Doutrina Espírita revela outras leis desconhecidas, as que regem as relações do mundo corpóreo com o mundo espiritual, leis que, tanto quanto aquelas outras da Ciência, são leis da Natureza. Facultando a explicação de certa ordem de fenômenos incompreendidos até o presente, ele destrói o que ainda restava do domínio do maravilhoso. Dessa maneira, quem se sentisse tentado a lhe explorar em proveito próprio os fenômenos, fazendo-se passar por messias de Deus, não conseguiria abusar por muito tempo da fé alheia e seria logo desmascarado. Aliás, como já se tem dito, tais fenômenos, por si sós, nada provam: a missão se prova por efeitos morais, o que não é dado a qualquer um produzir. Esse um dos resultados do desenvolvimento da ciência espírita; pesquisando a causa de certos fenômenos, ela levanta o véu sobre muitos mistérios. Só os que preferem a obscuridade à luz, têm interesse em combatê-la; mas, a verdade é como o Sol: dissipa os mais densos nevoeiros.

O Espiritismo revela outra categoria bem mais perigosa de falsos Cristos e de falsos profetas, que se encontram, não entre os homens, mas entre os desencarnados: a dos Espíritos enganadores, hipócritas, orgulhosos e falsos sábios, que passaram da Terra para a erraticidade e tomam nomes venerados para, sob a máscara de que se cobrem, facilitarem a aceitação das mais singulares e absurdas ideias. Antes que se conhecessem as relações mediúnicas, eles atuavam de maneira menos ostensiva, pela inspiração, pela mediunidade inconsciente, audiente ou falante. É considerável o número dos que, em diversas épocas, mas, sobretudo, nestes últimos tempos, tem se apresentado como alguns dos antigos profetas, como o Cristo, como Maria, sua mãe, e até como Deus. S. João adverte contra eles os homens, dizendo: “*Meus bem-amados, não acreditem em todo Espírito; mas, experimentem se os Espíritos são de Deus, pois muitos falsos profetas se têm levantado no mundo.*” O Espiritismo nos dá os meios de experimentá-los, apontando os caracteres pelos quais se reconhecem os bons Espíritos, caracteres *sempre morais, nunca materiais*. É pela maneira de se distinguirem dos maus os bons Espíritos que, principalmente, podem aplicar-se estas palavras de Jesus: “Pelo fruto é que se reconhece a qualidade da árvore; uma árvore boa não pode produzir maus frutos, e uma árvore má não os pode produzir bons.” Julgamos os Espíritos pela qualidade de suas obras, como uma árvore pela qualidade dos seus frutos.

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

OS FALSOS PROFETAS

8. Se disserem: “O Cristo está aqui”, não vão lá; ao contrário, permaneçam em guarda, pois numerosos serão os falsos profetas. Não percebem que as folhas da figueira começam a branquear; não enxergam os seus múltiplos brotos aguardando a época da floração; e o Cristo disse: conhece-se a árvore pelo fruto! Com efeito, se são amargos os frutos, já sabem que a árvore é má; mas se são doces e saudáveis, dirão: “Nada que seja puro pode vir de fonte má”.

É assim, meus irmãos, que devem julgar; são as obras que vocês devem examinar. Se os que se dizem investidos de poder divino revelam sinais de uma missão de natureza elevada, isto é, se possuem no mais alto grau as virtudes cristãs e eternas: a caridade, o amor, a indulgência, a bondade que concilia os corações; se, em apoio das palavras, apresentam os atos, então poderão dizer: “estes são realmente enviados de Deus”. Porém, desconfiem das palavras adocicadas, desconfiem dos escribas e dos fariseus que oram nas praças públicas, vestidos de longas túnicas. Desconfiem dos que pretendem ter o monopólio da verdade! Não, não, o Cristo não está entre esses, pois os que Ele envia para propagar a sua santa doutrina e regenerar o seu povo, acima de tudo, serão os que seguem o exemplo cristão, sendo brandos e humildes de coração; os que hajam, com os exemplos e conselhos que prodigalizem, de salvar a Humanidade, que corre para a perdição e pervaga por caminhos tortuosos, serão essencialmente modestos e humildes. Fugam de tudo o que revele uma gota de orgulho, como de uma lepra contagiosa, que corrompe tudo em que toca. Lembrem-se de que *cada criatura traz na testa, mas principalmente nos atos, o tipo da sua grandeza ou da sua inferioridade.*

Portanto, meus filhos bem-amados, vão e caminhem sem pretextos, sem pensamentos ocultos, vão pela rota bendita que escolheram. Vão, sempre sem temor; cuidadosamente, afastem tudo o que possa entravar a marcha para o objetivo eterno. Viajantes, só por pouco tempo mais estarão nas trevas e nas dores da provação, se abrirem o coração a essa suave doutrina que vem revelar a vocês as leis eternas e satisfazer a todas as aspirações de sua alma acerca do desconhecido. Já podem dar corpo a esses Espíritos ligeiros que veem passar nos seus sonhos e que, por serem de curta duração, apenas lhes encantavam o espírito, sem dizerem coisa alguma ao coração. Agora, meus amados, a morte desapareceu, dando lugar ao anjo radioso que conhecem, o anjo do novo encontro e da reunião! Agora, vocês que tem desempenhado bem a tarefa que o Criador confia às suas criaturas, nada mais têm de temer da Sua justiça, pois Ele é pai e perdoa sempre aos filhos transviados que clamam por misericórdia. Continuem assim, avancem sem parar. Que o progresso seja a sua meta, do progresso contínuo em todas as coisas, até que, finalmente, cheguem feliz ao fim da jornada, onde são esperados por todos os que os antecederam.

Luís (Bordéus, 1861)

CARACTERES DO VERDADEIRO PROFETA

9. *Desconfiem dos falsos profetas.* Essa recomendação é útil em todos os tempos, mas, sobretudo, nos momentos de transição em que se elabora, como no atual, uma transformação da Humanidade, porque, então, uma multidão de ambiciosos e falsários se espalha como reformadores e messias. É contra esses impostores que se deve estar em guarda, correndo o dever a todo homem honesto de desmascará-los. Sem dúvida perguntarão como reconhecê-los. Aqui está o que os assinala:

Somente a um hábil general, capaz de dirigi-lo, se confia o comando de um exército. Julgam que Deus seja menos prudente do que os homens? Fiquem certos de que Ele só confia missões importantes aos que são capazes de cumpri-las, pois as grandes missões são fardos pesados que esmagariam o homem carente de forças para carregá-los. Em todas as coisas, o mestre há de sempre saber mais do que o discípulo; para fazer que a Humanidade avance moralmente e intelectualmente, são precisos homens superiores em inteligência e em moralidade. Por isso, para essas missões são sempre escolhidos Espíritos já adiantados, que fizeram suas provas noutras existências, visto que, se não fossem superiores ao meio em que têm de atuar, a ação seria nula.

Dito isto, concluirão que o verdadeiro missionário de Deus tem de justificar, pela sua superioridade, pelas suas virtudes, pela grandeza, pelo resultado e pela influência moralizadora de suas obras, a missão de que se diz portador. Tirem também esta outra consequência: se, pelo seu caráter, pelas suas virtudes, pela sua inteligência, ele se mostra abaixo do papel com que se apresenta, ou da personagem sob cujo nome se coloca, não é mais do que um farsista de baixo nível, que nem sequer sabe imitar o modelo que escolheu.

Outra consideração: os verdadeiros missionários de Deus ignoram-se a si mesmos, em sua maior parte; desempenham a missão a que foram chamados pela força da sabedoria que possuem, ajudado pelo poder oculto que os inspira e dirige sem perceber, mas sem desígnio premeditado. Numa palavra: *os verdadeiros profetas se revelam por seus atos e são reconhecidos, ao passo que os falsos profetas se promovem, eles próprios, como enviados de Deus.* O primeiro é humilde e modesto; o segundo, orgulhoso e cheio de si, fala com arrogância e, como todas as hipocrisias, parece sempre temeroso de que não lhe deem crédito.

Alguns desses impostores têm tentado se passar por apóstolos do Cristo, outros pelo próprio Cristo, e, para vergonha da Humanidade, eles tem encontrado pessoas bastante crédulas que creem nas suas torpezas. Entretanto, uma avaliação bem simples seria bastante para abrir os olhos do mais cego, a de que se o Cristo reencarnasse na Terra, viria com todo o Seu poder e todas as Suas virtudes, a menos que se admitisse que tivesse degenerado – o que seria absurdo. Ora, do mesmo modo que, se tirarem de Deus um só de Seus atributos, já não seria Deus, se tirarem uma só de Suas virtudes ao Cristo, já não mais seria o Cristo. Os que se dão como sendo o Cristo possuem todas as Suas virtudes? – Essa a questão. Observem a eles, investiguem as suas ideias e os atos e reconhecerão que, acima de tudo, lhes faltam as qualidades distintivas do Cristo: a humildade e a caridade, sobrando neles as que o Cristo não tinha: a ambição e o orgulho. Ao demais, notem que neste momento há, em vários países, muitos pretensos Cristos, como há muitos pretensos Elias, muitos

S. João ou S. Pedro e que não é absolutamente possível sejam verdadeiros todos. Tenham como certo que são apenas criaturas que exploram a fé dos outros e acham cômodo viver à custa dos que lhes prestam ouvidos. Desconfiem, pois, dos falsos profetas, ainda mais numa época de renovação, qual a presente, porque muitos impostores se dirão enviados de Deus. Eles procuram satisfazer na Terra à sua vaidade; mas uma terrível justiça os espera, podem estar certos.

Erasto (Paris, 1862)

OS FALSOS PROFETAS DA ERRATICIDADE

10. Os falsos profetas não se encontram unicamente entre os encarnados. Há também – e em muito maior número – entre os Espíritos orgulhosos que, aparentando amor e caridade, semeiam a desunião e retardam a obra de emancipação da Humanidade, lançando-lhe de través seus sistemas absurdos, depois de terem feito que seus médiuns os aceitem. E, para melhor fascinaremos aqueles a quem desejam iludir, para darem mais peso às suas teorias, sem escrúpulo, se apropriam de nomes que os homens só pronunciam com muito respeito.

São eles que espalham o fermento da discórdia entre os grupos, que os atraem a isolarem-se uns dos outros e a olharem-se com prevenção. Isso por si só bastaria para desmascará-los, pois, agindo assim, são os primeiros a dar o mais formal desmentido às suas pretensões. Portanto, são cegos os homens que se deixam cair em tão grosseira mentira.

Mas, há muitos outros meios de serem reconhecidos. Espíritos da categoria em que eles dizem achar-se têm de ser não só muito bons, como também eminentemente racionais. Pois bem: passem-lhes os sistemas pelo crivo da razão e do bom-senso e vejam o que restará. Então, concordem comigo, em que todas as vezes que um Espírito indica, como remédio aos males da Humanidade ou como meio de conseguir-se a sua transformação, coisas utópicas e impraticáveis, medidas infantis e ridículas; quando formula um sistema que as mais rudimentares noções da Ciência contradizem, não pode ser senão um Espírito ignorante e mentiroso.

Por outro lado, creiam que, se nem sempre os indivíduos apreciam a verdade, esta é apreciada sempre pelo bom-senso das massas, constituindo isso mais um critério. Se dois princípios se contradizem, acharão a medida do valor próprio de ambos, verificando qual dos dois encontra mais ecos e simpatias. *Com efeito, seria ilógico admitir-se que uma doutrina cujo número de adeptos diminua progressivamente seja mais verdadeira do que outra que veja o dos seus em contínuo aumento.* Querendo que a verdade chegue a todos, Deus não a confina num círculo acanhado: fará que ela surja em diferentes pontos, a fim de que por toda a parte a luz esteja ao lado das trevas.

Sem hesitação, afastem todos esses Espíritos que se apresentam como conselheiros exclusivos, pregando a separação e o isolamento. São quase sempre Espíritos vaidosos e medíocres, que procuram impor-se a homens fracos e crédulos, gastando-lhes exagerados louvores, a fim de fascinar e de dominar a vocês. São, geralmente, Espíritos sedentos de poder e que, quando vivos, são autoritários ao públicos ou nos lares, ainda querem vítimas para tiranizar depois de terem morrido.

Em geral, desconfiem das comunicações que trazem um caráter de misticismo e de estranheza, ou que prescrevem cerimônias e atos extravagantes. Há sempre, nesses casos, motivo legítimo de suspeição.

Estejam certos igualmente, de que quando uma verdade tem de ser revelada aos homens, é, por assim dizer, comunicada instantaneamente a todos os grupos sérios, que dispõem de médiuns também sérios, e não a tais ou quais, com exclusão dos outros. Nenhum médium é perfeito, se está obsidiado; e há manifesta obsessão quando um médium só é apto a receber comunicações de determinado Espírito, por mais alto que este procure se colocar. Consequentemente, todo médium e todo grupo que considerem privilégio seu receber as comunicações que obtêm e que, por outro lado, se submetem a práticas que tendem para a superstição, indubitavelmente se acham presas de uma obsessão bem caracterizada, sobretudo quando o Espírito dominador se exhibe com um nome que todos, encarnados e desencarnados, devem honrar e respeitar e não permitir, seja declinado a todo propósito.

É incontestável que, submetendo ao crivo da razão e da lógica todos os dados e todas as comunicações dos Espíritos, se torna fácil rejeitar o absurdo e o erro. Pode um médium ser fascinado, e iludido um grupo; mas, a verificação severa a que procedam os outros grupos, a ciência adquirida, a alta autoridade moral dos diretores de grupos, as comunicações que os principais médiuns recebam, com um cunho de lógica e de autenticidade dos melhores Espíritos, farão justiça rapidamente a esses ditados mentirosos e astuciosos, emanados de uma turba de Espíritos mistificadores ou maus.

Erasto discípulo de São Paulo. (Paris, 1862)

(Veja na “Introdução”, o parágrafo II: *Verificação universal do ensino dos Espíritos*. – *O Livro dos Médiuns*, 2ª Parte, cap. XXIII, *Da obsessão*)

JEREMIAS E OS FALSOS PROFETAS

11. “Eis o que diz o Senhor dos Exércitos: ‘Não escutem as palavras dos profetas que lhes profetizam e que lhes enganam. Eles publicam as visões de seus corações e não o que aprenderam da boca do Senhor. Dizem aos que blasfemam de mim: O Senhor o disse, terão paz; e a todos os que andam na corrupção de seus corações: Nenhum mal lhes acontecerá. Mas, qual dentre eles assistiu ao conselho de Deus? Qual o que o viu e escutou o que Ele disse? Eu não enviava esses profetas; eles corriam por si mesmos; eu absolutamente não lhes falava; eles profetizavam de suas cabeças. Eu ouvi o que disseram esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo ‘Sonhei, sonhei’. Até quando essa imaginação estará no coração dos que profetizam a mentira e cujas profecias não são senão as seduções do coração deles? Pois, se este povo, ou um profeta, ou um sacerdote lhes interrogar e disser: Qual o fardo do Senhor? Dirão a eles: vocês mesmos são o fardo e eu os lançarei bem longe de mim’, -- diz o Senhor”.

(JEREMIAS, 23:16 a 18, 21, 25, 26 e 33)

É dessa passagem do profeta Jeremias que quero tratar com vocês, meus amigos. Falando pela sua boca, diz Deus: “É a visão do coração deles que os faz falar”. Essas palavras indicam claramente que, já naquela época, os charlatães e os exaltados abusavam do dom de profecia e o exploravam. Abusavam, por conseguinte, da fé simples e quase cega do povo, predizando, *por dinheiro*, coisas boas e agradáveis. Essa espécie de fraude se achava muito generalizada na nação

judia, e é fácil de se compreender que o pobre povo, em sua ignorância, nenhuma possibilidade tinha de distinguir os bons dos maus, sendo sempre mais ou menos enganados pelos falsos profetas, que não passavam de impostores ou fanáticos. Nada há de mais significativo do que estas palavras: “Eu não enviei esses profetas e eles correram por si mesmos; não lhes falei e eles profetizaram.” Mais adiante, diz: “Eu ouvi esses profetas que profetizavam a mentira em meu nome, dizendo: Sonhei, sonhei.” Indicava assim um dos meios que eles empregavam para explorar a confiança de que eram objeto. A multidão, sempre crédula, não pensava em lhes contestar a veracidade dos sonhos, ou das visões; achava isso muito natural e constantemente os convidava a falar.

Após as palavras do profeta, escutem os sábios conselhos do apóstolo S. João, quando diz: “Não acreditem em todo Espírito; experimentem se os Espíritos são de Deus”, porque, entre os invisíveis, também há os que se alegram em iludir, quando a ocasião se apresenta. Os iludidos, como se vê facilmente, são os médiuns que se não se previnem o bastante. Sem dúvida, aí se encontra um dos maiores perigos em que muitos esbarram tristemente, ainda mais se são novatos no Espiritismo. Isso para eles é uma prova de que só com muita prudência podem triunfar. Pois, aprendam antes de tudo a distinguir os bons e os maus Espíritos, para, por sua vez, não se tornarem falsos profetas.

Luoz Espírito Protetor. (Carlsruhe, 1861)

CAPÍTULO XXII

NÃO SEparem o que Deus JuntoU

- INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO
- O DIVÓRCIO

INDISSOLUBILIDADE DO CASAMENTO

1. Também os fariseus vieram ter com Jesus para O tentarem e disseram: “Será permitido a um homem despedir sua mulher, por qualquer motivo?” Ele respondeu: **“Não leram que Aquele que criou o homem desde o princípio os criou macho e fêmea e disse: Por esta razão, o homem deixará seu pai e sua mãe e se ligará à sua mulher e não farão os dois senão uma só carne? Assim, já não serão duas, mas uma só carne. Então, não separe o homem o que Deus juntou”.**

Eles retrucaram: “Mas, por que então Moisés ordenava que o marido desse à sua mulher um escrito de separação e a despedisse?” Jesus respondeu: **“Foi por causa da dureza do coração de vocês que Moisés permitiu que despedissem suas mulheres; mas, no começo, não foi assim. Por isso eu lhes declaro que aquele que despede sua mulher, a não ser em caso de adultério, e desposa outra, comete adultério; e que aquele que desposa a mulher que outro despediu também comete adultério”.**

(MATEUS, 19:3 a 9)

2. Imutável só há o que vem de Deus; tudo o que é obra dos homens está sujeito a mudança. As leis da Natureza são as mesmas em todos os tempos e em todos os países. As leis humanas mudam segundo os tempos, os lugares e o progresso da inteligência. No casamento, o que é de ordem divina é a união dos sexos, para que se opere a substituição dos seres que morrem; mas, as condições que regulam essa união são de tal modo humanas, que não há no mundo inteiro, nem mesmo na cristandade, dois países onde elas sejam absolutamente idênticas, e nenhum onde não tenham sofrido mudanças com o tempo. Daí resulta que, em face da lei civil, o que é legítimo num país e em dada época, é adultério noutra país e noutra época, isso pela razão de que a lei civil tem por fim regular os interesses das famílias, interesses que variam segundo os costumes e as necessidades locais. Assim é, por exemplo, que, em certos países, o casamento religioso é o único legítimo; noutros é necessário, além desse, o casamento civil; noutros, finalmente, este último casamento basta.

3. Mas, na união dos sexos, a par da lei divina material – comum a todos os seres vivos –, há outra lei divina, imutável como todas as leis de Deus, exclusivamente moral: a lei de amor. Deus quis que os seres se unissem não só pelos laços da carne, mas também pelos da alma, a fim de que a afeição mútua dos esposos se lhes

transmitisse aos filhos e que fossem dois, e não um somente, a amá-los, a cuidar deles e a fazê-los progredir. Nas condições comuns do casamento, a lei de amor é tida em consideração? De modo nenhum. Não se leva em conta a afeição de dois seres que, por sentimentos recíprocos, se atraem um para o outro, visto que, as mais das vezes, essa afeição é rompida. Não é da satisfação do coração que se cogita e sim da do orgulho, da vaidade, da cobiça, numa palavra: de todos os interesses materiais. Quando tudo vai pelo melhor consoante esses interesses, diz-se que o casamento é de conveniência e, quando as bolsas estão bem repartidas, diz-se que os esposos igualmente o são e muito felizes hão de ser.

Porém, nem a lei civil, nem os compromissos que ela faz que se concordem podem suprir a lei do amor, se esta não preside à união, resultando, frequentemente, *separarem-se por si mesmos os que se uniram à força*; torna-se um falso juramento, se pronunciado como fórmula banal, a promessa feita ao pé do altar. Daí as uniões infelizes, que acabam tornando-se criminosas, dupla desgraça que se evitaria ao estabelecerem-se as condições do matrimônio, se não prescindisse da única que o sanciona aos olhos de Deus: a lei de amor. Ao dizer Deus: “Não serão senão uma só carne”, e quando Jesus disse: “Não separem o que Deus uniu”, essas palavras se devem entender com referência à união segundo a lei imutável de Deus e não segundo a lei mutável dos homens.

4. Será então supérflua a lei civil e deverá os casamentos voltar segundo a Natureza? Não, decerto. A lei civil tem por fim regular as relações sociais e os interesses das famílias, de acordo com as exigências da civilização; por isso, é útil e necessária, mas variável. Deve ser previdente, porque o homem civilizado não pode viver como selvagem; nada, entretanto, nada absolutamente se opõe a que ela seja um corolário da lei de Deus. Os obstáculos ao cumprimento da lei divina vêm dos prejuízos e não da lei civil. Esses prejuízos, se bem ainda exuberantes, já perderam muito do seu predomínio no seio dos povos esclarecidos; desaparecerão com o progresso moral que, por fim, abrirá os olhos aos homens para os males sem conto, as faltas, mesmo os crimes que decorrem das uniões contraídas com vistas unicamente nos interesses materiais. Um dia se perguntará o que é mais humano, mais caridoso, mais moral: se encadear um ao outro dois seres que não podem viver juntos, se restituir-lhes a liberdade; se a perspectiva de uma cadeia indissolúvel não aumenta o número de uniões irregulares.

O DIVÓRCIO

5. O divórcio é lei humana que tem por objeto separar legalmente o que já, de fato, está separado. Não é contrário à lei de Deus, pois que apenas reforma o que os homens tem feito e só é aplicável nos casos em que não se levou em conta a lei divina. Se fosse contrário a essa lei, a própria Igreja seria obrigada a considerar como prevaricadores aqueles de seus chefes que, por autoridade própria e em nome da religião, tem imposto o divórcio em mais de uma ocasião. E dupla seria aí a prevaricação, porque, nesses casos, o divórcio tem objetivado unicamente interesses materiais e não a satisfação da lei de amor.

Mas, nem mesmo Jesus consagrou a indissolubilidade absoluta do casamento. Disse ele: “Foi por causa da dureza dos corações de vocês que Moisés permitiu que despedissem suas mulheres”. Isso significa que, já ao tempo de Moisés, não sendo a afeição mútua a única determinante do casamento, a separação podia tornar-se necessária. Acrescenta, porém: “no princípio, não foi assim”, isto é, na origem da Humanidade, quando os homens ainda não estavam pervertidos pelo egoísmo e pelo orgulho e viviam segundo a lei de Deus, as uniões, derivando da simpatia, e não da vaidade ou da ambição, nenhum motivo davam ao repúdio.

Vai mais longe: especifica o caso em que pode dar-se o repúdio, o de adultério. Ora, não existe adultério onde reina sincera afeição recíproca. É verdade que Ele proíbe ao homem desposar a mulher repudiada; mas, cumpre se tenham em vista os costumes e o caráter dos homens daquela época. A lei mosaica, nesse caso, recomendava o apedrejamento. Querendo abolir um uso bárbaro, precisou de uma penalidade que o substituísse e a encontrou na maldição que viria da proibição de um segundo casamento. De certo modo, era uma lei civil substituída por outra lei civil, mas que – como todas as leis dessa natureza – tinha de passar pela prova do tempo.

CAPÍTULO XXIII

ESTRANHA MORAL

- ODIAR OS PAIS
- ABANDONAR PAI, MÃE E FILHOS
- DEIXAR AOS MORTOS O CUIDADO DE ENTERRAR SEUS MORTOS
- NÃO VIM TRAZER A PAZ, MAS A DIVISÃO

ODIAR OS PAIS

1. Como uma grande multidão seguia Jesus, Ele voltou e disse: **“Se alguém vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe, a sua mulher e a seus filhos, a seus irmãos e irmãs, mesmo a sua própria vida, não pode ser meu discípulo. E quem quer que não carregue a sua cruz e me siga, não pode ser meu discípulo. Assim, aquele entre vocês que não renunciar a tudo o que tem não pode ser meu discípulo”.**

(LUCAS, 14:25 a 27 e 33)

2. **“Aquele que ama a seu pai ou a sua mãe, mais do que a mim, de mim não é digno; aquele que ama a seu filho ou a sua filha, mais do que a mim, de mim não é digno”.**

(MATEUS, 10:37)

3. Certas palavras, aliás muito raras, atribuídas ao Cristo, fazem contraste tão estranho com o Seu modo habitual de falar que, instintivamente, o seu sentido literal é de se rejeitar, sem que a sublimidade da Sua doutrina sofra qualquer dano. Como foram escritas depois de Sua morte – pois que nenhum dos Evangelhos foi redigido enquanto Jesus vivia –, lícito é acreditar-se que, em casos como este, o fundo do seu pensamento não foi bem expresso, ou, o que não é menos provável, o sentido primitivo, passando de uma língua para outra, há de ter sofrido alguma alteração. Basta que um erro se haja cometido uma vez, para que os copiadoreos o tenham repetido, como se dá frequentemente com relação aos fatos históricos.

O termo *odiar*, nesta frase de S. Lucas: *Se alguém vem a mim e não odeia a seu pai e a sua mãe*, está compreendido nessa hipótese. A ninguém acudirá atribuí-la a Jesus. Será então supérfluo discuti-la e, ainda menos, tentar justificá-la. Importaria, primeiro, saber se Ele a pronunciou e, em caso afirmativo, se, na língua em que se exprimia, a palavra em questão tinha o mesmo valor que na nossa. Nesta passagem de S. João: *“Aquele que odeia sua vida, neste mundo, a conserva para a vida eterna”*, é indubitável que ela não exprime a ideia que lhe atribuímos.

A língua hebraica não era rica e continha muitas palavras com várias significações. Tal, por exemplo, a que, no *Gênese*, designa as fases da criação: servia, simultaneamente, para exprimir um período qualquer de tempo e a revolução diurna. Daí, mais tarde, a sua tradução pelo termo *dia* e a crença de que o mundo foi

obra de seis vezes vinte e quatro horas. Tal, também, a palavra com que se designava um *camelo* e um *cabo*, uma vez que os cabos eram feitos de pelos de camelo. Daí o haverem-na traduzido pelo termo *camelo*, na alegoria do buraco de uma agulha (Ver capítulo XVI, Item 2).⁵⁶

Ao demais, é necessário que se atenda os costumes e o caráter dos povos, pelo muito que influem sobre o gênio particular de seus idiomas. Sem esse conhecimento, tantas vezes o sentido verdadeiro de certas palavras escapa. De uma língua para outra, o mesmo termo se reveste de maior ou menor energia. Pode, numa, envolver injúria ou blasfêmia, e carecer de importância noutra, conforme a ideia que suscite. Na mesma língua, algumas palavras perdem seu valor com o correr dos séculos. Por isso é que uma tradução rigorosamente literal nem sempre exprime perfeitamente o pensamento e que, para manter a exatidão, se tem às vezes de empregar, não termos correspondentes, mas outros equivalentes, ou perífrases. Estas notas encontram aplicação especial na interpretação das Santas Escrituras e, em particular, dos Evangelhos. Se não levarmos em conta o meio em que Jesus vivia, ficamos expostos a equívocos sobre o valor de certas expressões e de certos fatos, em consequência do hábito em que se está de assimilar os outros a si próprio. Em todo caso, devemos desconsiderar o termo *odiar* da sua significação moderna, como contrária ao modelo do ensino de Jesus. (Veja-se também o cap. XIV, nº 5 e seguintes)

ABANDONAR PAI, MÃE E FILHOS

4. **“Aquele que pelo meu nome tiver deixado sua casa, os seus irmãos, ou suas irmãs, ou seu pai, ou sua mãe, ou sua mulher, ou seus filhos, ou suas terras, receberá cem vezes mais de tudo isso e terá por herança a vida eterna”.**

(MATEUS, 19:29)

5. Então, disse Pedro a Jesus: **“Quanto a nós, vê que deixamos tudo e te seguimos”.** Jesus lhe observou: **“Na verdade eu lhes digo que ninguém deixará, pelo reino de Deus, sua casa, ou seu pai, ou sua mãe, ou seus irmãos, ou sua mulher, ou seus filhos que não receba muito mais já neste mundo, e a vida eterna no século que virá”.**

(LUCAS, 18:28 a 30)

6. Disse-lhe outro: **“Senhor, eu te seguirei; mas, permite que, antes, disponha do que tenho em minha casa”.** Jesus lhe respondeu: **“Aquele que pôr a mão no arado e olhar para trás, não está apto para o reino de Deus”.**

(LUCAS, 9:61-62)

⁵⁶ **Non odit**, em latim: **Kai** ou **misei** em grego, não quer dizer **odiar**, porém, **amar menos**. O que o verbo grego **misein** exprime, ainda melhor o expressa o verbo hebreu, de que Jesus se há de ter servido. Esse verbo não significa apenas **odiar**, mas, também **amar menos, não amar igualmente, tanto quanto a um outro**. No dialeto siríaco, do qual, dizem, Jesus usava com mais frequência, ainda melhor acentuada é essa significação. Nesse sentido é que o **Gênese** (capítulo 29:30-31) diz: “E Jacob amou também mais a Raquel do que a Lia, e Jeová, vendo que Lia era **odiada**...” É evidente que o verdadeiro sentido aqui é: **menos amada**. Assim se deve traduzir. Em muitas outras passagens hebraicas e, sobretudo, siríacas, o mesmo verbo é empregado no sentido de **não amar tanto quanto a outro**, de sorte que fora contra-senso traduzi-lo por **odiar**, que tem outra aceção bem determinada. O texto de S. Mateus, aliás, afasta toda a dificuldade. (Nota do Sr. Pezzani)

Sem discutir as palavras, deve-se aqui procurar o pensamento, que era, evidentemente, este: “Os interesses da vida futura prevalecem sobre todos os interesses e todas as considerações humanas”, porque esse pensamento está de acordo com a substância da doutrina de Jesus, ao passo que a ideia de uma renúncia à família seria a negação dessa doutrina.

Aliás, não temos sob as vistas a aplicação desses ensinamentos no sacrifício dos interesses e das afeições de família aos da Pátria? Porventura, criticamos aquele que deixa seu pai, sua mãe, seus irmãos, sua mulher, seus filhos, para marchar em defesa do seu país? Ao contrário, não lhe reconhecemos grande mérito em se arrancar ao invés das doçuras do lar doméstico, das ligações da amizade, para cumprir um dever? É que, então, há deveres que superam a outros deveres. A lei não impõe à filha a obrigação de deixar os pais para acompanhar o esposo? Formigam no mundo os casos em que são necessárias as mais penosas separações. Nem por isso, entretanto, as afeições se rompem. O afastamento não diminui o respeito, nem os cuidados do filho para com os pais, nem a ternura destes para com aquele. Vê-se, portanto, que, mesmo tomadas ao pé da letra – tirando o termo *odiar* – aquelas palavras não seriam uma negação do mandamento que prescreve ao homem honrar a seu pai e a sua mãe, nem do afeto paternal; com mais forte razão, não o seriam, se tomadas segundo o modelo. Elas tinham como objetivo mostrar, de uma forma bem forte, como é imperioso para a criatura o dever de ocupar-se com a vida futura. Aliás, pouco chocantes haviam de ser para um povo e numa época em que, como consequência dos costumes, os laços de família eram menos fortes, do que no seio de uma civilização moral mais avançada. Esses laços, mais fracos nos povos primitivos, fortalecem-se com o desenvolvimento da sensibilidade e do senso moral. A própria separação é necessária ao progresso. Assim as famílias como as raças se abastardam, desde que se não entrecruzem, se não enxertem umas nas outras. É essa uma lei da Natureza, tanto no interesse do progresso moral, quanto no do progresso físico.

Aqui, as coisas são consideradas apenas do ponto de vista terreno. O Espiritismo nos faz vê-las de mais alto, mostrando serem os do Espírito e não os do corpo os verdadeiros laços de afeição; que aqueles laços não se quebram pela separação, nem mesmo pela morte do corpo; que se reforçam na vida espiritual, pelo melhoramento do Espírito, verdade consoladora da qual as criaturas se nutrem de grandes forças, para suportarem os tormentos da vida. (Cap. IV, nº 18; cap. XIV, nº 8)

DEIXAR AOS MORTOS O CUIDADO DE ENTERRAR SEUS MORTOS

7. Disse a outro: “**Segue-me**”; e o outro respondeu: “Senhor, consente que, primeiro, eu vá enterrar meu pai”. Jesus lhe retrucou: “**Deixe aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos; quanto a ti, vai anunciar o reino de Deus**”.

(LUCAS, 9:59-60)

8. O que podem significar estas palavras: “Deixa aos mortos o cuidado de enterrar seus mortos”? As considerações anteriores mostram, em primeiro lugar, que, nas circunstâncias em que foram proferidas, não podiam conter censura àquele que considerava um dever de piedade filial ir sepultar seu pai. No entanto, tem um

sentido profundo, que só o conhecimento mais completo da vida espiritual podia tornar perceptível.

Com efeito, a vida espiritual é a verdadeira vida, é a vida normal do Espírito, sendo-lhe transitória e passageira a existência terrestre – espécie de morte, se comparada ao esplendor e à atividade da outra. O corpo não passa de simples vestimenta grosseira que temporariamente cobre o Espírito, verdadeiro cárcere que o prende à gleba terrena, do qual ele se sente feliz em se libertar. Não é a matéria que inspira o respeito que se consagra aos mortos; pela lembrança, é o Espírito ausente quem o infunde. Ele é semelhante àquele que se dedica aos objetos que lhe pertenceram, que ele tocou e que as pessoas que lhe são afeiçoadas guardam como relíquias. Era isso o que aquele homem não podia por si mesmo compreender. Jesus lho ensina, dizendo: Não te preocupes com o corpo, pensa antes no Espírito; vai ensinar o reino de Deus; vai dizer aos homens que a pátria deles não é a Terra, mas o céu, pois somente lá transcorre a verdadeira vida.

NÃO VIM TRAZER A PAZ, MAS, A DIVISÃO

9. “Não pensem que eu vim trazer paz à Terra; não vim trazer a paz, mas a espada; pois vim separar o filho de seu pai, a filha de sua mãe, a nora de sua sogra; e o homem terá por inimigos os de sua própria casa”.

(MATEUS, 10:34 a 36)

10. “Vim para lançar fogo à Terra; e o que desejo senão que ele se acenda? Tenho de ser batizado com um batismo e como me sinto desejoso de que ele se cumpra! Julgam que eu tenha vindo trazer paz à Terra? Não, eu afirmo; ao contrário, vim trazer a divisão; pois, de agora em diante, se houver numa casa cinco pessoas, elas estarão divididas umas contra as outras: três contra duas e duas contra três. O pai estará em divisão com o filho e o filho com o pai, a mãe com a filha e a filha com a mãe, a sogra com a nora e a nora com a sogra”.

(LUCAS, 12:49 a 53)

11. Será mesmo possível que Jesus, a personificação da doçura e da bondade, Jesus, que não cessou de pregar o amor do próximo, tenha dito: “Não vim trazer a paz, mas a espada; vim separar do pai o filho, do esposo a esposa; vim lançar fogo à Terra e tenho pressa de que ele se acenda”? Não estarão essas palavras em contradição flagrante com os Seus ensinamentos? Não haverá blasfêmia em lhe atribuírem a linguagem de um conquistador sanguinário e devastador? Não, não há blasfêmia, nem contradição nessas palavras, pois foi mesmo Ele quem as pronunciou, e elas dão testemunho da Sua alta sabedoria. Apenas, um pouco equivocada, a forma não lhe exprime com exatidão o pensamento, o que deu lugar a que se enganassem relativamente ao verdadeiro sentido delas. Tomadas à letra, tenderiam a transformar a Sua missão, toda de paz, noutra de perturbação e discórdia, consequência absurda, que o bom-senso repele, pois Jesus não podia desmentir-se. (Cap. XIV, nº 6)

12. Toda ideia nova forçosamente encontra oposição e não há nenhuma que se implante sem lutas. Ora, nesses casos, a resistência é sempre proporcional à importância dos resultados *previstos*, porque, quanto maior ela é, tanto mais numerosos são os interesses que fere. Se for notoriamente falsa, se a julgam isenta de consequências, ninguém se alarma; deixam-na todos passar, certos de que lhe

falta vitalidade. Porém, se é verdadeira, se assenta em sólida base, se lhe preveem futuro, um secreto pressentimento adverte os seus adversários de que constitui um perigo para eles e para a ordem de coisas em cuja manutenção se empenham. Atiram-se, então, contra ela e contra os seus adeptos.

Assim, pois, a medida da importância e dos resultados de uma ideia nova se encontra na emoção que o seu aparecimento causa, na violência da oposição que provoca, bem como no grau e na persistência da ira de seus adversários.

13. Jesus vinha proclamar uma doutrina que prejudicaria pela base os abusos de que viviam os fariseus, os escribas e os sacerdotes do seu tempo. Portanto, condenaram Jesus, certos de que, matando o homem, matariam a ideia. Mas esta sobreviveu, porque era verdadeira; engrandeceu-se, porque correspondia aos desígnios de Deus e, nascida num pequeno e obscuro arraial da Judeia, foi plantar o seu estandarte na capital mesma do mundo pagão, à face dos seus mais encarniçados inimigos, daqueles que mais tramavam em combatê-la, porque subvertia crenças antigas a que eles se apegavam muito mais por interesse do que por convicção. Lutas das mais terríveis esperavam aí pelos seus apóstolos; foram inumeráveis as vítimas; no entanto, a ideia cresceu sempre e triunfou, porque, como verdade, superava as que a vieram antes.

14. É de notar-se que o Cristianismo surgiu quando o paganismo já entrara em declínio e se debatia contra as luzes da razão. Ainda era praticado *pro forma*; a crença, porém, desapareceu; apenas o interesse pessoal o sustentava. Ora, o interesse é grave; jamais cede à evidência; irrita-se tanto mais quanto mais determinantes e demonstrativos de seu erro são os argumentos que se lhe opõem. Sabe ele muito bem que está errado, mas isso não o abala, pois a verdadeira fé não lhe está na alma. O que mais teme é a luz, que dá vista aos cegos. É-lhe proveitoso o erro; ele se lhe agarra e o defende.

Sócrates também ensinara uma doutrina até certo ponto igual à do Cristo. Por que a sua doutrina não prevaleceu naquela época, no seio de um dos povos mais inteligentes da Terra? É que ainda não havia chegado o tempo. Ele semeou numa terra não lavrada; o paganismo ainda se não achava *gasto*. O Cristo recebeu a Sua missão em propício tempo. É certo que muito faltava para que todos os homens da Sua época estivessem à altura das ideias cristãs, mas havia entre eles uma aptidão mais geral para assimilá-las, pois que já se começava a sentir o vazio que as crenças vulgares deixavam na alma. Sócrates e Platão haviam aberto o caminho e predisposto os Espíritos (Veja-se, na “Introdução”, o § IV: *Sócrates e Platão, precursores da ideia cristã e do Espiritismo*).

15. Infelizmente, os adeptos da nova doutrina não se entenderam quanto à interpretação das palavras do Mestre, as mais das vezes, veladas pela alegoria e pelas figuras da linguagem. Daí porque sem demora nasceram numerosas seitas, todas pretendendo possuir a verdade exclusivamente e não bastarem dezoito séculos para pô-las de acordo. Esquecendo o mais importante dos preceitos divinos, o que Jesus colocou por pedra angular do seu edifício e como condição expressa da salvação: a caridade, a fraternidade e o amor do próximo, aquelas seitas lançaram

maldição umas sobre as outras, e umas contra as outras se atiraram, as mais fortes esmagando as mais fracas, afogando-as em sangue, aniquilando-as nas torturas e nas chamas das fogueiras. Vencedores do Paganismo, os cristãos, de perseguidos que eram, fizeram-se perseguidores. A ferro e fogo foi que se puseram a plantar a cruz do Cordeiro sem mácula nos dois mundos. É fato constante que as guerras de religião foram as mais cruéis, mais vítimas causaram do que as guerras políticas; em nenhuma outras se praticaram tantos atos de atrocidade e de barbárie.

A culpa é da doutrina do Cristo? Não, decerto que ela formalmente condena toda violência. Alguma vez Ele disse a seus discípulos: Vão, matem, massacrem, queimem os que não crerem como vocês? Não; ao contrário, disse: Todos os homens são irmãos e Deus é soberanamente misericordioso; amem o próximo; amem os inimigos; façam o bem aos que os persigam. Disse-lhes, igualmente: Quem matar com a espada pela espada perecerá. A responsabilidade, portanto, não pertence à doutrina de Jesus, mas aos que a interpretaram falsamente e a transformaram em instrumento próprio a lhes satisfazer as paixões; pertence aos que desprezaram estas palavras: “Meu reino não é deste mundo”.

Em Sua profunda sabedoria, Ele tinha a previdência do que aconteceria. Mas, essas coisas eram inevitáveis, porque são próprios da inferioridade da natureza humana, que não podia transformar-se repentinamente. Cumpria que o Cristianismo passasse por essa longa e cruel prova de dezoito séculos, para mostrar toda a sua força, visto que, apesar de todo o mal cometido em Seu nome, Ele saiu dela puro. Jamais esteve em causa. As investidas sempre recaíram sobre os que dele abusaram. A cada ato de intolerância, sempre se disse: Se o Cristianismo fosse mais bem compreendido e mais bem praticado, isso não se daria.

16. Quando Jesus declara: “Não creiam que eu tenha vindo trazer a paz, mas, sim, a divisão”, Seu pensamento era este:

“Não creiam que a minha doutrina se estabeleça pacificamente; ela trará lutas sangrentas, tendo por pretexto o meu nome, porque os homens não me terão compreendido, ou não me terão querido compreender. Os irmãos, separados pelas suas respectivas crenças, desembainharão a espada um contra o outro e a divisão reinará no seio de uma mesma família, cujos membros não partilhem da mesma crença. Vim lançar fogo à Terra para expungi-la dos erros e dos preconceitos, do mesmo modo que se põe fogo a um campo para destruir nele as ervas más, e tenho pressa de que o fogo se acenda para que a depuração seja mais rápida, visto que do conflito sairá triunfante a verdade. À guerra sucederá a paz; ao ódio dos partidos, a fraternidade universal; às trevas do fanatismo, a luz da fé esclarecida. Então, quando o campo estiver preparado, eu lhes enviarei o *Consolador, o Espírito de Verdade, que virá restabelecer todas as coisas*, isto é, que, dando a conhecer o sentido verdadeiro das minhas palavras, que os homens mais esclarecidos poderão enfim compreender, porá fim à luta cruel que desune os filhos do mesmo Deus. Cansados, afinal, de um combate sem resultado, que consigo traz unicamente a desolação e a perturbação até ao seio das famílias, reconhecerão os homens onde estão seus verdadeiros interesses, com relação a este mundo e ao outro. Verão de que lado estão os amigos e os inimigos da tranquilidade deles. Todos então se porão sob a mesma bandeira: a da caridade, e as coisas serão restabelecidas na Terra, de acordo com a verdade e os princípios que vos tenho ensinado.”

17. O Espiritismo vem realizar, na época prevista, as promessas do Cristo. Entretanto, não o pode fazer sem destruir os abusos. Como Jesus, ele topa com o orgulho, o egoísmo, a ambição, a ambição, o fanatismo cego, os quais, levados às suas últimas trincheiras, tentam barrar-lhe o caminho e lhe suscitam entraves e perseguições. Portanto, ele também tem de combater; mas, o tempo das lutas e das perseguições sanguinolentas passou; são todas de ordem moral as batalhas que terá de enfrentar e próximo está o término. As primeiras duraram séculos; estas durarão apenas alguns anos, porque a luz, em vez de partir de um único foco, jorra de todos os pontos do Globo e abrirá mais de pronto os olhos aos cegos.

8. Então, essas palavras de Jesus devem ser entendidas com referência às iras que a Sua doutrina provocaria, aos conflitos momentâneos a que ia dar causa, às lutas que teria de sustentar antes de se firmar, como aconteceu aos hebreus antes de entrarem na Terra Prometida, e não como decorrentes de um desígnio premeditado da parte de Jesus em semear a desordem e a confusão. O mal viria dos homens e não d'Ele, que era como o médico que se apresenta para curar, mas cujos remédios provocam uma crise salutar, atacando os maus humores do doente.

CAPÍTULO XXIV

NÃO PONHAM A CANDEIA EMBAIXO DO ALQUEIRE

- CANDEIA SOBRE O ALQUEIRE – POR QUE JESUS FALAVA POR PARÁBOLAS
- NÃO VÃO TER COM OS GENTIOS
- NÃO SÃO OS QUE GOZAM DE SAÚDE QUE PRECISAM DE MÉDICO
- CORAGEM DA FÉ
- CARREGAR A CRUZ – QUEM QUISER SALVAR A VIDA VAI PERDÊ-LA

CANDEIA SOB O ALQUEIRE POR QUE FALAVA JESUS POR PARÁBOLAS

1. “Ninguém acende uma candeia para pô-la debaixo do alqueire; põe-na, ao contrário, sobre o candeeiro, a fim de que ilumine a todos os que estão na casa”.⁵⁷

(MATEUS, 5:15)

2. “Não há ninguém que, depois de ter acendido uma candeia, a cubra com um vaso, ou a ponha debaixo da cama; põe-na sobre o candeeiro, a fim de que os que entrem vejam a luz; pois nada há escondido que não haja de ser descoberto, nem nada oculto que não haja de ser conhecido e de aparecer publicamente”.

(LUCAS, 8:16 e 17)

3. Aproximando-se Jesus, os discípulos Lhe disseram: “Por que lhes falas por parábolas?” Respondendo-lhes, disse Ele: “É porque, a vocês, foi dado conhecer os mistérios do reino dos céus; mas, a eles, isso não lhes foi dado. Porque, àquele que já tem, mais se lhe dará e ele ficará na abundância; àquele, entretanto, que não tem, mesmo o que tem se lhe tirará. Falo-lhes por parábolas, porque, vendo, não veem e, ouvindo, não escutam e não compreendem. E neles se cumprirá a profecia de Isaías, que diz: *‘Ouvirão com os próprios ouvidos e não escutarão; olharão com os próprios olhos e não verão’*. Porque, o coração deste povo se tornou pesado, e seus ouvidos se tornaram surdos e fecharam os olhos para que seus olhos não vejam e seus ouvidos não ouçam, para que seu coração não compreenda e para que, tendo-se convertido, eu não os cure”.

(MATEUS, 13:10 a 15)

4. É de causar admiração que Jesus diga que a luz não deve ser colocada debaixo do

⁵⁷ **Candeia** ou **Candeeiro**: uma espécie de luminária, lampião; **Alqueire**: segundo o contexto aqui, espécie de suporte onde se pendura a luminária, num lugar alto e aberto para clarear o ambiente – N. E.

alqueire, quando Ele próprio oculta constantemente o sentido de Suas palavras sob o véu da simbologia que nem todos podem compreender. Ele se explica, dizendo a seus apóstolos: “Falo-lhes por parábolas, porque não estão em condições de compreender certas coisas. Eles veem, olham, ouvem, mas não entendem. Logo, seria inútil dizer tudo a eles, por enquanto. Mas digo a vocês, porque lhes foi permitido compreender estes mistérios”. Portanto, procedia com o povo como se faz com crianças cujas ideias ainda se não desenvolveram. Desse modo, indica o verdadeiro sentido da sentença: “Não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, mas sobre o candeeiro, a fim de que todos os que entrem a possam ver”. Tal sentença não significa que se deva revelar inconsideradamente todas as coisas. Todo ensinamento deve ser proporcionado à inteligência daquele a quem se queira instruir, pois há pessoas a quem uma luz viva demais deslumbraria, sem as esclarecer.

Em geral, ocorre com os homens o que se dá em particular com os indivíduos. As gerações têm sua infância, sua juventude e sua maturidade. Cada coisa tem de vir na época própria; a semente lançada à terra, fora da estação, não germina. Mas, o que a prudência manda calar, momentaneamente, cedo ou tarde será descoberto, porque, chegados a certo grau de desenvolvimento, os homens procuram por si mesmos a luz viva; pesa-lhes a obscuridade. Tendo-lhes Deus cedido a inteligência para compreenderem e se guiarem por entre as coisas da Terra e do céu, eles tratam de raciocinar sobre sua fé. É então que não se deve pôr a candeia debaixo do alqueire, visto que, *sem a luz da razão, desfalece a fé*. (Cap. XIX, nº 7)

5. Se, pois, em sua providente sabedoria, a Providência só revela as verdades gradualmente, é claro que as desvenda à proporção que a Humanidade se vai mostrando amadurecida para recebê-las. Ela as mantém de reserva e não sob o alqueire. Porém, os homens que buscam possuí-las, quase sempre as escondem do povo com a intenção de o dominarem. São esses os que, verdadeiramente, colocam a luz debaixo do alqueire. É por isso que todas as religiões têm tido seus mistérios e proibem exames. Mas, ao passo que essas religiões iam ficando para trás, a Ciência e a inteligência avançaram e romperam o véu misterioso. Havendo-se tornado adulto, o povo comum entendeu de penetrar o fundo das coisas e eliminou de sua fé o que era contrário à observação.

Não podem existir mistérios absolutos e Jesus está com a razão quando diz que nada há secreto que não venha a ser conhecido. Tudo o que se acha oculto será descoberto um dia e o que o homem ainda não pode compreender lhe será sucessivamente desvendado, em mundos mais adiantados, quando se houver purificado. Aqui na Terra, ele ainda se encontra em pleno nevoeiro.

6. Pergunta-se: que proveito o povo podia tirar dessa multidão de parábolas, cujo sentido se lhe conservava impenetrável? É de notar-se que Jesus somente se exprimiu por parábolas sobre as partes de certo modo abstratas da sua doutrina. Mas, tendo feito da caridade para com o próximo e da humildade condições básicas da salvação, tudo o que disse a esse respeito é inteiramente claro, explícito e sem ambiguidade alguma. Assim devia ser, porque era a regra de conduta, regra que todos tinham de compreender para poderem observá-la. Era o essencial para a multidão ignorante, à qual ele se limitava a dizer: “Eis o que é preciso se faça para

ganhar o reino dos céus”. Sobre as outras partes, apenas aos discípulos desenvolvia o seu pensamento. Por serem eles mais adiantados, moral e intelectualmente, Jesus pôde iniciá-los no conhecimento de verdades mais abstratas. Daí o haver dito: *Aos que já têm, ainda mais se dará* (Cap. XVIII, nº 15).

Entretanto, mesmo com os apóstolos, conservou-se impreciso acerca de muitos pontos, cuja completa inteligência ficava reservada a tempos posteriores. Foram esses pontos que deram ensejo a tão diversas interpretações, até que a Ciência, de um lado, e o Espiritismo, de outro, revelassem as novas leis da Natureza, que lhes tornaram perceptível o verdadeiro sentido.

7. Hoje o Espiritismo projeta luz sobre uma imensidade de pontos obscuros; não a lança, porém, inconsideradamente. Com admirável prudência os Espíritos se conduzem ao darem suas instruções. Só gradual e sucessivamente consideraram as diversas partes já conhecidas da Doutrina, deixando as outras partes para serem reveladas à medida que se for tornando oportuno fazê-las sair da obscuridade. Se a houvessem apresentado completa desde o primeiro momento, somente a reduzido número de pessoas se teria ela mostrado acessível; teria mesmo assustado as que não se achassem preparadas para recebê-la, do que resultaria ficar prejudicada a sua propagação. Se, pois, os Espíritos ainda não dizem tudo ostensivamente, não é porque haja na Doutrina mistérios em que só alguns privilegiados possam penetrar, nem porque eles coloquem a lâmpada debaixo do alqueire; é porque cada coisa tem de vir no momento oportuno. Eles dão a cada ideia tempo para amadurecer e propagar-se, antes que apresentem outra, e *aos acontecimentos o de preparar a aceitação dessa outra*.

NÃO VÃO TER COM OS GENTIOS

8. Jesus enviou seus doze apóstolos, depois de lhes haver dado as instruções seguintes: **“Não procurem os gentios⁵⁸ e não entrem nas cidades dos samaritanos. Vão antes, em busca das ovelhas perdidas da casa de Israel; e, nos lugares onde forem, puguem, dizendo que o reino dos céus está próximo”**.

(MATEUS, 10:5 a 7)

9. Em muitas circunstâncias, Jesus prova que Suas vistas não se limitam ao povo judeu, mas que abrangem a Humanidade toda. Portanto, se diz a Seus apóstolos para não irem ter com os pagãos, não é que despreze a conversão deles, o que nada teria de caridoso; é que os judeus, que já acreditavam no Deus único e esperavam o Messias, estavam preparados para lhes acolherem a palavra, pela lei de Moisés e pelos profetas. Com os pagãos, onde até mesmo a base faltava, estava tudo por fazer e os apóstolos não se achavam ainda bastante esclarecidos para tão pesada tarefa. Foi por isso que lhes disse: “Vão em busca das ovelhas transviadas de Israel”, isto é, vão semear em terreno já arado. Sabia que a conversão dos gentios (os nobres e poderosos) se daria a seu tempo. Mais tarde, com efeito, os apóstolos foram plantar a cruz no centro mesmo do Paganismo.

⁵⁸ **Gentios:** significa aqui, os nobres, os abastados e poderosos – N. E.

10. Essas palavras podem também ser aplicadas aos adeptos e aos disseminadores do Espiritismo. Os incrédulos sistemáticos, os zombadores teimosos, os adversários interessados são para eles o que eram os gentios para os apóstolos. Que, pois, a exemplo destes, procurem, primeiramente, fazer simpatizantes entre os de boa vontade, entre os que desejam luz, nos quais um germen fecundo se encontra e cujo número é grande, sem perderem tempo com os que não querem ver, nem ouvir e tanto mais resistem, por orgulho, quanto maior for a importância que se pareça ligar à sua conversão. Mais vale abrir os olhos a cem cegos que desejam ver claro, do que a um só que se contenta com a escuridão, porque, assim procedendo, em maior proporção se aumentará o número dos sustentadores da causa. Deixar tranquilos os outros não é dar mostra de indiferença, mas de boa política. Chegará a vez deles, quando estiverem dominados pela opinião geral e ouvirem a mesma coisa incessantemente repetida ao seu derredor. Aí, julgarão que aceitam a ideia voluntariamente, por impulso próprio e não por pressão de alguém. Depois, há ideias que são como as sementes: não podem germinar fora da estação apropriada, nem em terreno que não tenha sido de antemão preparado, pelo que melhor é se espere o tempo propício e se cultivem primeiro as que germinem, para não acontecer que abortem as outras, em virtude de um cultivo demasiado intenso.

Na época de Jesus e em consequência das ideias acanhadas e materiais então em curso, tudo se circunscrevia e localizava. A casa de Israel era um pequeno povo; os gentios eram outros pequenos povos circunvizinhos. Hoje, as ideias se universalizam e espiritualizam. A luz nova não constitui privilégio de nenhuma nação; para ela não existem barreiras, tem o seu foco em toda a parte e todos os homens são irmãos. Mas, também, os gentios já não são um povo, são apenas uma opinião com que se topa em toda a parte e da qual a verdade triunfa pouco a pouco, como do Paganismo triunfou o Cristianismo. Já não são combatidos com armas de guerra, mas com a força da ideia.

NÃO SÃO OS QUE GOZAM SAÚDE QUE PRECISAM DE MÉDICO

11. Estando Jesus à mesa, na casa de Mateus, vieram aí ter muitos publicanos e gente de má vida, que se puseram à mesa com Jesus e Seus discípulos; o que fez que os fariseus, notando-o, dissessem aos discípulos: “Como é que o vosso Mestre come com publicanos e pessoas de má vida?” Tendo-os ouvido, disse-lhes Jesus: **“Não são os que gozam saúde que precisam de médico”**.

(MATEUS, 9:10 a 12)

12. Jesus se acercava principalmente dos pobres e dos deserdados, porque são os que mais necessitam de consolações; dos cegos dóceis e de boa-fé, porque pedem se lhes dê a vista, e não dos orgulhosos que julgam possuir toda a luz e de nada precisar (Veja-se: “Introdução”, artigo: *Publicanos, Portageiros*).

Essas palavras, como tantas outras, encontram no Espiritismo a aplicação que lhes cabe. Há quem se admire de que, por vezes, a mediunidade seja concedida a pessoas indignas, capazes de a usarem mal. Dizem, parece que tão preciosa faculdade deveria ser atributo exclusivo dos de maior merecimento.

Digamos, antes de tudo, que a mediunidade é próprio de uma disposição

orgânica, de que qualquer homem pode ser dotado, como ver, ouvir e falar. Ora, não há nenhuma de que o homem não possa abusar por efeito do seu livre-arbítrio, e se Deus não tivesse concedido a fala, por exemplo, senão aos incapazes de proferirem coisas más, maior seria o número dos mudos do que o dos que falam. Deus outorgou capacidades ao homem e lhe dá a liberdade de usá-las, mas não deixa de punir o que delas abusa.

Se só aos mais dignos fosse concedido o poder de se comunicar com os Espíritos, quem ousaria pretendê-la? Ao demais, onde está o limite entre a dignidade e a indignidade? A mediunidade é conferida sem distinção, a fim de que os Espíritos possam trazer a luz a todas as camadas, a todas as classes da sociedade, ao pobre como ao rico; aos retos, para fortificá-los no bem, aos viciosos para corrigi-los. Não são estes últimos os doentes que necessitam de médico? Por que Deus, que não quer a morte do pecador, o privaria do socorro que o pode arrancar ao lameiro? Os bons Espíritos lhe vêm em auxílio e seus conselhos, dados diretamente, são de natureza a impressioná-lo de modo mais vivo, do que se os recebesse indiretamente. Deus, em Sua bondade, para lhe poupar o trabalho de ir buscá-la longe, nas mãos lhe coloca a luz. Não será ele bem mais culpado, se não a quiser ver? Poderá desculpar-se com a sua ignorância, quando ele mesmo tenha escrito com suas mãos, visto com seus próprios olhos, ouvido com seus próprios ouvidos, e pronunciado com a própria boca a sua condenação? Se não aproveitar, será então punido pela perda ou pela perversão da aptidão que lhe fora confiada e da qual, nesse caso, se aproveitam os maus Espíritos para o obsidiarem e enganarem, sem prejuízo das aflições reais com que Deus castiga os servidores indignos e os corações que o orgulho e o egoísmo endureceram.

A mediunidade não implica necessariamente relações habituais com os Espíritos superiores. É apenas uma *aptidão* para servir de instrumento mais ou menos dúctil aos Espíritos, em geral. O bom médium, pois, não é aquele que se comunica facilmente, mas aquele que é simpático aos bons Espíritos e somente deles tem assistência. Unicamente neste sentido é que a excelência das qualidades morais se torna onipotente sobre a mediunidade.

CORAGEM DA FÉ

13. “Aquele que me confessar e me reconhecer diante dos homens, eu também o reconhecerei e confessarei diante de meu Pai que está nos céus; e aquele que me renegar diante dos homens, também eu o renegarei diante de meu Pai que está nos céus”.

(MATEUS, 10:32 e 33)

14. “Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, o Filho do homem também dele se envergonhará, quando vier na Sua glória e na de Seu Pai e dos santos anjos”.

(LUCAS, 9:26)

15. A coragem das opiniões próprias sempre foi tida em grande estima entre os homens, porque há mérito em afrontar os perigos, as perseguições, as contradições e até os simples sarcasmos, aos quais, quase sempre, se expõe aquele que não teme proclamar abertamente ideias que não são as de toda gente. Aqui, como em tudo, o merecimento é proporcionado às circunstâncias e à importância do resultado. Há

sempre fraqueza em recuar alguém diante das conseqüências que lhe acarreta a sua opinião e em renegá-la; mas, há casos em que isso constitui covardia tão grande, quanto fugir no momento do combate.

Jesus critica essa covardia, do ponto de vista especial da Sua doutrina, dizendo que se alguém se envergonhar de suas palavras, desse também Ele se envergonhará; que renegará aquele que O renegou; que reconhecerá, perante o Pai que está nos céus, aquele que o confessar diante dos homens. Por outras palavras: *aqueles que tiverem se acovardado de se confessarem discípulos da verdade não são dignos de se verem admitidos no reino da verdade*. Perderão as vantagens da fé que alimentem, porque se trata de uma fé egoísta que eles guardam para si, ocultando-a para que não lhes traga prejuízo neste mundo, ao passo que aqueles que, pondo a verdade acima de seus interesses materiais, a proclamam abertamente, trabalham pelo seu próprio futuro e pelo dos outros.

16. Assim será com os adeptos do Espiritismo. Pois que a doutrina que professam não é mais do que o desenvolvimento e a aplicação da do Evangelho, também a eles se dirigem as palavras do Cristo. Eles semeiam na Terra o que colherão na vida espiritual. Colherão lá os frutos da sua coragem ou da sua fraqueza.

CARREGAR SUA CRUZ QUEM QUISER SALVAR A VIDA VAI PERDÊ-LA

17. *“Bem ditosos serão, quando os homens os odiarem e separarem, quando os tratarem injuriosamente, quando repelirem como mau o seu nome por causa do Filho do homem. Alegrem-se nesse dia e fiquem cheios de contentamento, porque grande recompensa está reservada para vocês no céu, visto que era assim que os pais deles tratavam os profetas”.*

(LUCAS, 6:22 e 23)

18. Chamando para perto de si o povo e os discípulos, disse Jesus: *“Se alguém quiser vir nas minhas pegadas, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz e siga-me; pois, aquele que se quiser salvar a si mesmo se perderá; e aquele que se perder por amor de mim e do Evangelho se salvará. Com efeito, de que serviria a um homem ganhar o mundo todo e perder-se a si mesmo?”*

(MARCOS, 8:34 a 36; LUCAS, 9:23 a 25; MATEUS, 10:38 e 39; JOÃO, 12:25 e 26)

19. *“Alegrem-se, diz Jesus, quando os homens os odiarem e perseguirem por minha causa, visto que serão recompensados no céu”.* Podem traduzir-se assim essas verdades: *“Considerem-se felizes, quando haja homens que, pela sua má vontade para com vocês, deem ocasião de provar a sinceridade da sua fé, pois o mal que lhes façam redundará em proveito de vocês. Lamentem a cegueira deles, porém, não os maldigam”.*

Depois, Ele acrescenta: *“Tome a sua cruz aquele que me quiser seguir”*, isto é, suporte corajosamente as tribulações que sua fé lhe acarretar, dado que aquele que quiser salvar a vida e seus bens, renunciando-me a mim, perderá as vantagens do reino dos céus, enquanto os que tudo houverem perdido neste mundo, mesmo a vida, para que a verdade triunfe, receberão, na vida futura, o prêmio da coragem, da perseverança e da abnegação de que deram prova. Mas, aos que sacrificam os bens celestes aos gozos terrestres, Deus dirá: *“Já receberam a merecida recompensa”.*

CAPÍTULO XXV

BUSQUEM E ACHARÃO

- AJUDA-TE A TI MESMO QUE O CÉU TE AJUDARÁ
- OBSERVEM OS PÁSSAROS NO CÉU
- NÃO SE AFADIGUEM PELA POSSE DO OURO

AJUDA-TE A TI MESMO, QUE O CÉU TE AJUDARÁ

1. “Peçam e lhes será dado; busquem e acharão; batam à porta e ela lhes será aberta; pois, quem pede recebe e quem procura acha e, àquele que bata à porta, ela se abrirá. Qual o homem entre vocês que dá uma pedra ao filho que lhe pede pão? Ou, se pedir um peixe, lhe dá uma serpente? Ora, sendo maus como vocês são, sabem dar boas coisas aos filhos, não é lógico que, com mais forte razão, o Pai que está nos céus dê os bens verdadeiros aos que Lhe pedirem?”

(MATEUS, 7:7 a 11)

2. Do ponto de vista terreno, a máxima: *Busquem e acharão* é igual a esta outra: *Ajuda-te a ti mesmo que o céu te ajudará*. É o princípio da *lei do trabalho* e, por conseguinte, da *lei do progresso*, pois o progresso é filho do trabalho, visto que este põe em ação as forças da inteligência.

Na infância da Humanidade, o homem só aplica a inteligência à busca do alimento, dos meios de se preservar das desgraças e de se defender dos seus inimigos. Porém, Deus lhe deu – mais do que deu ao animal – o *desejo incessante do melhor*, e é esse desejo que o põe à pesquisa dos meios de melhorar a sua posição, que o leva às descobertas, às invenções, ao aperfeiçoamento da Ciência, pois é a Ciência que lhe proporciona o que lhe falta. Pelas suas pesquisas, inteligência se lhe engrandece, o moral se lhe depura. Às necessidades do corpo sucedem as do espírito: depois do alimento material, precisa ele do alimento espiritual. É assim que o homem passa da selvageria à civilização.

Mas, bem pouca coisa é – imperceptível mesmo – em grande número deles, o progresso que cada um realiza individualmente no curso da vida. Como poderia então progredir a Humanidade, sem a preexistência e a *reexistência* da alma? Se as almas se fossem todos os dias, para não mais voltarem, a Humanidade se renovaria incessantemente com os elementos primitivos, tendo de fazer tudo, de aprender tudo. Não haveria, nesse caso, razão para que o homem se achasse hoje mais adiantado do que nas primeiras idades do mundo, uma vez que a cada nascimento todo o trabalho intelectual teria de recomeçar. Ao contrário, voltando com o progresso que já realizou e adquirindo de cada vez alguma coisa a mais, a alma passa gradualmente da barbárie à *civilização material* e desta à *civilização moral*. (Vede: cap. IV, nº 17)

3. Se Deus tivesse isentado o homem do trabalho do corpo, seus membros se teriam

atrofiado; se o houvesse isentado do trabalho da inteligência, seu espírito teria permanecido na infância, no estado de instinto animal. Por isso é que lhe fez do trabalho uma necessidade e lhe disse: *Procure e achará; trabalhe e produzirá.* Dessa maneira será filho das tuas obras, terá delas o mérito e será recompensado de acordo com o que hajais feito.

4. Em virtude desse princípio é que os Espíritos não socorrem o homem para poupar ao trabalho das pesquisas, trazendo-lhe, já feitas e prontas a ser utilizadas, descobertas e invenções, de modo a ele não ter mais do que tomar o que lhe ponham nas mãos, sem o incômodo, sequer, de abaixar-se para apanhar, nem mesmo o de pensar. Se assim fosse, o mais preguiçoso poderia enriquecer-se e o mais ignorante tornar-se sábio à custa de nada e ambos se atribuírem o mérito do que não fizeram. Não, *os Espíritos não vêm isentar o homem da lei do trabalho: vêm unicamente mostrar-lhe a meta que lhe cumpre atingir e o caminho que a ela conduz, dizendo-lhe: Ande e chegará.* Topará com pedras; olhe e afaste-as tu mesmo. Nós te daremos a força necessária, se a quiser empregar (O LIVRO DOS MÉDIUNS, 2ª Parte, cap. XXVI, nº 291 e seguintes).

5. Do ponto de vista moral, essas palavras de Jesus significam: Peçam a luz que clareie o caminho e ela lhes será dada; peçam forças para resistirem ao mal e as terão; peçam a assistência dos bons Espíritos e eles virão acompanhar-lhes e, como o anjo de Tobias, lhes guiarão; peçam bons conselhos e eles não serão jamais recusados; batam à nossa porta e ela se abrirá a vocês; mas, peçam sinceramente, com fé, confiança e fervor; apresentem-se com humildade e não com arrogância, senão serão abandonados às próprias forças e as quedas que derem serão o castigo do próprio orgulho. Tal o sentido das palavras: busquem e acharão; batam e ela se abrirá para vocês.

OBSERVAI OS PÁSSAROS DO CÉU

6. “Não acumulem tesouros na Terra, onde a ferrugem e os vermes os comem e onde os ladrões os desenterram e roubam; acumulem tesouros no céu, onde nem a ferrugem, nem os vermes os comem; pois, onde está o seu tesouro aí está também o próprio coração.

“Eis por que lhes digo: não se inquietem por saber onde acharão o que comer para sustento da vida, nem de onde tirarão roupas para cobrir o corpo. A vida não é mais do que o alimento e o corpo mais do que as vestes? Observem os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, nada guardam em celeiros; mas, o Pai celestial os alimenta. Vocês não são muito mais do que eles? E qual, dentre vocês, o que pode, com todos os seus esforços, aumentar de um centímetro a sua estatura? Por que, também se inquietam pelo vestuário? Observem como crescem os lírios dos campos: não trabalham, nem fiam; entretanto, eu lhes declaro que nem Salomão, em toda a sua glória, jamais se vestiu como um deles. Ora, se Deus tem o cuidado de vestir dessa maneira a erva dos campos, que existe hoje e amanhã será lançada na fomalha, quanto maior cuidado não terá em lhes vestir, ó homens de pouca fé! Então, não se inquietem, dizendo: que comeremos? Ou: que beberemos? Ou: de que nos vestiremos? Como fazem os pagãos, que andam à procura de todas essas coisas; porque o Pai sabe que têm necessidade delas.

“Busquem primeiramente o reino de Deus e a sua justiça, que todas essas coisas lhes serão dadas de acréscimo. Assim, pois, não fiquem inquietos pelo dia de amanhã, pois

o amanhã cuidará de si. A cada dia basta o seu mal”.

(MATEUS, 6:19 a 21 e 25 a 34)

7. Interpretadas ao pé da letra, essas palavras seriam a negação de toda providência, de todo trabalho e, conseqüentemente, de todo progresso. Com semelhante princípio, o homem se limitaria a esperar passivamente. Suas forças físicas e intelectuais se conservariam inativas. Se tal fora a sua condição normal na Terra, jamais houvera ele saído do estado primitivo e, se dessa condição fizesse ele a sua lei para a atualidade, só lhe caberia viver sem fazer coisa alguma. Não pode ter sido esse o pensamento de Jesus, pois estaria em contradição com o que disse de outras vezes, com as próprias leis da Natureza. Deus criou o homem sem vestes e sem abrigo, mas deu-lhe a inteligência para fabricá-los (Cap. XIV, nº 6; cap. XXV, nº 2).

Com efeito, não se deve ver nessas palavras mais do que uma poética alegoria da Providência, que nunca deixa ao abandono os que nela confiam, querendo, todavia, que esses, por seu lado, trabalhem. Se ela nem sempre acode com um auxílio material, inspira as ideias com que se encontram os meios de sair da dificuldade (Cap. XXVII, nº 8).

Deus conhece as nossas necessidades e provê a elas como for necessário. Mas o homem, insaciável nos seus desejos, nem sempre sabe contentar-se com o que tem: o necessário não lhe basta; reclama o supérfluo. A Providência, então, o deixa entregue a si mesmo. Frequentemente, ele se torna infeliz por culpa sua e por haver desatendido à voz que por intermédio da consciência o advertia. Nesses casos, Deus o faz sofrer as conseqüências, a fim de que lhe sirvam de lição para o futuro (Cap. V, nº 4).

8. A Terra produzirá o suficiente para alimentar a todos os seus habitantes, quando os homens souberem administrar, segundo as leis de justiça, de caridade e de amor ao próximo, os bens que ela dá. Quando a fraternidade reinar entre os povos, como entre as províncias de um mesmo império, o momentâneo supérfluo de um suprirá a momentânea insuficiência do outro; e cada um terá o necessário. O rico então se considerará como um que possui grande quantidade de sementes; se as espalhar, elas produzirão pelo múltiplo para si e para os outros; se, entretanto, comer sozinho as sementes, se as desperdiçar e deixar se perca a sobra do que tenha comido, nada produzirão e não haverá o bastante para todos. Se as amontoar no seu celeiro, os vermes as devorarão. Daí Jesus ter dito: “Não acumulem tesouros na Terra, pois que são perecíveis; acumulem no céu, onde são eternos”. Em outros termos: não liguem aos bens materiais mais importância do que aos espirituais e saibam sacrificar os primeiros aos segundos (Cap. XVI, nº 7 e seguintes).

A caridade e a fraternidade não se decretam em leis. Se uma e outra não estiverem no coração, o egoísmo aí sempre imperará. Cabe ao Espiritismo fazê-las penetrar nele.

NÃO SE AFADIGUEM PELA POSSE DO OURO

9. “Não se afadiguem por possuir ouro, ou prata, ou qualquer outra moeda em seus bolsos. Não preparem saco para a viagem, nem dois fatos, nem calçados, nem cajados, pois aquele que trabalha merece ser sustentado”.

10. “Ao entrarem em qualquer cidade ou aldeia, procurem saber quem é digno de hospedá-

los e fiquem na sua casa até que partam de novo. Entrando na casa, saúdam-na assim: *‘Que a paz seja nesta casa’*. Se a casa for digna disso, a paz de vocês virá sobre ela; se não o for, a sua paz voltará para vocês. Quando alguém não quiser recebê-los e nem escutá-los, ao saírem dessa casa ou cidade, sacudam a poeira dos pés. Na verdade, digo a vocês que: no dia do juízo, Sodoma e Gomorra⁵⁹ serão tratadas menos rigorosamente do que essa cidade”.

(MATEUS, 10:9 a 15)

11. Naquela época, nada tinham de estranho essas palavras que Jesus dirigiu a Seus apóstolos, quando os mandou anunciar a boa nova pela primeira vez. Estavam de acordo com os costumes patriarcais do Oriente, onde o viajante sempre encontrava acolhimento na tenda. Mas, então, os viajantes eram raros. Entre os povos modernos, o desenvolvimento da circulação houve de criar costumes novos. Os dos tempos antigos somente se conservam em países distantes, onde ainda não penetrou o grande movimento. Se Jesus voltasse hoje, já não poderia dizer a Seus apóstolos: “Ponham-se a caminho sem equipamentos”.

Juntamente com o sentido próprio, essas palavras guardam um significado moral muito profundo. Ao proferi-las, Jesus ensina a Seus discípulos que confiassem na Providência. Ao demais, nada tendo, eles não despertariam a cobiça nos que os recebessem. Era um meio de distinguirem dos egoístas os caridosos. Por isso foi que lhes disse: “Procurem saber quem é digno de hospedá-los” ou: quem é bastante humano para agasalhar o viajante que não tem com que pagar, pois esses são dignos de escutar as suas palavras; pela caridade deles é que os reconhecerão.

Quanto aos que não quisessem recebê-los e nem ouvir, será que Ele recomendou aos apóstolos que os amaldiçoassem, que se lhes impusessem, que usassem de violência e de constrangimento para os converterem? Não; mandou, pura e simplesmente, que se fossem embora, à procura de pessoas de boa vontade.

O mesmo diz o Espiritismo a seus adeptos hoje: não violentem nenhuma consciência; a ninguém forcem para que deixe a sua crença, a fim de adotar a sua; não condenem os que não pensem como vocês; acolham os que venham ter com vocês e deixem tranquilos os que os rejeitam. Lembrem-se das palavras do Cristo. Outrora, o céu era tomado com violência; hoje o é pela brandura. (Cap. IV, n° 10 e 11)

⁵⁹ Segundo a Bíblia, **Sodoma** e **Gomorra** eram duas cidades que, pelos pecados de seus habitantes, foram destruídas pela ira de Javé – N. E.

CAPÍTULO XXVI

DEEM GRATUITAMENTE O QUE DE GRAÇA RECEBERAM

- O DOM DE CURAR
- PRECES PAGAS
- MERCADORES EXPULSOS DO TEMPLO
- MEDIUNIDADE GRATUITA

DOM DE CURAR

1. “Restituam a saúde aos doentes, ressuscitem os mortos, curem os leprosos, expulsem os demônios. Deem gratuitamente o que de graça têm recebido”.

(MATEUS, 10:8)

2. “Deem gratuitamente o que de graça têm recebido”, diz Jesus a Seus discípulos. Com essa recomendação, prescreve que ninguém se faça pagar daquilo por que nada pagou. Ora, o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos. Esse dom Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé; Jesus, pois, recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem meio de vida.

PRECES PAGAS

3. Jesus disse em seguida a Seus discípulos, diante de todo o povo que O escutava: “Preservem-se dos escribas que se exibem a passear com longas túnicas, que gostam de ser saudados nas praças públicas e de ocupar os primeiros assentos nas sinagogas e os primeiros lugares nas festas que, a pretexto de longas preces, devoram as casas das viúvas. Essas pessoas receberão condenação mais rigorosa”.

(LUCAS, 20:45 a 47; MARCOS, 12:38 a 40; MATEUS, 23:14)

4. Disse também Jesus: Não aceitem que paguem as suas preces; não façam como os escribas que, “a pretexto de longas preces, *devoram as casas das viúvas*”, isto é, abocanham as fortunas. A prece é ato de caridade, é um roubo do coração. Cobrar alguém que se dirija a Deus por alguém é transformar-se em intermediário assalariado. A prece, então, fica sendo uma fórmula, cujo cumprimento se proporciona à soma que custe. Ora, uma de duas: ou Deus mede ou não mede as suas graças pelo número das palavras. Se estas forem necessárias em grande número, por que dizê-las poucas – ou quase nenhuma – por aquele que não pode

pagar? É falta de caridade. Se uma só basta, é inútil dizê-las em excesso. Por que então cobrá-las? É prevaricação.

Deus não vende os benefícios que concede. Então, como um que não é sequer o distribuidor deles, que não pode garantir a sua obtenção, cobraria um pedido que talvez nenhum resultado produza? Não é possível que Deus subordine um ato de clemência, de bondade ou de justiça, que da Sua misericórdia se solicite, a uma soma em dinheiro. Do contrário, se a soma não fosse paga, ou fosse insuficiente, a justiça, a bondade e a clemência de Deus ficariam em suspenso. A razão, o bom-senso e a lógica dizem ser impossível que Deus – a perfeição absoluta – conceda a criaturas imperfeitas o direito de estabelecer preço para a Sua justiça. A justiça de Deus é como o Sol: existe para todos, para o pobre como para o rico. Pois que se considera imoral traficar com as graças de um soberano da Terra, poderá ter por lícito o comércio com as do soberano do Universo?

As preces pagas apresentam ainda outro inconveniente: é que aquele que as compra se julga, as mais das vezes, dispensado de orar ele próprio, pois se considera quite, desde que deu o seu dinheiro. Sabe-se que os Espíritos se sentem tocados pelo fervor de quem por eles se interessa. Qual pode ser o fervor daquele que comete a terceiro o encargo de por ele orar, mediante pagamento? Qual o fervor desse terceiro, quando confere o seu mandato a outro, este a outro e assim por diante? Isso não será reduzir a eficácia da prece ao valor de uma moeda em circulação?

MERCADORES EXPULSOS DO TEMPLO

5. Eles vieram em seguida a Jerusalém, e Jesus, entrando no templo, começou por expulsar dali os que vendiam e compravam; derribou as mesas dos cambistas e os bancos dos que vendiam pombos; e não permitiu que alguém transportasse qualquer utensílio pelo templo. Ao mesmo tempo os instruíu, dizendo: **“Não está escrito: Minha casa será chamada casa de oração por todas as nações? Entretanto, fizeram dela um covil de ladrões!”** Os príncipes dos sacerdotes, ouvindo isso, procuravam meio de O matarem, pois o temiam, visto que todo o povo era tomado de admiração pela sua doutrina.

(MARCOS, 11:15 a 18; MATEUS, 21:12 e 13)

6. Jesus expulsou do templo os mercadores e assim condenou o tráfico das coisas santas *sob qualquer forma*. Deus não vende a Sua bênção, nem o Seu perdão, nem a entrada no reino dos céus. Então, o homem não tem o direito de lhes estipular preço.

MEDIUNIDADE GRATUITA

7. Os médiuns atuais – porque também os apóstolos tinham mediunidade – igualmente receberam de Deus um dom gratuito: o de serem intérpretes dos Espíritos, para instrução dos homens, para lhes mostrar o caminho do bem e conduzi-los à fé, não para lhes vender palavras que não lhes pertencem, a eles médiuns, visto que não são fruto de *suas concepções, nem de suas pesquisas, nem de seus trabalhos pessoais*. Deus quer que a luz chegue a todos; não quer que o mais pobre fique dela privado e possa dizer: não tenho fé, porque não a pude pagar; não tive o consolo de receber os encorajamentos e os testemunhos de afeição dos que

pranteio, porque sou pobre. Tal a razão por que a mediunidade não constitui privilégio e se encontra por toda parte. Fazê-la paga seria, pois, desviá-la do seu providencial objetivo.

8. Quem conhece as condições em que os bons Espíritos se comunicam, a repulsão que sentem por tudo o que é de interesse egoístico, e sabe como pouca coisa se faz necessária para que eles se afastem, jamais poderá admitir que os Espíritos superiores estejam à disposição do primeiro que apareça e os convoque a tanto por sessão. O simples bom-senso repele semelhante ideia. Não seria também uma profanação evocarmos, por dinheiro, os seres que respeitamos, ou que nos são queridos? É fora de dúvida que se podem assim obter manifestações; mas, quem lhes poderia garantir a sinceridade? Os Espíritos levianos, mentirosos, brincalhões e toda a corja dos Espíritos inferiores, nada escrupulosos, sempre ajudam, prontos a responder ao que se lhes pergunte, sem se preocuparem com a verdade. Quem, pois, deseje comunicações sérias deve, antes de tudo, pedi-las seriamente e, em seguida, inteirar-se da natureza das simpatias do médium com os seres do mundo espiritual. Ora, a primeira condição para se conseguir a benevolência dos bons Espíritos é a humildade, o devotamento, a abnegação, o mais absoluto desinteresse *moral e material*.

9. Além da questão moral, apresenta-se uma consideração efetiva não menos importante, que entende com a natureza mesma da capacidade: a mediunidade séria não pode ser e não será nunca uma profissão, não só porque se desacreditaria moralmente, identificada para logo com a dos ledores da boa sorte, como também porque a isso se opõe um obstáculo: é que se trata de uma faculdade essencialmente móvel, passageira e mutável, com a qual ninguém pode contar sempre. Portanto, seria para o explorador, uma fonte absolutamente incerta de receitas, de natureza a poder faltar-lhe no momento exato em que mais necessária. Coisa diversa é o talento adquirido pelo estudo, pelo trabalho e que, por essa razão mesma, representa uma propriedade da qual naturalmente é lícito ao seu possuidor tirar proveito. A mediunidade, porém, não é uma arte, nem um talento, pelo que não pode tornar-se uma profissão. Ela não existe sem o concurso dos Espíritos; faltando estes, já não há mediunidade. Pode subsistir a aptidão, mas o seu exercício se anula. Daí vem não haver no mundo um único médium capaz de garantir a obtenção de qualquer fenômeno espírita em dado instante. Explorar a mediunidade é, conseqüentemente, dispor de uma coisa da qual não é realmente dono. Afirmar o contrário é enganar a quem paga. Há mais: não é de *si próprio* que o explorador dispõe; é do auxílio dos Espíritos, das almas dos mortos, que ele põe a preço de moeda. Essa ideia causa instintiva repugnância. Foi esse tráfico, degenerado em abuso, explorado pelo charlatanismo, pela ignorância, pela credulidade e pela superstição que motivou a proibição de Moisés. O moderno Espiritismo, compreendendo o lado sério da questão, pelo descrédito a que lançou essa exploração, elevou a mediunidade à categoria de missão. (Veja-se: **O LIVRO DOS MÉDIUNS**, 2ª Parte, cap. XXVIII. – **O CÉU E O INFERNO**, 1ª Parte, cap. XI)

10. A mediunidade é coisa santa, que deve ser praticada santamente, religiosamente. Se há um gênero de mediunidade que requeira essa condição de modo ainda mais

absoluto é a mediunidade curadora. O médico dá o fruto de seus estudos, feitos, muita vez, à custa de sacrifícios penosos. O magnetizador dá o seu próprio fluido, por vezes até a sua saúde e podem pôr-lhes preço. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons Espíritos; não tem o direito de vendê-lo. Jesus e os apóstolos, ainda que pobres, nada cobravam pelas curas que operavam.

Então, aquele que carece do que viver, procure recursos em qualquer parte, menos na mediunidade; não lhe consagre, se assim for preciso, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os Espíritos lhe levarão em conta o devotamento e os sacrifícios, ao passo que se afastam dos que esperam fazer deles uma escada por onde subam.

CAPÍTULO XXVII

PEÇAM E OBTERÃO

- QUALIDADES DA PRECE
- EFICÁCIA DA PRECE
- AÇÃO DA PRECE – TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO
- PRECES COMPREENSÍVEIS
- DA PRECE PELOS MORTOS E PELOS ESPÍRITOS SOFREDORES

INSTRUÇÃO DOS ESPÍRITOS

- MANEIRA DE ORAR
- FELICIDADE QUE A PRECE PROPORCIONA

QUALIDADES DA PRECE

1. “Quando orarem, não se assemelhem aos hipócritas, que de propósito, oram de pé nas sinagogas e nos cantos das ruas para serem vistos pelos homens. Na verdade, digo que eles já receberam sua recompensa. Quando quiserem orar, entrem para o seu quarto e com a porta fechada, orem ao Pai em silêncio; e o Pai, que vê o que se passa em secreto, lhes dará a recompensa.

“Não cuidem de pedir muito nas suas preces, como fazem os pagãos, os quais imaginam que pela multiplicidade das palavras é que serão atendidos. Não se tornem semelhantes a eles, porque o Pai sabe do que é que necessitam, antes que Lhe peçam”.

(MATEUS, 6:5 a 8)

2. “Quando se aprestarem para orar, se tiverem qualquer coisa contra alguém, perdoem-lhe, a fim de que o Pai, que está nos céus, também os perdoe os pecados. Se não perdoarem, o Pai que está nos céus também não os perdoará os pecados”.

(MARCOS, 11:25 e 26)

3. Também disse esta parábola a alguns que colocavam a sua confiança em si mesmos, como sendo justos, e desprezavam os outros: “Dois homens subiram ao templo para orar; um era fariseu e o outro publicano. O fariseu, conservando-se de pé, orava assim, consigo mesmo: – ‘Meu Deus, rendo graças a Ti por não ser como os outros homens, que são ladrões, injustos e adúlteros, nem mesmo como esse publicano. Jejuo duas vezes na semana; dou o dízimo de tudo o que possuo’. O publicano, ao contrário, conservando-se afastado, não ousava, sequer, erguer os olhos ao céu; mas, batia no peito, dizendo: – ‘Meu Deus, tem piedade de mim, que sou um pecador’. Declaro a vocês que este voltou para a sua casa, justificado, e o outro não; pois, aquele que se eleva será rebaixado e aquele que se humilha será elevado”.

(LUCAS, 18:9 a 14)

4. Jesus definiu claramente as qualidades da prece. Quando orarem – diz ele –, não se ponham em evidência; antes, orem em secreto. Não se ponham a orar muito, pois

não é pela multiplicidade das palavras que serão escutados, mas pela sinceridade delas. Antes de orarem, se tiverem qualquer coisa contra alguém, perdoem-lhe, visto que a prece não pode ser agradável a Deus, se não parte de um coração purificado de todo sentimento contrário à caridade. Enfim, orem com humildade, como o publicano, e não com orgulho, como o fariseu. Examinem os seus defeitos, não as suas qualidades e, se se compararem aos outros, procurem o que há de mau em vocês (Cap. X, nos 7 e 8).

EFICÁCIA DA PRECE

5. “Seja o que for que peçam na prece, creiam que o obterão e será concedido a vocês o que pedirem”.

(MARCOS, 11:24)

6. Há quem conteste a eficácia da prece, com fundamento no princípio de que, se Deus conhece as nossas necessidades, se torna inútil expô-las. E acrescentam os que assim pensam que, achando-se tudo no Universo encadeado por leis eternas, não podem as nossas súplicas mudar os decretos de Deus.

Sem dúvida alguma há leis naturais e imutáveis que não podem ser revogadas ao capricho de cada um; mas, daí a crer que todas as circunstâncias da vida estão submetidas à fatalidade, vai grande distância. Se assim fosse, o homem nada mais seria do que instrumento passivo, sem livre-arbítrio e sem iniciativa. Nessa hipótese, só lhe caberia curvar a cabeça ao jugo dos acontecimentos, sem cogitar de evitá-los; não deveria ter procurado desviar o raio. Deus não lhe deu a razão e a inteligência, para que ele as deixasse sem serventia; a vontade, para não querer; a atividade, para ficar inativo. Sendo o homem livre para agir num sentido ou noutro, seus atos lhe acarretam, e aos demais, consequências subordinadas ao que ele faz ou não. Logo, devido à sua iniciativa, há sucessos que forçosamente escapam à fatalidade e que não quebram a harmonia das leis universais, do mesmo modo que o avanço ou o atraso do ponteiro de um relógio não anula a lei do movimento sobre a qual se funda o mecanismo. Possível é, portanto, que Deus aceda a certos pedidos, sem perturbar a imutabilidade das leis que regem o conjunto, esse consentimento sempre subordinado à Sua vontade.

7. Deste ensino: “Será concedido a vocês o que quer que pedirem pela prece”, seria ilógico deduzir que basta pedir para obter e injusto acusar a Providência se não atende a toda súplica que se faça a Deus, uma vez que Ele sabe, melhor do que nós, o que é para nosso bem. É como procede um pai criterioso que recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses. Em geral, o homem apenas vê o presente; ora, se o sofrimento é de utilidade para a sua felicidade futura, Deus o deixará sofrer, como o cirurgião deixa que o doente sofra as dores de uma operação que lhe trará a cura.

O que Deus lhe concederá sempre, se o homem pedir com confiança, é a coragem, a paciência, a resignação. Também lhe concederá os meios de se tirar por si mesmo das dificuldades, mediante ideias que fará lhe sugiram os bons Espíritos, deixando-lhe dessa forma o mérito da ação. Ele assessora os que se ajudam a si mesmos, de conformidade com esta máxima: “Ajuda-te, que o Céu te ajudará”; mas

não auxilia os que tudo esperam de um socorro estranho, sem fazer uso das capacidades que possui. Entretanto, as mais das vezes, o que o homem quer é ser socorrido por milagre, sem despende o mínimo esforço (Cap. XXV, nº 1 e seguintes).

8. Tomemos um exemplo: um homem se acha perdido no deserto e a sede o martiriza horrivelmente. Desfalecido, cai por terra e pede a Deus que o ajude, e espera. Nenhum anjo lhe virá dar de beber. Contudo, um bom Espírito lhe *sugere* a ideia de se levantar e tomar um dos caminhos que tem diante de si. Por um movimento maquinal, reunindo todas as forças que lhe restam, ele se ergue, caminha e descobre ao longe uma fonte. Ao avistá-la, ganha coragem. Se tem fé, exclamará: “Obrigado, meu Deus, pela ideia que me inspiraste e pela força que me deste”. Se lhe falta a fé, exclamará: “Que boa ideia *tive!* Que *sorte* a minha de tomar o caminho da direita, em vez do da esquerda; o acaso, às vezes, nos serve admiravelmente! Quanto me felicito pela *minha* coragem e por não me ter deixado abater!”

Mas dirão, por que o bom Espírito não lhe disse claramente: “Segue este caminho que encontrará o de que necessita”? Por que não se lhe mostrou para o guiar e sustentar no seu desfalecimento? Dessa maneira o teria convencido da intervenção da Providência. Primeiramente, para lhe ensinar que cada um deve ajudar-se a si mesmo e fazer uso das suas forças. Depois, pela incerteza, Deus põe à prova a confiança que nele deposita a criatura e a submissa o desta à sua vontade. Aquele homem estava na situação de uma criança que cai e que, dando com alguém, se põe a gritar e fica à espera de que a venham levantar; se não vê pessoa alguma, faz esforços e se ergue sozinha.

Se o anjo que acompanhou a Tobias lhe tivesse dito: “Sou enviado por Deus para te guiar na tua viagem e te preservar de todo perigo”, nenhum mérito teria tido Tobias. Confiando no seu companheiro, nem sequer de pensar teria precisado. Essa a razão por que o anjo só se fez conhecer ao regressarem.

ACÇÃO DA PRECE TRANSMISSÃO DO PENSAMENTO

9. A prece é uma invocação, mediante a qual o homem entra, pelo pensamento, em comunicação com o ser a quem se dirige. Pode ter por objeto um pedido, um agradecimento, ou uma glorificação. Podemos orar por nós mesmos ou por alguém, pelos vivos ou pelos mortos. Os Espíritos incumbidos da execução de suas vontades escutam as preces feitas a Deus; as que se dirigem aos bons Espíritos são reportadas a Deus. Quando alguém ora a outros seres que não a Deus, o faz recorrendo a intermediários, a intercessores, pois nada sucede sem a vontade de Deus.

10. O Espiritismo torna compreensível a acção da prece, explicando o modo de transmissão do pensamento, quer no caso em que o ser a quem oramos acuda ao nosso apelo, quer apenas no que lhe chegue o nosso pensamento. Para entendermos o que ocorre em tal circunstância, precisamos saber que todos os seres – encarnados e desencarnados – estão mergulhados no fluido universal, que ocupa o espaço, tal qual nos achamos neste mundo, dentro da atmosfera. Esse fluido recebe uma

impulsão da vontade; ele é o veículo do pensamento, como o ar o é do som, com a diferença de que as vibrações do ar são circunscritas, ao passo que as do fluido universal se estendem ao infinito. Então, dirigido o pensamento para um ser qualquer na Terra ou no espaço, de encarnado para desencarnado, ou vice-versa, uma corrente fluídica se estabelece entre um e outro, transmitindo de um ao outro o pensamento, como o ar transmite o som.

A energia da corrente guarda proporção com a do pensamento e da vontade. É assim que os Espíritos ouvem a prece que lhes é dirigida, qualquer que seja o lugar onde se encontrem; é assim que os Espíritos se comunicam entre si, que nos transmitem suas inspirações, que relações se estabelecem a distância entre encarnados.

Essa explicação vai, sobretudo, com vistas aos que não compreendem a utilidade da prece puramente mística. Não tem por fim materializar a prece, mas tornar-lhe acessíveis os efeitos, mostrando que pode exercer ação direta e efetiva. Nem por isso deixa essa ação de estar subordinada à vontade de Deus, juiz supremo em todas as coisas, Único apto a torná-la eficaz.

11. Pela prece, o homem obtém o auxílio dos bons Espíritos que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a lhes inspirar ideias sãs. Desse modo, ele adquire a força moral necessária a vencer as dificuldades e a voltar ao caminho reto, se deste se afastou. Por esse meio, pode também desviar de si os males que atrairia pelas suas próprias faltas. Um homem, por exemplo, vê arruinada a sua saúde, em consequência de excessos a que se entregou, e arrasta, até o fim de seus dias, uma vida de sofrimento: terá ele o direito de queixar-se, se não obtiver a cura que deseja? Não, pois que pôde encontrar na prece a força de resistir às tentações.

12. Se em duas partes se dividirem os males da vida, uma constituída dos que o homem não pode evitar e a outra das tribulações de que ele se constituiu a causa primária, pela sua negligência ou por seus excessos (cap. V, nº 4), verá que a segunda, em quantidade, excede de muito à primeira. Portanto, é evidente que o homem é o autor da maior parte das suas aflições, das quais estaria poupado se sempre agisse com sabedoria e prudência.

Não menos certo é que todas essas misérias resultam das nossas infrações às leis de Deus e que, se as observássemos pontualmente, seríamos inteiramente felizes. Se não ultrapassássemos o limite do necessário, na satisfação das nossas necessidades, não apanharíamos as enfermidades que resultam dos excessos, nem experimentaríamos as vicissitudes que as doenças acarretam. Se puséssemos freio à nossa ambição, não teríamos de temer a ruína; se não quiséssemos subir mais alto do que podemos, não teríamos de temer a queda; se fôssemos humildes, não sofreríamos as decepções do orgulho abatido; se praticássemos a lei de caridade, não seríamos maldizentes, nem invejosos, nem ciumentos, e evitaríamos as disputas e divergências; se mal a ninguém fizéssemos, não teríamos de temer as vinganças, etc.

Vamos admitir que o homem nada possa com relação aos outros males; que toda prece lhe seja inútil para livrar-se deles; já não seria muito o ter a possibilidade de ficar isento de todos os que decorrem da sua maneira de proceder? Ora, aqui, facilmente se concebe a ação da prece, visto ter por efeito atrair a valiosa inspiração

dos Espíritos bons, ganhar deles força para resistir aos maus pensamentos, cuja realização nos pode ser terrível. Nesse caso, *o que eles fazem não é afastar de nós o mal, mas sim, nos desviar do mau pensamento que nos pode causar dano; eles em nada afastam ao cumprimento dos decretos de Deus, nem suspendem o curso das leis da Natureza; apenas evitam que as infrinjamos, dirigindo o nosso livre-arbítrio.* Contudo, agem à nossa revelia, de maneira imperceptível, para não dominar nossa vontade. O homem se acha então na posição de um que solicita bons conselhos e os põe em prática, mas conservando a liberdade de segui-los, ou não. Quer Deus que seja assim, para que aquele tenha a responsabilidade dos seus atos e o mérito da escolha entre o bem e o mal. É isso que o homem pode estar sempre certo de receber, se o pedir com fervor, sendo, pois, a isso que se podem, sobretudo aplicar estas palavras: “Peçam e obterão”.

Mesmo com sua eficácia reduzida a essas proporções, a prece já não traria resultados imensos? Foi reservado ao Espiritismo nos provar a sua ação, com o nos revelar as relações existentes entre o mundo corpóreo e o mundo espiritual. Os efeitos da prece, porém, não se limitam aos que vimos de apontar.

Todos os Espíritos nos recomendam a prece. Renunciar à prece é negar a bondade de Deus; é recusar, para si, a sua assistência e, para com os outros, abrir mão do bem que lhes pode fazer.

13. Acedendo ao pedido que se lhe faz, Deus muitas vezes visa recompensar a intenção, o devotamento e a fé daquele que ora. Daí decorre que a prece do homem de bem tem mais merecimento aos olhos de Deus e sempre mais eficácia, pois o homem vicioso e mau não pode orar com o fervor e a confiança que somente nascem do sentimento da verdadeira piedade. Do coração do egoísta, do daquele que apenas ora de lábios, unicamente saem *palavras*, nunca os anseios de caridade que dão à prece todo o seu poder. Tão claramente isso se compreende que, por um movimento instintivo, quem se quer recomendar às preces de alguém o faz de preferência às daqueles cujo proceder, sente-se, há de ser mais agradável a Deus, pois que são mais prontamente ouvidos.

14. Pelo fato da prece ser exercida por uma como ação magnética, poderíamos supor que o seu efeito depende da força fluídica. Mas não é assim. Exercendo sobre os homens essa ação, os Espíritos, quando preciso, suprem a insuficiência daquele que ora, ou agindo diretamente *em seu nome*, ou dando-lhe momentaneamente uma força excepcional, quando o julgam digno dessa graça, ou que ela lhe pode ser proveitosa.

O homem que não se considere suficientemente bom para exercer saudável influência, não deve por isso deixar de orar pelo bem de alguém, com a ideia de que não é digno de ser escutado. A consciência da sua inferioridade é uma prova de humildade, grata sempre a Deus, que leva em conta a intenção caridosa que o anima. Seu fervor e sua confiança são um primeiro passo para a sua conversão ao bem, conversão que os Espíritos bons se sentem ditosos em incentivar. Repelida só é a prece *do orgulhoso que deposita fé no seu poder e nos seus merecimentos e acredita ser-lhe possível sobrepor-se à vontade do Eterno.*

15. O poder da prece está no pensamento, que nada depende nem das palavras, nem

do lugar, nem do momento em que seja feita. Portanto, pode-se orar em toda parte e a qualquer hora, a sós ou em grupo. A influência do lugar ou do tempo só se faz sentir nas circunstâncias que favoreçam o recolhimento. *A prece coletiva tem ação mais poderosa, quando todos os que oram se associam de coração a um mesmo pensamento e visam o mesmo objetivo*, pois é como se muitos clamassem juntos e em um só som. Mas, que importa seja grande o número de pessoas reunidas para orar, se cada uma atua isoladamente e por conta própria?! Cem pessoas juntas podem orar como egoístas, enquanto duas ou três, ligadas por uma mesma aspiração, orarão quais verdadeiros irmãos em Deus, e mais força terá a prece que lhe dirijam do que a das cem outras. (Cap. XXVIII nº 4 e 5)

PRECES INTELIGÍVEIS

16. “Se eu não entender o que significam as palavras, serei um bárbaro para aquele a quem falo e aquele que me fala será para mim um bárbaro. Se oro numa língua que não entendo, meu coração ora, mas a minha inteligência não colhe fruto. Se louvam a Deus apenas de coração, como é que um homem do número daqueles que só entendem a sua própria língua responderá amém no fim da sua ação de graças, uma vez que ele não entende o que dizem? Não é que a sua ação não seja boa, mas os outros não se edificam com ela”.

(S. PAULO, 1ª aos Coríntios, 14:11, 14, 16 e 17)

17. A prece só tem valor pelo pensamento que está sintonizado com ela. Ora, é impossível conjugar um pensamento qualquer ao que se não compreende, pois o que não se compreende não pode tocar o coração. Para a imensa maioria das criaturas, as preces feitas numa língua que elas não entendem não passam de mistura de palavras que nada de significado. Para que a prece toque, preciso se torna que cada palavra desperte uma ideia e, desde que não seja entendida, nenhuma ideia poderá despertar. Será dita como simples fórmula, cuja virtude dependerá do maior ou menor número de vezes que a repitam. Muitos oram por dever; alguns, mesmos, por obediência aos usos, pelo que se julgam quites, desde que tenham dito uma oração determinado número de vezes e em tal ou tal ordem. Deus vê o que se passa no fundo dos corações; lê o pensamento e percebe a sinceridade. Julgá-lo, pois, mais sensível à forma do que ao fundo é rebaixá-lo. (Cap. XXVIII, nº 2)

DA PRECE PELOS MORTOS E PELOS ESPÍRITOS SOFREDORES

18. Os Espíritos sofredores esperam por preces e estas lhes são proveitosas, porque, verificando que há quem neles pense, menos abandonados se sentem, menos infelizes. Entretanto, a prece tem sobre eles ação mais direta: reanima-os, inspira neles o desejo de se elevarem pelo arrependimento e pela reparação e, possivelmente, desvia-lhes do mal o pensamento. É nesse sentido que lhes pode não só aliviar, como abreviar os sofrimentos (Veja-se: **O CÉU E O INFERNO**, 2ª Parte – “Exemplos”).

19. Pessoas há que não admitem a prece pelos mortos porque acreditam que a alma só tem duas alternativas: ser salva ou ser condenada às penas eternas, resultando

assim que em ambos os casos, inútil a prece. Sem discutir o valor dessa crença, vamos admitir, por alguns instantes, a realidade das penas eternas e irremissíveis e que as nossas preces sejam impotentes para lhes pôr fim. Perguntamos se, nessa hipótese, será lógico, será caridoso, será cristão recusar a prece pelos desgraçados? Tais preces, por mais impotentes que fossem para liberá-los, não lhes seriam uma demonstração de piedade capaz de abrandar-lhes os sofrimentos? Na Terra, quando um homem é condenado a penas perpétuas, quando mesmo não haja a mínima esperança de obter-se para ele perdão, será proibido a uma pessoa caridosa ir aliviar-lhe o peso, para aliviá-lo do peso destes? Sendo alguém atacado de mal incurável e não havendo para o doente nenhuma esperança de cura, então, deve-se abandoná-lo, sem lhe proporcionar qualquer alívio? Lembrem-se de que, entre os desgraçados, pode achar-se uma pessoa que foi querida sua, um amigo, talvez um pai, uma mãe, ou um filho, e digam se, segundo creem, não havendo possibilidade de ser perdoado esse ente, lhe recusariam um copo d'água para lhe matar a sede? Um bálsamo que lhe seque as chagas? Não fariam por ele o que fariam por um condenado? Não lhe dariam uma prova de amor, uma consolação? Não, isso não seria cristão. Uma crença que petrifica o coração é incompatível com a crença em um Deus que põe na primeira categoria dos deveres o amor ao próximo. A não eternidade das penas não implica a negação de uma penalidade temporária, dado não ser possível que Deus, em sua justiça, confunda o bem e o mal. Ora, neste caso, negar a eficácia da prece, seria negar a eficácia da consolação, dos encorajamentos, dos bons conselhos; fora negar a força que buscamos na assistência moral dos que nos querem bem.

20. Outros se fundam numa razão mais enganosa: a imutabilidade dos decretos divinos. Dizem esses que Deus não pode mudar as suas decisões a pedido das criaturas; a não ser assim, careceria de estabilidade o mundo. Logo, o homem nada tem de pedir a Deus, só lhe cabendo submeter-se a adorá-lo.

Nesse modo de raciocinar, há uma aplicação falsa do princípio da imutabilidade da lei divina, ou melhor, ignorância da lei, no que se refere à penalidade futura. Hoje, os Espíritos do Senhor nos revelam essa lei, quando o homem se tornou suficientemente maduro para compreender o que, na fé, é conforme ou contrário aos atributos divinos.

Segundo o dogma da eternidade absoluta das penas, não se levam em conta ao culpado os remorsos, nem o arrependimento. É inútil todo desejo neles de melhorar-se: está condenado a se conservar perpetuamente no mal. Se a sua condenação foi por determinado tempo, a pena cessará, uma vez expirado esse tempo. Mas, quem poderá afirmar que ele então possua melhores sentimentos? Quem poderá dizer que, a exemplo de muitos condenados da Terra, ao sair da prisão, ele não seja tão mau quanto antes? No primeiro caso, seria manter na dor do castigo um homem que voltou ao bem; no segundo, seria agraciar a um que continua culpado. A lei de Deus é mais previdente: sempre justa, igualitária e misericordiosa, não estabelece para a pena duração alguma, qualquer que esta seja. Ela se resume assim:

21. “O homem sofre sempre a consequência de suas faltas; não há uma só infração à lei de Deus que fique sem a correspondente punição”.

“A severidade do castigo é proporcionada à gravidade da falta”.

“*Indeterminada* é a duração do castigo, para qualquer falta; *fica dependente ao arrependimento do culpado e ao seu retorno ao caminho do bem*; a pena dura tanto quanto a teimosia no mal; seria perpétua, se perpétua fosse a obstinação; dura pouco, se pronto é o arrependimento”.

“Desde que o culpado clame por misericórdia, Deus o ouve e lhe concede a esperança. Mas, não basta o simples pesar do mal causado; é necessária a reparação, pelo que o culpado se vê submetido a novas provas em que pode, sempre por sua livre vontade, praticar o bem, reparando o mal que haja feito”.

“Desta maneira, o homem é constantemente o árbitro de sua própria sorte; pertence-lhe abreviar ou prolongar indefinidamente o seu suplício; a sua felicidade ou a sua desgraça dependem da vontade que tenha de praticar o bem.”

Tal é a lei, lei *imutável* e em acordo com a bondade e a justiça de Deus.

Assim, o Espírito culpado e infeliz pode sempre salvar a si mesmo: a lei de Deus estabelece a condição em que se lhe torna possível fazê-lo. O que as mais das vezes lhe falta é a vontade, a força, a coragem. Se, por nossas preces, lhe inspiramos essa vontade, se o amparamos e animamos; se, pelos nossos conselhos, lhe damos as luzes de que carece, *em lugar de pedirmos a Deus que revogue Sua lei, tornamo-nos instrumentos da execução de outra lei, também Sua, a de amor e de caridade*, execução em que, desse modo, Ele nos permite participar, dando nós mesmos, com isso, uma prova de caridade. (Veja-se O CÉU E O INFERNO, 1ª Parte, caps. IV, VII, VIII.)

INSTRUÇÕES DOS ESPÍRITOS

MANEIRA DE ORAR

22. O dever primordial de toda criatura humana, o primeiro ato que deve assinalar a sua volta à vida ativa de cada dia, é a prece. Quase todos vocês oram, mas como são poucos os que sabem orar! Que importam ao Senhor as frases que maquinalmente articulam umas às outras, fazendo disso um hábito, um dever que cumprem e que a vocês pesa como qualquer dever?

A prece do cristão, do *espírita*, seja qual for o seu culto, ele deve dizê-la logo que o Espírito tenha retomado o jugo da carne; deve elevar-se aos pés da Majestade Divina com humildade, com profundidade, num ímpeto de reconhecimento por todos os benefícios recebidos até aquele dia; pela noite transcorrida e durante a qual lhe foi permitido, ainda que sem consciência disso, ir ter com os seus amigos, com os seus guias, para beber mais força e perseverança, no contato com eles. Deve ela subir humilde aos pés do Senhor, para lhe recomendar a própria fraqueza, para lhe suplicar amparo, indulgência e misericórdia. Deve ser profunda, pois é a alma que tem de elevar-se para o Criador, de transfigurar-se, como Jesus no Tabor⁶⁰, a fim de lá chegar nítida e radiosa de esperança e de amor.

A sua prece deve conter o pedido das graças de que necessitam, mas de que

⁶⁰ **Monte Tabor:** colina da Galileia onde Jesus se transfigurou (Mateus, 17:1-9; Marcos, 9:2-10; Lucas, 9:28-36) – N. E.

realmente vocês necessitam. Portanto, é inútil pedir ao Senhor que abrevie as suas provas, que os dê alegrias e riquezas. Roguem que Ele conceda os bens mais preciosos da paciência, da resignação e da fé. Não digam, como fazem muitos: “Não vale a pena orar, pois Deus não me atende”. O que é que na maioria dos casos vocês pedem a Deus? Já se lembraram de Lhe pedir a sua melhoria moral? Oh, Não! Bem poucas vezes o têm feito. O que preferentemente se lembram de pedir *é o bom êxito para os seus empreendimentos terrenos* e com frequência têm exclamado: “Deus não se ocupa conosco; se Ele se ocupasse, não se verificariam tantas injustiças.” Insensatos e ingratos! Se descessem ao fundo da própria consciência, quase sempre encontrariam em si mesmos o ponto de partida dos males de que se queixam. Peçam, pois, antes de tudo, que possam se melhorar e verão que torrente de graças e de consolações se derramará sobre vocês (Cap. V, nº 4.).

Devem orar sem cessar, sem que, para isso, seja preciso se recolher ao oratório, ou se lancem de joelhos nas praças públicas. A prece do dia é o cumprimento dos seus deveres, sem exceção de nenhum, qualquer que seja a natureza deles. É ato de amor a Deus ajudarem os irmãos numa necessidade, moral ou física! É ato de reconhecimento elevarem a Ele o seu pensamento, quando uma felicidade chega, quando evitam um acidente, quando mesmo uma simples contrariedade apenas os machuca a alma, desde que não se esqueçam de exclamar: *Seja bendito, meu Pai!* É ato de contrição se humilharem diante do supremo Juiz, quando sentirem que faliram, ainda que somente por um rápido pensamento, para lhe dizerem: *Perdoe-me, meu Deus, pois pequei* (por orgulho, por egoísmo, ou por falta de caridade); *dai-me forças para não falir de novo e coragem para a reparação da minha falta!*

Isso independe das preces regulares da manhã e da noite e dos dias consagrados. Como podem ver, a prece pode ser de todos os instantes, sem nenhuma interrupção acarretar aos seus trabalhos. Dita assim, ela, ao contrário, os santifica. Tende como certo que um só desses pensamentos, se partir do coração, é mais ouvido pelo Pai celestial do que as longas orações ditas por hábito, muitas vezes sem causa determinante e às quais *apenas maquinalmente chama a hora convencional.*

V. Monod (Bordéus, 1862)

FELICIDADE QUE A PRECE PROPORCIONA

23. Vinham, vocês que desejam crer. Os Espíritos celestes acorrem a lhes anunciar grandes coisas. Meus filhos, Deus abre os Seus tesouros para lhes conceder todos os benefícios. Homens incrédulos! Se soubessem como faz grande bem a fé ao coração e como induz a alma ao arrependimento e à prece! Ah, a prece! Como são tocantes as palavras que saem da boca daquele que ora! A prece é o orvalho divino que acalma o calor excessivo das paixões. Filha primogênita da fé, ela nos encaminha para a senda que conduz a Deus. No recolhimento e na solidão, estão com Deus. Para vocês já não há mistérios; eles se desvendam. Apóstolos do pensamento, a vida é para vocês. Sua alma se desprende da matéria e rola por esses mundos infinitos e etéreos, que os pobres humanos desconhecem.

Avancem! Avancem pelas veredas da prece e ouvirão as vozes dos anjos.

Que harmonia! Já não são o ruído confuso e os sons estridentes da Terra; são as liras dos arcanjos; são as vozes brandas e suaves dos serafins, mais delicadas do que as brisas matinais, quando brincam na folhagem dos seus bosques. Por entre que delícias não caminharão! A linguagem de vocês não poderá exprimir essa ventura, tão rápida entra ela por todos os seus poros, tão vivo e refrigerante é o manancial em que se bebe orando. Doces vozes, inebriantes perfumes, que a alma ouve e aspira, quando se lança a essas esferas desconhecidas e habitadas pela prece! Sem mescla de desejos carniais, são divinas todas as aspirações. Também vocês, orem como o Cristo, levando a sua cruz ao Gólgota, ao Calvário. Carregai a sal cruz e sentirão as doces emoções que lhe perpassavam n'alma, se bem que vergado ao peso de um madeiro infamante. Ele ia morrer, mas para viver a vida celestial na morada de seu Pai.

Santo Agostinho (Paris, 1861)

CAPÍTULO XXVIII

COLETÂNEA DE
PRECES ESPÍRITAS

PREÂMBULO

1. Os Espíritos têm dito sempre: “A forma nada vale, o pensamento é tudo. Então, cada um ore segundo suas convicções e da maneira que mais o toque. Um bom pensamento vale mais do que grande número de palavras com as quais nada tenha o coração”.

Os Espíritos jamais aceitaram qualquer fórmula absoluta de preces. Quando dão alguma, é apenas para fixar as ideias e, sobretudo, para chamar a atenção sobre certos princípios da Doutrina Espírita. Fazem-no também com o fim de auxiliar os que sentem embaraço para externar suas ideias, pois alguns há que não acreditariam ter orado realmente, desde que não formulassem seus pensamentos.

A coletânea de preces que este capítulo traz representa uma escolha feita entre muitas que os Espíritos ditaram em várias circunstâncias. Eles, sem dúvida, podem ter ditado outras e em termos diversos, apropriadas a certas ideias ou a casos especiais; mas, pouco importa a forma, se o pensamento é essencialmente o mesmo. O objetivo da prece consiste em elevar nossa alma a Deus; a diversidade das fórmulas nenhuma diferença deve criar entre os que nele creem, nem, ainda menos, entre os adeptos do Espiritismo, pois Deus as aceita todas quando sinceras.

Com efeito, não há que se considerar esta coletânea como um formulário absoluto e único, mas, apenas, uma variedade no conjunto das instruções que os Espíritos fornecem. É uma aplicação dos princípios da moral evangélica desenvolvidos neste livro, um complemento aos ditados deles, relativos aos deveres para com Deus e o próximo, complemento em que são lembrados todos os princípios da Doutrina.

O Espiritismo reconhece como sendo boas as preces de todos os cultos, quando ditas de coração e não somente de lábios. Não impõe nenhuma, nem reprova outra. Deus, segundo a Doutrina Espírita, é sumamente grande para repelir a voz que Lhe suplica ou Lhe entoia louvores, porque o faz de um modo e não de outro. *Quem quer que lance maldição às preces que não estejam no seu formulário provará que desconhece a grandeza de Deus.* Crer que Deus se atenha a uma fórmula é emprestar-lhe a pequenez e as paixões da Humanidade.

Uma condição essencial à prece, segundo S. Paulo (cap. XXVII nº 16), é que seja compreensível, a fim de que nos possa falar ao sentido. Para isso, não basta seja dita numa língua que aquele que ora compreenda. Há preces em língua comum que não dizem ao pensamento muito mais do que se fossem proferidas em língua

estrangeira, e que, por isso mesmo, não chegam ao coração. As raras ideias que elas contêm muitas vezes ficam abafadas pelo exagero de palavras e pelo misticismo da linguagem.

A qualidade principal da prece é ser clara, simples e objetiva, sem fraseologia inútil, nem luxo de enfeites, que são meros adornos de lentejoulas. Cada palavra deve ter alcance próprio, despertar uma ideia, pôr em vibração uma fibra da alma. Numa palavra: *deve fazer refletir*. Somente sob essa condição a prece pode alcançar o seu objetivo; de outro modo, *não passa de ruído*. Entretanto, notem com que ar distraído e com que instabilidade elas são ditas na maioria dos casos. Veem-se lábios a mover-se; mas, pela expressão da fisionomia, pelo som mesmo da voz, verifica-se que ali apenas há um ato maquinal, puramente exterior, ao qual a alma se conserva indiferente.

As preces constantes nesta coletânea estão divididas em cinco categorias; 1) Preces gerais; 2) Preces por aquele mesmo que ora; 3) Preces pelos vivos; 4) Preces pelos mortos; 5) Preces especiais pelos enfermos e pelos obsidiados.

Com o propósito de chamar a atenção de maneira especial sobre o objeto de cada prece e de lhe tornar mais compreensível o alcance, vão todas precedidas de uma instrução preliminar, de uma espécie de exposição de motivos, sob o título de *prefácio*.

I – PRECES GERAIS

ORAÇÃO DOMINICAL

2. PREFÁCIO. Os Espíritos recomendaram que, encabeçando esta coletânea, puséssemos a *Oração dominical*, não somente como prece, mas também como símbolo. De todas as preces, é a que eles colocam em primeiro lugar, seja porque procede do próprio Jesus (Mateus, 6:9-13), seja porque pode suprir a todas, conforme os pensamentos que se lhe conjuguem; é o mais perfeito modelo de objetividade, verdadeira obra-prima de sublimidade na simplicidade. Com efeito, sob a mais singela forma, ela resume todos os deveres do homem para com Deus, para consigo mesmo e para com o próximo. Encerra uma profissão de fé, um ato de adoração e de submissão; o pedido das coisas necessárias à vida e o princípio da caridade. Quem a diga, em intenção de alguém, pede para este o que pediria para si.

Contudo, em virtude mesmo da sua brevidade, o sentido profundo que formam as poucas palavras de que ela se compõe escapa à maioria das pessoas. Daí vem o dizerem-na, geralmente, sem que os pensamentos se detenham sobre as aplicações de cada uma de suas partes. Dizem-na como uma fórmula cuja eficácia se ache condicionada ao número de vezes que seja repetida. Ora, quase sempre esse é um dos números misterioso: *três, sete ou nove*, tomados à antiga crença supersticiosa na virtude dos números e de uso nas operações da magia.

Para preencher o que de vago a concisão desta prece deixa na mente, a cada uma de suas proposições acrescentamos um comentário, aconselhado pelos Espíritos e com a assistência deles, que lhes desenvolve o sentido e mostra as aplicações. Conforme, pois, as circunstâncias e o tempo de que disponha, aquele que ore poderá, dizer a *Oração dominical*, ou na sua forma *simples*, ou na *desenvolvida*.

3. Prece. – I. *Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o Teu nome!*

Creemos em ti, Senhor, porque tudo revela o Teu poder e a Tua bondade. A harmonia do Universo dá testemunho de uma sabedoria, de uma prudência e de uma providência que ultrapassam todas as capacidades humanas. Em todas as obras da Criação, desde o raminho de erva minúscula e o pequenino inseto, até os astros que se movem no espaço, o nome se acha inscrito de um ser soberanamente grande e sábio. Por toda a parte se apresenta a nós a prova de paternal solicitude. Cego é aquele que não Te reconhece nas Tuas obras, orgulhoso aquele que não Te glorifica e ingrato aquele que não Te rende graças.

II. *Venha o Teu reino!*

Senhor, deste aos homens leis plenas de sabedoria e que lhes dariam a felicidade, se eles as cumprissem. Com essas leis, fariam reinar entre si a paz e a justiça e mutuamente se auxiliariam, em vez de se maltratarem, como o fazem. O forte sustentaria o fraco, em vez de esmagá-lo. Evitados seriam os males, que se geram dos excessos e dos abusos. Todas as misérias deste mundo vêm da violação de tuas leis, pois nenhuma infração delas deixa de ocasionar fatais consequências.

Deste ao bruto o instinto, que lhe traça o limite do necessário, e ele maquinalmente se conforma; ao homem, no entanto, além desse instinto, deste a inteligência e a razão; também lhe deste a liberdade de cumprir ou infringir aquelas das tuas leis que pessoalmente lhe concernem, isto é, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, a fim de que tenha o mérito e a responsabilidade das suas ações.

Ninguém pode alegar ignorância das tuas leis, pois, com paternal providência, quiseste que elas se gravassem na consciência de cada um, sem distinção de cultos, nem de nações. Se as violam, é porque as desprezam.

Dia virá em que, segundo a Tua promessa, todos as praticarão. Desaparecido terá, então, a incredulidade. Todos Te reconhecerão por soberano Senhor de todas as coisas, e o reinado das Tuas leis será o Teu reino na Terra.

Digna-te, Senhor, de apressar-lhe o advento, dando aos homens a luz necessária, que os conduza ao caminho da verdade.

III. *Faça-se a Tua vontade, assim na Terra como no Céu.*

Se a submissão é um dever do filho para com o pai, do inferior para com o seu superior, quanto maior não deve ser a da criatura para com o seu Criador! Fazer a Tua vontade, Senhor, é observar Tuas leis e se submeter aos Teus decretos sem queixas. O homem a ela se submeterá, quando compreender que és a fonte de toda a sabedoria e que sem Ti ele nada pode. Fará, então, a Tua vontade na Terra, como os eleitos a fazem no Céu.

IV. *Dá-nos o pão de cada dia.*

Dá-nos o alimento indispensável à sustentação das forças do corpo; mas, dá-nos também o alimento espiritual para o desenvolvimento do nosso Espírito.

O bruto encontra a sua pastagem; já o homem deve o sustento à sua própria atividade e aos recursos da sua inteligência, porque o criaste livre.

Tu lhe tem dito: “Tirá da terra o alimento com o suor do teu rosto”. Desse modo, fizeste do trabalho uma obrigação para ele, a fim de que exercitasse a

inteligência na procura dos meios de prover às suas necessidades e ao seu bem-estar, uns mediante o labor manual, outros pelo labor intelectual. Sem o trabalho, ele se conservaria estacionário e não poderia aspirar à felicidade dos Espíritos superiores.

Ajuda o homem de boa vontade que confia em Ti, no que se refere ao necessário; não, porém, àquele que se alegra na ociosidade e desejara tudo obter sem esforço, nem àquele que busca o supérfluo (Cap. XXV).

Quantos e quantos caem por culpa própria, pelo seu desleixo, pela sua imprevidência, ou pela sua ambição e por não terem querido contentar-se com o que lhes havia concedido! Esses são os autores do seu infortúnio e carecem do direito de queixar-se, pois que são punidos naquilo em que pecaram. Mas, nem a esses mesmos abandona, porque és infinitamente misericordioso. As mãos Lhes estende para socorrê-los, desde que, como o filho pródigo, se voltem sinceramente para Ti (Cap. V, nº 4.).

Antes de nos queixarmos da sorte, perguntemos de nós mesmos se ela não é obra nossa. A cada desgraça que nos chegue, cuidemos de saber se não teria estado em nossas mãos evitá-la. Consideremos também que Deus nos deu a inteligência para tirar-nos do lameiro, e que de nós depende o modo de a utilizarmos.

Pois que à lei do trabalho se acha submetido o homem na Terra, dá-nos coragem e forças para obedecer a essa lei. Dá-nos também a prudência, a previdência e a moderação, a fim de não perdermos o respectivo fruto.

Dá-nos, pois, Senhor, o pão de cada dia, isto é, os meios de adquirirmos, pelo trabalho, as coisas necessárias à vida, pois ninguém tem o direito de reclamar o supérfluo.

Se trabalhar nos é impossível, confiamos na tua divina providência.

Se estiver nos Teus desígnios experimentar-nos pelas mais duras provações, apesar dos nossos esforços, aceitamos a elas como justa expiação das faltas que tenhamos cometido nesta existência, ou noutra anterior, pois és justo. Sabemos que não há penas imerecidas e que jamais castigas sem causa.

Preserva-nos, ó meu Deus, de invejar os que possuem o que não temos, nem mesmo os que dispõem do supérfluo, ao passo que a nós nos falta o necessário. Perdoa se eles esquecem a lei de caridade e de amor do próximo, que lhes ensinaste (Cap. XVI, nº 8).

Afasta igualmente do nosso espírito a ideia de negar a Tua justiça, ao notarmos a prosperidade do mau e a desgraça que cai por vezes sobre o homem de bem. Graças às novas luzes que Te agradou nos conceder, já sabemos que a Tua justiça se cumpre sempre e a ninguém excetua; que a prosperidade material do mau é passageira quanto a sua existência corpórea, e que experimentará terríveis contratemplos, ao passo que eterno será o júbilo daquele que sofre resignado. (Cap. V, nº 7, 9, 12 e 18)

V. Perdoa as nossas dívidas, como perdoamos aos que nos devem. Perdoa as nossas ofensas, como perdoamos aos que nos ofenderam.

Cada uma das nossas infrações às Tuas leis, Senhor, é uma ofensa que Te fazemos e uma dívida que contraímos e que cedo ou tarde teremos de saldar. Rogamos que nos perdoe essas faltas pela Tua infinita misericórdia, sob a promessa, que Te fazemos, de empregarmos os maiores esforços para não contrair outras.

Tu nos impuseste por lei expressa a caridade; mas, a caridade não consiste

apenas em assistirmos os nossos semelhantes em suas necessidades; também consiste no esquecimento e no perdão das ofensas. Com que direito reclamaríamos a Tua indulgência, se dela não usássemos para com aqueles que nos têm dado motivo de queixa? Concede-nos forças, ó meu Deus, para apagar de nossa alma todo ressentimento, todo ódio e todo rancor. *Faça que a morte não nos surpreenda guardando nós no coração desejos de vingança.* Se Te agradar nos tirar hoje mesmo deste mundo, faça que nos possamos apresentar, diante de Ti, puros de toda animosidade, a exemplo do Cristo, cujos últimos pensamentos foram em prol dos Seus algozes (Cap. X).

As perseguições que os maus nos infligem fazem parte das nossas provas terrenas. Por isso, devemos recebê-las sem nos queixarmos, como todas as outras provas, e não maldizer dos que, por suas maldades, nos rasgam o caminho da felicidade eterna, visto que nos disseste por intermédio de Jesus: “Bem-aventurados os que sofrem pela justiça!” Bendigamos a mão que nos fere e humilha, uma vez que as mortificações do corpo nos fortificam a alma e que seremos exaltados por efeito da nossa humildade (Cap. XII, nº 4). Bendito seja Teu nome, Senhor, por nos teres ensinado que nossa sorte não está irrevogavelmente fixada depois da morte; que encontraremos, em outras existências, os meios de resgatar e de reparar nossas culpas passadas, de cumprir em nova vida o que não podemos fazer nesta, para nosso progresso (Cap. IV, e cap. V, nº 5).

Assim se explicam, afinal, todas as irregularidades aparentes da vida. É a luz que se projeta sobre o nosso passado e o nosso futuro, sinal evidente da tua justiça soberana e da tua infinita bondade.

VI. *Não nos deixe entregues à tentação, mas livra-nos do mal.*⁶¹

Dá-nos, Senhor, a força de resistir às sugestões dos Espíritos maus, que tentem desviar-nos da senda do bem, inspirando-nos maus pensamentos.

Mas, somos Espíritos imperfeitos, encarnados na Terra para expiar nossas faltas e nos melhorar. Em nós mesmos está a causa primária do mal e os maus Espíritos mais não fazem do que aproveitar os nossos pendores viciosos, em que nos entretêm para nos tentarem.

Cada imperfeição é uma porta aberta à influência deles, ao passo que são impotentes e renunciam a toda tentativa contra os seres perfeitos. É inútil tudo o que possamos fazer para afastá-los, se não lhes opusermos decidida e inabalável vontade de permanecer no bem e absoluta renúncia ao mal. Contra nós mesmos é que precisamos dirigir os nossos esforços e, se o fizermos, os maus Espíritos naturalmente se afastarão, pois é o mal que os atrai, ao passo que o bem os afasta. (Veja-se aqui adiante: “Preces pelos obsidiados”).

Senhor, ampara-nos em nossa fraqueza; inspira-nos, pelos nossos anjos guardiães e pelos bons Espíritos, a vontade de nos corrigirmos de todas as imperfeições a fim de nos distanciarmos dos Espíritos maus o acesso à nossa alma. (Veja-se aqui adiante o nº 11).

⁶¹ Algumas traduções dizem: **Não nos induzas à tentação** (*et ne nos inducas in tentationem*). Essa expressão daria a entender que a tentação vem de Deus, que Ele, voluntariamente, induz os homens ao mal, ideia blasfematória que igualaria Deus a Satanás e que, portanto, não poderia estar na mente de Jesus. É, aliás, conforme à doutrina vulgar sobre o papel dos demônios. (Veja-se: **O CÉU E O INFERNO**, 1ª Parte, cap. IX, “Os demônios”).

O mal não é obra Tua, Senhor, pois o manancial de todo o bem nada de mau pode gerar. Somos nós mesmos que criamos o mal, infringindo as Tuas leis e fazendo mau uso da liberdade que nos outorgaste. Quando os homens as cumprirmos, o mal desaparecerá da Terra, como já desapareceu de mundos mais adiantados que o nosso.

O mal não constitui para ninguém uma necessidade fatal e só parece irresistível aos que nele se comprazem. Desde que temos vontade para fazê-lo, também podemos ter a de praticar o bem, pelo que, ó meu Deus, pedimos a Tua assistência e a dos Espíritos bons, a fim de resistirmos à tentação.

VII. *Assim seja.*

Alegra-te, Senhor, que os nossos desejos se efetivem. Mas, curvamo-nos perante a Tua sabedoria infinita. Que em todas as coisas que nos escapam à compreensão se faça a Tua santa vontade e não a nossa, pois somente quer o nosso bem e melhor do que nós o Senhor sabe o que nos convém.

Dirigimos-te esta prece, ó Deus, por nós mesmos e também por todas as almas sofredoras, encarnadas e desencarnadas, pelos nossos amigos e inimigos, por todos os que solicitem a nossa assistência e, em particular, por N...

Para todos suplicamos a Tua misericórdia e a Tua bênção.

Nota – Aqui, podem formular-se os agradecimentos que se queiram dirigir a Deus e o que se deseje pedir para si mesmo ou para alguém. (Vejam-se, adiante, as preces n° 26 e 27.)

REUNIÕES ESPÍRITAS

4. “Onde quer que se encontrem duas ou três pessoas reunidas em meu nome, eu com elas estarei”.

(MATEUS, 18:20)

5. PREFÁCIO. Estarem reunidas em nome de Jesus, duas, três ou mais pessoas, não quer dizer que basta se achem materialmente juntas. É preciso que estejam também espiritualmente, em comunhão de intenções e de ideias, para o bem. Jesus, então, ou os Espíritos puros, que o representam, se encontrarão na assembleia. O Espiritismo nos faz compreender como os Espíritos podem se achar entre nós. Comparecem com seu corpo fluídico ou espiritual e sob a aparência que nos levaria a reconhecê-los, caso se tornassem visíveis. Quanto mais elevados são na hierarquia espiritual, tanto maior é neles o poder de irradiação. É assim que possuem o dom da ubiquidade e que podem estar simultaneamente em muitos lugares, bastando para isso que enviem a cada um desses lugares um raio de suas mentes.

Dizendo as palavras acima transcritas, Jesus quis revelar o efeito da união e da fraternidade. O que o atrai não é o maior ou menor número de pessoas que se reúnam, pois, em vez de duas ou três, Ele poderia dizer dez ou vinte, mas o sentimento de caridade que reciprocamente as anime. Ora, para isso, basta que elas sejam duas. Contudo, se essas duas pessoas oram cada uma por seu lado, embora dirigindo-se ambas a Jesus, não há entre elas comunhão de pensamentos, sobretudo se ali não estão sob o influxo de um sentimento de mútua benevolência. Caso se olham com prevenção, com ódio, inveja ou ciúme, as correntes fluídicas de seus pensamentos, longe de se conjugarem por um comum impulso de simpatia, repelem-se. Nesse caso, *não estarão reunidas em nome de Jesus*, que, então, não passa de *pretexto* para a reunião, não o tendo esta por verdadeiro motivo (Cap. XXVII, n° 9).

Isso não significa que Ele se mostre surdo ao que lhe diga uma única pessoa; e se não disse: “Atenderei a todo aquele que me chamar”, é que, antes de tudo, exige o amor do próximo; e desse amor mais provas podem dar-se quando são muitos os que intercedem, com exclusão de todo sentimento pessoal, e não um apenas. Segue-se que, se, numa assembleia numerosa, somente duas ou três pessoas se unem de coração, pelo sentimento de verdadeira caridade, enquanto as outras se isolam e se concentram em pensamentos egoísticos ou mundanos, Deus estará com as primeiras e não com as outras. Não é, pois, a simultaneidade das palavras, dos cânticos ou dos atos exteriores que constitui a reunião em nome de Jesus, mas a comunhão de pensamentos, em concordância com o espírito de caridade que Ele personifica (Cap. X, n° 7 e 8; cap. XXVII, n° 2 a 4).

Esse é o caráter de que as reuniões espíritas sérias devem revestir-se, aquelas em que sinceramente se deseja a ajuda dos bons Espíritos.

6. Prece. (Para o começo da reunião) – Ao Senhor Deus onipotente suplicamos que envie Espíritos bons para nos auxiliarem; que afaste os que nos possam induzir em erro e nos conceda a luz necessária para distinguirmos da impostura a verdade.

Afasta, igualmente, Senhor, os Espíritos malfazejos, encarnados e desencarnados, que tentem lançar entre nós a discórdia e nos desviar da caridade e do amor ao próximo. Se alguns deles procurarem se introduzir aqui, faça não achem acesso no coração de nenhum de nós.

Bons Espíritos que se dignam de vir nos instruir, tornem-nos dóceis aos seus conselhos; preservem-nos de toda ideia de egoísmo, orgulho, inveja e ciúme; inspirem-nos indulgência e benevolência para com os nossos semelhantes, presentes e ausentes, amigos ou inimigos; em suma, façam que, pelos sentimentos de que nos achemos animados, reconhecamos a influência salutar da parte de vocês.

Deem aos médiuns que escolherem para transmissores dos seus ensinamentos, consciência do mandato que lhes é conferido e da gravidade do ato que vão praticar, a fim de que o façam com o devido fervor e o recolhimento.

Se, em nossa reunião, estiverem pessoas que tenham vindo movidas por sentimentos outros que não os do bem, abram os olhos deles à luz e perdoem-lhes, como nós lhes perdoamos, se trouxerem malévolas intenções.

Pedimos, especialmente, ao Espírito N..., nosso guia espiritual, que nos assista e por nós vele.

7. (Para o fim da reunião) – Agradecemos aos bons Espíritos que se dignaram de se comunicar conosco e lhes rogamos que nos ajudem a pôr em prática as instruções que nos deram e façam que, ao sair daqui, cada um de nós se sinta fortalecido para a prática do bem e do amor ao próximo.

Também desejamos que as suas instruções aproveitem aos Espíritos sofredores, ignorantes ou viciosos, que tenham participado da nossa reunião e para os quais imploramos a misericórdia de Deus.

PARA OS MÉDIUNS

8. “Nos últimos tempos, – diz o Senhor – derramarei do meu Espírito sobre toda carne; os filhos e filhas profetizarão; seus jovens terão visões e os velhos terão sonhos. Nesses dias,

distribuirei do meu Espírito sobre os meus servidores e servidas, e eles profetizarão”.

(Atos dos Apóstolos, 2:17 e 18.)⁶²

9. PREFÁCIO. Quis o Senhor que a luz se fizesse para todos os homens e que em toda a parte penetrasse a voz dos Espíritos, a fim de que cada um pudesse obter a prova da imortalidade. Com esse objetivo é que os Espíritos se manifestam hoje em todos os pontos da Terra e a mediunidade se revela em pessoas de todas as idades e de todas as condições, nos homens como nas mulheres, nas crianças como nos velhos. É um dos sinais de que chegaram os tempos preditos.

Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da Natureza material, Deus deu ao homem a vista corporal, os sentidos e instrumentos especiais. Com o telescópio, ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço, e, com o microscópio, descobriu o mundo dos infinitamente pequenos. Para peneirar no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade.

Os médiuns são os intérpretes responsáveis de transmitir aos homens os ensinamentos dos Espíritos; ou, melhor, *são os órgãos materiais de que os Espíritos se servem para se expressarem aos homens por maneira compreensível*. A missão que desempenham é santa, visto ter por fim rasgar os horizontes da vida eterna.

Os Espíritos vêm instruir o homem sobre seus destinos, a fim de o reconduzirem à senda do bem, e não para o pouparem ao trabalho material que lhe cumpre executar neste mundo, tendo por meta o seu adiantamento, nem para lhe favorecerem a ambição e a ganância. Aí têm os médiuns o de que devem compenetrar-se bem, para não fazerem mau uso de suas atribuições. Aquele que é médium e compreende a gravidade do mandato de que se acha investido, religiosamente o desempenha. Sua consciência lhe corromperia, como ato de sacrilégio, se utilizar por divertimento e distração, *para si ou para os outros*, faculdades que lhe são concedidas para fins sobremaneira sérios e que o põem em comunicação com os seres de além-túmulo.

Como intérpretes do ensino dos Espíritos, os médiuns têm de desempenhar importante papel na transformação moral que se opera. Os serviços que podem prestar guardam proporção com a boa diretriz que imprimam às suas faculdades, pois os que enveredam por mau caminho são mais prejudiciais do que úteis à causa do Espiritismo. Pela má impressão que produzem, mais de uma conversão retardam. Terão, por isso mesmo, de dar contas do uso que hajam feito de um dom que lhes foi concedido para o bem de seus semelhantes.

O médium que queira gozar sempre da assistência dos bons Espíritos tem de trabalhar para se melhorar. O que deseja que o seu dom se desenvolva e engrandeça tem de se engrandecer moralmente e de se afastar de tudo o que possa desviá-la do seu fim providencial.

⁶² Confrontando o versículo 18 de Atos dos Apóstolos, cap. 2, com o correspondente de Joel, 2, 29, notamos que, na transcrição da profecia para o Novo Testamento, há uma diferença: Pela profecia, trata-se de servos e servas (escravos e escravas) dos homens e não de Deus, como se acha na transcrição. Eis o texto dos versículos, nas duas traduções mais modernas e fiéis: a Brasileira e a do Esperanto, as quais estão de acordo também com a Inglesa: Joel, 2, 29: “Também sobre os servos e sobre as servas naqueles dias derramarei o meu Espírito” – Atos, 2, 18: “E, sobre os meus servos e sobre as minhas servas derramarei do meu Espírito naqueles dias, e profetizarão”. Na tradução em Esperanto ainda está mais claro que se trata até dos escravos e escravas dos homens, e não de servos de Deus. Ei-la: “Joel, 2, 29: **E[^]c sur la sklavojn kaj sur la sklavinojn Mi em tiu tempo elver[^] sos Mian spiriton!**” – Atos, 2, 18: “**Kaj e[^]c sur Miajn sklavojn kaj Miajn sklavinojn en tiu tempo Mi elver[^]SOS Mian spiriton, kaj ili profetos.**” Até os escravos e escravas (dos homens) receberão o Espírito, não somente os servos e servas de Deus (Sacerdotes e sacerdotisas). A profecia em sua forma original está-se cumprindo em nossos dias; porque a mediunidade brota em todas as classes, até nas pessoas mais humildes e obscuras, e não somente, como faz supor o texto de Atos, entre os sacerdotes (servos de Deus). – **Nota da Editora da FEB**, em 1947.

Se às vezes os Espíritos bons se servem de médiuns imperfeitos, é para dar bons conselhos, com os quais procuram fazê-los retomar a estrada do bem. Se, porém, topam com corações endurecidos e se suas advertências não são escutadas, afastam-se, ficando livre o campo aos maus (Cap. XXIV, nº 11 e 12.).

A experiência diz que, da parte dos que não aproveitam os conselhos que recebem dos bons Espíritos, as comunicações, depois de terem revelado certo brilho durante algum tempo, degeneram pouco a pouco e acabam caindo no erro, na vertigem, ou no ridículo, sinal incontestável do afastamento dos bons Espíritos.

Conseguir a assistência destes e afastar os Espíritos levianos e mentirosos: tal deve ser a meta para onde caminham os esforços constantes de todos os médiuns sérios. Sem isso, a mediunidade se torna um poder improdutivo, capaz mesmo de resultar em prejuízo daquele que a possua, pois pode degenerar em perigosa obsessão.

O médium que compreende o seu dever, longe de se orgulhar de uma faculdade que não lhe pertence, visto que lhe pode ser retirada, atribui a Deus as boas coisas que obtém. Se as suas comunicações receberem elogios, não se envaidecerá com isso, porque as sabe independentes do seu mérito pessoal; agradece a Deus o haver consentido que por seu intermédio bons Espíritos se manifestassem. Se dão lugar a crítica, não se ofende, porque não são obra do seu próprio Espírito. Ao contrário, reconhece no seu íntimo que não foi um instrumento bom e que não dispõe de todas as qualidades necessárias para renegar a intromissão dos Espíritos maus. Então, cuida de adquirir essas qualidades e suplica, por meio da prece, as forças que lhe faltam.

10. Prece. – Deus onipotente, permite que os bons Espíritos me assistam na comunicação que solicito. Preserva-me da presunção de me julgar resguardado dos Espíritos maus; do orgulho que me induza em erro sobre o valor do que obtenha; de todo sentimento oposto à caridade para com outros médiuns. Se cair em erro, inspira a alguém a ideia de me advertir disso e a mim a humildade que me faça aceitar reconhecido a crítica e tomar como endereçados a mim mesmo, e não aos outros, os conselhos que os bons Espíritos me queiram ditar.

Se for tentado a cometer abuso, no que quer que seja, ou a me envaidecer da faculdade que te agrada me conceder, peço que ma retires, de preferência a consentires seja ela desviada do seu objetivo providencial, que é o bem de todos e o meu próprio avanço moral.

II – PRECES POR AQUELE MESMO QUE ORA

AOS ANJOS GUARDIÃES E AOS ESPÍRITOS PROTETORES

11. PREFÁCIO. Todos temos um Espírito bom ligado a nós desde o nosso nascimento, que nos tomou sob a sua proteção. Desempenha, junto de nós, a missão de um pai para com seu filho: a de nos conduzir pelo caminho do bem e do progresso, através das provações da vida. Sente-se feliz, quando correspondemos à sua solicitude; sofre, quando nos vê cair.

Seu nome pouco importa, pois bem pode dar-se que não tenha nome conhecido na Terra. Invocamos, então, como nosso anjo guardião, nosso bom gênio. Podemos mesmo invocá-lo sob o nome de qualquer Espírito superior, que mais viva e particular simpatia nos inspire.

Além do Anjo guardião, que é sempre um Espírito superior, temos Espíritos protetores que, embora menos elevados, não são menos bons e magnânimos. Contamo-los entre amigos, ou parentes, ou, até, entre pessoas que não conhecemos na existência atual. Eles

nos assistem com seus conselhos e, não raro, intervindo nos atos da nossa vida.

Espíritos simpáticos são os que se nos ligam por certa semelhança de gostos e pendores. Podem ser bons ou maus, conforme a natureza das inclinações nossas que os atraíam.

Os Espíritos sedutores se esforçam por nos afastar das veredas do bem, sugerindo-nos maus pensamentos. Aproveitam-se de todas as nossas fraquezas, como de outras tantas portas abertas, que lhes dão acesso à nossa alma. Alguns há que se agarram a nós como a uma presa, mas que *se afastam, em se reconhecendo impotentes para lutar contra a nossa vontade*.

Deus, em nosso anjo guardião, nos deu um guia principal e superior e, nos Espíritos protetores e familiares, guias secundários. Mas seria erro acreditarmos que *obrigatoriamente*, temos um mau gênio ao nosso lado, para contrabalançar as boas influências que sobre nós se exerçam. Os maus Espíritos acorrem *voluntariamente*, desde que achem meio de assumir domínio sobre nós, ou pela nossa fraqueza, ou pela negligência que ponhamos em seguir as inspirações dos bons Espíritos. Somos nós, portanto, que os atraímos. Resulta desse fato que jamais nos encontramos privados da assistência dos bons Espíritos e que de nós depende o afastamento dos maus. Sendo, por suas imperfeições, a causa primária das misérias que o afligem, o homem é, na maioria das vezes, o seu próprio mau gênio (Cap. V, nº 4).

A prece aos anjos guardiães e aos Espíritos protetores deve ter por objeto solicitar-lhes a intercessão junto de Deus, pedir-lhes a força de resistir às más sugestões e que nos assistam nas contingências da vida.

12. Prece. – Espíritos esclarecidos e benevolentes, mensageiros de Deus, que têm por missão ajudar os homens e conduzi-los pelo bom caminho, sustentem-me nas provas desta vida; me deem a força de suportá-las sem queixas; livrem-me dos maus pensamentos e façam que eu não dê entrada a nenhum mau Espírito que queira induzir-me ao mal. Esclareçam a minha consciência com relação aos meus defeitos e me tiram de sobre os olhos o véu do orgulho, capaz de impedir que eu os perceba e os confesse a mim mesmo.

A ti, sobretudo, N..., meu anjo guardião, que mais particularmente vela por mim, e a todos vós, Espíritos protetores, que por mim se interessam, peço fazerem que me torne digno da sua proteção. Conhecem as minhas necessidades; sejam elas atendidas, segundo a vontade de Deus.

13. (Outra) – Meu Deus, permita que os bons Espíritos que me cercam venham em meu auxílio, quando me achar em sofrimento, e que me sustentem se desfalecer. Faça, Senhor, que eles gravem em mim a fé, a esperança e a caridade; que sejam para mim um amparo, uma inspiração e um testemunho da Tua misericórdia. Enfim, faça que neles eu encontre a força que me falta nas provas da vida e, para resistir às inspirações do mal, a fé que salva e o amor que consola.

14. (Outra) – Espíritos bem-amados, anjos guardiães que, com a permissão de Deus, pela sua infinita misericórdia, velam sobre os homens, sejam nossos protetores nas provas da vida terrena. Dai-nos força, coragem e resignação; inspirai-nos tudo o que é bom, detenha-nos no declive do mal; que a sua bondosa influência nos penetre a alma; façam-nos sentir que um amigo devotado está ao nosso lado, que vê os nossos sofrimentos e partilha das nossas alegrias.

E tu, meu bom anjo, não me abandones. Necessito de toda a tua proteção, para suportar com fé e amor as provas que agrada a Deus me enviar.

PARA AFASTAR OS MAUS ESPÍRITOS

15. “Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que limpam por fora o copo e o prato e por dentro estão cheios de traições e impurezas. Fariseus cegos, limpem primeiramente o interior do copo e do prato, a fim de que também o exterior fique limpo. Ai de vocês, escribas e fariseus hipócritas, que se assemelham a sepulcros branqueados, que por fora parecem belos aos olhos dos homens, mas que, por dentro, estão cheios de toda espécie de podridões. Assim, pelo exterior, parecem justos aos olhos dos homens, mas por dentro, estais cheios de falsidade e de maldades”.

(MATEUS, 23:25 a 28)

16. PREFÁCIO. Os maus Espíritos somente procuram os lugares onde encontrem possibilidades de dar expansão à sua perversidade. Para afastá-los, não basta pedir-lhes, nem mesmo ordenar-lhes que se vão; é preciso que o homem elimine de si o que os atrai. Os Espíritos maus farejam as chagas da alma, como as moscas farejam as chagas do corpo. Assim como se limpa o corpo, para evitar a bicheira, também se deve limpar de suas impurezas a alma, para evitar os maus Espíritos. Vivendo num mundo onde estes fervem, nem sempre as boas qualidades do coração nos põem a salvo de suas tentativas; dão, entretanto, forças para que lhes resistamos.

17. Prece. – Em nome de Deus Todo-Poderoso, afastem-se de mim os maus Espíritos, servindo-me os bons de antemural contra eles.

Espíritos maldosos, que inspiram maus pensamentos aos homens; Espíritos velhacos e mentirosos, que os enganam; Espíritos zombeteiros, que se divertem com a fé deles, eu os repilo com todas as forças de minha alma e fecho os ouvidos às suas sugestões; mas, imploro para vocês a misericórdia de Deus.

Bons Espíritos que se dignam de me assessorar, deem-me a força de resistir à influência dos Espíritos maus e as luzes de que necessito para não ser vítima de suas tramas. Preservem-me do orgulho e da presunção; livrem o meu coração do ciúme, do ódio, da malevolência, de todo sentimento contrário à caridade, que são outras tantas portas abertas ao Espírito do mal.

PARA PEDIR A CORREÇÃO DE UM DEFEITO

18. PREFÁCIO. Os nossos maus instintos resultam da imperfeição do nosso próprio Espírito e não da nossa organização física; a não ser assim, o homem se acharia livre de toda espécie de responsabilidade. De nós depende a nossa melhoria, pois todo aquele que se acha no gozo de suas faculdades tem, com relação a todas as coisas, a liberdade de fazer ou de não fazer. Para praticar o bem, de nada mais precisa senão do querer (Cap. XV, nº 10; cap. XIX, nº 12).

19. Prece. – Ó meu Deus, me deste a inteligência necessária a distinguir o que é bem do que é mal. Ora, do momento em que reconheço que uma coisa é do mal, torno-me culpado se não me esforçar por lhe resistir.

Preserva-me do orgulho que me poderia impedir de perceber os meus defeitos e dos maus Espíritos que me possam incitar a perseverar neles.

Entre as minhas imperfeições, reconheço que sou particularmente propenso a...; e, se não resisto a esse pendor, é porque contraí o hábito de a ele ceder.

Não me criaste culpado, pois que és justo, mas com igual aptidão para o

bem e para o mal; se tomei o mau caminho, foi por efeito do meu livre-arbítrio. Todavia, pela mesma razão que tive a liberdade de fazer o mal, tenho a de fazer o bem e, conseqüentemente, a de mudar de caminho.

Meus atuais defeitos são restos das imperfeições que conservei das minhas precedentes existências; são o meu pecado original, de que me posso libertar pela ação da minha vontade e com a ajuda dos Espíritos bons.

Bons Espíritos que me protegem, e sobretudo tu, meu anjo da guarda, dai-me forças para resistir às más sugestões e para sair vitorioso da luta. Os defeitos são barreiras que nos separam de Deus e cada um que eu suprima será um passo dado na senda do progresso que dele me há de aproximar.

O Senhor, em sua infinita misericórdia, houve por bem conceder-me a existência atual, para que servisse ao meu adiantamento. Bons Espíritos, ajudem-me a aproveitá-la, para que me não fique perdida e para que, quando ao Senhor aprouver ma retirar, eu dela saia melhor do que entrei (Cap. V, nº 5; cap. XVII, nº 3).

PARA PEDIR A FORÇA DE RESISTIR A UMA TENTACÃO

20. PREFÁCIO. Duas origens pode ter qualquer pensamento mau: a própria imperfeição de nossa alma, ou uma terrível influência que sobre ela se exerça. Neste último caso, há sempre indício de uma fraqueza que nos sujeita a receber essa influência; há, por conseguinte, indício de uma alma imperfeita. De sorte que aquele que venha a falir não poderá invocar por escusa a influência de um Espírito estranho, visto que *esse Espírito não o teria arrastado ao mal, se o considerasse inacessível à sedução.*

Quando surge em nós um mau pensamento, então podemos imaginar um Espírito maléfico a nos atrair para o mal, mas a cuja atração podemos ceder ou resistir, como se se tratara dos convites de uma pessoa viva. Devemos, ao mesmo tempo, imaginar que, por seu lado, o nosso anjo guardião, ou Espírito protetor, combate em nós a má influência e espera com ansiedade a *decisão que tomemos.* A nossa hesitação em praticar o mal é a voz do Espírito bom, a se fazer ouvir pela nossa consciência.

Reconhece-se que um pensamento é mau, quando se afasta da caridade, que constitui a base da verdadeira moral, quando tem por princípio o orgulho, a vaidade, ou o egoísmo; quando a sua realização pode causar qualquer prejuízo a alguém; quando, enfim, nos induz a fazer aos outros o que não quereríamos que nos fizessem (Cap. XXVIII, nº 15; cap. XV, nº 10).

21. Prece. – Deus Todo-Poderoso, não me deixe sucumbir à tentação que me impele a falir. Espíritos bondosos, que me protegem, afastem de mim este mau pensamento e me deem a força de resistir à sugestão do mal. Se eu fracassar, merecerei expiar a minha falta nesta vida e na outra, porque tenho a liberdade de escolher.

AÇÃO DE GRAÇAS PELA VITÓRIA ALCANÇADA SOBRE UMA TENTACÃO

22. PREFÁCIO. Aquele que resistiu a uma tentação deve-o à assistência dos bons Espíritos, a cuja voz atendeu. Cumpre-lhe agradecerê-lo a Deus e ao seu anjo da guarda.

23. Prece. – Meu Deus, Te agradeço por ter permitido que eu saísse vitorioso da luta que acabo de sustentar contra o mal. Faça que essa vitória me dê a força de resistir a novas tentações.

E a ti, meu anjo guardião, agradeço a assistência com que me valeu. Possa a minha submissão aos teus conselhos granjear-me de novo a tua proteção!

PARA PEDIR UM CONSELHO

24. PREFÁCIO. Quando estamos indecisos sobre o fazer ou não fazer uma coisa, devemos antes de tudo propor-nos a nós mesmos as questões seguintes:

- 1ª – Aquilo que eu hesito em fazer pode acarretar qualquer prejuízo a alguém?
- 2ª – Pode ser proveitoso a alguém?
- 3ª – Se agissem assim comigo, eu ficaria satisfeito?

Se o que pensamos fazer, somente interessa a nós, é justo pesar as vantagens e os inconvenientes pessoais que nos possam vir.

Se interessa a alguém e se, resultando em bem para um, acabará em mal para outro, cumpre, igualmente, pesemos a soma de bem ou de mal que se produzirá, para nos decidirmos a agir, ou a abster-nos.

Enfim, mesmo em se tratando das melhores coisas, importa ainda consideremos a oportunidade e as circunstâncias simultâneas, pois uma coisa boa, em si mesma, pode dar maus resultados em mãos inexperientes, se não for conduzida com prudência e ponderação. Antes de empreendê-la, convém consultemos as nossas forças e meios de execução.

Em todos os casos, sempre podemos solicitar a assistência dos nossos Espíritos protetores, lembrados desta sábia advertência: *Na dúvida, recuse* (Cap. XXVIII, nº 38).

25. Prece. – Em nome de Deus Todo-Poderoso, me inspirem, os bons Espíritos que me protegem, a melhor solução a ser tomada na incerteza em que me encontro. Encaminhai meu pensamento para o bem e me livrem da influência dos que tentar me transviar.

NAS AFLIÇÕES DA VIDA

26. PREFÁCIO. Podemos pedir a Deus favores terrenos e Ele pode nos conceder, quando tenham um fim útil e sério. Mas, como a utilidade das coisas sempre a julgamos do nosso ponto de vista e como as nossas vistas se reduzem ao presente, nem sempre vemos o lado mau do que desejamos. Deus, que vê muito melhor do que nós e que só o nosso bem quer, pode recusar que peçamos a Ele, como um pai nega ao filho o que lhe seja prejudicial. Se não nos é concedido o que pedimos, não devemos por isso entregar-nos ao desânimo; devemos pensar, ao contrário, que a privação do que desejamos nos é imposta como prova, ou como expiação, e que a nossa recompensa será proporcionada à resignação com que a houvermos suportado (Cap. XXVII, nº 6; cap. II, nº 5 a 7).

27. Prece. – Deus Onipotente, que vês as nossas misérias, digna-te de escutar, benevolente, a súplica que neste momento Te dirijo. Se o meu pedido é sem razão, perdoa-me; se é justo e conveniente segundo as Tuas vistas, que os bons Espíritos,

executores das tuas vontades, venham em meu auxílio para que ele seja satisfeito.

Como quer que seja, meu Deus, faça-se a Tua vontade. Se os meus desejos não forem atendidos, é que está nos Teus desígnios experimentar-me e eu me submeto sem me queixar. Faça que por isso nenhum desânimo me assalte e que nem a minha fé nem a minha resignação sofram qualquer abalo.

(Formular o pedido)

ACÇÃO DE GRAÇAS POR UM FAVOR OBTIDO

28. PREFÁCIO. Não se devem considerar como sucessos ditosos apenas o que seja de grande importância. Muitas vezes, coisas aparentemente insignificantes são as que mais influem em nosso destino. O homem facilmente esquece o bem, para, de preferência, lembrar-se do que o aflige. Se registrássemos, dia a dia, os benefícios de que somos objeto, sem os havermos pedido, ficaríamos, com frequência, espantados de termos recebido tantos e tantos que se nos varreram da memória, e nos sentiríamos humilhados com a nossa ingratidão.

Todas as noites, ao elevarmos a nossa alma a Deus, devemos recordar em nosso íntimo os favores que Ele nos fez durante o dia e agradecer. Sobretudo no momento mesmo em que experimentamos o efeito da Sua bondade e da Sua proteção, é que nos cumpre, por um movimento espontâneo, testemunhar a Ele a nossa gratidão. Basta, para isso, que lhe dirijamos um pensamento, Lhe atribuindo o benefício, sem que se faça necessário interrompamos o nosso trabalho.

Não consistem os benefícios de Deus unicamente em coisas materiais. Devemos também Lhe agradecer as boas ideias, as felizes inspirações que recebemos. Ao passo que o egoísta atribui tudo isso aos seus méritos pessoais e o incrédulo ao acaso, aquele que tem fé rende graças a Deus e aos bons Espíritos. São desnecessárias, para esse efeito, longas frases. *“Obrigado, meu Deus, pelo bom pensamento que me foi inspirado”*, diz mais do que muitas palavras. O impulso espontâneo, que nos faz atribuir a Deus o que de bom nos sucede, dá testemunho de um ato de reconhecimento e de humildade, que nos granjeia a simpatia dos bons Espíritos. (Cap. XXVII, nº 7 e 8)

29. Prece. – Deus infinitamente bom, que o Teu nome seja bendito pelos benefícios que me tem concedido. Indigno eu seria, se os atribuísse ao acaso dos acontecimentos, ou ao meu próprio mérito.

Bons Espíritos, que foram os executores das vontades de Deus, agradeço-os e especialmente a ti, meu anjo guardião. Afasta de mim a ideia de me orgulhar do que recebi e de não o aproveitar somente para o bem. Agradeço-o, em particular,...

ATO DE SUBMISSÃO E DE RESIGNAÇÃO

30. PREFÁCIO. Quando um motivo de aflição nos vem, se lhe procurarmos a causa, muitas vezes reconheceremos estar numa imprudência ou imprevidência nossa, ou, quando não, em um ato anterior. Em qualquer desses casos, só de nós mesmos nos devemos queixar. Se a causa de um infortúnio independe completamente de qualquer ação nossa, é ou uma prova para a existência atual, ou expiação de falta de uma existência anterior, caso, este último, em que, pela natureza da expiação, poderemos conhecer a natureza da falta, visto que somos sempre punidos por aquilo em que pecamos (Cap. V, nº 4, 6 e seguintes).

No que nos preocupa, em geral, só vemos o presente e não as futuras consequências

favoráveis que possa ter a nossa aflição. Muitas vezes, o bem é a consequência de um mal passageiro, como a cura de uma enfermidade é o resultado dos meios dolorosos que se empregaram para combatê-la. Em todos os casos devemos submeter-nos à vontade de Deus, suportar com coragem as tribulações da vida, se queremos que elas nos sejam levadas em conta e que se nos possam aplicar estas palavras do Cristo: “Bem-aventurados os que sofrem” (Cap. V, nº 18).

31. Prece. – Meu Deus, és soberanamente justo; todo sofrimento, neste mundo, há de ter a sua causa e a sua utilidade. Aceito a aflição que acabo de experimentar, como expiação de minhas faltas passadas e como prova para o futuro.

Bons Espíritos que me protegem, me deem forças para suportá-la sem lamentos. Façam que ela me seja um aviso curativo; que me acresça a experiência; que abata em mim o orgulho, a ambição, a tola vaidade e o egoísmo, e que contribua assim para o meu adiantamento.

32. (Outra) – Sinto, ó meu Deus, necessidade de Te pedir que me dê forças para suportar as provações que quis me destinar. Permite que a luz se faça bastante viva em meu espírito, para que eu aprecie toda a extensão de um amor que me aflige porque me quer salvar. Submeto-me resignado, ó meu Deus; mas, a criatura é tão fraca, que temo falhar, se me não amparares. Não me abandones, Senhor, que sem Ti nada posso.

33. (Outra) – A Ti dirigi o meu olhar, ó Eterno, e me senti fortalecido. És a minha força, não me abandones. Ó meu Deus, sinto-me esmagado sob o peso das minhas iniquidades. Ajuda-me. Conheces a fraqueza da minha carne, não desvie de mim o teu olhar!

Ardente sede me devora; faça brotar a fonte da água viva onde eu me dessedente. Que a minha boca só se abra para Te entoar louvores e não para soltar queixas nas aflições da minha vida. Sou fraco, Senhor, mas o Teu amor me sustentará.

Ó Eterno, só Tu é grande, só Tu é o fim e o objetivo da minha vida! Bendito seja o Teu nome, se me faz sofrer, pois és o Senhor e eu o servo infiel. Curvarei a frente sem me queixar, pois só Tu és grande, só Tu és a meta.

NUM PERIGO IMINENTE

34. PREFÁCIO. Pelos perigos que corremos, Deus nos adverte da nossa fraqueza e da fragilidade da nossa existência. Mostra-nos que entre Suas mãos está a nossa vida e que ela se acha presa por um fio que se pode romper no momento em que menos o esperamos. Sob esse aspecto, não há privilégio para ninguém, pois que às mesmas alternativas se encontram sujeitos assim o grande, como o pequeno.

Se examinarmos a natureza e as consequências do perigo, veremos que estas, as mais das vezes, se se verificassem, teriam sido a punição de uma falta cometida, ou da *falta do cumprimento de um dever*.

35. Prece. – Deus Todo-Poderoso, e tu, meu anjo guardião, socorram-me! Se tenho de cair, que a vontade de Deus se cumpra. Se devo ser salvo, que o restante da minha vida repare o mal que eu haja feito e do qual me arrependo.

ACÇÃO DE GRAÇAS POR HAVER ESCAPADO A UM PERIGO

36. PREFÁCIO. Pelo perigo que tenhamos corrido, mostra-nos Deus que, de um momento para outro, podemos ser chamados a prestar contas do modo por que utilizamos a vida. Avisa-nos, assim, que devemos tomar tento e nos emendar.

37. Prece. – Meu Deus, meu anjo da guarda, agradeço-os o socorro que me proporcionaram no perigo de que estive ameaçado. Seja para mim um aviso esse perigo e me esclareça sobre as faltas que me hajam colocado sob a sua ameaça. Compreendo, Senhor, que nas Tuas mãos está a minha vida e que ma podes tirar, quando Te apraza. Inspira-me, por intermédio dos bons Espíritos que me assistem, o propósito de empregar utilmente o tempo que ainda me concederes de vida neste mundo.

Meu anjo guardião, firma-me na resolução que tomo de reparar os meus erros e de fazer todo o bem que esteja ao meu alcance, a fim de chegar menos onerado de imperfeições ao mundo dos Espíritos, quando Deus determine o meu regresso para lá.

À HORA DE DORMIR

38. PREFÁCIO. O sono tem por fim dar repouso ao corpo; o Espírito, porém, não precisa repousar. Enquanto os sentidos físicos se acham adormecidos, a alma se desprende, em parte, da matéria e entra no gozo das faculdades do Espírito. O sono foi dado ao homem para reparação das forças orgânicas e também para a das forças morais. Enquanto o corpo recupera os elementos que perdeu por efeito da atividade da vigília, o Espírito vai retemperar-se entre os outros Espíritos. Colhe ideias no que vê, no que ouve e nos conselhos que lhe dão, que ao despertar, lhe surgem em estado de intuição. É a volta temporária do exilado à sua verdadeira pátria. É o prisioneiro restituído por momentos à liberdade.

Mas, como se dá com o presidiário perverso, acontece que nem sempre o Espírito aproveita dessa hora de liberdade para seu adiantamento. Se conserva instintos maus, em vez de procurar a companhia de Espíritos bons, busca a de seus iguais e vai visitar os lugares onde possa dar livre curso aos seus pendores.

Pois, aquele que se ache compenetrado desta verdade, eleve o seu pensamento a Deus, quando sinta aproximar-se o sono, e peça o conselho dos bons Espíritos e de todos cuja memória lhe seja cara, a fim de que venham se juntar a ele, nos curtos instantes de liberdade que lhe são concedidos, e ao despertar se sentirá mais forte contra o mal, mais corajoso diante da adversidade.

39. Prece. – Minha alma vai estar por alguns instantes com os outros Espíritos. Venham os bons ajudar-me com seus conselhos. Faça, meu anjo guardião, que, ao despertar, eu conserve durável e salutar impressão desse convívio.

PREVENDO PRÓXIMA A MORTE

40. PREFÁCIO. A fé no futuro, a orientação do pensamento, durante a vida, para os destinos vindouros, favorecem e aceleram o desligamento do Espírito, por enfraquecerem os laços que o prendem ao corpo, tanto que, frequentemente, a vida corporal ainda se não extinguiu de

todo, e a alma, impaciente, já alçou o voo para a imensidade. Ao contrário, no homem que concentra nas coisas materiais todos os seus cuidados, aqueles laços são mais tenazes, *penosa e dolorosa é a separação* e cheio de perturbação e ansiedade o despertar no além-túmulo.

41. Prece. – Meu Deus, creio em Ti e na Tua bondade infinita e, por isso mesmo, não posso crer que tenha dado ao homem a inteligência, que lhe permita Te conhecer, e a aspiração pelo futuro, para o mergulharem no nada.

Creio que o meu corpo é apenas o envoltório perecível de minha alma e que, quando eu tenha deixado de viver, acordarei no mundo dos Espíritos.

Deus Todo-Poderoso, sinto se rompem os laços que me prendem a alma ao corpo e que dentro em pouco irei prestar contas do uso que fiz da vida que me foge.

Vou experimentar as consequências do bem e do mal que pratiquei. Lá não haverá ilusões, nem subterfúgios possíveis. Diante de mim vai desenrolar-se todo o meu passado e serei julgado segundo as minhas obras.

Nada levarei dos bens da Terra. Honras, riquezas, satisfações da vaidade e do orgulho, tudo, enfim, que é peculiar ao corpo permanecerá neste mundo. Nem a mais mínima parcela de todas essas coisas me acompanhará, nem me será de utilidade alguma no mundo dos Espíritos. Apenas levarei comigo o que pertence à alma, isto é, as boas e as más qualidades, para serem pesadas na balança da mais rigorosa justiça. E tanto maior severidade haverá no meu julgamento, quanto maior número de ocasiões para fazer o bem, que não fiz, me tenha proporcionado a posição que ocupei na Terra (Cap. XVI, nº 9).

Deus de misericórdia, que o meu arrependimento chegue aos Teus pés! Digna-Te de lançar sobre mim o manto da Tua indulgência.

Se Te agrada prolongar a minha existência, seja esse prolongamento empregado em reparar, tanto quanto em mim esteja, o mal que eu tenha praticado. Se sou, sem dilação possível, a minha hora, levo comigo o consolador pensamento de que me será permitido redimir-me, por meio de novas provas, a fim de merecer um dia a felicidade dos eleitos.

Se não me for dado gozar imediatamente dessa felicidade sem mescla, partilha tão só do justo por excelência, sei que me não é defesa para sempre a esperança e que, pelo trabalho, alcançarei o fim, mais tarde ou mais cedo, conforme os meus esforços.

Sei que próximos de mim, para me receberem, estão Espíritos bons e o meu anjo de guarda, aos quais dentro em pouco verei, como eles me veem. Sei que, *se o tiver merecido*, encontrarei de novo aqueles a quem amei na Terra e que aqueles que aqui deixo irão juntar-se a mim, que um dia estaremos todos reunidos para sempre e que, enquanto esse dia não chegar, poderei vir visitá-los. Sei também que vou encontrar aqueles a quem ofendi. Possam eles perdoar-me o que tenham a reprochar-me: o meu orgulho, a minha dureza, minhas injustiças, a fim de que a presença deles não me acabrunhe de vergonha!

Perdoe aos que me tenham feito ou querido fazer mal; não alimento nenhum rancor contra eles e Te peço, meu Deus, que lhes perdoe.

Senhor, me dê forças para deixar sem pena os prazeres grosseiros deste mundo, que nada são em confronto com as alegrias sãs e puras do mundo em que vou penetrar e onde, para o justo, não há mais tormentos, nem sofrimentos, nem misérias, onde somente o culpado sofre, mas tendo a confortá-lo a esperança.

A vocês, bons Espíritos, e a ti, meu anjo guardião, suplico que me não deixem falar neste momento supremo. Façam que a luz divina brilhe aos meus olhos, a fim de que a minha fé se reanime, se vier a se abalar.

Nota – Veja-se, adiante, o parágrafo V: “Preces pelos doentes e obsidiados”.

III – PRECES POR ALGUÉM

POR ALGUÉM QUE ESTEJA EM AFLIÇÃO

42. PREFÁCIO. Se é do interesse do aflito que a sua prova prossiga, ela não será abreviada a nosso pedido. Mas seria ato de impiedade desanimarmos por não ter sido satisfeita a nossa súplica. Aliás, na falta da suspensão da prova, podemos esperar alguma outra consolação que lhe alivie o amargor. O que há de mais necessário para aquele que se acha aflito, são a resignação e a coragem, sem as quais não lhe será possível sofrê-la com proveito para si, porque terá de recomeçá-la. É, pois, para esse objetivo que nos cumpre, sobretudo, orientar os nossos esforços, quer pedindo lhe venham em auxílio os bons Espíritos, quer levantando-lhe o moral por meio de conselhos e encorajamentos, quer, enfim, assistindo-o materialmente, se for possível. A prece, neste caso, pode também ter efeito direto, dirigindo, sobre a pessoa por quem é feita, uma corrente fluídica com o intento de lhe fortalecer o moral (Cap. V, n° 5 e 27; cap. XXVII, n° 6 e 10).

43. Prece. – Deus de infinita bondade, digna-Te de suavizar o amargor da posição em que se encontra N..., se assim for a Tua vontade.

Bons Espíritos, em nome de Deus Todo-Poderoso, eu os suplico que o ajudem nas suas aflições. Se, no seu interesse, elas lhe não puderem ser poupadas, façam que compreenda que são necessárias ao seu progresso. Deem a ele confiança em Deus e no futuro que se tornará menos amargoso. Deem também forças para não cair ao desespero, que lhe faria perder o fruto de seus sofrimentos e lhe tornaria ainda mais penosa no futuro a situação. Encaminhem para ele o meu pensamento, a fim de que o ajude a manter-se corajoso.

AÇÃO DE GRAÇAS POR UM BENEFÍCIO CONCEDIDO A ALGUÉM

44. PREFÁCIO. Quem não se acha dominado pelo egoísmo rejubila-se com o bem que acontece ao seu próximo, ainda mesmo que o não haja solicitado por meio da prece.

45. Prece. – Meu Deus, seja bendito pela felicidade que veio a N...

Bons Espíritos, façam que nisso ele veja um efeito da bondade de Deus. Se o bem que lhe aconteceu é uma prova, inspirem nele a lembrança de fazer bom uso dele e de se não envaidecer, a fim de que esse bem não redunde, de futuro, em prejuízo seu. A ti, bom gênio que me protege e deseja a minha felicidade, peço que afaste do meu coração todo sentimento de inveja ou de ciúme.

PELOS NOSSOS INIMIGOS E PELOS QUE NOS QUEREM MAL

46. PREFÁCIO. Disse Jesus: *Amem os inimigos*. Esta máxima é o sublime da caridade cristã;

mas, enunciando-a, Jesus não pretendeu receitar que devamos ter para com os nossos inimigos o carinho que dispensamos aos amigos. Por aquelas palavras, Ele nos recomenda que lhes esqueçamos as ofensas, que lhes perdoemos o mal que nos façam, que lhes paguemos com o bem esse mal. Além do merecimento que, aos olhos de Deus, resulta de semelhante proceder, ele equivale a mostrar aos homens o em que consiste a verdadeira superioridade (Cap. XII, nº 3 e 4).

47. Prece. – Meu Deus, perdoo a N... o mal que me fez e o que me quis fazer, como desejo me perdoe e também ele me perdoe as faltas que eu tenha cometido. Se o colocaste no meu caminho, como prova para mim, faça-se a Tua vontade.

Livra-me, ó meu Deus, da ideia de o maldizer e de todo desejo malévolos contra ele. Faça que jamais me alegre com as desgraças que lhe cheguem, nem me desgoste com os bens que lhe poderão ser concedidos, a fim de não manchar minha alma por pensamentos indignos de um cristão.

Possa a Tua bondade, Senhor, estendendo-se sobre ele, induzi-lo a alimentar melhores sentimentos para comigo!

Bons Espíritos, inspirem-me o esquecimento do mal e a lembrança do bem. Que nem o ódio, nem o rancor, nem o desejo de lhe retribuir o mal com outro mal me entrem no coração, pois o ódio e a vingança só são próprios dos Espíritos maus, encarnados e desencarnados! Que eu esteja pronto, ao contrário, a lhe estender mão fraterna, a lhe pagar com o bem o mal e a auxiliá-lo, se estiver ao meu alcance.

Desejo, para experimentar a sinceridade do que digo, que ocasião se me apresente de lhe ser útil; mas, sobretudo, ó meu Deus, preserva-me de fazê-lo por orgulho ou ostentação, abatendo-o com uma generosidade humilhante, o que me acarretaria a perda do fruto da minha ação, pois, nesse caso, eu mereceria me fossem aplicadas estas palavras do Cristo: *Já recebeu a tua recompensa* (Cap. XIII, nº 1 e seguintes).

ACÇÃO DE GRAÇAS PELO BEM CONCEDIDO AOS NOSSOS INIMIGOS

48. PREFÁCIO. Não desejar mal aos seus inimigos é ser apenas meio caridoso. A verdadeira caridade quer que lhes almejemos o bem e que nos sintamos felizes com o bem que lhes advenha (Cap. XII, nº 7 e 8).

49. Prece. – Meu Deus, em Tua justiça, quis encher de júbilo o coração de N... Agradeço-Te por ele, apesar do mal que me fez ou que tem procurado me fazer. Se desse bem ele se aproveitasse para me humilhar, eu receberia isso como uma prova para a minha caridade.

Bons Espíritos que me protegem, não permitam que me sinta pesaroso por isso. Isentem-me da inveja e do ciúme que rebaixam. Inspirem-me, ao contrário, a generosidade que eleva. A humilhação está no mal e não no bem; e sabemos que, cedo ou tarde, justiça será feita a cada um, segundo suas obras.

PELOS INIMIGOS DO ESPIRITISMO

50. *“Bem-aventurados os famintos de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, porque deles é o reino dos céus. Felizes serão,*

quando os homens lhes carregarem de maldições, lhes perseguirem e falsamente disserem contra vocês toda espécie de mal, por minha causa. Alegrem-se, então, porque grande recompensa vos está reservada nos céus, pois assim eles perseguiram os profetas enviados antes de vocês”.

(MATEUS, 5:6 e 10 a 12)

“Não temam os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma; temam, antes, aquele que pode perder alma e corpo no inferno”.

(MATEUS, 10:28)

51. PREFÁCIO. De todas as liberdades, a mais inviolável é a de pensar, que abrange a de consciência. Alguém lançar maldição sobre os que não pensam como ele é reclamar para si essa liberdade e negá-la aos outros, é violar o primeiro mandamento de Jesus: a caridade e o amor do próximo. Perseguir os outros, por motivos de suas crenças, é atentar contra o mais sagrado direito que tem todo homem, o de crer no que lhe convém e de adorar a Deus como o entenda. Constrangê-los a atos exteriores semelhantes aos nossos é mostrarmos que damos mais valor à forma do que ao fundo, mais às aparências, do que à convicção. Nunca a abjuração forçada deu a quem quer que fosse a fé; apenas pode fazer hipócritas. É um abuso da força material, que não prova a verdade. *A verdade é senhora de si: convence e não persegue, porque não precisa perseguir.*

O Espiritismo é uma opinião, uma crença; fosse até uma religião, por que se não teria a liberdade de se dizer espírita, como se tem a de se dizer católico, protestante, ou judeu, adepto de tal ou qual doutrina filosófica, de tal ou qual sistema econômico? Essa crença é falsa, ou é verdadeira. Se é falsa, cairá por si mesma, visto que o erro não pode prevalecer contra a verdade, quando se faz luz nas inteligências. Se é verdadeira, não haverá perseguição que a torne falsa.

A perseguição é o batismo de toda ideia nova, grande e justa e cresce com a magnitude e a importância da ideia. A ira e a severidade dos seus inimigos são proporcionais ao temor que ela lhes inspira. Tal a razão por que o Cristianismo foi perseguido noutros tempos e por que o Espiritismo o é hoje, mas com a diferença de que aquele o foi pelos pagãos, enquanto o segundo o é por cristãos. Passou o tempo das perseguições sangrentas, é exato; contudo, se já não matam o corpo, torturam a alma, atacam-na até nos seus mais íntimos sentimentos, nas suas mais caras afeições. Lança-se a desunião nas famílias, excita-se a mãe contra a filha, a mulher contra o marido; investe-se mesmo contra o corpo, agravando-se neles as necessidades materiais, tirando-se dele o ganha-pão, para reduzir pela fome o crente (Cap. XXIII, nº 9 e seguintes).

Espíritas, não se aflijam com os golpes que lhes desfiram, pois eles provam que vocês estão com a verdade. Se assim não fosse, lhes deixariam tranquilos e não lhes procurariam ferir. É uma prova para a fé de vocês, pois é pela sua coragem, pela sua resignação e pela sua paciência que Deus lhes reconhecerá entre os Seus servidores fiéis, a cuja contagem Ele hoje procede, para dar a cada um a parte que lhe toca, segundo Suas obras.

A exemplo dos primeiros cristãos, carreguem com coragem a sua cruz. Creiam na palavra do Cristo, que disse: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça, que deles é o reino dos céus. Não temam os que matam o corpo, mas que não podem matar a alma”. Ele também disse: “Amem os inimigos, façam bem aos que lhes fazem mal e orem pelos que lhes perseguem”. Mostrem que são seus verdadeiros discípulos e que a sua doutrina é boa, fazendo o que Ele disse e fez. A perseguição pouco durará. Aguardem com paciência o romper da aurora, pois que já rutila no horizonte a estrela d’alva (Cap. XXIV, nº 13 e seguintes).

52. Prece. – Senhor, Tu nos disseste pela boca de Jesus, o Teu Messias: “Bem-aventurados os que sofrem perseguição por amor da justiça; perdoem aos seus

inimigos; orem pelos que lhes persigam”. E Ele próprio nos deu o exemplo, orando pelos seus malfetores.

Seguindo esse exemplo, meu Deus, imploramos a Tua misericórdia para os que desprezam os Teus santíssimos preceitos, únicos capazes de promover a paz neste mundo e no outro. Como o Cristo, também nós te dizemos: “Perdoe-lhes, Pai, que eles não sabem o que fazem”.

Dá-nos forças para suportar com paciência e resignação, como provas para a nossa fé e a nossa humildade, seus escárnios, injúrias, calúnias e perseguições; isenta-nos de toda ideia de represálias, visto que para todos soará a hora da Tua justiça, hora que esperamos submissos à Tua vontade santa.

POR UMA CRIANÇA QUE ACABA DE NASCER

53. PREFÁCIO. Somente depois de terem passado pelas provas da vida corpórea, os Espíritos chegam à perfeição. Os que se encontram na erraticidade aguardam que Deus lhes permita voltar a uma existência que lhes proporcione meios de progredir, quer pela expiação de suas faltas passadas, mediante as provas a que fiquem sujeitos, quer desempenhando uma missão proveitosa para a Humanidade. O seu adiantamento e a sua felicidade futura serão proporcionados à maneira por que empreguem o tempo que hajam de estar na Terra. O encargo de lhes guiar os primeiros passos e de encaminhá-los para o bem cabe a seus pais, que responderão perante Deus pelo desempenho que derem a esse mandato. Para lhos facilitar, foi que Deus fez do amor paterno e do amor filial uma lei da Natureza, lei que jamais se transgride impunemente.

54. Prece. (Para ser dita pelos pais) – Espírito que encarnaste no corpo do nosso filho, seja bem-vindo. Seja bendito, ó Deus Onipotente, que o mandaste para nós.

É um depósito que nos foi confiado e do qual teremos um dia de prestar contas. Se ele pertence à nova geração de Espíritos bons que hão de povoar a Terra, obrigado, ó meu Deus, por essa graça! Se é uma alma imperfeita, corre-nos o dever de ajudá-lo a progredir na senda do bem, pelos nossos conselhos e bons exemplos. Se cair no mal, por culpa nossa, responderemos por isso, visto que, então, teremos falido em nossa missão junto dele.

Senhor, nos ampare em nossa tarefa e nos dê a força e a vontade de cumpri-la. Se este filho nos vem como provação para os nossos Espíritos, faça-se a Tua vontade!

Bons Espíritos que cuidaram do seu nascimento e que têm de acompanhá-lo no curso de sua existência, não o abandonem. Afastem dele os maus Espíritos que tentem orientá-lo para o mal. Deem a ele forças para lhes resistir às sugestões e coragem para sofrer com paciência e resignação as provas que o esperam na Terra (Cap. XIV, nº 9).

55. (Outra) – Meu Deus, confiou-me a sorte de um dos Teus Espíritos; façam, Senhor, que eu seja digno do encargo que me impuseste. Concede-me a Tua proteção. Ilumina a minha inteligência, a fim de que eu possa perceber desde cedo as tendências daquele que me compete preparar para ascender à Tua paz.

56. (Outra) – Deus de bondade, pois que Te agradou permitir que o Espírito desta

criança viesse de novo sofrer as provas terrenas, destinadas a fazê-lo progredir, dê a ele luz, a fim de que aprenda a Te conhecer, Te amar e Te adorar. Faça, pela Tua onipotência, que esta alma se regenere na fonte das Tuas sábias instruções; que, sob a proteção do seu anjo guardião, a sua inteligência se desenvolva e amplie e o leve a ter por aspiração aproximar-se cada vez mais de Ti; que a ciência do Espiritismo seja a luz brilhante que o ilumine através dos escolhos da vida; que ele, enfim, saiba apreciar toda a extensão do Teu amor, que nos põe em prova, para nos purificar.

Senhor, lança paterno olhar sobre a família a que confiaste esta alma, para que ela compreenda a importância da sua missão e faça que germinem nesta criança as boas sementes, até ao dia em que ela possa, por suas próprias aspirações, elevar-se sozinha para Ti.

Digna-Te, ó meu Deus, de atender a esta humilde prece, em nome e pelos merecimentos d’Aquele que disse: “Deixem que venham a mim as criancinhas, pois o reino dos céus é para os que se assemelham a elas”.

POR UM AGONIZANTE

57. PREFÁCIO. A agonia é a antecedência da separação da alma e do corpo. Pode dizer-se que, nesse momento, o homem tem um pé neste mundo e um no outro. Essa passagem é penosa às vezes, para os que muito se acham apegados à matéria e viveram mais para os bens deste mundo do que para os do outro, ou cuja consciência se encontra agitada pelos pesares e remorsos. Ao contrário, para aqueles cujos pensamentos buscaram o Infinito e se desprenderam da matéria, menos difíceis de romper-se são os laços que o prendem à Terra e os seus últimos momentos nada têm de dolorosos. Apenas um fio liga a alma ao corpo, enquanto que no outro caso profundas raízes a conservam presa a este. Em todos os casos, a prece exerce ação poderosa sobre o trabalho de separação (Ver, adiante, “Preces pelos doentes”; também **O CÉU E O INFERNO**, 2ª Parte, cap. I – “O Passamento”).

58. Prece. – Deus onipotente e misericordioso, aqui está uma alma prestes a deixar o seu corpo terreno para voltar ao mundo dos Espíritos, sua verdadeira pátria. Dado lhe seja fazê-lo em paz e que sobre ela se estenda a Tua misericórdia.

Bons Espíritos, que a acompanharam na Terra, não a abandonem neste momento supremo. Deem-lhe forças para suportar os últimos sofrimentos que deve passar neste mundo, a bem do seu progresso futuro. Inspirem nela, para que consagre ao arrependimento de suas faltas os últimos clarões de inteligência que lhe restem, ou que momentaneamente lhe venham.

Dirijam o meu pensamento, a fim de que atue de modo a tornar menos penoso para ela o trabalho da separação e a fim de que leve consigo, ao abandonar a Terra, as consolações da esperança.

IV – PRECES PELOS QUE JÁ NÃO SÃO DA TERRA

POR ALGUÉM QUE ACABA DE MORRER

59. PREFÁCIO. As preces pelos Espíritos que acabam de deixar a Terra não tem unicamente o objetivo de lhe dar um testemunho de simpatia: também têm por efeito auxiliar-lhes o

desprendimento e, desse modo, abreviar-lhes a perturbação que sempre se segue à separação, tornando-lhes mais calmo o despertar. Ainda aí, porém, como em qualquer outra circunstância, a eficácia está na sinceridade do pensamento e não na quantidade das palavras que se profiram mais ou menos pomposamente e em que, amiúde, nenhuma parte toma o coração.

As preces que deste se elevam ressoam em torno do Espírito, cujas ideias ainda estão confusas, como as vozes amigas que nos fazem despertar do sono (Cap. XXVII, nº 10).

60. Prece. – Onipotente Deus, que a Tua misericórdia se derrame sobre a alma de N..., a quem acabaste de chamar da Terra. Possam ser-lhe contadas as provas que aqui sofreu, bem como ter suavizadas e encurtadas as penas que ainda haja de suportar na Espiritualidade!

Bons Espíritos que o vieste receber e tu, particularmente, seu anjo guardião, ajudai-o a livrar-se da matéria; dai-lhe luz e a consciência de si mesmo, a fim de que saia rápido da perturbação própria da passagem da vida corpórea para a vida espiritual. Inspirai-lhe o arrependimento das faltas que haja cometido e o desejo de obter permissão para repará-las, a fim de acelerar o seu avanço rumo à vida eterna bem-aventurada.

N..., acabas de entrar no mundo dos Espíritos e, no entanto, presente aqui te achas entre nós; nos vê e ouve, por isso que de menos do que havia, entre ti e nós, só há o corpo perecível que vens de abandonar e que em breve estará reduzido a pó.

Despiu o envoltório grosseiro, sujeito a vicissitudes e à morte, e conservou apenas o envoltório etéreo, imperecível e inacessível aos sofrimentos. Já não vive pelo corpo; vive da vida dos Espíritos, vida essa isenta das misérias que afligem a Humanidade.

Já não tem diante de ti o véu que às nossas vistas oculta os esplendores da vida no Além. De agora em diante, pode contemplar novas maravilhas, ao passo que nós ainda continuamos mergulhados em trevas.

Vai, em plena liberdade, percorrer o espaço e visitar os mundos, enquanto nós rastejaremos penosamente na Terra, à qual se conserva preso o nosso corpo material, semelhante, para nós, a pesado fardo.

Diante de ti, vai desenrolar-se o panorama do Infinito e, em face de tanta grandeza, compreenderá o vazio dos nossos desejos terrestres, das nossas ambições mundanas e dos gozos fúteis com que os homens tanto se agradam.

A morte, para os homens, mais não é do que uma separação material de alguns instantes. Do exílio onde ainda nos retém a vontade de Deus, bem assim os deveres que nos correm neste mundo, te acompanharemos pelo pensamento, até que nos seja permitido juntar-nos a ti, como você que se reuniu aos que te precederam.

Não podemos ir onde se acha, mas você pode vir ter conosco. Vem, pois, aos que te amam e que amou; ampara-os nas provas da vida; vela pelos que te são caros; protege-os, como puderes; suaviza-lhes os pesares, fazendo-lhes perceber, pelo pensamento, que está mais feliz agora e lhes dando a consoladora certeza de que um dia todos estarão reunidos num mundo melhor.

Nesse, onde se encontra, devem extinguir-se todos os ressentimentos. Que a eles, daqui em diante, sejam inacessível, a bem da tua felicidade futura! Perdoa, portanto, aos que hajam incorrido em falta para contigo, como eles te perdoam as que tenha cometido para com eles.

Nota — Podem acrescentar-se a esta prece, que se aplica a todos, algumas palavras especiais, conforme as circunstâncias particulares de família ou de relações, bem como a posição social que ocupava o defunto.

Em se tratando de uma criança, o Espiritismo nos ensina que não está ali um Espírito de criação recente, mas um que já viveu e que pode, mesmo, já ser muito adiantado. Se foi curta a sua última existência, é que não devia passar de um complemento de prova, ou constituir uma prova para os pais (Cap. V, nº 21.).

61. (Outra)⁶³ — Senhor Onipotente, que a Tua misericórdia se estenda sobre os nossos irmãos que acabam de deixar a Terra! Que a Tua luz brilhe para eles! Tira-os das trevas; abre-lhes os olhos e os ouvidos! Que os bons Espíritos os cerquem e lhes façam ouvir palavras de paz e de esperança!

Senhor, ainda que muito indignos, ousamos implorar a Tua misericordiosa indulgência para este irmão nosso que acaba de ser chamado do exílio. Faça que o seu regresso seja o do filho pródigo. Esquece, ó meu Deus, as faltas que haja cometido, para Te lembrares somente do bem que haja praticado. Imutável é a Tua justiça, nós o sabemos; mas, imenso é o Teu amor. Suplicamos que alivie aquela, na fonte de bondade que emana do Teu seio.

Brilhe a luz para os teus olhos, irmão que acaba de deixar a Terra! Que os bons Espíritos de ti se aproximem, te cerquem e ajudem a romper as cadeias terrenas! Compreende e vê a grandeza do nosso Senhor: submete-te, sem queixas, à sua justiça, porém, não se desespere nunca da Sua misericórdia. Irmão! Que um sério retrospecto do teu passado te abra as portas do futuro, fazendo-te perceber as faltas que deixas para trás e o trabalho cuja execução te incumbe para repará-las! Que Deus Te perdoe e que os bons Espíritos te amparem e animem. Por ti orarão os teus irmãos da Terra e pedem que por eles ores.

PELAS PESSOAS A QUEM TIVEMOS AFEIÇÃO

62. PREFÁCIO. Que apavorante é a ideia do Nada! Como são de lastimar os que acreditam que no vazio se perde a voz do amigo que chora o seu amigo, sem encontrar eco que lhe responda! Jamais conheceram as puras e santas afeições os que pensam que tudo morre com o corpo; que o gênio, que com a sua vasta inteligência iluminou o mundo, é uma combinação de matéria, que, qual sopro, se elimina para sempre; que do mais querido ente, de um pai, de uma mãe, ou de um filho adorador não restará senão um pouco de pó que o vento irremediavelmente dispersará

Como pode um homem de coração conservar-se frio a essa ideia? Como não o gela de terror a ideia de um aniquilamento absoluto e não lhe faz, ao menos, desejar que não seja assim? Se até hoje não lhe foi suficiente a razão para afastar de seu espírito quaisquer dúvidas, aí está o Espiritismo a dissolver toda incerteza com relação ao futuro, por meio das provas materiais que dá da sobrevivência da alma e da existência dos seres de além-túmulo. Tanto assim é que por toda a parte essas provas são acolhidas com alegria; a confiança renasce, pois que o homem de agora em diante sabe que a vida terrestre é apenas uma breve passagem conducente a melhor vida; que seus trabalhos neste mundo não lhe ficam perdidos e que as mais santas afeições não se despedaçam sem mais esperanças (Cap. IV, nº 18; cap. V, nº 21).

63. Prece. — Digna-Te, ó meu Deus, de acolher a prece que Te dirijo pelo Espírito

⁶³ Esta prece foi ditada a um médium de Bordéus, na ocasião em que passava pela sua casa o caixão de um desconhecido.

N... Faça-lhe ver as claridades divinas e torna-lhe fácil o caminho da felicidade eterna. Permite que os bons Espíritos lhe levem as minhas palavras e o meu pensamento.

Tu, que tão querido era para mim neste mundo, escuta a minha voz, que te chama para te oferecer novo penhor da minha afeição. Permitiu Deus que te libertasse antes de mim e eu disso me não poderia queixar sem egoísmo, pois fora querer-te sujeito ainda às penas e sofrimentos da vida. Espero, pois, resignado, o momento de nos reunirmos de novo no mundo mais venturoso no qual me precedeste.

Sei que é apenas temporária a nossa separação e que, por mais longa que me possa parecer, a sua duração nada é em comparação da ditosa eternidade que Deus promete aos seus escolhidos. Que a sua bondade me preserve de fazer o que quer que retarde esse desejado instante e me poupe assim à dor de te não encontrar, ao sair do meu cativeiro terreno.

Oh! Como é doce e consoladora a certeza de que não há entre nós mais do que um véu material que te oculta às minhas vistas! De que pode estar aqui, ao meu lado, a me ver e ouvir como antes, senão ainda melhor; de que não me esquece, do mesmo modo que eu te não esqueço; de que os nossos pensamentos constantemente se entrecruzam e que o teu sempre me acompanha e ampara.

Que a paz do Senhor seja contigo.

PELAS ALMAS SOFREDORAS QUE PEDEM PRECES

64. PREFÁCIO. Para se compreender o alívio que a prece pode proporcionar aos Espíritos sofredores, faz-se preciso saber de que maneira ela atua, conforme atrás ficou explicado (Cap. XXVII, nº 9, 18 e seguintes). Aquele que se ache convencido dessa verdade ora com mais fervor, pela certeza que tem de não orar em vão.

65. Prece. – Deus clemente e misericordioso, que a tua bondade se estenda por sobre todos os Espíritos que se recomendam às nossas preces e particularmente sobre a alma de N...

Bons Espíritos, que têm por única ocupação fazer o bem, intercedam comigo pelo alívio deles. Façam que lhes brilhe diante dos olhos um raio de esperança e que a luz divina os esclareça acerca das imperfeições que os conservam distantes da morada dos bem-aventurados. Abram-lhes o coração ao arrependimento e ao desejo de se depurarem, para que se lhes acelere o adiantamento. Façam-lhes compreender que, por seus esforços, podem eles encurtar a duração de suas provas.

Que Deus, em sua bondade, lhes dê a força de perseverarem nas boas resoluções!

Possam essas palavras repassadas de benevolência suavizar-lhes as penas, mostrando-lhes que há na Terra seres que deles se compadecem e lhes desejam toda a felicidade.

66. (Outra) – Nós Te pedimos, Senhor, que espalhes as graças do Teu amor e da Tua misericórdia por todos os que sofrem, quer no espaço como Espíritos errantes, quer entre nós como encarnados. Tenha piedade das nossas fraquezas. Nos fez

infaíveis, mas nos dando capacidade para resistir ao mal e vencê-lo. Que a Tua misericórdia se estenda sobre todos os que não puderam resistir aos seus maus pendores e que ainda se deixam arrastar por maus caminhos. Que os bons Espíritos os cerquem; que a Tua luz lhes brilhe aos olhos e que, atraídos pelo calor vivificante dessa luz, eles venham se curvar a Teus pés, humildes, arrependidos e submissos.

Pedimos-Te, igualmente, Pai de misericórdia, por aqueles dos nossos irmãos que não tiveram forças para suportar suas provas terrenas. O Senhor nos deu um fardo a carregar e só aos Teus pés temos de depositá-lo. Grande, porém, é a nossa fraqueza e a coragem nos falta algumas vezes no curso da jornada. Compadeça desses servos insensíveis que abandonaram antes da hora o trabalho. Que a Tua justiça os poupe, e consente que os bons Espíritos lhes levem alívio, consolações e esperanças no futuro. A perspectiva do perdão fortalece a alma; mostra-a, Senhor, aos culpados que desesperam e, sustentados por essa esperança, eles acharão forças na grandeza mesma de suas faltas e de seus sofrimentos, a fim de resgatarem o passado e se prepararem a conquistar o futuro.

POR UM INIMIGO QUE MORREU

67. PREFÁCIO. A caridade para com os nossos inimigos deve acompanhá-los ao além-túmulo. Precisamos avaliar que o mal que eles nos fizeram foi para nós uma prova, que há de ter sido propícia ao nosso adiantamento, se a soubermos aproveitar. Pode ter-nos sido, mesmo, de maior proveito do que as aflições puramente materiais, pelo fato de nos haver facultado juntar, à coragem e à resignação, a caridade e o esquecimento das ofensas (Cap. X, nº 6; cap. XII, nº 5 e 6).

68. Prece. – Senhor, foi do Teu agrado chamar, antes da minha, a alma de N... Perdoo-lhe o mal que me fez e as más intenções que nutriu com referência a mim. Possa ele ter pesar disso, agora que já não alimenta as ilusões deste mundo.

Que a Tua misericórdia, meu Deus, desça sobre ele e afaste de mim a ideia de me alegrar com a sua morte. Se incorri em faltas para com ele, que me perdoe por elas, como eu esqueço as que cometeu para comigo.

POR UM CRIMINOSO

69. PREFÁCIO. Se a eficácia das preces fosse proporcional à extensão delas, as mais longas deveriam ficar reservadas para os mais culpados, porque mais lhes são elas necessárias do que àqueles que santamente viveram. Recusá-las aos criminosos é faltar com a caridade e desconhecer a misericórdia de Deus; julgá-las inúteis, quando um homem haja praticado tal ou tal erro, fora prejudicar a justiça do Altíssimo (Cap. XI, nº 14).

70. Prece. – Senhor, Deus de misericórdia, não desvie esse criminoso que acaba de deixar a Terra. A justiça dos homens o castigou, mas não o isentou da Tua, se o remorso não lhe penetrou o coração.

Tira-lhe dos olhos a venda que lhe oculta a gravidade de suas faltas. Possa o seu arrependimento merecer de Ti acolhimento benévolo e abrandar os sofrimentos de sua alma! Possam também as nossas preces e a intercessão dos bons Espíritos

levar-lhe esperança e consolação; inspirar-lhe o desejo de reparar suas ações más numa nova existência e dar-lhe forças para não fraquejar nas novas lutas em que se empenhar!

Senhor, tenha piedade dele!

POR UM SUICIDA

71. PREFÁCIO. O homem jamais tem o direito de dispor da sua vida, pois só a Deus cabe retirá-lo do cativeiro da Terra, quando o julgue oportuno. Todavia, a justiça divina pode abrandar-lhe os rigores, de acordo com as circunstâncias, reservando, porém, toda a severidade para com aquele que se quis subtrair às provas da vida. O suicida é qual prisioneiro que se evade da prisão, antes de cumprida a pena; quando preso de novo, é mais severamente tratado. O mesmo se dá com o suicida que julga escapar às misérias do presente e mergulha em desgraças maiores (Cap. V, nº 14 e seguintes).

72. Prece. – Sabemos, ó meu Deus, qual a sorte que espera os que violam a Tua lei, abreviando voluntariamente seus dias; mas, também sabemos que infinita é a Tua misericórdia. Digna-Te, pois, de estendê-la sobre a alma de N... Possam as nossas preces e a tua compaixão abrandar o amargor dos sofrimentos que ele está experimentando, por não haver tido a coragem de aguardar o fim de suas provas.

Bons Espíritos, que têm por missão assistir os desgraçados, tomai-o sob a sua proteção; inspirem nele o pesar da falta que cometeu. Que a assistência de vocês lhe dê forças para suportar com mais coragem as novas provas que tenham de passar, a fim de repará-la. Afastem dele os maus Espíritos, capazes de o impelirem novamente para o mal e prolongar-lhe os sofrimentos, fazendo-o perder o fruto de suas futuras provas.

A ti, cuja desgraça motiva as nossas preces, nos dirigimos também, para te exprimir o desejo de que a nossa clemência te diminua o amargor e te faça nascer no íntimo a esperança de melhor futuro! Nas tuas mãos está ele; confia na bondade de Deus, cujo seio se abre a todos os arrependimentos e só se conserva fechado aos corações endurecidos.

PELOS ESPÍRITOS PENITENTES

73. PREFÁCIO. Seria injusto incluir na categoria dos Espíritos maus os sofrendores e penitentes, que pedem preces. Podem eles ter sido maus, porém, já não o são, desde que reconhecem suas faltas e as deploram; são apenas infelizes. Já alguns começam mesmo a gozar de relativa felicidade.

74. Prece. – Deus de misericórdia, que aceita o arrependimento sincero do pecador, encarnado ou desencarnado, aqui está um Espírito que se há alegrado no mal, porém, que reconhece seus erros e entra no bom caminho. Digna-Te, ó meu Deus, de recebê-lo como filho pródigo e de lhe perdoar.

Bons Espíritos, doravante ele deseja ouvir as suas vozes, que até hoje desatendeu; permitam-lhe que veja a felicidade dos eleitos do Senhor, a fim de que persista no desejo de purificar-se para alcançá-la. Amparem-no em suas boas

resoluções e deem-lhe forças para resistir aos seus maus instintos.

Espírito de N..., nós te felicitamos pela mudança que em ti se operou e agradecemos aos bons Espíritos que te ajudaram.

Enquanto se contentava em outra hora a fazer o mal, é que não compreendia como é doce o gozo de fazer o bem; também se sentia por demais baixo para esperar consegui-lo. Mas, do momento em que pôs o pé no bom caminho, uma luz nova brilhou aos teus olhos; começou a gozar de uma felicidade que desconhecia e a esperança te entrou no coração. É que Deus ouve sempre a prece do pecador que se arrepende; não repele a nenhum dos que O buscam.

Para entrar de novo e completamente na Sua graça, esforça-te daqui por diante não só para não mais praticar o mal, senão que para fazer o bem e, sobretudo, reparar o mal que fez. Terá então cumprido à justiça de Deus; cada uma das boas ações que praticou apagará uma das tuas faltas passadas.

Já está dado o primeiro passo; agora, quanto mais avançar no caminho, tanto mais fácil e agradável ele te parecerá. Persevera, pois, e um dia terá a glória de ser contado entre os Espíritos bons e os bem-aventurados.

PELOS ESPÍRITOS ENDURECIDOS

75. PREFÁCIO. Os maus Espíritos são aqueles que ainda não foram tocados de arrependimento; que se deleitam no mal e nenhum pesar por isso sentem; que são insensíveis aos conselhos, repelem a prece e muitas vezes blasfemam do nome de Deus. São essas almas endurecidas que, após a morte, se vingam nos homens dos sofrimentos que suportam, e perseguem com o seu ódio aqueles a quem odiaram durante a vida, quer obsidiando-os, quer exercendo sobre eles qualquer influência funesta (Cap. X, nº 6; cap. XII, nº 5 e 6).

Há duas categorias bem distintas de Espíritos perversos: a dos que são francamente maus e a dos hipócritas. Infinitamente mais fácil é reconduzir ao bem os primeiros do que os segundos. Aqueles, as mais das vezes, são naturezas brutas e grosseiras, como se nota entre os homens; praticam o mal mais por instinto do que por cálculo e não procuram passar por melhores do que são. Há neles, entretanto, um gérmen adormecido que é preciso fazer se desabrochar, o que se consegue quase sempre por meio da perseverança, da firmeza aliada à benevolência, dos conselhos, do raciocínio e da prece. Através da mediunidade, a dificuldade que eles encontram para escrever o nome de Deus é sinal de um temor instintivo, de uma voz íntima da consciência que lhes diz serem indignos de fazê-lo. Nesse ponto estão a pique de converter-se e tudo se pode esperar deles: basta se lhes encontre o ponto vulnerável do coração.

Os Espíritos hipócritas quase sempre são muito inteligentes, mas não possuem nenhuma fibra sensível no coração; nada os toca; simulam todos os bons sentimentos para captar a confiança, e felizes se sentem quando encontram tolos que os aceitam como santos Espíritos, pois que possível se lhes torna governá-los à vontade. O nome de Deus, longe de lhes inspirar o menor temor, serve-lhes de máscara para encobrirem suas torpezas. No mundo invisível, como no mundo visível, os hipócritas são os seres mais perigosos, porque atuam na sombra, sem que ninguém disso desconfie; têm apenas as aparências da fé, mas fé sincera, jamais.

76. Prece. – Senhor, digna-Te de lançar um olhar de bondade sobre os Espíritos imperfeitos, que ainda se encontram na treva da ignorância e Te desconhecem, particularmente sobre N...

Bons Espíritos, nos ajudem a fazer-lhe compreender que, induzindo os homens ao mal, obsidiando-os e atormentando-os, ele prolonga os seus próprios sofrimentos; façam que o exemplo da felicidade de que desfrutam lhe seja um encorajamento.

Espírito que ainda se anima no mal, vem ouvir a prece que por ti fazemos; ela te há de provar que desejamos o teu bem, ainda que faça o mal.

É um desgraçado, pois não se pode ser feliz fazendo o mal. Por que então te conservará no sofrimento quando de ti depende evitá-lo? Olha os bons Espíritos que te cercam; vê quão ditosos são e se te não seria mais agradável fruir da mesma felicidade.

Dirá que é impossível para ti; porém, nada é impossível para aquele que quer, pois Deus te deu, como a todas as suas criaturas, a liberdade de escolher entre o bem e o mal, isto é, entre a felicidade e a desgraça, e ninguém se acha condenado a praticar o mal. Assim como tem vontade de fazê-lo, também pode ter a de fazer o bem e de ser feliz.

Volte o teu olhar para Deus; dirige a Ele por um instante o teu pensamento e um raio da divina luz virá te iluminar. Diga conosco estas simples palavras: *Meu Deus, eu me arrependo, perdoa-me*. Tenta arrepender-te e fazer o bem, em vez de fazer o mal, e verá que logo a sua misericórdia descerá sobre ti, que um bem-estar indizível substituirá as angústias que experimenta.

Desde que tenha dado um passo no bom caminho, o resto deste te parecerá fácil de percorrer. Compreenderá então quanto tempo perdeu de felicidade por culpa tua; mas, um futuro radioso e pleno de esperança se abrirá diante de ti e te fará esquecer o teu miserável passado, cheio de perturbação e de torturas morais, que seriam para ti o inferno, se houvessem de durar eternamente. Dia virá em que essas torturas serão tais que a qualquer preço quererá fazê-las cessar; porém, quanto mais demorar, tanto mais difícil será isso.

Não creia que permanecerá sempre no estado em que se acha; não, que isso é impossível. Tem duas perspectivas diante de ti: a de sofrer muitíssimo mais do que tem sofrido até agora e a de ser ditoso como os bons Espíritos que te rodeiam. A primeira será inevitável, se persistir na tua teimosia, quando um simples esforço da tua vontade bastará para te tirar da má situação em que se encontra. Apressa-te, pois, visto que cada dia de demora é um dia perdido para a tua felicidade.

Bons Espíritos, façam que estas palavras ecoem nessa alma ainda atrasada, a fim de que a ajudem a aproximar-se de Deus. Nós te pedimos em nome de Jesus Cristo, que tão grande poder tinha sobre os maus Espíritos.

V – PRECES PELOS DOENTES E PELOS OBSIDIADOS

PELOS DOENTES

77. PREFÁCIO. As doenças fazem parte das provas e das dificuldades da vida terrena; são parte da grosseria da nossa natureza material e à inferioridade do mundo que habitamos. As paixões e os excessos de toda ordem semeiam em nós germens malsãos, às vezes hereditários. Nos mundos mais adiantados, física ou moralmente, o organismo humano, mais depurado e menos material, não está sujeito às mesmas enfermidades e o corpo não é minado surdamente pelo

corrosivo das paixões (Cap. III, nº 9). Temos, assim, de nos resignar às consequências do meio onde nos coloca a nossa inferioridade, até que mereçamos passar a outro. Isso, no entanto, não é de molde a impedir que, esperando tal se dê, façamos o que de nós depende para melhorar as nossas condições atuais. Se, porém, apesar dos nossos esforços, não o conseguirmos, o Espiritismo nos ensina a suportar com resignação nossos males passageiros.

Se Deus não tivesse querido que os sofrimentos corporais se acabassem ou abrandassem em certos casos, não teria posto meios de cura ao nosso alcance. A esse respeito, a Sua solicitude, em conformidade com o instinto de conservação, indica que é dever nosso procurar esses meios e aplicá-los.

Além da medicação comum, elaborada pela Ciência, o magnetismo nos dá a conhecer o poder da ação fluidica e o Espiritismo nos revela outra força poderosa na *mediunidade curadora* e a influência da prece (Ver, no Cap. XXVI, a notícia sobre a mediunidade curadora).

78. Prece. (Para ser dita pelo doente) – Senhor, sendo todo justiça, a enfermidade que Te aprouve me mandar necessariamente eu a merecia, visto que nunca impões sofrimento algum sem causa. Para minha cura, confio na Tua infinita misericórdia. Se for do Teu agrado restituir minha saúde, bendito seja o Teu santo nome. Se, ao contrário, devo sofrer mais, bendito seja Ele do mesmo modo. Submeto-me, sem queixas, aos Teus sábios desígnios, pois o que faz só pode ter por fim o bem das Tuas criaturas.

Dá, ó meu Deus, que esta enfermidade seja para mim um aviso salutar e me leve a refletir sobre a minha conduta. Aceito-a como uma expiação do passado e como uma prova para a minha fé e a minha submissão à Tua santa vontade (Veja-se a prece nº 40).

79. Prece. (Pelo doente) – Meu Deus, os Teus desígnios são impenetráveis e na Tua sabedoria entendeste de afligir a N..., pela enfermidade. Eu Te suplico: lança um olhar de compaixão sobre os seus sofrimentos e digna-Te de pôr-lhes fim.

Bons Espíritos, ministros do Onipotente, eu peço, acudam o meu desejo de aliviá-lo; encaminhem o meu pensamento, a fim de que vá derramar um bálsamo saudável em seu corpo e a consolação em sua alma.

Inspirem-lhe a paciência e a submissão à vontade de Deus; deem a ele a força de suportar suas dores com resignação cristã, a fim de que não perca o fruto desta prova (Veja-se a prece nº 57).

80. Prece. (Para ser dita pelo médium curador) – Meu Deus, se Te dignas servir-Te de mim, indigno como sou, poderei curar esta enfermidade, se assim quiser, porque em Ti deposito fé. Mas, sem Ti, nada posso. Permite que os bons Espíritos me encham de seus fluidos benéficos, a fim de que eu os transmita a esse doente, e livra-me de toda ideia de orgulho e de egoísmo que lhes pudesse alterar a pureza.

PELOS OBSIDIADOS

81. PREFÁCIO. A obsessão é a ação persistente que um Espírito com más intenções exerce sobre um indivíduo. Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem sinais exteriores evidentes, até a perturbação completa do organismo e das faculdades

mentais. Elimina todas as faculdades mediúnicas; traduz-se, na mediunidade escrevente, pela insistência de um Espírito em se manifestar, com exclusão de todos os outros.

Os Espíritos maus vivem em torno da Terra, em virtude da inferioridade moral de seus habitantes. A ação maldosa que eles desenvolvem faz parte dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços neste mundo. A obsessão – como as enfermidades e todas as tribulações da vida – deve ser considerada prova ou expiação e como tal aceita.

Do mesmo modo que as doenças resultam das imperfeições físicas, que tornam o corpo acessível às influências prejudiciais exteriores, a obsessão é sempre o resultado de uma imperfeição moral, que dá acesso a um Espírito mau. As causas físicas se opõem forças físicas; a uma causa moral, tem-se de opor uma força moral. Para preservá-lo das enfermidades, fortifica-se o corpo; para livrá-lo da obsessão, é preciso fortificar a alma, pelo que necessário se torna que o obsidiado trabalhe pela sua própria melhoria, o que as mais das vezes basta para livrá-lo do obsessor, sem recorrer a terceiros. O auxílio destes se faz indispensável, quando a obsessão degenera em subjugação e em possessão, porque aí não raro o paciente perde a vontade e o livre-arbítrio. Quase sempre, a obsessão exprime a vingança que um Espírito tira e que com frequência se radica nas relações que o obsidiado manteve com ele em precedente existência (Veja-se: cap. X, nº 6; cap. XII, nº 5 e 6).

Nos casos de obsessão grave, o obsidiado se acha como que envolvido e carregado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutares e os repele. É desse fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro fluido mau. Mediante ação idêntica à do médium curador nos casos de enfermidade, cumpre se elimine o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reativo. Esta a ação mecânica, mas que não basta; necessário, sobretudo, *é que se atue sobre o ser inteligente*, ao qual importa se possa falar com autoridade, que só existe onde há superioridade moral. Quanto maior for esta, tanto maior será igualmente a autoridade.

E não é tudo: para garantir-se a libertação, deve-se induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; fazer que nele despontem o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções habilmente ministradas, em evocações particulares, objetivando a sua educação moral. Pode-se então conseguir a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito.

A tarefa se apresenta mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, presta o concurso da sua vontade e da sua prece. O mesmo não se dá, quando, seduzido pelo Espírito enganador, ele se ilude no tocante às qualidades daquele que o domina e se diverte com o erro em que este último o lança, visto que, então, longe de ajudar, repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação (**O LIVRO DOS MÉDIUNS**, 2ª Parte, cap. XXIII).

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar de quem haja de atuar sobre o Espírito obsessor.

82. Prece. (Para ser dita pelo obsidiado) – Meu Deus, permite que os bons Espíritos me livrem do Espírito mal intencionado que se ligou a mim. Se é uma vingança que toma dos agravos que eu lhe haja feito no passado, Tu a consentes, meu Deus, para minha punição e eu soffro a consequência da minha falta. Que o meu arrependimento me permita Teu perdão e a minha liberdade! Mas, seja qual for o motivo, imploro para o meu perseguidor a Tua misericórdia. Digna-Te de lhe mostrar o caminho do progresso, que o desviará do pensamento de praticar o mal. Possa eu, de meu lado, retribuindo-lhe com o bem o mal, induzi-lo a melhores sentimentos.

Mas, também sei, ó meu Deus, que são as minhas imperfeições que me tornam passível das influências dos Espíritos imperfeitos. Dá-me a luz de que necessito para reconhecê-las; combate, sobretudo, em mim o orgulho que me cega

com relação aos meus defeitos.

Qual não será a minha indignidade, pois que um ser maldoso me pode subjugar!

Ó meu Deus, faça que me sirva de lição para o futuro este golpe desferido na minha vaidade; que ele fortifique a resolução que tomo de me purificar pela prática do bem, da caridade e da humildade, a fim de opor, daqui por diante, uma barreira às más influências.

Senhor, me dê forças para suportar com paciência e resignação esta prova. Compreendo que, como todas as outras, ela há de contribuir para o meu adiantamento, se eu não lhe estragar o fruto com os meus lamentos, pois me proporciona ensejo de mostrar a minha submissão e de exercitar minha caridade para com um irmão infeliz, perdoo-lhe o mal que me fez (Cap. XII, nos 5 e 6; cap. XXVIII, nº 15 e seguintes, 46 e 47).

83. Prece. (Pelo obsidiado) – Deus Onipotente, digna-Te de me dar o poder de libertar N... da influência do Espírito que o obsidia. Se estiver nos Teus desígnios pôr fim a essa prova, concede-me a graça de falar com autoridade a esse Espírito.

Bons Espíritos que me acompanham e tu, seu anjo guardião, deem a mim a ajuda de vocês; auxiliem-me a livrá-lo do fluido impuro em que se acha envolvido.

Em nome de Deus Onipotente, peço ao Espírito malfazejo que o atormenta a que se retire.

84. Prece. (Pelo Espírito obsessivo) – Deus infinitamente bom, à Tua misericórdia imploro para o Espírito que obsidia N... Faça-lhe entrever as divinas claridades, a fim de que reconheça falso o caminho por onde enveredou. Bons Espíritos, me ajudem a fazer-lhe compreender que ele tudo tem a perder, praticando o mal, e tudo a ganhar, fazendo o bem.

Espírito que se alegra em atormentar N..., escuta-me, pois que te falo em nome de Deus.

Se quiseres refletir, compreenderá que o mal nunca vencerá o bem e que não pode ser mais forte do que Deus e os bons Espíritos. Possível lhes seria preservar N..., dos teus ataques; se não o fizeram, foi porque ele (ou ela) tinha de passar por uma prova. Mas, quando essa prova chegar a seu término, toda ação sobre tua vítima te será vedada. O mal que lhe tiver feito, em vez de prejudicá-la, terá contribuído para o seu adiantamento e para torná-la por isso mais feliz. Assim, a tua maldade terá empregado em pura perda e se voltará contra ti.

Deus, que é todo-poderoso, e os Espíritos superiores, Seus delegados, mais poderosos do que tu, serão capazes de pôr fim a essa obsessão e a tua força se quebrará de encontro a essa autoridade suprema. Mas, por isso mesmo que é bom, Deus quer te deixar o mérito de fazer que ela cesse pela tua própria vontade. É uma demora que Te concede; se não a aproveitares, sofrerá as duras consequências. Grandes castigos e cruéis sofrimentos te esperarão. Será forçado a suplicar a piedade e as preces da tua vítima, que já te perdoa e ora por ti, o que constitui grande merecimento aos olhos de Deus e apressará a libertação dela.

Então, reflita enquanto ainda é tempo, visto que a justiça de Deus cairá sobre ti, como sobre todos os Espíritos rebeldes. Pense que o mal que neste

momento pratica terá forçosamente um limite, ao passo que, se persistir na tua teimosia, aumentarão de contínuo os teus sofrimentos.

Quando estava na Terra, não teria considerado estúpido sacrificar um grande bem por uma pequena satisfação de momento? O mesmo acontece agora, sendo Espírito. O que ganha com o que faz? O triste prazer de atormentar alguém, o que não afasta a que seja desgraçado, diga o que disser, e que te torne ainda mais desgraçado.

Diante disso, veja o que perde; observa os bons Espíritos que te cercam e diga se não é preferível a sorte deles à tua. Da felicidade de que gozam, também tu partilhará, quando o quiser. Que é preciso para isso? Implorar a Deus e fazer, em vez do mal, o bem. Sei que não te pode transformar repentinamente; mas, Deus não exige o impossível; quer apenas a boa vontade. Experimenta e nós te ajudaremos. Faça que em breve possamos dizer em teu favor a prece pelos Espíritos penitentes (nº 73) e não mais considerar-te entre os maus Espíritos, enquanto te não conte entre os bons (Veja-se também, atrás, o nº 75: “Preces pelos Espíritos endurecidos”).

Observação – A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento. Exige também tato e habilidade, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e espertos, pois há os rebeldes ao extremo. Na maioria dos casos, temos de nos guiar pelas circunstâncias. Qualquer que seja, porém, o caráter do Espírito, nada se obtém, é isto um fato incontestável, pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência reside no ascendente moral. Outra verdade igualmente comprovada pela experiência tanto quanto pela lógica, é **a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais.**

A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e reclama, por vezes, tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer médico, para restabelecer a saúde do organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos (Veja-se: **O LIVRO DOS MÉDIUNS**, 2ª Parte, cap. XXIII – “Da obsessão”. – **REVUE SPIRITE**, fevereiro e março de 1864; abril de 1865: exemplos de curas de obsessões).

